



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

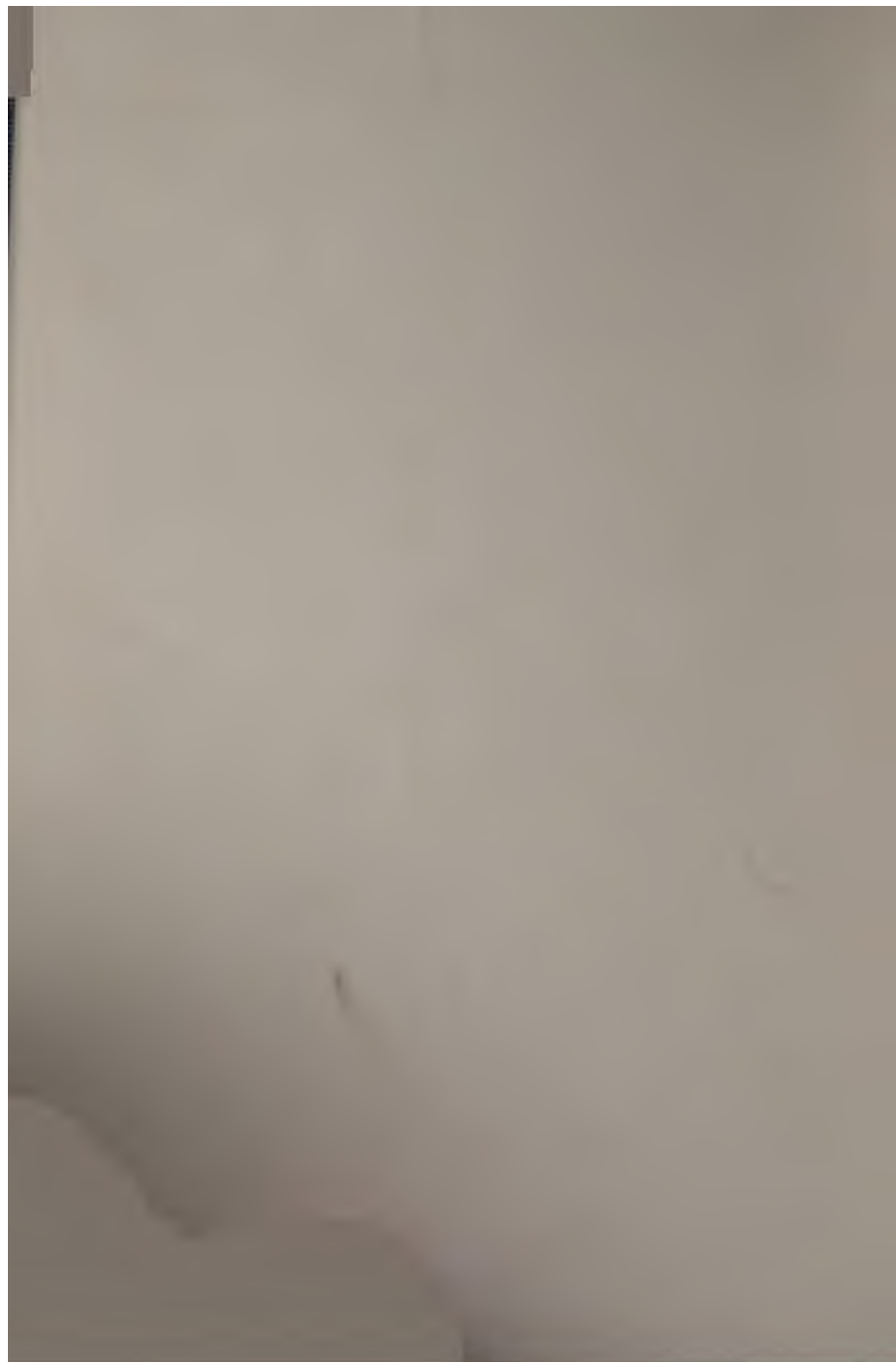
Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>







A LIBERDADE NO BRASIL,

SEU NASCIMENTO

VIDA, MORTE E SEPULTURA,

Por

AFFONSO D'ALBUQUERQUE MELLO,



RECIFE

TYPOGRAPHIA DE MANOEL FIGUEIROA DE FARIA & FILHO

1864.

F 2521

M 33

I

INTRODUÇÃO.

E' nesta hora solemne que uma obra immensa, de muitos annos de trabalho, se consumma. Ouve-se um grande alarido em toda a parte deste vasto imperio, e uma briga insana. Resurge a Babel das éras remotas, e Deus ainda castiga os homens de seus vicios, confundindo-lhes a linguagem. Cada um falla de um modo e elles não se entendem. E todos tem um sentir commum : é o de nutrirem-se do suor do povo ; e um pensamento igual para merecerem tal premio, e é o de serem os obreiros que pønham o remate à grande obra !

Ouve-se o chôro e o riso, a gargalhada e a lamentação, o triumpho e o desespero ; vê-se os empurrões e os abraços, e os homens ora se aproximam, ora se repellem, ora se congregam, ora se apartam praguejando. E ninguem se entende ; e todos tem um só pensar e sentir.

De tudo o que foi grande e se amesquinhou pouco à pouco, e com um trabalho tenaz e constante, só nos resta um esqueleto, ou antes um punhado de cinzas.

E o esquite ahí vae, conduzido por numero sem conta de mãos, e mais innumeradas ainda se estendem a participar dessa festa insensata, e os que o não alcançam desesperam, gesticulam e ameaçam.

E os *algozes da pobrezinha* não qneriam ceder a missão do funeral a outras mãos a que foi dada ; queriam consummar a sua obra até este ponto ; e, porque lh'a tiraram, se lamentam e entristecem.

E não se lembram que neste mundo cada um tem a sua missão ; que não são os verdugos que sepultam as victimas, que são os amigos que lançam o punhado de terra ao cadaver do amigo finado ; que são os filhos da liberdade os mais proprios a lançarem suas cinzas ao mar.

E são os restos dessa unica divindade terrestre o que ahí vae nesse esquite monstruoso, os restos dessa divindade pela qual um povo se exalta em dar o seu sangue, em soffrer o martyrio.

São as cinzas da *liberdade* que se conduzem ao som de risadas e gritos, entre empurrões e mãos dadas.

E o prestígio é immenso, e se apertam para servirem nesse serviço ; e tomou o lugar do recolhimento solemne, do respeito e do luto devidos nos passos da morte, toda essa estrepitosa, discordante e raivosa alegria, porque—está o banquete no fim da jornada.

E nesse banquete se guardam os melhores assentos para os que mais de perto souberem cuspir nessas cinzas que levam ao mar. . . .

E eu, querida *liberdade* de meus dias de esperança, de minha infancia e até hontem, meu primeiro amor, minha primeira amada ! eu contemplo teus filhos fazerem tão irreverente e sacrilego cortejo á tua memoria.

E lamentando e chorando a tua perda, neste momento em que vejo que teus filhos, orphãos, no fim desse funebre e bachanal banquete, vão cahir sob a tutella dos senhores, teus crueis e velhacos verdugos, que poderei eu fazer em honra á tua memoria tão torpemente escarnecida por tão ingratos filhos ?

Vou escrever para os vindouros como tú foste nesta terra da Santa Cruz ; vou escrever, como te geraste no peito de seus filhos, como nasceste ; como de seu sangue, derramado pela mão de teus inimigos, nasceram os filhos teus ; como, corrompidos elles, viveste cada dia mais fanada e abattida ; como, esquecida delles, ingratos, morreste inanida sem combate nem defeza ; como elles te fazem festivo e estrepitoso funeral ; como fazem de teu nome irrisão e escarneio ; como cospem á tua memoria.

Vou escrever a tua historia neste momento de teu triste funeral, antes que a lei de teus inimigos triumphantes de uma vez—a vontade dos senhores sem embaraço em acção—extinga de todos os peitos os ultimos sentimentos de amor á tua memoria, de saudade por teus bellos dias de esperança.

E quero que esta historia seja publicada na hora do banquete, para que os traidores a ouçam ao acompanhamento de gargalhadas e sarcasmos, e os cegos, nas doçuras de passageiros prazeres, se riam de compaixão ou de desprezo.

Será o meu ultimo obulo ao amor que consagrei-te, e que consagro á tua memoria, o punhado de terra que vou

lançar á tua sepultura, o meu—adeus liberdade, queridas liberdades.

II

NOÇÃO DA LIBERDADE.

Assim um povo como o homem não tem a sua liberdade desmedida pela lei da natureza ; porque seus desejos são umas vezes oppostos e outras de perniciosos resultados, e elle não tem a razão illimitada e infallivel para conhecer sempre e em tudo o bem e o mal.

E' a lei ou o preceito o marco que determina o limite até onde o homem ou o povo pôde se guiar por sua razão. São os executores da lei ou do preceito que velam para que o homem ou o povo não transponha este limite, são estes que o guiam fóra delle, são os tutores e os governos.

Assim, o pae dá ao filho menino a liberdade de saltar dentro de casa, impondo-lhe o preceito de não sahir á rua, e quando julga a proposito, o conduz para onde util lhe parece. Assim a lei á um certo povo lhe permite dirigir e curar de seus negocios municipaes, por meio do seus eleitos, e reserva a direcção de todos os outros negocios ao governo. Tudo isto por que se julga este menino ou este povo ainda na infancia, com pouca intelligencia para se dirigir fóra deste circulo que a lei lhe faculta.

Quando o homem chega á idade da reflexão, não carece mais de tutor, e dirige só por si os seus negocios todos e assim gosa de liberdade civil.

Quando o povo não está mais na idade infantil, quando pôde bem conhecer de seus negocios, elege os seus representantes, e as vezes seu proprio governo, sahindo assim da tutela do governo em que vivia. O homem passa a gosar da liberdade civil, sahindo da tutela por um acto de emancipação, o povo se emancipa por uma nova lei que lhe dá a liberdade politica.

Assim, sendo a intelligencia a capacidade para a liberdade, o homem ou uma classe e um povo pôde, e por isto deve gosar de mais ou menos liberdade civil ou politica, segundo sua intelligencia é mais ou menos.

E' a liberdade civil a de que gosa o individuo, de dirigir por si mesmo os seus negocios e vida particular ; é a li-



O reino da Belgica, finalmente, em que o rei é apenas o fiel de uma perfeita balança em que se pesam as opiniões, os desejos e as necessidades do paiz ; é tudo feito com a maior liberdade, sendo sempre a vontade do rei formada pelo desejo da maioria, manifestada pelo povo com a maior franqueza e liberdade, a mais perfeitamente garantida.

Livres são as republicas hespanholas, com excepção sómente do Paraguay, embora anarchistas (com excepção do Chile, que é uma republica perfeita e feliz), não obstante os embaraços que lhes tem posto a Europa e este desgraçado Brasil, que, não contente em corromper seus filhos, derrama dinheiro e enredos no Rio da Prata, com o proveito de fazer mal.

Livre, grande, feliz, poderoso, rico, prodigioso, é o povo dos Estados-Unidos, a inveja das nações, o desespero dos corcundas, a raiva dos Brasileiros de hoje, inimigos da liberdade. A accusação que lhe faziam os corcundas de todas as partes, é que sendo elles livres, tinham escravos. Uma revolução se levanta naquelle paiz, para sustentar a escravidão contra o governo legal, que a quer terminar ; e os corcundas de todo o mundo protegem e fazem votos pelo triumpho dos rebeldes !.

É que direi do Brasil ?

Ah ! isto envergonha. Quando se falla de paiz de gente, não se deve trazer esta vasta lagoa de putridas aguas.

Em toda a parte, haja pouca ou muita liberdade, um partido sempre luta para adquirir mais ; aqui são duos partidos, ou antes dous bandos que porfiam pela preferencia, á qual caiba a ventura de sepultar a liberdade. Vamos, vamos contar a historia da liberdade da escoria das nações.

O gráo ou quantidade de liberdades de um povo se consagra na sua lei ou carta constitucional, em suas theses geraes, que é a sua carta de emancipação ; as leis organicas, porém, é que vão conferindo cada uma das liberdades de que gosa o povo,

Cada uma das liberdades vem a ser de outras tantas participações que o povo toma no governo do estado, isto é, no governo de si mesmo. E' por isto que um povo livre é mais ou menos livre, segundo as differentes ordens de funcionarios que tem mando ou poder de jurisdicção so-

bre o povo, sae mais ou menos directamente de sua eleição.

Assim nos Estados-Unidos quasi todos os seus funcçionarios saem directamente da eleição popular.

N'outros paizes o povo elege mais ou menos funcçionarios, e os que não elege saem do governo.

Quando o governo nomeia muitas classes de funcçionarios que exercem autoridade sobre o povo, este povo é pouco livre, porque está sujeito á funcçionarios que não dependem de si, não seriam de sua confiança, porque não lhe é concedida a liberdade de nomea-los. Assim veremos como o povo brasileiro já foi livre, de quantas liberdades já gosámos nós.

A liberdade civil, em regra, o homem a adquire com facilidade, sabindo da tutela quando chega á certa idade, e começando a dirigir por si os seus negocios particulares, a sua vida. O mesmo não se dá com a liberdade politica, que um povo a não adquire jámais sem a comprar pelo preço de muito sangue de suas veias ; e quando lh'a concedem sem este sacrificio, é uma mentira, um laço, uma traição, para depois chamarem-no a peor absolutismo, o despotismo pela corrupção, com o nome e sob a capa de liberdade, e por fim destruir-se até sua sombra e seu nome, que é o que se deu com o povo brasileiro.

E não é a razão disto que os corcundas não achem então no povo que pede a sua emancipação, capacidade para gosar de alguma liberdade ; não é esta a razão. tanto que esta theoria de intelligencia ou capacidade para a liberdade, não é seguida pelos corcundas ; pois para elles liberdade é sempre cousa vã e anarchica, o povo deve ser sempre governado pelos senhores, porque tem instinctos perversos ; o governo vem de Deus que consagrou o seu rei, liberaes tambem são elles corcundas, mas não são anarchistas, nem querem o governo dos anarchistas, dizem elles. E, de certo modo, dizem elles muito bem ; porque se ser livre consiste em participar do governo, se quanto mais um povo participa da governança, livre mais é, os corcundas que querem governar exclusivamente e sem participação do povo no governo, são mais livres que todo o povo, porque querem ser os unicos livres. Mas são liberaes do partido da liberdade para os corcundas, e não do partido da liberdade para o povo, á quem odiam, não obstante o seu liberalismo.

E ainda assim livres do partido livre para pizar o povo, os corcundas, não obstante a sua apregoadá liberdade, nada de livre tem para com os superiores até ao rei, praticando todas as humilhações e baixezas, sujeitando-se á tudo o que elles querem, satisfazendo-se em tirar do povo o dobro do que deram aos superiores.

E é isto a razão de carecer custar o preço de sangue a conquista da liberdade, porque, se os corcundas menores tiram tudo do povo para dar aos superiores e para guardar para si, se são livres tendo escravos sobre quem exercer sua arrogancia, e de quem aproveitam os serviços, não pôdem de bom grado ceder a alforria á quem trabalha para elles. Se a mulher e a filha do povo é do corcunda, se são seus os braços delle, se são seus o lar e o campo delle, como de bom grado consentirão que os escravos se libertem? Quando o povo do Brasil julgou-se capaz da liberdade, não era possível portanto que achasse boa vontade nos corcundas para lh'a concederem; e não obstante este povo fez-se livre sem luta nem batalha, e julgou-se muito feliz em conquistar a sua liberdade sem pagar o preço e o tributo de sangue, unica moeda por que um povo pôde comprar um bem tão apreciavel.

O Brasil não pagou o preço, está em divida. O corcunda seu senhor, ao conceder-lhe a liberdade, antes quiz vender fiado com hypotheca na mesma liberdade do que o pagamento á vista; porque a divida iria, como o foi, pagando juros, e cada vez que os corcundas a tem cobrado, o Brasileiro não tem tido a coragem de pagar o seu preço de sangue para poder guardar as suas liberdades, e por isto os corcundas as tem sequestrado todas e por partes, para menos sentir-se a sua perda, porque se as penhorassem todas de uma vez, era certo que os Brasileiros tomariam a resolução heroica de pagar a sua divida de sangue, para guardar o mais precioso bem da vida.

Chegou a hora dos desenganos em que se confirma a lei invariavel de todos os seculos, que a liberdade não se compra sem o custo de muito sangue, que o povo que se acobarda e não sabe derrama-lo para conquista-la ou defende-la, é indigno della, e chega ao estado, como vemos entre nós, de entregar todas as suas liberdades uma á uma, darem as mãos á palmatoria, o pescoço ao jugo na maior

satisfação e contentamento, com tanto que conservem todo e não percam uma só gotta do impuro sangue de sua natureza corrompida, e espere cada um receber dos senhores minguada e pôdre ração, com que mal farte o seu ventre.

Por isto é que vemos todos á porfia caminharem no enterro da liberdade, cada qual mais se distinguindo em bem servir no remate da obra infame, cada qual mais se expandindo em bem louvar e agradar aos senhores ; por que no fim da jornada está o triste banquete, em que para poucos chegam ainda as mais minguidas rações.

Como obteve, porém, este infeliz povo a sua liberdade ? Como a comprou fiado em vez de pagar á vista ? Faltára-lhe coragem e civismo para derramar a preciosa materia que corria em suas veias ?

Foi um acaso, ou o destino ? Foi o demonio ou a Providencia ?

Não podemos entrar nas vistas do regulador de todas as cousas do mundo. nem conhece-las para saber porque nos havia de tocar a sorte de sermos um povo livre um instante, para em poucos annos ficarmos reduzidos á mais infame e corrompida escravidão, que é aquella que soffre um povo que vive sob a protecção de sophismadas instituições livres, e que só servem de o fazer mais corrompido escravo.

A' nós só compete commemorar os factos, assignalando sómente as razões que são puramente humanas, e achar nas causas occasionaes de nossas desgraças sómente a nossa culpa.

Que espero eu, porém, commemorando essa culpa e nossas desgraças ?

Por ventura me parece que a liberdade possa ainda resurgir nesta terra tão corrompida como está ?

Mais o não que o sim. O futuro porém pertence á Deus. De minha parte nada espero nem desespero. Estou resignado sob a tutela dos senhores, não os festejando e consentindo em minha escravidão, mas procurando os agradar o quanto me fôr possível.

Meu fim é sómente nesse transe terrivel, nessa hora de dôr e de angustia, como ainda sinto muito amor, dar expansão á este sentimento, derramar a minha saudade, preenchendo assim e no quanto em mim cabe e no grão desse meu sentimento, uma lei do destino : é deixar algu-

mas pequenas paginas como material para a historia, que é desses elementos que ella se forma.

Assim digo meu adeus, faço minhas despedidas á divindade terrestre á que tanto adorei, e fôrmo a resignação em minha alma, acho conforto em meu coração para soffrer a ausencia do bem adoravel que em meus dias mais não espero ver.

Assim os que ainda comigo sentem e soffrem, justamente nos ajudaremos a confortar.

III

O BRASIL COLONIA.

Filhos e colonos dos Portuguezes, vivemos sob a lei de seu governo absoluto, a vontade dos senhores, pouco limitada por algumas instituições, ora revogaveis á seu arbitrio, ora sustentadas pela valentia daquelle povo, ora desprezadas pelo capricho e tyrannia dos governantes.

Ao principio e quando Portugal era grande, a colonia era quasi exclusivamente formada de ruim gente, perdidos aventureiros e criminosos de todos os crimes, porque esta terra era de degredo e de Africanos escravos, todos estes que vieram desalojar de suas selvas á seus livres habitadores, com o fim quasi exclusivo de explorarem as suas minas e colher a preciosa madeira de tinturaria que lhe deu seu nome em lugar do de Santa Cruz que lhe dá o seu casual descobridor.

Não foram sómente escravizados os Africanos que o foram taes, não se sabe porque lei ou direito ; pois os indios côr de cobre, que não fugiram espavoridos dos brancos, tambem foram reduzidos á escravidão e postos a trabalhar nas minas de ouro e de diamante.

Toda esta gente vivia sob o despotismo e tyrannia de militares senhores, á quem eram dadas, em recompensa de serviços ou deserviços, extensas porções de despovoado territorio para governar e fruir.

Os decretos da metrópole lutaram contra a gana de nossos donatarios e governadores, para evitar apenas a escravidão dos Indios.

O abuso por muito tempo venceu a lei, e como mui facil é vencer sob um governo despotico, porque elle faz a lei que executa, e a executa em quanto o quer ; mas por fim

e depois de crudellissimos tratos, os indios foram libertados para fugirem espavoridos dos brancos á perseguição e ao exterminio. Os negros, porém, ficaram sempre escravos, e todos os seus descendentes, e todos os que continuaram sempre a vir d'África (como até ainda ha pouco, mas já de alguns annos contra a lei, porém por vontade de nosso governo já não despotico, nã sua fórmula que é constitucional, mas que é governo de um povo que nunca foi independente e por tanto não bem livre).

Um povo deste não podia se lembrar da liberdade, que della nem idéa tinha, sendo muito mais escravo que o da metrópole.

Na decadencia de Portugal começou a vir melhor gente para este paiz, e elle foi se povoando, já dos nascidos aqui, já de novos colonos portuguezes que sempre chegavam em augmento.

Os nascidos no Brasil já eram muitos, e se occupavam quasi exclusivamente do trabalho da agricultura. E por isto os governadores vindos de Portugal, em vez de terras despovoadas a governar e indios a perseguir, já tinham povo de quem cobrar tributo e sobre quem exercer seu mando absoluto. E todos os empregados eram vindos de Portugal e todos os cargos eram dos Portuguezes, e todo o commercio, embora pequeno, mas muito lucrativo, era monopolio delles, que passava sempre de sogro á genro portuguez ; e como eram muitos os Portuguezes e todos se occupavam nos cargos públicos e no commercio, todo o rude, pesado e pouco lucrativo trabalho de todas as classes era a partilha dos Brasileiros.

E como esses Portuguezes, não obstante serem muitos, enriqueciam e faziam grandes fortunas, todas sahidas do rude trabalho dos nascidos aqui, cada vez começou a ser mais duro o vexame e a extorsão da metrópole ou de seus governadores sobre os Brasileiros, para poder resultar disto os beneficios dos Portuguezes.

Alguns Brasileiros, não obstante, haviam accumulado fortuna e mandado instruir seus filhos á metrópole, os quaes nunca se poderam pôr à testa dos negocios da terra natal, e estes como todo o resto dos Brasileiros começaram a sentir a dureza do jugo dos Portuguezes ; que se contavam tantos aqui, quantos tinham o poder de governador ou se-

nhor sobre os Brasileiros, pois tinham a protecção dos seus, que nos governavam.

Em todo o Brasil assim se começava a sentir e receiar do jugo dos Portuguezes, que nos tratavam como povo de outra raça e conquistado, para se lucrarem de nosso trabalho. Se para os Portuguezes o governo era absoluto com modificações, por algumas instituições sempre respeitadas pelos senhores, embora os abusos da pratica em taes governos, para nós a lei era a vontade de cada Portuguez.

Desde que um povo sente o jugo do despotismo, comprehende a necessidade da liberdade e faz-se digno della; assim como emquanto ou desde que o soffre com satisfação, como nos tempos de agora, em que os que se diziam mais livres, caminham triumphantes no enterro das nossas liberdades, e contentes no serviço dos senhores, desde então um povo é indigno da liberdade, e não ha esperança de que elle a venha merecer.

Se em todo o Brasil se sentia assim, em Pernambuco o sentimento da liberdade começou a germinar e a desenvolver-se mais cedo no peito de seus filhos, e foi nesta terra que primeiro os Brasileiros deram o signal da revolta contra os senhores, e foi aquella celebre guerra dos mascates que tanto deu que fazer e que fallar e que soffrer, e que mostrou e ensinou á todos que os Brasileiros já tocavam o signal da alvorada do dia a nascer da liberdade. E d'ahi em diante sempre foi nesta terra de Pernambuco onde se soube sentir e obrar em prol da liberdade, com mais força de civismo, dedicação e abnegação, sendo sempre esta provincia com as suas irmãs mais vizinhas, as cinco que formavam a capitania (*) a primeira e a ultima que sustentaram o posto de honra na defeza da liberdade. De nossa parte temos pago o preço da grande divida: o nosso sangue tem corrido á jorros pela mão dos tyrannos, mas nós sós não podemos pagar tão grande divida. Em compensação somos hoje os primeiros e mais estremes na abjecção da obra infame que se consumma.

D'onde vem isto ?

E' que onde maior é a força do sentimento livre, não o podendo vencer os senhores pela violencia, ahi tem em-

(*) Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba e Alagoas.

pregado a arma mais efficaz que podiam empregar no Brasil, a corrupção.

E será porque provimos de melhor sangue, ou por causa do clima, ou dos alimentos que nos produz o solo, que se tem tanto destinguido o nosso genio e o nosso sentimento pela causa da liberdade? Parece-me que não; parece-me que são os factos da historia de um povo, os acontecimentos que se dão sobre elle, circumstancias ponderosas de sua vida que, concorrendo para formar ou formando sua educação, formam assim o seu character e o seu genio.

Antes dessas manifestações do sentimento livre, quando assim ainda não estavam tão vivos os odios entre os nascidos em terras tão distantes, quando Portuguezes e Brasileiros ainda se honravam em considerar-se um povo de uma só nação, deu-se aqui um facto que foi motivo de um feito grandioso que deve fazer uma das mais bellas e admiraveis paginas da historia universal. Foi a defeza dos Pernambucanos contra os Hollandezes, a expulsão destes, de poderosa nação, por um punhado de homens desprovidos de todos os recursos e tudo, contra a vontade da metrópole de quem estavam abandonados.

Foi esta a escola que nos educou, o berço em que se emballou nosso patriotismo, que a invasão estrangeira fizera nascer.

Então combatemos todos, pretos, brancos, indigenas e Portuguezes, em defeza da patria, em defeza da soberania do rei de Portugal, em defeza de nossa *liberdade*, porque o estrangeiro era conquistador; vinha espoliar-nos, locupletar-se de nosso trabalho, trazia costumes differentes que nos imporia, falsa religião que nos escandilisava.

Tem sido objecto de questão, se seriamos mais felizes se ficassemos Hollandezes, e ha muito quem siga a affirmativa, achando falta de discernimento nos Pernambucanos, que defenderam o dominio portuguez contra a conquista estrangeira.

Affirma-se que *nós* estaríamos mais felizes. Mas *nós* quem? *Nós* os descendentes dos Portuguezes? Não; em tal caso, o da conquista, felizes ou não, não o seríamos nós; mas outros, os que descenderiam dos Hollandezes: outro povo, outra raça; mas nunca nós, que seríamos em tudo absorvidos pelo povo daquella nação.

Nem se poderia notar no heroismo daquelle esforço dos Pernambucanos, heroismo de uma raça contra outra, cujo estabelecimento nesta natureza tão rica, podesse ser mais util á humanidade : porque em verdade naquelles tempos não havia o que preferir da raça hollandeza á portugueza. Embora Portugal não estivesse no alto grão de esplendor de que gosára, todavia o povo portuguez era credor de muito maiores glorias do que o hollandez. Embora o hollandez tivesse mais industria e gosasse de liberdades de que nós ainda não eramos capazes, nós Portuguezes então, esta segunda circumstancia mesma faria que, não podendo com os conquistadores nivelar, só poderíamos ser explorados colonos de companhias de mercadores. No entanto que no quanto podíamos ser livres, nenhum povo soube, naquelles tempos, com as armas ou com decidida firmeza, sustentar tanto sua vontade e suas instituições contra as fraquezas ou arbitrio dos soberanos, do que o povo portuguez. Por outro lado nossos feitos fóra do paiz eram de tão alta e merecida fama, que isto e as outras razões que ahí estão, não podiam fazer crer que, provindo de um povo forte e distincto, podessemos hoje, tão depressa, apenas fomos um povo á parte, cahir em tão grande degeneração.

Os nossos costumes, filhos de nossa religião, seriam ambos motivos sufficientes para tudo reprehender contra a dominação hollandeza, porque, embora muita gente não tenha em conta a differença de religião, quem entrar sériamente em discussão não se poderá sustentar, se quizer ver possibilidade de verdadeira liberdade fóra do catholicismo. Porquanto sem o respeito do alheio direito, assentado na consciencia, sem o amor do proximo pelo amor e temor de Deus, não ha liberdade, pois a lei e todas as humanas instituições não são sufficientes a garanti-la ; e estas cousas só se acham com o catholicismo.

Não sirva de prova em contrario o estado desgraçado em que nos achamos ; porque nós, a nata da sociedade e a gente do meio, a gente que tem mais ou menos participação no governo, não somos catholicos, nem temos religião alguma : só ha hypocrisia ou desdem. A religião está entre nós, quando ás classes medias, nas mulheres e mais no povo, que entre nós, é besta de carga e se tenta corromper. Os homens do meio em regra só tem tanta religião

quanta lles parece necessario para guardarem e resguardarem o pudor de suas familias. Basta, que já vamos antecipando muito do que teremos de apreciar.

Não foram portanto os nossos antepassados os causadores de nossas actuaes desgraças e miserias, livrando-se do jugo hollandez. Elles cumpriram e pelo contrario tanto mais heroica e gloriosamente tão alto dever, quantas foram as façanhas que praticaram, os sacrificios que fizeram, a abnegação de que deram prova, deixando-nos exemplos sublimes de amor à liberdade e independencia, os quaes soubemos bem imitar duas vezes, e de que nos temos esquecido pouco à pouco pelo contacto oppressivo das provincias nossas irmãs.

Ha ainda quem opine que aquelles esforços de nossos antepassados poderiam ser em proveito de nossa independencia, e não para continuarmos unidos e colonos dos Portuguezes. Se, porém, ha tambem muitos que pensem que quando nos *concederam* a independencia ainda não estavamos habilitados para ella, por que não tinhamos homens sufficientes para a gerencia dos altos negocios, d'onde a necessidade de fazer-se dos inimigos da tal independencia nossos concidadãos, como poderiamos ser independentes de Portugal naquelles tempos ?

Todos sabem que todo o bem em excesso degenera no vicio opposto ; a liberdade além do grão de que um povo é capaz de gosar, torna-se em licença ou despotismo. Defendendo portanto os nossos maiores naquelles tempos o dominio lusitano contra o hollandez, defenderam a liberdade de que eramos susceptiveis de gosar, contra lei, costumes e dominação que nos vinha degenerar e supplantar.

O Brasil muito poderia ser por esse feito grandioso, se, em vez de nossos irmãos das outras provincias nos olharem com ciumes e procurarem supplantar-nos na explosão de nossos sentimentos livres que tivemos, se exaltassem na leitura de nossa historia, fazendo por tornar commum todo o sentir brasileiro.

E' que nem uma historia bem escripta temos ao alcance de todos, propria a elevar a alma a quanto se presta um tal feito. E mais que uma historia deveria ser, devia ser um poema ; embora se diga que para tal não temos bem alto assumpto.

Esse facto foi por tanto para nós os de Pernambuco, uma escola em que, aprendizes, fomos mestres, fomos grandes.

Ahi aprendemos a sentir pela liberdade, a ama-la ; aprendemos a derramar o nosso sangue, aprendemos a abnegação, o sacrificio, a esquecer a vida em amor da dignidade e do direito do homem.

Os outros Brasileiros não tiveram esta escola ; por isto, feliz ou infelizmente, temos andado sempre muito adiante : por isto nossos senhores, os corcundas, á nós mais odiam que aos outros ; por isto excitamos os ciumes das provincias nossas irmãs ; por isto nos temos visto sós na conquista e na defeza das liberdades. Continuemos e vamos ver como isto tem sido.

Depois da questão dos mascates houve tambem em Minas Geraes outro signal de revolta contra o dominio portuguez ; mas pouco e pouco todo o Brasil comprehendia insupportavel a tyrannia portugueza, não só em sua lei escripta, como ainda mais, nas suas extorções sempre crescentes, e na proporção do numero dos Portuguezes que aqui chegavam e que por todos os meios, de menos trabalho, se queriam locupletar do nosso e fazer depressa grandes fortunas.

IV

REVOLUÇÃO DE 1817.

Napoleão havia enchetado o nosso rei D. João para o Brasil. Uma immensa grandeza portugueza o havia acompanhado. Milhares de terriveis immoraes e ambiciosos especuladores, aproveitando o ensejo, vieram augmentar os innumerados de nossos oppressores e senhores.

Os Portuguezes da colonia, vendo o rei de sua terra aportar ás plagas desta como terra sua conquistada, se alegraram e ensoberbeceram mais. Nós soffremos mais, o nosso sentimento de indignação se dobrou, o desejo de liberdade estava a transbordar.

Por outro lado e passados alguns annos, depois da queda de Napoleão, a liberdade na Europa, passados os receios da democracia e da invasão, fazia sérios movimentos nos espiritos, e os homens de sentimentos livres combinavam-se para a conquista de livres instituições.

Portugal, como toda outra parte que soffrêra a invasão franceza, antes aprendêra com os filhos da grande nação a amar a liberdade, do que se obstinára em venerar ainda as suas velhas e ferrenhas instituições. Como havia tempo que D. João assentára sua côrte no Brasil, donde governava a velha terra, foi isto ainda motivo de desgosto para estimular os sentimentos livres ; e a mesma ausencia de D. João mais animava os Portuguezes da metrópole a emprender a obra da liberdade.

Como a força unida se multiplica, os Portuguezes da metrópole viram que, se se combinassem com os Brasileiros para a mesma empreza, mais facil e proficua ella seria, e effectivamente assim se combinaram. Mas eram as vistas dos Portuguezes fazer a revolução em commum com os Brasileiros para conquistarem instituições livres communs ao povo da mesma nação em ambos os continentes ; porém nunca para a independencia do Brasil, no que aliás por ventura poucos Portuguezes concordariam. Dos Brasileiros, porém, eram outras as vistas.

Todas estas circumstancias produziram no Brasil a conspiração, não para a liberdade sómente deste povo como de um reino unido, mas para a independencia e a democracia.

Nós tinhamos o exemplo dos Estados-Unidos, nossos irmãos do norte, que, muito mais bem tratados da sua metrópole do que nós da nossa, souberam não obstante, separar-se da poderosa Inglaterra, e governar-se á si mesmos, constituindo-se um povo livre.

E porque o povo Brasileiro se não poderia *naquelle tempo* governar assim só por si mesmo, livre das peias da realza ? Em verdade ellas lhes foram tiradas dos pés quando nos foi dada a carta constitucional ; mas não se perderam : foram guardadas, e passaram para as mãos dos senhores ; hoje, como de ha muito, os Brasileiros andam desembaraçadamente, mas hoje o povo é tangido por peias nas mãos de todos os senhores, desde os ministros de estado até o inspector de quarteirão, desde o fazendeiro até o seu feitor, e em todos os passos da vida do povo ; e mais ainda *naquelle* mesmo acto em que se ostenta um povo livre no exercicio de sua soberania, o nosso povo marcha unido para a eleição de seus chamados representantes, tangidos pelas peias nas

mãos de todos estes senhores, e mostrando em sua mão a carimbada cedula que contém os nomes que elle ignora.

Naquelle tempo, porém, todos entendiam que os Brasileiros podiam-se governar por si mesmos sem as peias da realza. Porque nós eramos um povo simples, de costumes mui puros, todo occupado de trabalhos pesados, donde sómente sabiamos tirar a subsistencia. Eram desconhecidas as ambições que perturbam a pureza dos governos livres, e corrompem a sua pratica. Conhecia-se pelo sentimento a liberdade, na indignação e desespero pelo despotismo dos Portuguezes. Havia uma nata nesse povo já bastante instruida e illustrada, bastante habilitada para instrui-lo e dirigi-lo na pratica do governo livre.

E esses homens, esses Brasileiros, eram muito patriotas, muito amigos desta terra abençoada da natureza, deste povo opprimido pelos que não pareciam ser da terra de seus paes.

Toda a sua ambição era conquistar uma patria, pois o povo brasileiro era mais que estrangeiro nos negocios publicos, era como povo conquistado. Todo seu fim, dos primeiros homens brasileiros, era conquistar a liberdade, fazer que os filhos desta terra gosassem dos beneficios com que Deus a dotára, na paz e garantia de justas leis, e sob o governo de irmãos que sentiam do mesmo sentir, e soffriam do mesmo soffrer, e não de aventureiros ambiciosos de ouro á custa de estorções do povo, attrahidos á esta terra de suas venturas *que foram* e de nossas desgraças de sempre, attrahidos pela voga e desejo de chegar logo ás arvores *das patacas*.

Em verdade, se desde o principio tivessemos sido governados por nós mesmos, por estes homens desinteressados e patriotas, do que deram muitas provas, não obstante não nos governarem, elles teriam ensinado aos seus successores a pratica do governo livre e patriota, e hoje...

A conspiração, porém, ainda se começava a tramar, tudo inda não estava organizado nem combinado, quando um incidente, a traição que accordou os Portuguezes, deu lugar a rebentar a revolução em Pernambuco antes de tempo, da hora aguardada.

Era 1817.

Eram com Pernambuco as outras quatro provincias que formaram a capitania.

As demais provincias não nos acompanharam : ellas não estavam preparadas ; ou, pelo contrario, os seus filhos ajudaram a bater-nos. Pernambuco porém estava preparado, como sempre esteve, para a defeza da conquista da liberdade, porque o unico preparo para tal é a vontade do povo, e esta nós temos adquirido na escola de nossa infancia, que as outras provincias não tiveram.

Como era natural á um povo que sente-se com força para fazer sua independencia por si só, sem apoio nem protecção de alguma potencia ou soberano, Pernambuco estabeleceu o governo republicano, á exemplo de nossos irmãos da America, o governo do povo por si mesmo, porque um povo que está habilitado a fazer por si só a sua independencia, não o está menos para governar-se por si só tambem.

Mas quando aprendemos a ser fortes e livres, e quando o fomos contra os Hollandezes, lutámos contra um estrangeiro poderoso, é verdade ; agora porém só Pernambuco tinha por inimigo os Portuguezes, ricos e poderosos, e derramado em numero sem conta por toda a superficie do Brasil ; tinha Portugal, tinha o principe regente dentro de casa e os soldados brasileiros submissos e ciosos de nós.

E nosso sangue correu a bem lavar toda esta terra. E D. João nelle cevou-se pensando assim extinguir os nossos sentimentos livres.

Os nossos corcundas que só acceitam batalha dos livres quando contam vencer, e nunca erram no calculo ou apreciação, com acerto acceitaram a nossa batalha de 17 e por isto em vez de nos enganarem como de outras vezes e como agora com a liga, concedendo-nos alguma cousa para evitar a revolução, deixaram-na rebentar e a combateram, porque nos levantavamos sós, e, castigando-nos, teriam assim enfraquecido o partido brasileiro, que com esta lição e com o abatimento da parte mais forte seria menos exigente, e se contentaria com pouco ; acceitariam qualquer concessão que lhe fizessem, em vez de querer tudo conquistar por si, com medo de perder tudo e de soffrer muito. Foi por isto que D. João fez a carneficina depois do triumpho.

Os Portuguezes nossos vencedores foram os nossos juizes, que nos fizeram enforcar sem piedade, cheio de orgulho e de satisfação porque escaparam de perder esta grande fazenda do Brasil, que perderiam se Pernambuco vencesse; porque, vencendo -elles, ficavam como d'antes, e mais crueis ainda, nossos senhores, e de tudo quanto ha de rico e precioso neste abençoado paiz, só triste e desgraçado para os que traziam desde o berço a maldição de terem nascido nelle.

Hoje esta maldição não cae sómente sobre nós; mas sobre todos que tiveram a lembrança ou infelicidade de vir morar aqui, seja nascido onde fôr, com excepção de alguns grandes felizes, espertos e velhacos, entre o numero sem conta de velhacos. (A excepção de homem honrado feliz é bem raro nesta terra).

Que ganharam para os seus patricios que viriam se estabelecer aqui, os Portuguezes de então com a sua tenacidade em querer-nos conservar á todo o transe colonia Portugueza?

Que ganharam com aquellas perseguições?

Em primeiro lugar o odio entre os filhos dos mesmos paes, odio que tantos males nos tem causado reciprocamente. Depois, dessa tenacidade resultou que o Brasil, não podendo ser mais colonia e não se o querendo deixar livre, concederam-nos uma liberdade ficticia e mentirosa independencia, ficando os Portuguezes sempre nos governando.

Dahi resultou què o odio continuou e augmentou; e, não podendo os Portuguezes continuar a sua dominação por carecer o governo da eleição popular, e não querendo abandonar o seu dominio, tiveram de tudo corromper e falsear: corromperam a eleição até que nos trouxeram ao estado em que nos achamos, donde provém todas as nossas misérias, toda a nossa pobreza e atrazo. E que lucro por fim tem elles nisto? Já tiveram o commercio que monopolisaram por muito tempo, e a direcção dos negocios publicos. Hoje, com a miseria em que nos achamos, o commercio tam bem é uma miseria que só deixa lucro á meia duzia dos mais espertos, e os Portuguezes de hoje já soffrem todas as calamidades desta situação. A direcção do estado já tam bem lhes não pertence, porque os velhacos mais espertos

se mancommunaram com os altos velhacos do commercio, se locupletam e dividem entre si todos os despojos desta terra que cada dia mais despojam.

Hoje não existem mais os odios, é verdade, porque não ha mais motivo para isto, porque a miseria não destingue mais entre Portuguezes e Brasileiros, e todos são victimas della ; e os grandes espertos que se dão as mãos para roubar á nação cada um por seu meio, não fazem nesta sociedade alguma distincção entre si pela patria em que cada um tenha nascido.

Se, fazendo porém a nossa independencia, a tivéssemos feito perfeita e inteira, e por nós mesmos ; se tivéssemos de principio nos governado á nós mesmos, hoje seríamos uma grande nação, rica, livre e poderosa, capaz de hombrar com o gigante do Norte, e esta nação assim rica e livre, seria de todos os infelizes do mundo, e os Portuguezes, nossos irmãos, muito mais felizes seriam, e em maior numero do que o são, como se dá nos Estados-Unidos com os Inglezes. . . .

Mas tudo isto pertence á historia ; não ha mais remedio a dar-se. ao menos não o vejo : prosigamos.

V

A INDEPENDENCIA.

A carneficina de D. João não enfraqueceu e menos estinguiu o sentimento livre em Pernambuco, nem o esmoreceu em parte alguma do Brasil. Pelo contrario, o nosso grande martyrio, o nesso sangue derramado, excitou mais os animos, produzia a indignação em todos os Brasileiros, e dahi se formaram os filhos da liberdade que nesta provincia deram depois ainda maior prova de civismo e abnegação em amor á causa da patria, e nas outras produziu se irem levantar todos como um só homem, contra o dominio Portuguez e contra a tyrannia de D. João, se este, percebendo logo o perigo, não aparasse o golpe, pondo-se á frente da revolução eminente e invencivel, que seria se a combatesse.

Embora porém a força d'animo de Pernambuco, nunca abatida, embora essa indignação das outras provincias, a nossa derrota ainda estava muito fresca para termos meio

de acção, e as outras para tomarem uma deliberação em sentido da liberdade, quando aliás havia-lhe faltado o animo para isto quando demos o exemplo.

Depois da nossa revolução de 17, porém, o movimento das idéas livres em Portugal tinha sortido effeito, e não poderam seus inimigos se oppôr á convocação das côrtes.

O Brasil era reino unido, e, embora seus desejos de independencia, embora o odio contra os Brasileiros por isto, devia mandar seus representantes ao congresso, onde elles nada poderiam conseguir em nosso beneficio ; nem disto podiam os corcundas prescindir-nos ; pois seria motivo de mais queixa de nossa parte e sem proveito algum para elles.

Nossos representantes naquellas côrtes foram desrespeitados pelo povo Portuguez, que queria a liberdade para si, mas não para os Brasileiros, cuja sujeição ás suas vontades e caprichos era-lhes tão proveitosa. Abafadas como foram as vozes dos nossos representantes, não podendo elles fazer algum beneficio á terra natal, voltaram á ella, e todo o Brasileiro vio que não havia mais que esperar nem contemporisar com a metrópole, que era irrevogavelmente chegada a hora de nos separarmos da mãe cruel, que só queria de nós o trabalho e o sangue, e que não nos dava nem educação, nem alimento, não nos dispensava algum amor.

Mas os Portuguezes preveniram o golpe. O acaso, ou o demonio, ou a Providencia, os favoreceram. Tomaram-nos a dianteira, deixaram-nos, por nossa imbecilidade, o segundo lugar, e continuaram a gosar de sua primazia, de seu mando, por nos ter dado fiado a carta de liberdade, que, generosos, não quizeram vender á vista por seu preço natural de sangue. Para isto usaram de mil manhas, abocanhando a boa fé e a simplicidade da maior parte do povo brasileiro, que, patriota e livre por sentimento, e illustrados os seus principaes, não tinham tido a escola dos Pernambucanos, para lhes custar pouco, como a elles, derramar o seu sangue em troco da liberdade. Elles tinham vivido sempre em paz, nunca haviam brigado ; davam mui alto valor ao sacrificio de sangue, para não regeitarem a offerta dessa venda á credito, quando elles ignoravam, como ainda e cada vez mais hão de ignorar, que este dom o

mais precioso d'alma, só se pode obter pelo tributo do elemento mais precioso á vida.

Os negocios em Portugal não podiam permittir que D. João ainda permanecesse aqui. Sua sahida tanto mais facil tornaria a revolução do Brasil.

Os Portuguezes daqui estremeceram, que viam a sua presa perdida, o elles sem mais o esteio que os garantia aqui.

Um alvitre foi tomado ; ficar o principe D. Pedro, que seria o santelmo, e a garantia desta presa Brasil para os Portuguezes.

Ainda assim podiam-se levantar todos como um só homem contra o dominio portuguez e contra a tyrannia de D. Pedro, como era a vontade de todos os Brasileiros, e assim frustar o ardil dos Portuguezes, se D. Pedro percebendo o perigo, não usasse de palavras de tão doce e cordial amisade e dedicação aos Brasileiros, como de indignação e desprezo para com os Portuguezes.

O doce canto da serêa illudiu os Brasileiros, que viram naquelle dedicado patriota, que por amor á nós desobedeceu a seu pae pedindo a Deus mil perdões, que viram nesse santo homem que abandonava sua patria para nos servir, á nossa grande causa e nos dirigir em boa e santa paz, os Brasileiros que viram no heróe um excellent presidente com corôa e sceptro de uma livre republica ; e isto sem trabalho, sem risco, sem effusão de sangue.

Assim, vendo os corcundas a resolução de fazer baquear necessariamente o dominio portuguez, foi abraçado o alvitre. D. João, não podendo demorar-se, deixou á seu filho a missão da grande empresa.

A idéa foi prompta : por-se á frente da revolução era salvar a presa, se não logo no todo, em parte então, para salva-la toda por fim. (E não viram que viriam a perde-la agora, que só é presa da miseria).

Por-se á frente da revolução aquelle contra quem é ella, é evita-la.

Ficou portanto D. Pedro governando em nome de seu pae, para conservar sua colonia sob o titulo que já tinha, de reino unido, e se não a podesse conservar unida, como sabia ser certo, a conservasse separada e como seu soberano, dando a primazia entre os *cidadãos* do novo imperio aos

filhos da metrópole com o que de uma vez para sempre ficaria salva a unica herança dos Portuguezes, das tantas outras que os seus maiores souberam conquistar e elles não souberam guardar.

Pernambuco porém já sabia derramar seu sangue ; mas ainda estava muito fatigado da proxima luta, e carecia de grande descanso.

Elle conheceu o ardil, e viu como os outros Brasileiros davam a mão a D, Pedro, para arranjarem uma independencia e liberdade que pensavam com elle tirar gratis por ser fiada, contando gosa-la sem pagar mais ou deixando o seu pagamento para o trabalho dos vindouros.

VI

A INDEPENDENCIA.

D. Pedro portanto alliou-se com os independentes que eram todos os Brasileiros, e de quem elle era encarniçado inimigo, vendo ser impossivel os Portuguezes do Brasil e os exercitos da metrópole bate-los todos dessa vez. como os tinham batido em Pernambuco ; seguindo assim a tactica dos corcundas do Brasil de dar a mão aos livres quando não os pode combater, para de futuro, depois de enfraquece-los pela corrupção, lhes dar seguro golpe, quando não de exterminio, ao menos que os abata por muito tempo em quanto de novo os corrompe.

D. Pedro, o filho obediente de D João, á quem pres-tára juramento de fidelidade, que tinha ficado nesta colonia para guardar tão rica fazenda ; D. Pedro que durante o rumor que se levantava, escrevia cartas a seu pae jurando sempre essa fidelidade, D. Pedro, o heróe, o leal, o livre, não podia trahir á seu pae, levantando-se contra elle, unido aos Brasileiros. Foi por tanto pela necessidade de assegurar esta fazenda aos filhos de sua patria por meio de uma traição aos nossos, que elle fez-se revolucionario contra seu pae, foi de combinação com elle mesmo ; porque em verdade era impossivel que naquellas circumstancias, e depois da revolução de Pernambuco, em que se havia mostrado tanto heroismo e a qual havia posto em perigo a soberania da metrópole, era impossivel que Portugal dessa vez podesse vencer á todos os Brasileiros.

D. Pedro, porém, tido até então como inimigo dos Brasileiros, suas vestes ainda tão de fresco manchadas de nosso sangue que não tinham tido tempo para se lavarem, com suas mãos que tanto nelle se embeberam, seu coração que ainda não podia encobrir o odio e rancor que nutria contra filhos desta terra, D. Pedro nesta situação não se podia fazer crer nem fazer-se amado dos Brasileiros, fazendo-se simplesmente transfuga dos corcundas para os livres, dos Portuguezes para os Brasileiros. Elle usou por tanto de meios proficuos para os enganar. Fingiu-se ao mesmo tempo ambicioso, liberal e generoso. Abraçando a nossa causa, elle procurou mostrar-se livre e magnanimo, abraçando a causa justa de um povo que devia ser livre, afrontando os fingidos resentimentos de seu pae, desprezando o seu interesse de reinar em Portugal e no Brasil, para aceitar com a independencia sómente a soberania do Brasil, sómente em amor a esta terra e a seus filhos. E tudo isto para aquelles a quem assim podia illudir com as suas palavras ; e, para os que se contavam mais espertos, deixava que percebessem que era o desejo ambicioso e sofrego de reinar antes da morte de seu pae que o fazia preferir a corôa conquistada no Brasil á corôa a herdar de Portugal e do Brasil. E assim veio a enganar á todos, assim aos mais tolos como aos mais sagazes e espertos.

No entanto as suas vistas eram não só de salvar esta fazenda para os Portuguezes, como salvou, e em cujo goso até pouco se conservaram, como nada perder de sua herança. E a prova é que depois de feita a independencia, elle tentou reinar sobre os dous povos, e como não se podesse conservar aqui, abdicou deixando no throno do Brasil um filho, e foi assentar no de Portugal uma filha, pela herança, que segundo direito da realeza lhe pertencia.

D. Pedro por tanto para captar os animos dos Brasileiros, e faze-los esquecer ou perdoar o sangue que tão cruelmente tinha derramado em Pernambuco, e todas as torturas que ainda soffriamos, fez-se demagogo, escreveu proclamações em favor dos Brasileiros, nas quaes manifestava o exaltamento de seus sentimentos livres que nunca os teve, o seu amor por esta terra que tanto lhe agradára, a sua dedicação aos filhos deste paiz que lhe pareciam tão dignos de serem protegidos por um principe tão magnanimo como

elle. Proclamou contra Portugal, contra suas estorções sobre o Brasil; cheio de indignação disse contra os Portuguezes mais do que tudo quanto os Brasileiros tem dito.

Os partidos facilmente perdoam os inimigos de hontem que hoje vem abraçar a sua causa. Finalmente nós esqueceremos os seus crimes, por mais coberto que esteja dos mais horribéis, o novo sertario, principalmente se o seu apoio e adhesão nos pode coadjuvar em muito para o nosso triumpho. Não lhe perguntamos qual é a causa real de sua repentina dedicação á nossa causa, de que até hontem fôra tão cruente inimigo, donde veio a conversão deste odio em que transbordava o seu coração, em amor por nós. Contentamo-nos com a força que traz o seu apoio; o que queremos é elementos para vencer com segurança e menos trabalho e sacrificio; não nos lembramos das consequencias d'isto que virão no dia seguinte.

O apoio de D. Pedro dava um triumpho certo, e mais que isto um triumpho facil. Para que recusar por tanto a mão de D. Pedro? Se podemos, consideraram os Brasileiros, se podemos com elle conquistar a nossa liberdade e independencia sem nos custar sanguinolento sacrificio, para que nos havemos arriscar a soffre-lo em uma luta inutil, porque a podemos evitar? Conquistada a independencia, facilmente teremos o governo do povo, porque então nos será facil descartarmo-nos do senhor.

Não se lembravam, porém, os Brasileiros que um povo nunca logra um pretendente velhaco, que, quando se toma um senhor em protecção da liberdade, em vez de a conquistarmos para nós, conquistamo-la para o senhor e ficamos ainda mais seus escravos.

Assim os Brasileiros acceitaram a mão de D. Pedro, e na sua immensa maioria, com o pensamento e reserva de o desprezarem depois que se tivessem aproveitado de seu apoio.

E foi assim proclamada a independencia no campo do Ypiranga pelo herde que nos evitou derramar o precioso sangue para a conquistar.

Assim a independencia fez-se sem luta, foi logo reconhecida por D. João, que assegurava á seu filho a corôa que já era impossivel perder, um dominio, como Imperador, que já não podia conservar como principe regente.

Assim conservavam os Portuguezes nascidos e a nascer a sua unica herança, de tantas que haviam possuido.

Assim *conquistou-se a liberdade*, sem sangue, á preço de ficarmos sujeitos ao principe, de continuarmos o patrimonio de Portugal. Cobarde e infame transacção, que nenhuma já fez o rei com o povo que não fosse para a desgraça de ambos.

Mas tinha de ser assim, estava escripto, a fatalidade nos tinha votado á esté lamentavel desfecho que nos trouxe ao estado desgraçado em que nos achamos hoje. Foi ter pisado nesta terra a maldita côrte de Portugal e ter-nos deixado um principe, a causa de tudo. Verdade é que Pernambuco não cahio no laço; mas tambem as outras provincias do Brasil, o sul principalmente onde se fez este desgraçado arranjo de uma tal independencia, as outras provincias, não tiveram a nossa escola, a nossa educação de sacrificio, que foi tambem outro accaso que nos trouxe a invasão hollandeza; a escola que nos ensinou a derramar e fazer pouco caso do sangue em defeza de nossos direitos e de nossas liberdades.

Assim ora nós não temos culpa que os nossos antepassados nos deixassem as lições aprendidas nessa escola, que nos deixassem a herança dos sentimentos nascidos e excitados naquella heroica luta. Pelo contrario, defendendo nossos direitos e liberdade contra o estrangeiro, fomos sempre leaes á corôa portugueza, e contra vontade della, pois não só ella nos abandonou, como mandou nos sujeitassemos ao Hollandez. Foi dahi que de nossos maiores ainda, APRENDEMOS A RESISTIR AO REI, PARA BEM SERVIR AO REI. A' nós, á nossos sentimentos livres, á nosso animo forte deveu Portugal revindicar Pernambuco, e talvez o não perder todo o Brasil. E não obstante a côrte do Rio de Janeiro nos odia, e as provincias do sul nos tem ciumes por causa desses nossos sentimentos, e tudo se faz contra nós, somos os que mais soffremos de todos os partidos que dominam, pagando nós a culpa dos nossos maiores e que tão grande proveito deu a Portugal, aos Portuguezes até ainda ha pouco e a todos os que tanto mal nos fazem, e que tanto nos odiam.

E' verdade que essa fatalidade que eu tanto lastimo, da côrte de Portugal no Brasil, é hoje bemdita e della se

dá graças á Providencia porque se ella não fôra, nós seríamos uma ou muitas retalhadas republicas, como as republicas hespanholas ; no entanto que nós somos, por essa fatalidade que nós deu uma monarchia, um povo feliz, e não sei que mais.

E somos em verdade felizes, soffrendo todas as misérias imaginaveis, hoje confessadas por todos ; soffrendo em uma palavra a miseria da fome em terra em que a natureza brota expontanea tão abundantes fructos de que até embarça a colheita toda a machina governativa, até a policia, as eleições, os poderosos e o recrutamento.

E os que assim dão taes graças por tantas *felizes* misérias, não reparam nellas, não reparam que as republicas as mais anarchicas das hespanholas, sabem sustentar sua dignidade, e resistir ao poderoso estrangeiro como o Mexico. E nós? tememos do Inglez mais sabujo. Por que o nosso governo sabe que se tivessesmos uma guerra com o estrangeiro, elle governo, desprovido de todos os meios de defeza por sua miseria, nem ao menos contaria com o patriotismo do cidadão ; porque sabe que o cidadão aqui não tem patria, que vae á eleição tangido, que elle governo só tem mentirosa dedicação dos grandes pelo interesse de recompensas, e que estes estão prompto a fazer indignos serviços de eleição para serem delegados ou terem condecorações, mas que não expõem seu peito á bala ; que não sujeita sua vida á privações de seus commodos, quem se tem acostumado a esquecer a patria para bem servir ao governo que só sabe pagar a indignas façanhas ; sabe finalmente que onde a patria tem cahido em tal ridiculo que por ella se entende o ventre, ninguem arrisca a vida em sua defeza.

E não se repara ainda que nós não somos Hespanhóes, deste povo que lá mesmo na metrópole tem sempre e constantemente vivido na anarchia ; e que ainda assim ha uma republica hespanhola, o Chile, tão feliz, como o estado mais feliz deste mundo. Não repara-se que nós somos filhos dos Portuguezes, este povo quieto, ordeiro e pacifico, que só sabe levantar-se nas grandes crises para sustentar suas instituições ou seus direitos. Não reparam finalmente que ha na America outra republica feliz, grande e poderosa, e que não é hespanhola ; e que desde que se constituiu até

hoje, só agora é que soffre uma revolução porque foi ateadada e é sustentada pela Inglaterra e pela França. Esquecem que aquellas éras não eram a nossa época, de um povo todo prostrado e corrompido pelos corcundas para poderem reinar, e que assim só pôde viver sob a monarchia. Quem comparar aquella com esta em que veria absurdo na republica no Brasil ?

Fez-se a independencia com a protecção de Pedro I. Evitámos o derramamento de sangue, não pagamos o tributo devido á liberdade, compramo-la fiado. O corcunda porém garantiu-se com hypotheca na mesma liberdade que nos deu. D. Pedro, o nosso heróe, foi o nosso imperador, e elle e a *carta* que nos *outorgou*, pozeram os corcundas, isto é, os Portuguezes então á testa de todos os negocios.

Nesse tempo só haviam os dous partidos. o corcunda e o liberal, isto é, dos Brasileiros e dos Portuguezes, porque todos os Brasileiros eram liberaes.

VII

A CONSTITUINTE.

Qual é o rei que, podendo governar por si só, quer governar juntamente com o povo ? Seria um rei nunca visto. No entanto se louva D. Pedro por nos ter dado a independencia, e ter-nos concedido uma constituição liberal para tão liberalmente nos governarmos. O facto porém foi, como todos sentem, que D. Pedro, o heróe da independencia, bem via que, se elle não fosse o primeiro e fingido rebelde contra seu pae, os Brasileiros não só fariam a sua independencia, como se constituiriam em governo republicano. E é por isto, como temos visto, que elle se fez liberal e demagogo. Não podia elle por tanto deixar de admittir uma constituição. Não ousou elle porém logo outorgar-nos por *si só*, como o fez ao depois, essa constituição, feita á seu bel prazer ; porque depois logo da independencia e da revolução, no momento em que elle apenas estava proclamado imperador, não tinha ainda bastante força para isto ; arriscar-se-hia, se o fizesse, a perder todo o seu grande plano. Era preciso que os Brasileiros fossem convocados a fazer a sua constituição ; porque durante a convocação e reunião, D. Pedro ir-se-hia preparando

para poder dirigir a assembléa constituinte ou destruí-la, no caso de a não poder dirigir.

Com effeito, em quanto se convocou a constituinte, D. Pedro acautelou-se em organizar com a maior presteza o seu exercito e marinha, compostos pela maior parte de Portuguezes e quasi excluir-nos dos postos superiores, assim como os collocou em altas posições em que podessem o coadjuvar em o caso previsto de um golpe de Estado.

Reunida a constituinte, apresentou-se á discussão um projecto de constituição que constituia o Brasil em uma quasi republica. A tal constituição em projecto nem continha o poder moderador que dá tantas e as principaes, quasi todas as attribuições ao monarcha. Em verdade não pôde haver uma constituição monarchica sem o poder moderador. Mas é isto mesmo o que prova que os Brasileiros não queriam uma monarchia. Aceitaram-na, porque não se animaram a romper com D. Pedro, a quem deviam a sua independencia sem custo: se elles não se animaram a fazer a independencia por si sós, para não sustentar uma luta sanguinaria contra D. João e D. Pedro, como se animariam a romper contra D. Pedro, a quem aceitaram á frente da causa da independencia? Se D. Pedro se tinha proclamado liberal e demagogo, se havia assim enganado a tantos de quem havia captado as sympathias e a gratidão, como era possivel em taes condições se animarem a romper contra elle?

Usaram de chicana em lugar de luta franca, e, como desde o principio, pretendiam engana-lo, servindo-se de seu nome e do seu apoio para adquirir a independencia sem custo, pretenderam proseguir no plano de logração, e por isto contavam confeccionar uma constituição em que D. Pedro ficasse reduzido á tal nullidade que facilmente seria possivel despedi-lo em qualquer melhor occasião opportuna.

D. Pedro porém já previnido e armado, instou com a constituinte para que fizesse outra constituição. Mas os Brasileiros discutiam e sustentavam aquelle projecto liberrimo de constituição, e não attenderam ás instancias de D. Pedro, que, passando á ameaças, ainda as viu desprezadas.

Então o imperador já muito forte, como se havia preparado, lavrou um decreto de dissolução, e mandou que a

constituente se dispersasse. Mas os mandatarios da nação ficaram firmes e calmos nos seus postos, e, resistindo ao decreto e intimação de D. Pedro, continuaram a discutir o projecto detestado da realza; porque a constituinte não pertencia a D. Pedro para a poder dissolver, mas ao povo livre que se constituia; porque D. Pedro não tinha poder algum definido, senão provisoriamente aquelles cujo exercicio lhes permitia a soberania da nação representada na mesma constituinte; porque os seus poderes definitivos seriam ainda determinados por essa mesma constituinte, e por tanto era um abuso da força confiada á sua supposta lealdade, ao seu supposto liberalismo, era uma traição o acto de D. Pedro, arrogando-se um poder dos que estavam todos ainda na mão da constituinte.

D. Pedro respondeu ás razões com o facto mandando rodar a sua artilharia e aboca-la para o palacio, em que os depositarios da soberania do povo assentavam as bases para os destinos da nação que podia vir a ser grande. E de murrões acesos, os soldados de D. Pedro intimaram a dispersão dos representantes da nação, apenas recém-nascida independente e livre, quando ia exercer o seu primeiro acto de liberdade e independencia.

Foi o primeiro leite que lhe deu a nutri-la quando ella se embalava no leite das illusões, acalentada pelas palavras seductoras de D. Pedro, como enlevada pelo canto da serêa, foi o primeiro leite que deu-lhe a nutrir á nascente liberdade da nascente nação o seu heroico libertador: foi um supapo e um couce.

E a creança se acalentou, a creança apenas nascida, insolente, pensando já ser homem; que se o tivesse sido, não carecia da mão de D. Pedro para ajuda-la a nascer; que se fôra homem tivera por si só conquistado a sua liberdade, sem a mão e protecção de tão alto senhor; e se o podendo, por cobardia a accitou, uma vez acobardado assim este povo, não lhe poderia sobrar o civismo para reagir contra a traição e inqualificavel violencia de D. Pedro. Por isto a creança se acalentou com o rude castigo.

Que se podia para o futuro esperar deste povo, de sua liberdade, se elle, no momento de seu enthusiasmo, de sua independencia, de seu exaltamento, curvava-se humilde á um pontapé de um principe de nação estrangeira e

inimigo que destruía a soberania por elle supposta defendida até quelle momento ?

E apoiado este principe nos soldados da nação inimiga ?

Que se poderia esperar da independencia e liberdade deste povo, assim acobardado em seus primeiros dias, no primeiro dia de sua existencia ?— A independencia e liberdade que temos fruido, e que mais que nunca fruimos actualmente, as venturas que gosamos e que faz a inveja de todos os povos da terra.

E sobrada razão tinha D. Pedro, pois que não era um povo livre o que se queria constituir, mas sim um povo dirigido por elle D. Pedro na sua supposta emancipação. D. Pedro nada devia aos Brasileiros de quem não recebera o favor de os commandar nesta empreza, mas sim os Brasileiros tudo á elle, sem o qual não se sentiram com animo de conquistar a independencia. Esta não tinha sido comprada pelo sangue dos livres, mas sim dada por seu pae delle D. Pedro, em graça á sua pessoa. Se os Brasileiros não se poderam emancipar só por si, e careceram do nome e do apoio do filho de seu rei, tambem não se podiam julgar habilitados a se constituir e governar só por si, sem a tutela e direcção daquelle principe, a quem haviam, ou por necessidade ou por gratidão, proclamado seu imperador.

Dissolvida porém a constituinte, não se podiam deixar de altamente excitar os animos de todos os Brasileiros ; e D. Pedro desde então não se poderia julgar seguro por esse acto de violenta traição, como todos então o encaravam, contra um povo de sentimentos eminentemente livres, e á que só pôde abocanhar o fatal acontecimento da vinda da côrte portugueza a este paiz. Os corcundas viram o perigo eminente, a desgraça certa, viram que a preza de Portugal lhe ia escapar de suas mãos, se não dêssem algum remedio que acalmasse os animos tão excitados. Era preciso consolar os Brasileiros com uma constituição em que os direitos do homem e todas as garantias do cidadão fossem reconhecidas, e proclamadas á mãos cheias, e que contivesse ao mesmo tempo disposições pelas quaes os corcundas, isto é, os Portuguezes, ficassem sempre na posse de sua herança, dessa sua fazenda. Foi essa cataplasma, a constituição, que nos arrumaram ás costas depois da dissolução, na qual se vê ao lado dos mais bellos e extremes

principios da liberdade, o vicio que tinha de corrompe-la e a todo o paiz até ao ponto em que nos vemos hoje.

VIII

A CONSTITUIÇÃO.

D. Pedro, ouvindo o conselho dos sabios corcundas, não teve demora, e mandou confeccionar a constituição que nos rege, e mandou que seus subditos a jurassem, seus subditos, os Brasileiros que pensavam ter feito a independencia, que pensavam ter apenas recebido de D. Pedro serviços magnanimos prestados á uma causa livre, que pensavam tê-lo recompensado fazendo-o nosso imperador, sob o regimen de uma lei que os mesmos Brasileiros confeccionariam.

D. Pedro porém, mandando jurar a constituição por elle feita, bem mostrou que nós não fizemos nossa independencia como tão pouco a nós devia a sua corôa; pois se no-la devesse, tendo os Brasileiros de fazer a sua constituição, esta é que tinha de definir os poderes dessa corôa. D. Pedro com este acto mostrou por tanto que tanto a independencia como a corôa foram dadas por seu pae, e com as condições que na mesma constituição se lê.

E, se os Brasileiros não se animaram a fazer por si a independencia, e tiveram o desanimo de acceita-la de Portugal, que a dava para não lh'a arrancarem á força, pois não seria de bom grado que perderia tão rica fazenda para seus filhos, e, se a concedeu sob condição, é porque o principe portuguez tinha de ser o rei desta terra, claro é que esta independencia seria tão enganosa e mentirosa quanto Portugal o pudesse conseguir. E' claro que Portugal faria o quanto pudesse para que os Portuguezes ficassem sempre senhores desta terra. E como os nossos direitos tinham de ser definidos pela constituição e por outras leis que para o paiz seriam instituidas, e como tambem as nossas liberdades, de que os Portuguezes eram tão inimigos como de nós mesmos e de nossa independencia, tinham de ser definidas, é claro que, sendo a tal constituição dada por D. Pedro em vez da que iamos fazer, é claro que, por esta constituição nós não ficaríamos nunca independentes nem livres, apesar de toda a falange das liberdades que

nella se lê, para nos enganar e entreter, como é costume dos nossos mais que todos os corcundas de todas as partes.

Assim, apesar, da independencia e das liberdades proclamadas e definidas pela constituição de D. Pedro, lá estão as disposições que nullificam tanto uma como a outra. Assim a constituição de D. Pedro fez BRASILEIROS de todos os Portuguezes residentes no Brasil, que eram innumerados e quasi todos muito ricos; e instituiu um permanente CONSELHO DE ESTADO, que por sua natureza destrúe ou nullifica toda a acção de qualquer governo livre que deveriamos ter segundo todas as mais disposições da constituição; e os Portuguezes constituídos cidadãos Brasileiros, nada menos queria dizer senão que elles ficariam senhores do Brasil, como d'antes, e como de facto o tem sido até ha pouco, governando este povo tão indigno da liberdade quanto nem a souberam comprar, nem guardar essa mesma mentirosa que nos deram á credito e de modo que a não possessemos pagar nunca.

Assim nasceu a independencia, e todas as nossas liberdades publicas, que tudo isto quer dizer a nossa liberdade, nasceu a liberdade do Brasil; a pobrezinha tão infeliz neste desgraçado paiz, nasceu com um laço ao pescoço e os braços atados. E como a podiamos ter de outro modo se não soubemos dar combate á nossos senhores, para a termos livre de ferros? Como ella prêsa em Portugal, havia de surgir no Brasil enviada pelos Portuguezes e dada pelos senhores e seus inimigos escravos, como havia de surgir assim aqui livre, se não tivemos força e coragem para lhe quebrarmos os ferros?

Mas as liberdades estavam proclamadas, as liberdades publicas escriptas, e os Brasileiros haviam de querer, cren-do nellas, gosar umas e exercer outras. Ellas deviam se apagar por tanto das folhas dessa constituição que tinham de ser rotas uma a uma. Mas os Brasileiros são por sentimento muito livres, e por tanto generosos, e á tal ponto que são (eram) demasiadamente tolos. Com o engano e pela corrupção tudo seria conseguido, como o tem succedido, e até o ponto a que chegamos agora, que vemos dous bandos que se chamam partidos em que está dividido todo o paiz, brigando para cada um ser preferido no enterro da liberdade.

Para a execução desta ardua tarefa, não obstante a bestialidade ou fraqueza dos Brasileiros, além de ficarmos com Brasileiros Portuguezes e conselho de estado, tivemos mais imperador assim senhor de tudo.

Com esta trindade maldita, não era possível que um povo tão besta e de que só uma pequena fracção tinha aprendido e sabia combater e baratear o seu sangue, não era possível escaparmos á alguma de todas as desgraças por que temos passados, e de todas á que chegamos finalmente.

Em verdade que quer dizer um povo de que toda a aspiração e vontade era constituir-se em republica, além de aceitar um rei pela necessidade de sua tóla sagacidade, receber um conselho de estado, e ter como concidadãos á seus inimigos encarniçados de hontem, e que tinham necessidade de o continuar a ser por muito tempo até que nada tivessem mais a receiar dos Brasileiros contra o seu poder. e até perde-lo por sua vez e só em proveito dos velhacos? Que podíamos nós esperar de nossos inimigos ao nosso lado, e a frente de todos e principaes negocios publicos?

Ainda assim mesmo os imbecis do partido corcunda não queriam que D. Pedro nos desse alguma constituição; mas os sabios desse partido bem viam que era esse o unico meio de combater o povo, que mais facil e certamente accitaria essa constituição com tantas liberdades outorgada, do que se levantaria para conquistar por si sua liberdade, quando elle não soube fazer por si sua independencia.

IX

A REVOLUÇÃO DE 1824.

Os corcundas, apesar de toda a sua sagacidade, uma verdade ainda não aprenderam nem nunca a reconhecerão: é que quanto mais martyrios inflingem á um povo livre por seus sentimentos, tanto mais exaltam este sentimento, em vez de os abater e nullificar como o pretendem. A lição de 1817 em Pernambuco, foi com effeito uma lição, não no sentido e com o fim e aproveitamento que os corcundas visavam, mas no sentido da verdade do principio. Pernambuco teve em 1817 a continuação dessa escola antiga em que aprendeu a pelejar em defeza da patria e da liberdade. Em 1817 por tanto elle se fortificára mais em seu animo,

em sua abnegação e patriotismo, e nò exercicio e manejo das armas.

Assim quando D. Pedro mandou aos Brasileiros jurar a constituição dos Portuguezes, Pernambuco não se importou que o resto do Brasil se sujeitasse á esta miseria, e levantou-se ainda sozinho, e ainda com as provincias vizinhas se constituiu em republica. Teve por tanto de bater-se ainda só, não podendo ser acompanhado por suas irmãs illudidas e acobardadas. Teve o heroismo de levantar-se só, não reflectiu no resultado, cumpriu um dever de honra, elle que via o que suas irmãs não percebiam, seus filhos que sabiam lutar e morrer, como de outras vezes já o haviam feito com tanto valor.

E só, com suas antigas companheiras, que todas formavam uma familia, só, foi vencido, e, vencido, o seu sangue correu a faltar o coração livre e magnanimo de D. Pedro, e o odio dos Portuguezes de então.

Vencido e assim bem castigado Pernambuco, pensou D. Pedro com todos os corcundas que a sua obra estava bastante consolidada, e então todo aquelle amor seu pelos Brasileiros manifestado em suas proclamações quando nos queria enganar, desapareceu de suas palavras e de seus actos, e tomou o seu lugar, largando elle a máscara todo o fel e acremonia que contra nós sentia, manifestados por todos os modos de expressões, e por todas as acções. Desde então os Brasileiros, de quem D. Pedro pensava não precisar mais, começaram a ser tratados como no tempo em que eramos tidos como colonos de Portugal. D. Pedro por tanto, apesar de sua constituição, ou antes com a sua propria constituição, nos governava absolutamente, e mais que isto, com todo o despotismo de seu genio, de seu capricho e de seu odio, sendo os Portuguezes os seus fieis, e leaes amigos. Assim elle collocou os Portuguezes em todas as altas posições sociaes, deu-lhes a mão em todos os sentidos, para que com mais facilidade e á nossa custa se fizessem cada dia e depressa mais ricos e poderosos.

Ficaram então mais senhores dos Brasileiros do que nò tempo da colonia, e estes foram mais que d'antes tratados como povo conquistado, povo escravo. Porque em verdade aqui não tinha havido mais nem menos do que uma con-

quista, pois que, podendo os Portuguezes contar com a perda do Brasil, que, se fosse defendido pelos Brasileiros não podiam aquelles vencer-nos, conseguiram ficar concidadãos com seus inimigos, e dar-nos um rei principe seu: e não só isto como, mais ainda, impôr-nos pela violencia a sua lei, a tal constituição, e, para sellar toda esta grandiosa obra, ainda conseguiram, tiveram a fortuna de achar ainda uma provincia com quem sustentar combates e de quem derramar o sangue em abundancia, para mostrar ter feito de nós uma verdadeira conquista, e assim consolidar a sua obra.

Se o sangue Pernambucano e todos os nossos martyrios em 1824 não foram bastantes para por si só produzir o horror e a indignação no animo de todos os outros Brasileiros, o despotismo de D. Pedro e de seus Portuguezes, nossos senhores então, sobre nós, foi de sóbra para não os acobardar mais depois de alguns annos de reinado do nosso herde do Ypiranga, sob tão ignominioso jugo. E com effeito, essa indignação foi se formando lentamente com o soffrer dos Brasileiros, que, só depois de oito annos de reinado de D. Pedro, e seis depois da revolução de Pernambuco é que ella pôde produzir um pronunciamento geral, que foi ainda sophismado ou aparado pelos veihacos, por meio da liga dos ligueiros ou *moderados*.

X

A EXPULSÃO OU ABDICAÇÃO.

Durante os oito annos de reinado de D. Pedro, percebendo este e os mais sabios dos corcundas como se formava o odio contra D. Pedro e como mais crescia elle contra os Portuguezes, tomaram a precaução de chamar para junto de D. Pedro muitos Brasileiros distinctos, occupando-os em posições honrosas e lucrativas, recompensando assim as *virtudes e talentos* que sustentavam e cada uma no grão do apoio que prestavam ás iniquidades de D. Pedro, á arrogancia e senhorio dos Portuguezes.

Entre estes Brasileiros assim distinguidos e recompensados por D. Pedro, uns se collocaram logo no partido dos corcundas, e outros ficaram com os liberaes, mas D. Pedro só distinguia aquelles liberaes de quem já havia pe-

dido conseguir a boa vontade para com aquella constituição que havia sido o escandalo e produzido a indignação geral.

E' d'ahi que começa a *liga* hoje imperante com este nome, mas sempre existente, e reforçada e renovada, sempre mudando de nome, e sempre escandalizando o partido corcunda, isto é, o *povo* do partido corcunda, que não vê nella um meio de corromper, de enfraquecer os livres em seu beneficio, como o vêem os sabios desse partido. E' d'ahi que vem essa infame liga de livres com os corcundas, que cega os homens pelos beneficios dados pelos corcundas, e que impede de ver a verdade e o laço, o anzol que a isca envolve.

Essa liga que então nasceu, para isto foi gerada desde que o primeiro dos Portuguezes entre nós, o mais corcunda e por seu genio o maior despota, comnosco se ligou para dar-nos a independencia da metrópole de seu pae.

Na occasião em que a colonia, chegando á virilidade e madureza, havia terminado a natural tutella da metrópole, o tutor, não querendo perde-la, fez-se senhor e despota. Esta, não podendo soffre-lo, ia emprehender a luta da conquista da liberdade. E' nessa mesma occasião que o filho do senhor se *liga* á escrava fingindo fugir com ella ao dominio de seu pae. Que geração podia sair por tanto desta indigna união? A colonia tinha direito á liberdade; não a houve por seu esforço, não a defendeu; ligando-se com o filho do senhor, não se libertou, fugiu do captiveiro. Desta infame união só podiam por tanto sair filhos bastardos de bastarda liberdade; destes filhos que é costume serem desprezados pelos paes e vilipendiados pelos irmãos, quando não sabem manter-se em sua dignidade, e quando é preciso despreza-los primeiro.

D Pedro não podia olhar com bons olhos para os filhos de sua escrava, á quem abraçou e de quem recebeu, correspondendo, osculos impuros, por não haver algum meio honroso de a conservar no captiveiro.

A consequencia disto foi, como de outro modo não podia ser, a perpetuidade dessa liga infame, sempre renascida ou renovada, sempre de novo baptisada, de liberaes com corcundas, de senhores com escravos.

Quando appareceu o pronunciamento dos Brasileiros contra D. Pedro, e contra o dominio dos Portuguezes, não só estes já estavam muito bem collocados e muito fortes á

todos os respeitos, como já haviam muitos Brasileiros ligados.

Muitos eram perfeitos corcundas, e muitos liberaes, afeitos a se governarem pela constituição monarchica, gosando de mui bellas posições, honrados e distinguidos com as condecorações da monarchia, ligados assim por todos estes laços, que dão seguro commodo á vida e lisongeam o amor proprio, corrompendó insensivel e inconscienciosamente o coração, e destruem os principios, os liberaes assim ligados não queriam já o governo republicano, como o quizeram antes de se ligarem os Brasileiros á D. Pedro para a independencia, nem queriam outra constituição, como o quizeram quando D. Pedro destruiu o seu primeiro congresso e da livre e espontanea representação nacional.

Contentavam-se os liberaes ligados aos bons empregos e ás honras monarchicas, que D. Pedro nos deixasse, deixando o imperio, e illudindo elles a propria consciencia, esperavam que com a regencia, que seria longa, se preparariam os Brasileiros para fazer prevalecer e plantar no imperio os bons principios da constituição, e ficariam livres do dominio portuguez.

Então abriu-se a luta de todos os livres, *ligados* e não *ligados*, que era de quasi todos os Brasileiros, pois então ainda eram poucos os corcundas brasileiros; abriu-se a luta contra D. Pedro e os Portuguezes; e a revolução seria assombrosa e invencivel. E os ligados não eram muitos; e se corresse o sangue brasileiro, se, vencedores, o fôssemos em combate, por certo não podia ser o triumphante o pensamento dos *liqueiros*, então conhecidos com o nome de moderados.

Mas o corcunda, sagaz e velhaco, já o disse, só acceta a luta quando conta vencer, e desta vez viu que não era só Pernambuco, mas o Brasil inteiro que se levantava como um só homem. Não deviam os Portuguezes perder uma presa que lhes parecia tão deliciosa, e poder ser eterna, e que com tanta habilidade souberam até então conservar, contra a vontade de todos os Brasileiros; não a deviam perder em um combate louco, quando com manha, prudencia e paciencia podiam ainda conserva-la em parte, para mais ao diante se tornarem mais inteiros senhores della.

Então o heróe fez-se magnanimo, mais do que já o era: o tyranno, quando se julgaráa bem seguro no poder, faz-se generoso e retira-se. Elle não acceta a luta, não é porque conte perder : elle diz-se muito seguro, tem muito soldado, muito partido, mas não quer derramar o sangue dos Brasileiros a quem tanto ama. Ahi deixa seu filho, em quem abdica a corôa, e confia a sua educação e a guarda dessa mesma corôa á generosidade dos Brasileiros, que não tem motivos de queixas da innocencia pelas culpas que tão mal attribuem a seu pae.

Que haviam os Brasileiros tão bestas quanto generosos fazer ? Como resistir á essa linguagem que tanto imperio tem no seu coração, e de que o tyranno, o falso amigo, sabe usar melhor que o livre e o verdadeiro amigo ? Antes de se acamparem os liberaes para a luta, D. Pedro tentára a antiga linguagem demagogica, depois de tentar as ameaças : mas como tudo foi improficuo, usou com acerto, para salvar o imperio aos Portuguezes e á seus filhos, usou deste expediente de abandonar no paço de S. Christovão os principes entregues á guarda dos anarchistas, appellando assim D. Pedro para a nossa generosidade.

Óra este expediente assim mesmo não tocou todos os corações livres, porém os mais bestas, por serem nestas occasiões os mais generosos ; os mais bem collocados, por mais livres que sejam, por terem mais a ganhar e menos a perder ; os mais vaidosos que contam tudo fazer e sem o esforço de uma revolução nas instituições ; todos estes, coadjuvados pelos ligueiros, e em parte já tambem ligueiros, tiveram força persuasiva para conter os não ligueiros ou exaltados ; para que elles se contentassem com a regencia e desistissem da revolução republicana ; porque durante a regencia tudo se poderia fazer com prudencia e como melhor conviesse aos Brasileiros.

E assim os exaltados cederam, e assim ficaram todos ligados e *ligueiros*.

D. Pedro partiu tranquillo pela segurança de sua presa á seus filhos e á seus irmãos Portuguezes, e foi para Portugal a pôr a corôa de D. Miguel na cabeça de sua filha mais velha, pois seu pae já era morto ; e os Portuguezes ficaram certos de que elles não soffreriam a regencia do Brasil por muito tempo, pois D. Pedro tornaria a elles

que pensavam ser sempre senhores, para estas abençoadas plagas.

XI

A REGENCIA LIVRE.

A pobre liberdade do Brasil, que havia nascido como vemos, de laço ao pescoço e de algemas aos pulsos, sentiu um momento palpitar-lhe de esperança o coração, pensando de uma vez romper e por um só acto suas prisões, quando viu abrir-se a luta entre os Brasileiros e D. Pedro ; mas logo caiu em triste e resignada consolação, quando viu a transacção de seus filhos com D. Pedro, donde não podia sahir segura garantia de sua duração.

Com effeito os livres occuparam o poder, os Brasileiros governaram no principio da regencia, e foram fazendo o que poderam para salvar de seus ferros a pobrezinha, de seus laços. Mas foram fazendo apenas o que *podiam* e o quanto era compativel com esse seu poder e dominio havido por sua triste transacção ou liga. Como elles não podiam fazer tudo de uma vez, foram praticando com lentidão, na esperança de augmentar o seu dominio e assim poder para adiante dar o ultimo golpe nos corcundas, á quem totalmente ainda pretendiam enganar. E começaram logo a confeccionar as leis organicas que estabelecem e definem a liberdade em sua pratica.

Não teve o dominio da regencia de confeccionar o codigo criminal, que já achou feito sob o governo de D. Pedro e no ultimo anno de seu reinado. E a peça, segundo o dizer dos mais entendidos, a mais bem coordenada e philosophica que se conhece nessa especie ; e ella está de harmonia com os grandes principios estabelecidos na constituição sobre os direitos do homem e suas garantias. E como D. Pedro nos doou um tão rico presente só digno de um povo imminantemente livre ?

Foi a rasão, em primeiro lugar, que o codigo criminal e penal foi-nos dado e havia sido confeccionado quando D. Pedro já sentia o seu poder abater-se, e se havia lembrado de seu antigo tempo de demagogo para ganhar-nos novamente a afeição ; e em segundo lugar porque este codigo sómente estabelece e define os crimes e as penas, e não o

processo e a policia, que é onde está o meio de pô-lo bem ou mal em pratica em garantia da liberdade, ou em segurança do despotismo.

Ainda assim tão admiravel o nosso codigo penal e criminal em seus principios e systema, elle se resente de um defeito tão grande que é uma chaga, origem de grandes desgraças, fonte de grande corrupção, deixada parece com o proposito de nos fazer mal em beneficio dos corcundas ; porque sempre foi seu proposito nos vencer e dominar pelo engano e pela corrupção, sendo-lhes impossivel conseguilo pela força.

E é o grande defeito deste codigo que tanto mal nos tem causado, e tanto bem aos corcundas, o titulo que trata dos crimes contra o pudor.

E' uma perfeita burla, um escarneo perfeito, tudo o que vem escripto neste sentido. São crimes sem pena, e actos criminosos nas legislações dos povos mais adiantados, e sem crime entre nós. Só ha crime contra a creança de deseseis annos, e a pena é de desterro para fóra da comarca.

Só ha o attentado contra o pudor entre sexo differente : o infame trato entre o sexo masculino, não é crime entre nós.

Assim neste estado que conta tantas liberdades escriptas, com todos os freios e prisões na pratica para não poderem ser exercidas, neste povo livre e independente do dominio legal de Portugal, mas não dos Portuguezes que ficaram nossos dominadores, aqui só ficou livre a sensualidade e a infame lascivia, porque ella só podia fazer mal a nós ; e a nossos senhores só podia trazer o bem de nos corromper para melhor nos dominarem.

E é assim que sendo a honra o sentimento mais predominante no povo brasileiro, não havendo lei para punir a libertinagem, tem se usado do bacamarte e da faca de ponta, unicos meios que temos de defender a honra e a familia, entregues á discrição dos poderosos, dos libertinos, de qualquer casualidade favoravel, á que não ha meio algum legal que contenha ou embarasse.

Assim o jury absolvendo o assassino que punio com a morte o attentado contra a honra, desacredita-se, e assim corrompe-se esta tão livre instituição, consagrada pela constituição de D. Pedro, e, por este e outros meios deixa-

dos por elle, preparada a ser destruida. E o codigo tem sido emendado tantas vezes no sentido do arrocho, ficando sempre livre a lascivia.

Assim os attentados contra a honra não podendo ser cohibidos pela lei, a policia os pune por sua conta, com o recrutamento, investigando despoticamente do facto.

Assim os mais fortes réos deste attentado, por meio destes processos *verbaes* e extra-legaes, casam violentamente as suas victimas com os mais fracos, á quem imputam o crime, e que podem ser recrutados.

Assim o que ha de mais charo e respeitavel n'uma sociedade moralisada, o pudor, sem guarda, e no estado da lei natural, a moral publica, se não pôde sustentar; e ainda muito fortes temos sido em termos resistido tanto tempo ás ultimas consequencias a que nos deveria ter levado o enthronamento da concupiscencia; e isto devido ao unico e desgraçado recurso de que tem-se usado, isto é, o assassinato; e onde elle não se usa, como na capital do imperio, vê-se o escandalo nos fructos da livre libertinagem, a grande e geral prostituição.

E não é sem grande proveito para os corcundas um tal effeito, porque, é sabido que o povo que mais presa e acata o sentimento da honra, que mais respeita o pudor, é o mais capaz da liberdade, porque é o mais moralisado, e onde o pudor desce, o despotismo ganha o seu imperio. E vêde a Roma livre de Lucrecia, e vêde a Roma escrava de Messalina. E vêde a Hespanha de Isabel, e vêde a Inglaterra de Henrique VIII, e vêde ao contrario destes os Estados-Unidos.

E ainda ha mais que isto, deixou-nos preparados o reinado de D. Pedro, esquecêdo em seu codigo este crime entre as pessoas do mesmo sexo. Até hoje felizmente a infame lascivia não tem chegado para todas as partes do imperio como na sua capital, onde chega a torpesa e a impudencia á ponto de se conversar muito de agrado nestas infamias como cousa muito licita, ou costume contra que não ha mais reprehensão, nem motivo para o moço ou o velho córar.

E que mais podiam querer os corcundas com o seu codigo assim tão liberal para a devassidão? Podem homens que assim se corrompem desde a infancia ser mais nunca

capazes de sustentar o brio e seu posto de honra na defeza das liberdades publicas que nos foram dadas assim tão presas ?

Eis-ahi porque D. Pedro nos deu um codigo tão liberal, assim como nos déra uma constituição liberal, porque em ambos deixou o germen da destruição das mesmas liberdades, as quaes não podia elle dizer : « não as dou ». Na constituição deixou os Portuguezes Brasileiros, que nos continuaram a governar e nos corromperam ; no codigo o capitulo da libertinagem, que ou aniquilla a honra ou faz os homens assassinos.

A regencia, porém, poz mãos á sua grandiosa tarefa, que em verdade a fez grande para a sua situação dependente de quem tinha recebido o favor da independencia, da liberdade e da propria abdicação, em vez de compra-las por seu esforço e por seu sangue.

XII

A REGENCIA LIVRE.

Sendo a abdicação em 1834, a regencia logo armou soldados brasileiros em defeza da liberdade e da patria, instituindo a guarda nacional.

Era o primeiro passo que visaram a guardar a liberdade, que os corcundas estavam de pé, à espreita da occasião opportuna a lhe dar o golpe. Instituida a guarda nacional estavam armados os Brasileiros, pensavam estes, para defender as liberdades que fossem instituidas, fazendo a realidade da constituição que nos punha na dependencia dos corcundas.

E a propria lei da guarda nacional era tão livre que para ella os guardas nomeavam os officiaes subalternos e inferiores, e estes os superiores.

Em seguida fizeram a lei criminal, punindo assim os importadores de Africanos como os que os compravam, e como a todos que de qualquer modo concorriam para o trafico da carne humana. Era este o meio de fazer exequivel a convenção de D. Pedro com a Gran-Bretanha, extinguindo o trafico, convenção feita havia já cinco annos, sem que no paiz houvesse até então alguma lei que reprimisse aquelle trafico, no que tiravam grandes lucos os amigos de D. Pedro,

senhores sempre do commercio, com que se enriqueciam para se fazerem mais fortes em seu apoio, o que era tolerado e mais que isto patrocinado por D. Pedro.

Não podia com effeito um paiz que queria ser livre tolerar tão infame trafico, devia começar por extingui-lo, para cuidar com prudencia depois na manumição dos escravos.

A escravidão é um principio ruinoso de uma boa educação, e peor ainda no estado que gosa de instituições livres, porque os costumes da escravidão corrompem os costumes livres, e concorrem a tornar o povo incapaz da liberdade. Em quanto o povo não se governa, mas é governado por um rei absoluto, como nós o eramos pelo rei de Portugal, a abjecção dos escravos não o corrompe, porque esta instituição miseravel nem é obra sua, nem elle tem algum poder para destrui-la ; mas desde que o povo se governa livremente, não pôde conservar sem perigo de sua liberdade e de sua moralidade tal instituição.

Por isto a lei da regencia *livre* reprimiu rigorosamente o trafico, já existente como contrabando, e sem repressão alguma no imperio.

No anno seguinte os livres sob a regencia ainda continuaram a sua obra em favor da liberdade, e instituíram o código do processo criminal, obra inteiramente livre, e que só podia dar valor ao código criminal de D. Pedro, porque pelo código do processo, tal como elle foi feito sob a regencia, todos os direitos e liberdades do cidadão estavam garantidos em sua pratica pelas livres formulas do código do processo. Basta dizer-se que eram as autoridades policiaes, as quaes formavam o processo dos indiciados em crime, os eleitos do povo ; e os que os pronunciavam, os proprios jurados, em conselho prévio de grande numero, que se chamava — jury de accusação.

Dous annos depois foi creada ainda pelos livres sob a regencia, a reforma constitucional, para o que foi convocada uma constituinte, embora não com as formulas prescriptas na constituição de D. Pedro. Os nossos liberaes são assim : sabem preterir as formulas quando governam, em busca de seus fins ; fóra do poder de tudo cedem, com tudo transigem para subir, com tanto que não exponham sua vida e seus commodos para conquistar a liberdade pelo

único meio que o é concedido á um povo : o tributo do sangue.

Por estas reformas constitucionaes, conhecidas com o nome de acto adicional, foram creadas as assembléas provinciaes substituindo aos conselhos de provincia.

Com estas assembléas, como ellas foram creadas, as provincias eram quasi estados federaes e confederados pela constituição. Foi ainda um grande passo em favor da liberdade, porque as provincias podiam-se em grande parte governar por si mesmas, ficando só no que diz respeito aos interesses communs dos Brasileiros, sujeitas ao centro governativo.

Pelo acto adicional ainda um grande passo foi dado em favor da liberdade, porque elle extinguiu o conselho de estado da constituição de D. Pedro, destruindo assim esta amarra que prendia todos os governos, este governo permanente sahido da simples vontade do monarcha, sem intervenção nem participação da opinião publica.

Foi tudo isto até 1834 e foi o principal para estabelecer o reinado da liberdade, o quanto possivel, ou se o era possivel, com a corrupção que o governo de D. Pedro, livre pela theoria ou pela constituição, ora despota ora demagogico, havia plantado no paiz. Não obstante muito ainda havia a fazer, no sentido de garantir a liberdade do paiz, já quanto á medidas legislativas, já quanto á pratica do governo livre, que tinha muito que destruir e combater os vicios plantados pelo dominio corcunda, e por sua influencia mesmo fóra do poder, pois já vimos como eram os primeiros do paiz, os mais ricos e mais bem collocados nas principaes posições ; e não era possivel a dominação dos livres, ganha por meio de uma transacção com os moderados e com os corcundas, não era possivel esperar delles um golpe que destruísse as vantajosas posições em que estavam os corcundas, de fazer mal á causa liberal, á causa brasileira.

Mas nem com o exemplo, nem com a pratica, nem pelos meios legislativos poderam os livres dar mais um passo em favor da liberdade, porque mesmo tudo o que já haviam feito começaram a ser embaraçado pela força e influencia dos corcundas, que passados os primeiros annos de apparente abatimento, começaram a surgir ousados, appellan-

do para a volta de D. Pedro, e ousadamente levantaram a bandeira escripta com a palavra que tomaram por symbolo de sua fé politica, a palavra— REGRESSO. —

XIII

O PARTIDO REGRESSISTA.

Desde então o partido livre teve de lutar com immensas difficuldades que se levantavam. Desde que o principal vicio de nossas instituições estava plantado e desenvolvido durante o reinado de D. Pedro,—os nossos inimigos, inimigos de nossas liberdades, feitos concidadãos,— todo o remedio, todo o meio para consolidar e praticar as liberdades outorgadas pela mesma constituição, seria inutil e prejudicial, origem de uma luta desigual, com inimigos collocados em lugar de irmãos e em posição e com meios de atrahir para o seu lado, de boa e de má fé, á muitos dos nossos ; seria finalmente uma fonte de corrupção, de immoralidade, de anarchia, de licença, em vez daquellas queridas liberdades que em vão procurava por meios tão improficuos.

Desde que os poderes constituídos não tiveram força para cortar este vicio da constituição, admittido pela transacção que lhes havia dado o poder, os nossos inimigos depois que descançaram e augmentaram a força que nunca haviam perdido, tomaram azo para levantar tão violentamente a bandeira do —REGRESSO.—

E, como pelas suas posições nunca perdessem a sua real dominação, o odio do povo contra os Portuguezes nunca cessou, e antes cada dia mais se desenvolveu.

Assim o povo era livre pelas instituições que os seus representantes na regencia lhe havia dado, mas estava sob a real influencia e dominio dos Portuguezes. Assim em vez de seus representantes destruirem este vicio, o povo por suas mãos em diversos motins, em diversas provincias se levantava para *matar marinho*, e se manchava, corrompia e enfraquecia nessas horriveis carneficinas sem resultado nem principio algum politico, que só produzem o effeito de torna-lo incapaz da liberdade, e o prepara para a escravidão.

Por outro lado os corcundas tambem se levantaram, e neste mesmo Pernambuco sustentaram por muito tempo uma luta de emboscada dentro de nossas matas, a favor de D. Pedro e com o fim de desacreditar o governo livre da regencia e esperando a volta de D. Pedro.

Isto não foi tudo porque uma revolução muito séria se levantou no Rio Grande do Sul, e se constituiram os seus filhos em republica independente do Brasil, cansados e desenganados de que não podiam gosar da liberdade sob o dominio de uma constituição que fazia seus concidadãos e senhores, a seus inimigos.

Assim tivemos abriladas, setembrisadas, Carneiradas, guerra de Panellas, Sabinadas, Vinagradas, e outros muitos movimentos anarchicos, todos effeito do vicio radical de nossas instituições, e da fraqueza de nossos representantes que não tinham a coragem de corta-lo. Tivemos finalmente o muito sério embaraço da guerra do sul que durou muitos annos.

Todos estes embaraços atou as mãos da regencia livre, que não pôde plantar no paiz a pratica das liberdades, reprimindo os motins com muita difficuldade onde elles appareciam, e nunca procurando curar do mal em sua causa efficiente.

A liberdade de que este povo não podia uzar, cansou á muitos dos mesmos livres que se fizeram corcundas, daquelles mesmos, que haviam padecido martyrio em 1817 e em 1824.

E' assim que Pernambuco, usando e abusando dos poderes dados ás provincias pelo acto addicional, começou a destruir as suas proprias liberdades, creando a lei dos prefeitos nomeados pelos presidentes, e com as attribuições dos juizes do paz de eleição popular. E' assim que o processo sabiu da autoridade popular, e passou para a autoridade do governo.

Creou tambem a lei da guarda nacional com nomeação dos officaes pelos presidentes, em lugar dos officaes eleitos pelos guardas.

E' assim que quasi todas as outras provincias imitaram logo a Pernambuco no exemplo do *regresso*, porque partia da autoridade e não corria o risco do *incommodo* e do *deramamento* de sangue, como não a souberam imitar quando

ella derramou o seu sangue pela conquista da liberdade. Não era preciso mais para cançar e despobular a regencia livre e ver os corcundas, o partido regressista tomar de emboscada o poder.

XIV

AMEAÇA DOS CORCUNDAS E QUEDA DOS LIVRES.

Nunca foi combatendo de frente a liberdade, mas sim enredando e servindo-se dos livres, que os corcundas a tem destruido. Até mesmo quando proclamavam o regresso tão desejado e sempre pelos Portuguezes desde a independencia, elles o fizeram servindo-se dos Brasileiros e dos que haviam sido mais livres, os primeiros a se fazerem corcundas quando a liberdade em seu abuso dá na licença e produz a desordem, porque são os mais livres os mais amantes da ordem.

Os corcundas tem opposto em toda a parte do mundo a palavra ordem á palavra liberdade, porque para elles a ordem consiste na obediencia passiva ao poder que faz a lei, sem participação da opinião e vontade popular, e a execu-ta segundo seu arbitrio e caprichos, e a liberdade é a anarchia e a desordem. Mas para os homens livres a liberdade só é querida porque ella é quando um povo já a sente o unico meio capaz de produzir a ordem ; porque a ordem não é esta obediencia aos caprichos dos tyrannos, mas sim consiste na harmonia das relações entre os cidadãos, e esta só se póde dar quando os direitos são definidos pela lei confeccionada pelos representantes do povo, que, delles sahindo, não podem procurar o interesse dos senhores, e quando os executores dessa lei sahem mais ou menos directamente da expressão da opinião.

Assim amparados, os corcundas com os livres uns dos chamados exaltados, e a maior parte dos moderados, daquelles proprios que foram os instigadores da infame transacção com a abdicação, tiveram a coragem de ameaçar pela violencia a queda da regencia livre.

A imprudencia do padre Feijó, então regente, a imprudencia de aventar a idéa do casamento do clero por proposição que seria feita á Santa Sé, produziu grande escandalo neste paiz iminentemente catholico ; e disto soube-

ram-se aproveitar bem os corcundas e fazer arma de excellentemanejo, e a revolta ia apparecer.

A' Feijó não faltava coragem nem apoio; mas, homem tão livre quanto generoso e cheio de abnegação, não quiz dar lugar a derramar-se o sangue brasileiro, visto que o alarido era, não contra as instituições livres, era contra a sua pessoa. Em uma palavra, Feijó era do Sul, e naquellas paragens os homens não eram affeitos a ver derramar-se o seu sangue; antes ao contrario, diante do horroroso espectáculo que lhes trazia tal idéa, sempre tudo cederam aos corcundas á preço de miseravel partilha que sempre acceitaram delles.

Feijó por tanto demittiu-se antes de terminar o tempo para que havia sido eleito. O seu desinteresse e honradez não o deixou ver que elle era um dos mais distinctos membros do partido livre, um dos mais dedicados defensores da liberdade, e que era contra esta a guerra que faziam contra a sua pessoa.

Os corcundas por tanto venceram, puderam vencer a eleição que elevou á regencia Araujo Lima, com o proposito de destruir todas as nossas liberdades conquistadas durante o dominio dos livres, Araujo Lima, hoje marquez de Olinda, chefe da *liga* actual.

XV

A REGENCIA CORCUNDA.

Desta epoca, a mais notavel nos annaes de nossa desgraçada historia, nós temos caminhado sem interrupção alguma na obra da destruição de todas as nossas instituições livres, da morte da liberdade.

Tem sido os obreiros desta obra nefanda os proprios filhos da liberdade, os proprios livres attrahidos ao partido dos Portuguezes, ao partido corcunda, por differentes motivos, entre elles os ignominiosos, mas em geral ou na sua maioria, por terem visto no governo da regencia e sob as instituições livres que ella nos deu, por terem visto nesse governo, o desregramento e a licença, que não podiam convir aos homens livres e prudentes, que só são livres porque querem a ordem. E tem sido os obreiros desta obra os livres tornados corcundas, e sómente os livres, porque não

achareis nem entre os antigos, nem entre os modernos, corcundas, algum que não tenha sido livre.

Mas estes homens assim prudentes para não quererem a liberdade fóra da ordem que nunca foi liberdade, imprudentes e irreflectidos foram e muito imprudentes, quando, sem procurar a causa do desregramento do governo da regencia livre, tomavam que eram ellas aquellas leis organicas que conferiam tantas liberdades ao povo que lhes pareceu ser incapaz de as gosar. E logo juraram destrui-las todas, como o tem feito, chamando sempre novos liberaes em seu apoio.

Se reflectissem sériamente veriam—que com elementos heterogeneos não se pôde formar alguma combinação, que sem combinação não ha harmonia, que sem harmonia não ha ordem. Não pôde haver ordem na sociedade com elementos heterogeneos, ou tenha tal sociedade instituições muito pouco livres, ou se governe pelo principio do absolutismo. E ahí vêde na sociedade brasileira que nós não temos mais ordem depois que tem sido destruidas nossas instituições as mais livres do que quando as tinhamos; que quanto mais ellas são destruidas, mais desordenadamente somos governados, se não se quer chamar ordem á obediencia passiva a todos os caprichos, despotismos e ladroeias dos senhores. Porque o homem prudente só vê a ordem na garantia do direito, na execução da lei. No entanto que quem tiver qualquer noção do que se passa no mundo, reconhecerá que não ha paiz civilisado onde o direito e a lei sejam mais despresadas do que no Brasil.

E se os nossos livres prudentes, que passaram á corcundas, tivessem no tempo da regencia livre estudado sériamente os nossos negocios, a propria historia contemporanea, teriam visto que os dous elementos mais heterogeneos que se podiam dar, existia como existe, e agora sem mais remedio de desaparecer, existia no nosso povo, e dous elementos heterogeneos que deu lugar á circumstancias heterogeneas nas nossas instituições.

E com effeito, como se poderia nunca, de qualquer fórma que procurassemos governar-nos bem, como era possivel consegui-lo, se nós, desde que nos constituimos um povo, o somos composto de Portuguezes e Brasileiros, isto é, de dous inimigos que só deixaram de o ser, quando dos

Portuguezes passou o dominio á miseria e á corrupção ? Se um se constituia senhor, e o outro se presumia livre ?

O que é que nós queríamos quando reclamamos a independencia ? Era ficarmos independentes de Portugal.

Porque ?

Porque os Portuguezes nos governavam, e nós queríamos a independencia, porque nos julgavamos capazes de nos governar por nós mesmos Brasileiros.

E porque preferíamos nós governar por nós mesmos ao sermo-lo pelos Portuguezes ?

Porque elles nos governavam mal. Porque nós eramos como seus escravos, todas as autoridades, todas as posições nesta terra, eram delles ; todos os meios de ganhar fortuna por um monopolio que nos espoliava de tudo, como só deixou de existir inteiro, quando passou á meia duzia de velhacos, tudo era delles. E elles exerciam sobre nós seu poder, sua pressão, de modo doloroso á não nos deixar respirar.

Ora fizemos nossa independencia para nos livrar delles, mas todos os que estavam no Brasil com todos os seus postos, posição e riquezas, e todos os que aspiravam á ellas, foram considerados cidadãos, e como cidadãos ficaram nos seus postos, nas suas posições, concidadãos inimigos com as suas riquezas para usar contra nós, assim como os aspirantes inimigos tambem.

Em que consistiu por tanto a nossa independencia, se ficamos sempre sob o dominio de nossos antigos senhores, de todos sem excepção. Ficamos ainda em peor estado, ficamos mais escravos, porque, sendo elles os primeiros cidadãos, unidos todos pelo interesse de nos locupletar, odiaram-nos mais do que d'antes, porque as instituições livres punham embaraço ao exercicio de seu dominio ; por que sendo elles em menor numero, e pelas instituições livres dependendo o governo da vontade da maioria, foram elles logo inimigos dessas instituições e dessa maioria que poderia tudo tirar-lhes.

Eis-ahi um povo composto de dous elementos inimigos, uma parte numerosa, pobre e fraca, outra rica, poderosa e forte, não só por sua posição, como em principio da constituição do imperio, e durante nove annos, com o apoio exclusivo e a descarada protecção do imperante.

Em verdade se os Brasileiros se haviam sujeitado á imposição da constituição de D. Pedro depois d'elle ter desconhecido a soberania da constituinte, a ponto de dissolve-la com violencia, é claro que este povo não era soberano, não podia ser livre, não podia gosar de alguma instituição livre, nem podia fazer bom uso da que tivesse, em quanto não renunciasse á obra do principio, reconquistando a sua soberania, formando a sua constituinte. Assim não tendo feito, imbecilidade foi do governò da regencia lembrar-se de crear mais e mais livres instituições, para um povo escravo ainda de seus senhores, que nunca deixaram de o ser,

Porém se mal acertada andou a regencia livre creando instituições livres para um povo escravo e que não seria com ellas que se libertaria, porque seus senhores sempre estavam senhores, mais mal acertados ainda andaram os livres que passaram-se para o partido dos senhores por não verem naquellas instituições o effeito que se esperava, a ordem ; porque esta nunca poderia ser encontrada em um povo composto de duas classes de cidadãos assim tão inimigas. Prudente seria por tanto que destruíssem a causa efficiente do mal, e depois disto se constituíssem com as instituições de que nos julgassem capazes.

As muitas transacções que desde a independencia até então tinham feito os Brasileiros em busca da liberdade sem sangue e sem trabalho, podiam ser effeito ou da imbecilidade ou da incapacidade. Mas se nós estudarmos a nossa historia com calma e reflexão, acharemos que não foi por incapacidade que fizemos taes transacções, mas sim que se transigimos com D. Pedro para termos a independencia sem sangue, transigimos com a sua constituição *portuguesa* para termos a liberdade sem sangue e sem trabalho, transigimos com a abdicação, para nos governarmos sem trabalho nem sangue sob a regencia que iamòs ter, foi tudo devido ás manhas e ardis dos corcundas. E, conhecido isto, podiam os livres que se fizeram corcundas tratar dos fructos que a abdicação nos podia dar, e dos Portuguezes.

Ese a maioria dos Brasileiros reconhecia que elles eram incapazes da independencia e da liberdade, então tivessem ao menos a coragem de proclamar-se subditos de Portugal e escravos de seus senhores, como com acerto o fizeram

ha pouco os negros de S. Domingos com a Hespanha. E isto ser-nos-hia então facil, como sempre nos é, porque á isto não se oppõem os Portuguezes, e nós só não podemos fazer aquillo á que elles se oppõe. E isto tanto mais era, como é melhor, porque independencia de Portugal com os Portuguezes senhores, liberdades escriptas em uma pagina e destruidas n'outras, é peor escravidão, porque é sermos escravos acreditando-nos livres, tendo de soffrer por isto para nos sujeitarmos á mais duros tratos e pela corrupção.

Reconhecendo porém em Portugal nossa metrópole, nos Portuguezes nossos dominadores, nossos senhores, não ha mais em seu espirito receio contra nós, é seriam melhores senhores, lhes serviríamos de bom grado e de bom modo, e elles nos tratariam então como bons e humildes escravos, que lhes não disputariam a posse pacifica e feliz goso que tinham desta terra. Hoje sendo tudo nesta terra presa da miseria e da corrupção, acontece que não ha quem mais se lembre do dominio portuguez que já se fôra ; uma voz mais que se ouça contra o seu poder, passado aos que, de seus feitores, passaram á infames senhores. Falta-nos porém ainda uma cousa, e é que, mortas, como estão, todas as nossas liberdades pela pratica e por innumeradas leis que as tem destruido, sendo a causa de todas as nossas desgraças nesse estado de humilde posição de obedientes escravos em que vivemos, sob o dominio constante de Brasileiros concundas feitores dos Portuguezes, sendo causa constante de todas as nossas desgraças essas formulas constitucionaes e de povo livre, todas infamemente mentirosas e corruptoras, — tudo isto deve acabar, para ser completa a obra. Já que não sabemos ou não podemos governar-nos livremente, já que todos os que eram de diferentes partidos proclamam que este povo não está em estado de eleger por si seus representantes senão os que o governo manda, deixemo-nos desta infame pratica de corrupção representativa, em que o povo não tem parte alguma. Seja antes o imperador com o seu conselho, do que a assembléa geral feitura da compressão da policia, da corrupção do governo sobre o povo.

Com imperador Portuguez, com povo livre Brasileiro, com Portuguezes inimigos concidadãos, com imperador despotico e rancoroso contra nós por querermos a liberda-

de, com a constituição liberal, com transacção para a independência, para a constituição e na abdicacção, que governo poderíamos ter na regencia ?

XVI

CAUSA DOS MALES DA REGENCIA LIVRE.

O povo do Brasil independente fôra educado na escola de D. Pedro que o excitava á demagogia, exaltando seus sentimentos livres, e seu odio contra os Portuguezes, pelas constantes proclamações de D. Pedro que abi estão na nossa colleção de leis, nas quaes o heróe do Ypiranga tratava os Portuguezes como inimigos dos Brasileiros, e os carregava de todos os ápodos e os accusava de todos os crimes contra a nossa soberania ; desse mesmo D. Pedro que, uma vez proclâmado imperador, faz destes mesmos Portuguezes nossos concidadãos, e lhes dá todas as posições e fontes de fortuna para reprimir-nos desses actos de anarchia e licença á que nos excitára e acostumára, para nos opprimir contra os nossos justos sentimentos livres.

E' este mesmo povo ainda depois, quando D. Pedro é ameaçado de expulsão, acostumado por elle, para captar nossa benevolencia, é excitado novamente por D. Pedro, que novamente se fez demagogo levando ainda o povo á licença.

Durante o dominio de D. Pedro em quanto desassombrado, o povo viveu sob instituições livres, e sob o dominio despotico de D. Pedro e dos Portuguezes.

A liberdade escripta era por tanto uma mentira durante este dominio desassombrado de D. Pedro e dos Portuguezes, a liberdade pratica é a licença e a immoralidade durante aquelle dominio nos tempos em que D. Pedro carece do povo e o lisongea e excita. Em todo o caso é a corrupção do povo, é uma escala da liberdade corrompida para o tornar incapaz de gosar a liberdade, é sempre ganho para os corcundas.

E tem sido sempre este o systema dos corcundas, soltar o povo á liberdade, permitti-la, excita-la, quando temem d'elle a revolução em favor da liberdade, para corrompe-lo e enfraquece-lo, como fizeram os corcundas por meio dos liberaes de 1844 a 1848, e depois pode-lo chamar á or-

dem dos corcundas, á compressão, á tyrannia e á tyrannia sob o amparo de uma constituição livre, que não pôde dar-se por tanto senão pela corrupção.

Pôde um povo conservar-se de sentimentos livres e moralizado, sob o governo absoluto na fôrma e na pratica, e assim adquirir força bastante para conquistar a liberdade por si, e ter assim capacidade para livremente e com moralidade governar-se. Mas viver sob o regimen liberal, constitucional, e ser governado despoticamente, por um senhor como um conquistador, e por um exercito de espoliadores estrangeiros, viver depois illudido e lisongeadado, depois de assim, antes do despotismo liberal, já ter sido tratado, este povo necessariamente se corrompe e faz-se incapaz de governar-se livremente; os homens mais livres, se sabem com calma amar a liberdade pelo amor da ordem, estes homens são os primeiros a julgar tal povo incapaz da liberdade.

Elles não indagam a causa de um tal estado de incapacidade, nem os nossos tem estudado que ella vem dos proprios inimigos da liberdade; pensam ao contrario que vem da propria indole do povo, o qual ficam logo crendo que não pôde passar de besta de carga e ser governada á verga de ferro. E' assim que os nossos livres se tem feito saquaremas, isto é, corcundas.

Mas quem com calma, só estudando os nossos factos, sem carecer de recorrer á historia estranha, não vê que os povos se fazem dignos, capazes ou incapazes da liberdade, segundo se moralisam ou corrompem?

Quem não vê que não nos podiamos sustentar moralizados, sendo nossos inimigos os nossos dominadores, rezeiros que nos libertassemos delles, e governando-nos, por necessidade, por uma constituição livre, de que eram tambem e egualmente inimigos?

Assim, ora a demagogia e a licença em nome da liberdade da patria e da independencia, ora o despotismo sobre o povo para chama-lo á ordem, a protecção á elevação, todos os meios de engrandecer e enriquecer á custa de nossa exclusão, ao seu exercito de amigos estranhos, de novo a licença e a anarchia, tudo nos não podia ter moralizado para a livre regencia. E não só isto, e mais accrescia a posição dos Portuguezes que na regencia tanto poderam

com ella fazer para pôr todo o embaraço ao goso pacifico das liberdades que por ella nos foram dadas.

O que é por tanto que de moralisado podia a regencia dirigir e ordenar á um povo assim cançado que passava ao goso de novas e tão livres instituições, quaes as assembléas provinciaes, os juizes de paz, policia, e official da guarda nacional eleita etc. etc. ?

Um povo sahido assim da licença, e de semelhante despotismo sob livres instituições, para a pratica e goso de instituições ainda mais livres, não se podia mostrar logo digno pratico de taes instituições, tão proximos da escola da corrupção e da anarchia, e tendo sempre sobre si seus inimigos sempre corruptores, sempre grandemente influentes mesmo fóra do poder. Seria preeceiso mais tempo, e sempre com a condição de destruir, não os seus inimigos e Portuguezes, que elles não eram em numero para soffrer combate leal e a destruição seriam scenas de selvagem carnificina como muito se deu ; mas com a condição de destruir a sua influencia, tudo commettendo para deixarem de ser cidadãos brasileiros os que haviam sido nossos inimigos e de nossa independencia, isto é, todos com rarissimas excepções.

Mas nada disto viram os Brasileiros que se fizeram corcundas com o principio do regimen liberal. Viram nos Brasileiros que não sabiam logo gosar, debaixo de toda a ordem e legalidade, dos dons de tão charas liberdades, nestes Brasileiros ainda então aprendizes das instituições livres, nos Brasileiros ainda hontem sahidos da escola do dominio de um despota demagogo e velhaco, viram no povo brasileiro incapacidade de se governar livremente ; e para logo taes homens que assim pensaram se arrependiam de ter pertencido ao partido liberal, e encaminharam-se logo para o regresso, e dizendo-se não obstante e sempre liberaes, porque entre os corcundas ha uns que se dizem liberaes de si mesmos, contra a liberdade dos outros, e outros taes se dizem porque, havendo abraçado a liberdade para nella achar a ordem e não a encontrando, vão procura-la n'outra parte, pensando te-la encontrado quando acham a ordem dos corcundas.

E não viram ainda que este povo tanto era digno da liberdade que elle, ainda assim despojado della depois de a

der e bem armados os corcundas. Esperar pouco tempo que faltava ao regente para terminar sua missão, também para isto não tiveram paciência. Fizeram louca e desgraçada revolução d'onde só a cegueira, a ambição, a imprudência, pedia ver apoio e proficuidade para seus principios. Apadrinharam a revolução com o nome do principe, do principe menino, então de quinze annos, porque nisto viram uma garantia para os corcundas não se animarem a resistir. Foi como a revolução da independencia, que não se animaram a fazer por si, acceitaram o apoio e direcção de um principe para poupar a luta, e tiveram della por fructo o mais miseravel sophysma e irrisão. Foi como a revolução da abdicção, foi ainda uma transacção desgraçada, miseravel liga.

" Da revolução da maioridade que podiam também esperar, e depois das primeiras lições ?

Da primeira vez o imperador valeu-se de sua posição para fazer dos corcundas (os Portuguezes) cidadãos, e collocou-os em posição de para sempre dominarem.

Da segunda os Portuguezes Brasileiros nossos inimigos souberam tirar as intrigas e embaraços que produziram corcundas liberaes para depôr Feijó e elevar Araujo Lima, o chefe da liga actual. Agora com a revolução da maioridade, já estavam os corcundas altamente collocados, bem constituídos, fortes e ricos, e já não eram sómente os Portuguezes.

Elles não resistiram á maioridade, respeitaram o nome do imperador, por tanto não podiam incorrer em o seu desagrado.

Não podia o imperante sustentar no poder esse partido liberal e revolucionario, porque pelo facto daquella revolução não podia o imperante ver nella a expressão do paiz, a adhesão da grande maioria aos principios liberaes, pois que essa revolução foi feita sómente na cõrte, e com a força, não do partido, mas sómente com a força moral do nome do proprio imperante. Esta por tanto não podia ser a expressão do paiz nessa revolução que não soffreu resistencia do governo sómente em respeito do seu proprio nome com que se haviam apadrinhado os homens da revolução.

Não durou por tanto o governo da maioridade, do partido liberal nem um anno, e o soberano achou mais prudente chamar os homens que sabiam mais respeitar seu nome do que conservar os que fizeram delle jogo politico; que aquelles souberam com tactica e velhacaria se ensinuar no seu animo, como homens ordeiros, que, tinham sido tão incapazes de o elevarem ao throno antes de tempo, como capazes seriam de sustentarem-no nelle uma vez posto.

XVIII

PRINCIPIO DO REINADO DE PEDRO II.

No poder novamente os corcundas, e escudados na confiança do throno, á quem souberam inspirar a crença no seu amor á ordem e instituições do paiz, então é que foi lavar em cheio.

Pouco mais de um anno havia que descarregaram o golpe de clava no acto adicional, com a lei de interpretação, que reduziu as assembléas provinciaes á nullidades.

Os liberaes da maioridade não tocaram nesta lei, deixaram-na intacta, como desde então sempre deixam as leis com que os corcundas destruem as liberdades publicas.

Nem elles tiveram tempo para tocar em cousa alguma, pois apenas sete mezes estiveram no poder em que desde principio se sentiram já mal seguros.

Seu unico reinado e, ainda assim, de transacção, foi durante a regencia livre. De então para cá fizeram os corcundas inculcar no animo do imperante ainda a crença de que os liberaes eram anarchistas, ambiciosos, sem fim algum politico mais do que turvar as aguas, ameaçar para ganhar as posições; e o imperante foi vendo nos liberaes muita prova desta imputação.

Não teve o imperante quem lhe dissesse que os livres tiveram sómente o erro, mas o grande erro de transigir com seu pae, duas vezes, de transigir com o seu proprio nome, por amor de conciliar a aquisição da liberdade com a maior paz, evitando a effusão do sangue brasileiro; não teve quem lhe dissesse que os liberaes do imperio, pacificos de mais, não tendo tido a escola de Pernambuco, não sabendo quanto deve custar pouco aos livres conquis-

tar a sua liberdade pelo preço de seu sangue, e achando logo desde o principio quem lhes offerecesse independencia e liberdade sem o sacrificio deste tributo, acreditaram na efficacia desta mentira, e por ahi começaram a corromper-se ; não teve quem lhe dissesse que os liberaes, educados assim, sempre pacificos, tiveram de sustentar uma luta desigual contra a guerra tenebrosa que nos faziam os Portuguezes, nossos inimigos constituidos nossos irmãos, nossos concidadãos os mais poderosos.

Assim o imperante, desde o principio de seu reinado educado com estas prevenções contra os livres, teve necessariamente de olha-los como inimigos de seu throno, dos direitos de sua corôa, como anarchistas ambiciosos ; e para as suas idéas de liberdade, como pretextos dos ambiciosos para se locupletarem anarchicamente do poder.

D'ahi veiu que os liberaes, como a bananeira que produz um só cacho, deram o seu primeiro e ultimo fructo durante o seu governo na regencia, e dahi para cá morreram de facto, embora o echo de seus gritos se tenha feito ouvir algumas vezes para só darem lugar aos corcundas os escarnecer e a tomarem sempre medidas de maior repressão e compressão dos sentimentos dos que nunca souberam ser livres.

Assim os corcundas no poder, depois da queda bem merecida dos livres da maioridade, foram buscar suas picaretas e machados, conservados ainda limpos, que não tiveram tempo de embotar seus gumes, e recommçaram com furor, soffreguidão e confiança a sua obra de destruição.

XIX

REVOLTA DE MINAS E S. PAULO.

Assim montados e dispostos, dous tremendos golpes logo descarregam os corcundas nas queridas liberdades, com as leis da reforma e do conselho de estado. Foi preciso descançarem um pouco, porque, depois que Minas e S. Paulo enviaram petições ao governo contra a execução de taes leis, as quaes petições não foram julgadas dignas de ser lidas ao imperador, estas duas provincias se levantam, quasi sem combate são vencidas, os homens

mais eminentes do paiz que figuraram nessa revolta são carregados de ferros, atormentados e deportados.

Desta vez Pernambuco não soffreu. Não acompanhou a revolta nem de modo algum se oppez á lei da reforma (*), quando pelo contrario já a tinha desde 1836, sendo a sua lei dos prefeitos copiada para o imperio, assim como a da guarda nacional de patente que só em 1850 passou a ser lei do imperio.

E' cousa singular, que deste Pernambuco ha de sahir sempre a idéa da liberdade, as primeiras e mais encarniçadas lutas por ella, assim como os instrumentos e os factos de sua destruição. E' a provincia onde o sentimento livre é o mais vivo, é aqui onde os corcundas vem produzir primeiro a reacção.

Aqui foi a revolução e o sangue dos martyres de 1817 pelas instituições democraticas, aqui a carneficina feita por nosso pae bemfeitor Pedro I, em castigo por termo-nos revoltado contra o dom de sua constituição. Destruida uma parte dessa constituição fazendo-se mais livre com as assembléas provinciaes, é de Pernambuco que sae o machado Araujo Lima, o primeiro que decepa uma das principaes liberdades conquistadas.

E' aqui que se faz a lei dos prefeitos, tirando-se a policia dos juizes de paz, a qual foi em breve convertida em lei do imperio, chamada das reformas, mudando o nome de prefeito para o de delegado.

E' aqui que se tira da guarda nacional a eleição de seus officiaes, e os presidentes das milhas patentes vitalicias, convertida logo em lei do imperio a nossa lei, sendo as patentes dadas pelo imperador, e ficando a guarda nacional como as antigas milicias.

E' aqui onde se hastêa a bandeira da constituinte, onde se morre tanto por ella, e pela conquista de todas as liberdades roubadas; é aqui onde vem Honorio negociar com os liberaes, onde promette tudo para a nossa imprensa calar-se, onde tudo consegue á titulo de beneficiar os livres; é aqui a primeira provincia que esquece todos os seus

(*) Na nossa assembléa provincial foi proposto pelo deputado Lopes Neto que se representasse contra essas leis; mais o visconde de Boa-Vista, presidente da provincia, embargou-lhe o passo e a proposta não passou.

principios livres, não obstante serem os liberaes guiados sempre por *chefes livres*.....

Depois da revolta de Minas e S. Paulo, depois de toda a perseguição, dirieis que era chegada occasião dos *saquaremas*, como se chamavam os corcundas desde então, darem em cheio. Mas não: suspenderam. O paiz inteiro soffria de indignação; a imprensa vomitava imprecações quotidianas contra o procedimento do governo que prendeu, algemou, deportou senadores e deputados; contra a lei da interpretação, do conselho de estado e das reformas. O estremecimento era grande, a ameaça tremenda, o perigo eminente.

O corcunda do Brasil é muito esperto: serve-se bem da occasião, aproveita o tempo, mas não o precipita, espera-o. Quando vê a tempestade, recolhe-se, dobra-se *ao impulso da corrente, como a erva, e quando ella passa se levanta*.

Diante do eminente perigo por tanto, os corcundas retiraram-se da scena e se collocaram por traz dos bastidores a dirigir os actores e a rir-se de escarneo, como em furiosa alegria e berraria tambem se riam de tolos e imbecis os liberaes, á quem cediam os corcundas o palco.

XX

DOMINIO DA PRAIA—LUZIA.

Os liberaes haviam subido só por sua força, pela immensa opinião do paiz que condemnava unisona o reinado dos corcundas, firmada toda a imprensa nos principios livres que sempre o foram desde o tempo da regencia livre, e eram estes o que lhes havia dado força para assim subirem fortes; subiram por medo que delles tiveram os corcundas, por que se lhes não cedessem o posto, a revolução seria certa e invencivel, e então os Brasileiros seriam donos de seu paiz, seriam de todo independentes e livres.

Mas os livres apenas no poder de todos os seus principios tão proclamados durante tantos annos e dos quaes alguns haviam causado a revolta de Minas e S. Paulo, os livres, logo calmos nas doçuras do poder, de todos se esquecem e foi contando com isto que assim os corcundas lhes haviam cedido o scenario para elles dirigi-los nelle.

E foi porque assim desde o principio deste dominio liberal os dirigiram os corcundas, foi por isto que os livres no poder assim se calaram ; e pozeram em olvido seus de-cantados principios, suas liberdades deste povo tão pedidas, porque os livres do sul não faziam grande questão disto, uma vez no poder, além de que eram ameaçados com os *praieiros* de serem apeados do poder, se em alguma cousa das promettidas ao paiz tocassem.

Eis-aqui o compromisso com que subiu o partido liberal ao poder, o resumo ou os capitulos de seus principios, de suas promessas, com que tanto embalaram este povo e de que se esqueceram para finalmente os enterrarem agora com o *progresso* : eram os seguintes os

Principios liberaes :

— Revogação da interpretação do acto adicional, para que as assembléas provinciaes tornassem ao que foram.

— Revogação da lei da reforma, para que o cidadão não estivesse na dependencia da policia do governo ;

Para que, ainda mais, essa policia não exercesse as funcções do julgador, que são do poder judiciario independente ;

Para que a magistratura não fosse em grande e na principal parte reduzida aos juizes municipaes, dependentes e instrumentos do governo, pelo seu caracter de temporarydade de suas funcções ;

Para que o jury não estivesse dependente do magistrado e da policia.

— Revogação do conselho de estado, para que não houvesse um governo permanentemente independente da vontade e da expressão do paiz ; para que o governo, sendo do paiz, fosse livre e não corrompido pelo conselho.

— Extincção da chibata do exercito e da guarda nacional. (*)

Não havia sómente fome de liberdade, já havia muita fome de pão.

(*) A' este castigo sempre esteve sujeita a guarda nacional quando destacada ; não foi lei que os saquaremas creassem como disto foram accusados. Foi um descuido que se deixou passar na primeira lei da guarda nacional, e de que se aproveitaram os corcundas e nunca a quizeram revogar e menos os liberaes quando no poder.

— O commercio aqui sempre monopolisado pelos Portuguezes, o que lhe deu em principio dinheiro e poder para crearem de Brasileiros o partido concunda que ao principio era só de Portuguezes ; o commercio expellia de seu gremio todos os filhos desta desgraçada terra.

— Era ainda exigencia e promessa do partido liberal :
A protecção ao commercio nacional. (*)

(*) E' a nossa lei *agraria* : só ainda não tivemos Gracchos, nem é mais de esperar por elles, abatidos e humilhados, como estão os filhos desta provincia, unica que tantas vezes tem suscitado esta questão, pois os das outras de ha muito que est o submissos escravos do imperio lusitano. E' a nossa lei *agraria*, e como a alludida foi sempre suscitada e debatida entre o povo romano até a sua queda, aqui a lei do commercio tem sido sempre agitada e batida pelos *patricios* brasileiros, que não são os chamados representantes do povo, mas sim (foram ; hoje não ha mais *patrios* e só miserias) os Portuguezes. Os nossos representantes são (toram) os seus libertos e clientes. Estes tem sempre tomado uma medidazinha em favor do commercio nacional, e esta mesma duas vezes instituida, tem sido duas vezes abolida.

Ainda agora que estas linhas accrescento á este paragrapho, está a nossa assembléa provincial cercada de tropa para os clientes dos concundas poderem com liberdade demonstrar que o nosse povo é incapaz de gosar de alguma posição no commercio, ainda mesmo a de caixeiro, para provar que o commercio monopolisado pelos Portuguezes traz mais bem aos consumidores, e mais vantagens aos cofres, e mais segurança á algum raro caixeiro brasileiro.

E porque a tropa ? Porque este povo que foi livre, é besta, e, ouvindo dizer que agora a liberdade nasce com a queda dos vermelhos, metem-se a manter a palavra aos oradores que fallam em seu favor, visto que o presidente da assembléa só a mantém aos inimigos do povo, permittindo-lhes que não deixem fallar aos outros.

Mantendo assim nas galerias o povo a palavra aos deputados *meio-livres*, o presidente contou que elles livremente podessem bem dizer o muito que ha sobre a lei do commercio.

Veio por tanto a tropa armada de fuzil e bayoneta abafar as manifestações espontaneas do povo. Todo o edificio, salas, galerias, portas, estão guarnecidas de bayonetas.

A maior parte do povo retirou-se com a maior parte dos deputados *meio-livres* ; porque aquella, como o resto que ficou, lá está muda e contida, não pôde mais sustentar os que defendem a causa popular, e aquelles não podem mais fallar, pois não tem quem os sustente.

O povo romano sustentava os oradores que defendiam a lei agraria : mas a tropa dos patricios vinha conte-lo ou mata-lo e á seus oradores. Mas nem o povo romano, nem os seus oradores fugiam ; os Gracchos morriam uns após outros, e morriam com o povo. Os nossos Gracchos fogem com seu povo.

Onde estás, ó liberdade, e a esperança de tua ressurreição ?! . . .

A industria nascente do paiz era suffocada pela concorrência estrangeira, e o trabalho dos industriaes não lhes podia dar o sustento. Era outra exigencia e promessa nossa :

A protecção á industria nacional, á industria do pobre, ás artes e officios.

— A agricultura já definhava na concorrência de seus productos com os de outras partes em que ella está tão adiantada ; e ainda mais era acabrunhada pelo commercio que absorvia em seu proveito todo o pequeno resultado della, com os juroes exorbitantes para pagar o qual ella não pôde produzir.

Era por isso e tambem de nossa bandeira :

Os melhoramentos que promettia o partido liberal á agricultura, sem o que teriamos de chegar ao extremo da miseria a que agora temos attingido.

O caracter que distinguiu sempre os dous partidos, liberal e corcunda, é o principio pratico de governar de cada um dos dous partidos, de receberem o pensamento ou a idéa de baixo para cima, do povo para o governo, ou de cima para baixo, do governo para o povo.

Era ainda finalmente principio e a summa de todos os principios do partido liberal, a plena liberdade da eleição, para que a representação exprimisse a vontade do paiz, e o governo, sahido das camaras assim eleitas, se dirigisse por essa vontade sendo della interprete ; e isto em opposição ao principio dos saquaremas ou corcundas, de ser dirigido o governo, do alto para baixo, da intervenção de governo na eleição, porque o governo deve ter um pensamento e assim deve dirigir a eleição, para ter camaras que apoiem o seu pensamento governativo.

Eram estes os principios liberaes com que subiram os liberaes em 1844, e ainda outras cousas muitas e ainda outros menos abraçados, ou de menor alcance.

De cima, os liberaes de tudo se esqueceram.

Não governamos, dizem elles, durante os cinco annos de nosso dominio, nada podemos fazer.

XXI

O DOMINIO LIBERAL NÃO INQUIETAVA OS CORCUNDAS.

Em verdade tinha que ver que governassem os liberaes depois de tantas transacções e cobardias suas e de tão bem

calculada politica dos corcundas ! Poderiam estes perder seu tempo e trabalho desde a independencia para perder a sua presa com o governo dos liberaes ! Que receio podiam elles ter dos liberaes, para temer delles que destruisssem a sua obra de compressão, sob o reinado do imperante que não podiam ver nesses homens senão os anarchistas de todos os tempos, os inimigos da ordem, os ambiciosos á todo o preço. Que receio podiam ter os corcundas dos liberaes, á quem em outras epocas sempre poderam vencer e delles zombar pelas infames transacções e tórpes ligas, quanto mais sob o imperio do nosso imperante educado com todas justas prevenções contra taes homens ?

De taes homens que sempre se submitteram ás imposições para lhes ser permitido gosar algumas commodidades sem trabalho, pensando loucamente pode-las perpetuar? E então, mais que nunca, que o proprio Pernambuco, que sempre recalcitou em acompanhar o imperio nessas ligas abjectas, desta vez viu sua deputação muda e submissa á imposição das outras irmãs ; e não só isto como esta propria provincia sugitava-se á imposições mais tórpes para mais a corromperem e mais a degradarem ? Por quanto não era bastante a prova que déra de seu servilismo e adhesão ao principio do regresso com a idéa e a creação da lei da reforma na provincia, e das patentes da guarda nacional ; porque não se fiavam nisto que era o resultado de uma surpresa da assembléa provincial, devendo-se esperar que taes actos seriam necessariamente destruidos cedo ou tarde ; era preciso mais que a corrupção chegasse ao povo, para se o poder bem abater, e depois humilhar e escravisar, como escravizados estamos.

Montado o partido liberal —*praia-luzia*— aquelle de Pernambuco, que representa o norte, este do sul, não se uniram ; porque os luzias esqueceram, renegaram de coração logo todos os seus principios, renegaram a revolução mineira, e por isto mereceram todas as boas graças e assim poderam governar e governaram ; a praia não se abateu tanto. Mas callou-se, soffreu cobardemente, esperando do tempo não sei que, por onde podesse arvorar de cima pendão que sustentou de baixo na sua imprensa. Mas em tal caso, foi antes a fraqueza do que a prudencia, antes cobardia do que silencio para não ser apeada do poder, do que

a virtude da paciencia ; pois Pernambuco nunca achou no sul apoio em seus sentimentos livres, que o fogo da liberdade daquellas paragens não passa da luz de um pyrilampo que se apaga tão depressa como apparece.

Como a nossa deputação não teve nem a coragem de romper com os luzias, nem o valor de renegar seus principios, aproveitaram-se de sua paciencia, e trataram de corromper esta provincia, para matar todo o sentimento livre, servindo-se de sua mesma deputação ; e foi o mais efficaz meio a imposição de dous senadores que nos mandaram, um todo estranho, o outro que só nos havia feito mal, e preparado o povo pela licença a ser mais depressa escravo.

XXII

FEITOS DO DOMINIO LIBERAL.

No adiantamento das idéas e dos sentimentos livres desta provincia, no seu animo bellicoso e independente, nunca ella pôde encontrar fraternisação nas provincias do sul, cujo atraso e moleza as constituem nossas rivaes, e orgulhosas rivaes, ostentando-se com seu animo pacifico, com sua superioridade em população e riqueza, com sua basofia de sabedoria e prudencia.

As lutas que Pernambuco tem sustentado em prol da liberdade, tem sido sem transacção nem condescendencia, pelo triumpho das idéas que este povo sente convir-lhe. A defeza porém assim da liberdade, sem modificação nem transacção com os concundas, só pôde ser feita em lutas sanguinarias ; e o sul do Brasil é muito sabio e prudente para não seguir e acompanhar os impulsos do norte revolucionario. Pouco sangue relativamente custaria a liberdade no Brasil, se todas as provincias se tivessem unido no só sentimento a que abandonaram sempre Pernambuco, e que abraçariam se isto não trouxesse a condição de derramar-se mais ou menos o seu sangue.

A liberdade sem transacção sendo porém sempre sustentada por Pernambuco sómente (*) nunca pôde trium-

(*) Quando fallo de Pernambuco, tratando da defeza da liberdade, ordinariamente se deve entender as cinco provincias que compozeram a capitania.

phar ; nós temos sido sempre derrotados, e dura, cruel, horrivelmente perseguidos.

Esta maldita provincia não tem podido ser domada, e os liberaes do sul tem perdido muitas vezes de gosar dos fructos de suas tôrpes transacções, e por muitos tempos, por causa de nossas constantes rebeldias.

Assim nós somos exaltados porque não transigimos com os corcundas, e o sul é moderado prudente e rasoavel, porque não podendo (diz-se) conseguir tudo, contenta-se com alguma cousa.

Assim tudo emprega o sul para que não sejamos um embaraço ao goso do poder pelo partido liberal ; por tanto tudo empregam os livres do sul não só para não lhes tomarmos a dianteira, o que seria impossivel, seguirem os sabios prudentes, aos de animo livre e independente, como á nos não deixar seguir nosso caminho, e para nos dirigir ou estejam ou não os livres no poder.

Mas como seria possivel á animos sempre acobardados pela presumpção do saber e pelos gosos da vida, dirigir os animos tão livres e independentes como os nossos ? E' o meio a corrupção.

Neste intuito dão-se as mãos os *livres* do sul e os corcundas de todo o imperio, acostumados a se unirem nas transacções que lhes dão, sem incommodo, partilha do poder.

Todos por tanto tem o maior empenho e põem timbre em assimilar esta provincia ás demais do imperio. Assim os corcundas corrompe-nos directamente pelo soborno, dirigindo-se ás almas mais fracas ou abjectas, e principalmente aproveitando-se do abatimento desses animos depois das lutas em que somos sempre vencidos. Os liberaes do sul procuram-nos persuadir, como o tem em muito conseguido, e por fim em tudo, que nós sós nada podemos fazer, como nada temos feito, só sendo causa do abatimento do partido liberal com nossos exaltamentos e nossas derrotas. A grande maioria é do sul, e em nome da liberdade, em nome do partido, exigem que nos sujeitemos á sua direcção ou esteja ou não no poder o partido liberal.

E' por isto que a deputação praieira acercada da deputação do sul, conservou-se silenciosa e muda durante os

cinco annos do *dominio liberal*. O sul havia conseguido o que queria, o poder. A condição delle era-lhe de facil aquiescencia, a renuncia às idéas da revolução mineira-paulistana. A praia não accedeu, mas o protesto pelo silencio era mal cabido ; era o principio da corrupção, para não perderem o ridiculo goso, do modo que gosavam do poder. Era um meio protesto e uma meia transacção com os corcundas ; e uma meia transacção, é sempre transacção. Fôra a primeira vez que Pernambuco transigira : era só o que faltava aos corcundas para verem firmadas as bases do seu eterno imperio : a corrupção de Pernambuco em seus representantes, a transacção com elles.

Faltava porém corromper o povo de Pernambuco, faltava faze-lo adherir á transacção com os corcundas. Mas o grande, o immenso passo dado, todo o caminho é facil trilhar ; corrompida a deputação em que depunha toda a sua fé e confiança este povo livre, o resto era facil conseguir, porque este povo seguia cegamente á seus chefes, a deputação praieira. Foi imposta a este povo a eleição dos dous senadores, como dito fica, sob a cominação de decahir do poder o partido liberal.

A deputação sugentou-se, depois de sujeitar-se ao silencio, contra os seus principios, com que já havia sido exaltado o povo de Pernambuco.

Sujeita a deputação praieira, esta exigiu de seus committentes a mesma sugeição, que, do contrario, diziam cahiria o partido liberal. e subiriam os nossos inimigos que nos perseguiram. E esta exigencia era feita em nome do imperador, a quem apresentava a deputação praieira, como apadrinhando aquellas candidaturas.

Ora o povo já havia transigido, seguindo o silencio de seus chefes, não se fallando mais nos principios liberaes em Pernambuco, como no resto do imperio, desde que os liberaes subiram ao poder. Mas isto não era sufficiente, queria-se uma prova de sugeição, queria-se a corrupção ostensiva. O povo de Pernambuco deixa-se sujeitar á eleição de dous senadores impostos pelos liberaes do sul.

Mas a sugeição não foi completa, houve cisão no partido liberal de Pernambuco, houve a *praia-nova*. E muitas

outras pessoas já haviam abandonado as fileiras liberaes pelos desmandos autorisados pelos chefes para poderem conservar o silencio deste povo, e elles se conservarem no poder. Essa cisão e este abandono das fileiras liberaes tornadas anarchicas, prova da parte deste povo, a nobreza de seus sentimentos livres ; mas teria com isto ganho a causa da liberdade ? Pelo contrario foi o mais bello triumpho dos corcundas o dominio da praia, nestas cinco provincias do Brasil, unicas depositarias da arca santa das liberdades publicas ; porque a deserção das fileiras liberaes tem ido sempre reforçar as dos corcundas, e elles nunca receberam um tão grande numero de neophytos como nessa epoca. Por outro lado elles não ganharam sómente os desertores, ganharam todo o resto do partido liberal de Pernambuco, como tinham ganho o de todo o imperio quando o sul renunciou os principios da revolução mineira ; porque ganharam os renegados, isto é, os que ficaram chamados liberaes, e que com o seu silencio renegaram as idéas livre outr'ora arvoradas em sua bandeira e com a sua aquiescencia suggeriram-se á imposição dos luzias para a eleição dos senadores. Mas ficou sempre ardendo fogo debaixo da palha, que se ateou depois dos desenganos, e que, produzindo a revolução de 1848, tanto trabalho tem dado assim aos corcundas como aos liberaes do imperio para apagar e extinguir, o que por fim o conseguiram com o mais esplendido triumpho. E o conseguiram de mãos dadas, corcundas e liberaes, estreitados por laço fraternal, todos unidos no pensamento de se locupletarem do povo do imperio pelo despotismo e pela corrupção.

Contra, porém, quem foi o triumpho, quem foi o vencido, o inimigo que por tão infames manejos fôra vencido ? São os vermelhos ? Não, estes são os mesmos corcundas, como os corcundas da liga, como os liberaes da liga. O inimigo, o vencido, foi Pernambuco, e toda a *canalha* de todo o Brasil, que foram vencidos todos e hoje submissos e acobardados seguem a bandeira dos corcundas, e se guerream pelo estimulo de cada qual sustenta-la com mais dedicação.

Já temos antecipado muito, vamos ao fio de nossas reflexões, pelo seguimento dos factos.

XXIII

A PRAIA E CHICHORRO—SENATORIA.

Os praieiros nada poderam fazer porque não governaram, e não poderam romper porque queriam esperar. E não se lembraram ao menos de tentar alguma cousa de tantas promettidas.

E porque nada poderam fazer, esqueceram-se de todos os nossos principios durante todo o reinado dos liberaes. Uma só voz não appareceu em todo o imperio que se levantasse em favor delles. Os praieiros, fortes e valentes na ascensão, os quaes com os demais liberaes do imperio subiram sómente pela força immensa do partido, nada poderam de cima, nem mais fallar.

Mas o povo que tanto esperava do partido ?

O povo se entretteve n'uma liberdade como nunca teve, e mais do que algum dia pedira. Não se carecia de alguma reforma, da revogação daquellas leis que submettia o povo ao governo e á policia ; porque o governo era liberal e deu a liberdade ao povo liberal para fazer o que quizesse.

A eleição foi feita com a policia, a eleição para senador, e o governo liberal gosou então das doçuras da lei da reforma para se lembrar nunca de destrui-la.

O povo contentou-se em ver o seu partido de cima levava a vida cantando pelas ruas das cidades e das demais povoações, matando marinheiro e espancando *guabirú* : porque o marinheiro o excluia do commercio, o *guabirú* o havia aperreado com a lei da reforma ; porque o povo é tólo, não sabe ver que o mal está na lei, só sabe ver quem o aperreou.

E o governo liberal via e não só tolerava todas estas cousas, como as promovia, porque carecia de entreter assim o povo, e traze-lo sempre em grita, para mostrar a sua força, impôr com ella e não correr risco de ser mudado.

E o corcunda tudo via, e de regosijo sorria-se, porque bem claro estava que só na immoralidade do povo e descredito dos liberaes estava a consolidação de sua obra.

Que tinha que se matassem alguns Portuguezes e o seu partido soffresse dos delirios da licença e de todas

as immoralidades, se tudo isto era passageiro para trazer seguro e perpetuo dominio dos corcundas ? Eram apenas algumas victimas votadas ao salvamento da presa dos corcundas, pelas quaes os liberaes pagariam bem caro.

Assim, não obstante ter-se este povo sujeitado á tanta abjecção para não cahir do poder o partido liberal, quando chegou a imposição das candidaturas de senadores, foi grande a resistencia, foi immensa ; e quem resistiu foi qualificado de *guabirú*. Que queria isto dizer ? *Guabirú* queria dizer fóra da lei, entregue ás mãos do povo para fazer delle o que bem lhe aprouvesse.

Quem tentava ir se oppôr á eleição de Chichorro e Ernesto, mandadas como condição de vida do poder dos liberaes, era expellido da egreja, e quem tentava reclamar contra qualquer dos maiores escandalos, era espancado pelo povo no pleno goso de sua plena liberdade.

Pois haveria maior crime do que se oppôr á eleição de Chichorro ? Um homem que fez os mais eminentes serviços ao partido liberal ?

Um homem que desalojou os arraiaes do crime ; pois foi pequena coragem, pouco civismo, mandar sahir delles, desmanchar dous ninhos de ladroeiras e roubos, formados á sombra de autoridades saquaremas, porque eram parentes seus ?

Um homem, Chichorro, que deixou o povo liberal gosar de uma liberdade tão saborosa, pois bastava qualquer dizer *sou liberal*, para ter passagem, palavra e mão livre e franca para fazer tudo á sua vontade ?

Haverá tempo e vida melhor ?

O povo vivia cantando e gritando, matando marinheiro, dando em guabirú, descontando o tempo em que soffrêra aquellas torturas dos saquaremas, o povo atirando pedradas etc. etc.

Mas o pão ?

O povo era entretido nas promessas que lhe faziam, porém em voz muito baixa, e eram tão discretos que nenhuma voz ousava levantar-se pedindo a execução dellas, e pois silencio era o preceito para se conservar o partido no poder. E isto era em todo o imperio, como tudo o mais.

Com o povo do *meio* porém houve muito que reparar. Houve a policia, que se deu, em geral e com suas

excepções, á muita gente para tirar lucro della. E guabirú ou saquarema, para que era, senão para pagar tributo á policia liberal ? e para que era o dinheiro dos marinheiros ? Que crime havia em enfraquecer os nossos inimigos ? de quem era o dinheiro do guabirú, de quem era o dinheiro do marinheiro ? Não eram roubados á nós ?

Eram os serviços de Chichorro, muito mais que os de outros Chichorros de outras provincias, serviços heróicos, que foi dar plena liberdade á um povo tão nobre, liberdade em todos os sentidos, e que tinha de produzir bem duradouros e salutaes effeitos,

Chichorro finalmente zombou completamente dos corcundas, foi superior á todos os homens liberaes, ao ministerio que se lhes submetteu, á camara dos deputados, formada de tão grandes liberaes que nada poderam fazer.

Chichorro por si só tudo fez, não careceu de lei, nem de reforma. Foi com as mesmas leis de ferro dos corcundas, foi com a lei da reforma, da guarda nacional, com o jury, que Chichorro favoreceu este povo, dando tanta liberdade, e apertou os corcundas.

Mas os corcundas foram calmos : estavam cheios de satisfação, vendo o povo assim contente com as leis de ferro que o haviam de apertar depois ; estavam satisfeitos, vendo o povo corromper-se em tantos desmandos, chamados liberdades, dada pelos Chichorros.

O seu fructo, todos o sabem, foi a revolução, foi a derrota, foi a matança, á que seguiram todas as perseguições como a liga presente se vai acabando.

Foram estes os serviços de Chichorro, que preparou o povo, corrompendo-o, para fazer uma revolução quando estava enfraquecido, quando só podia ser derrotado, quando estava corrompido. E tanto contavam com o triumpho os corcundas que, quando acharam a occasião opportuna, deram o pontapé nos liberaes.

XXIV

A REVOLTA E A REVOLUÇÃO DE 1848 — A CONSTITUINTE.

Depostos do poder os liberaes, immediatamente os de Pernambuco lançaram mão das armas, ao principio simplesmente com o fim de se opporem ao novo dominio ; e logo

tiveram esperança de impôr á côrte a continuação do seu dominio.

Não houve plano algum, nem os chefes do partido, os deputados, tiveram alguma parte nisto. Pelo contrario é certo que elles reprovaram o acto ; mas já por generosidade já e mais ainda porque dahi conceberam a louca esperança de ver resurgir o seu dominio pela intimidação, adheriram ao movimento, mas não lhe deram logo alguma direcção no sentido das idéas, donde deixaram bem manifesto que o motor desta adhesão fôra a esperança da continuação do seu predominio como d'antes.

Os inimigos attribuiram plano, combinação e preparo á estes chefes ; mas foi uma imputação que não vogou por muito tempo. Os taes chefes de sua parte tiveram, como ainda hoje tem, todo o cuidado de encobrir o seu verdadeiro sentimento, e, renegando seu feito e lançando a culpa ao povo, e mostrando-se arrependidos e contritos, e condemnando todo esse passado, attenuam-no, allegando que desde que foram depostos do poder, logo seguiu-se nesta provincia taes provocações perseguidoras da parte dos corcundas, que, não podendo as soffrer os liberaes, oppozeram-lhes resistencia armada.

Mas nada disto houve. Antes de alguma provocação, antes de alguma *perseguição*, os praiheiros pozeram-se em campo, antes mesmo de terem voltado da côrte os deputados dissolvidos.

Foi um movimento espontaneo, impellido pelo medo dos corcundas, com cuja dureza contavam em repressão de tantas e inteiras liberdades de que estava gosando este povo.

Elle tinha consciencia do quanto tinha feito soffrer não só aos corcundas, como á todos aquelles que com seus desatinos e desmandos não concordavam. Elle conhecia a dureza e tyrannia dos corcundas sem estar cheio de motivos e razões, como então, e evidentemente sentiu e appreciou quanto teria de soffrer daquelles a quem tanto mal acabava de fazer.

No goso de tão plenas liberdades garantidas por seus chefes, cujo dominio o povo totalmente achava impossivel ter fim, nessa doce e embriagadora crença, entretida para seus chefes, de que era impossivel a volta do reinado sa-

quarema, o povo de Pernambuco foi tomado de estupor, vendo a realidade do que nem por sonho lhe passava.

Espontanea e instinctivamente o recurso ás armas foi um acto em defeza da liberdade que o povo sentiu fulminada pela queda dos chefes, sua garantia unica, seu unico apoio, com o poder em suas mãos ; pois outra garantia lhe não prepararam durante seu dominio de cinco annos pelas leis e instituições d'antes promettidas.

Mas a louca esperanza de sua revocação ao poder passou logo da mente dos chefes liberaes, e elles conheceram que um tal movimento não podia manter-se só pelo principio de seu direito ao poder, do qual tão merecidamente haviam cahido, quanto inepta e miseravelmente delle haviam usado. Desistir porém do movimento, seria contar com desabrida oppressão dos corcundas. Durante os cinco annos nada se animaram a fazer em prol dos principios garantidores da liberdade ; na embriaguez do gozo do poder, não esperavam cahir sob a mão dos corcundas cheios de resentimentos e de concentrado odio contra elles e armados com as leis de arbitrio de que já tinham tanto soffrido antes dos cinco annos os liberaes, com as quaes já haviam estes tanto feito soffrer durante os mesmos, e as quaes deixaram intactas na sua queda aos corcundas.

— Que fazer por tanto em taes circumstancias ? aproveitar o movimento, erigir como principio da revolta os principios do partido, fazer della uma revolução, proclamar com as armas na mão o que não se animaram a fazer no parlamento e aquillo que tanto fôra d'antes proclamado, aquillo que todo o paiz queria, que era necessidade delle contra as usurpações dos corcundas.

Foram erigidos por tanto todos os principios proclamados no imperio antes do dominio dos liberaes, e de que se esqueceram elles nestes ultimos tempos.

Mas a bandeira revolucionaria era erguida em Pernambuco ; e este não podia ainda desmentir seu nome, não tinha esquecido as suas heroicas e nobres tradicções, não podia ainda esquecer os seus maiores, nem repudiar o legado dos sentimentos livres tal como elles no los deixaram. Aquelles principios proclamados no imperio não constituíam por si sómente os principios livres de Pernambuco. A liberdade, quanto a nós, não podia consistir nelles sómente.

A liberdade não podia ser sem a independencia. A independencia nós ainda não a tínhamos, porque *no-la deram*, e no-la deram falsa, com a condição de obedecermos a um senhor que o era por herança da metrópole da qual devíamos ser independentes.

Era essa mesma independencia a que se oppozeram que nós conquistássemos sem dever nada a algum senhor em 1817.

Pernambuco, segundo o sentir dos seus maiores, carecia da independencia em primeiro lugar, para ser livre, e curar dos outros principios.

Mas a independencia doada com condição servil, ainda poderia ser resgatada dessa condição como se ia fazer na assembléa constituinte que fôra dissolvida por D. Pedro I, porque a constituinte de um povo que pela primeira vez se constitue tal, é inteira e *soberanamente livre*, como havia D. Pedro jurado acceita-la.

Pernambuco, não podendo obter, por se ver só, a independencia e a liberdade pela conquista em 1817, e a esperando da livre e soberana constituinte, fez ainda tremenda revolução por ella, quando ella fôra dissolvida por Pedro I e sua nova convocação abolida.

Pernambuco não podia por tanto sem mentir ás suas tradições, sem renegar ao seu passado, sem seus filhos se fazerem indignos successores de seus maiores, não podia arvorar estandarte revolucionario pela liberdade sem a constituinte, donde elles viram sempre ella poder saber.

E a CONSTITUINTE foi inscripta acima de tudo nessa bandeira, que por tal fez a revolução de 1848 tão respeitavel quanto tremenda.

E razão havia de mais para assim sentirmos e pensarmos ; porque aquelle mesmo que nos outorgou como cousa sua lhe dada por seu pae, a tal independencia, reconheceu em si a obrigação de este povo constituir-se por si, em uma assembléa constituinte, composta de representantes do povo livremente eleita pelo povo do Brasil, como jurara acceitar.

Reconhecido este direito neste povo de elle — constituir-se — não se pôde mais negar sem usurpação essa *constituinte*.

Ora, essa constituinte nunca mais teve lugar, essa constituinte *soberanamente livre*.

Ou ella permanece uma divida a este povo, ou se fez della uma usurpação.

Logo, Pernambuco, arvorando-a em seu estandarte revolucionario, cumpria alto dever, usava de um direito imprescreptivel para reivindicar a causa usurpada, ou cobrar uma divida por que em tempo protestára. . . .

Travou-se a luta renhida e o imperio estremeceu desde que os inimigos da patria viram e comprehenderam no estandarte da revolta o signal da independencia e da liberdade—



CONSTITUINTE !

XXV

A CONSTITUINTE.

Seguros os corcundas de seu triumpho quando deram o pontapé nos liberaes, estavam muito longe de pensar que a sua resistencia no campo da batalha havia-se ostentar tão forte. Das outras provincias de certo não-se lembraram, e quanto á Pernambuco esqueceram-se de que aqui era a terra da escola antiga em que aprendemos a derramar com facilidade o nosso sangue em defesa dos grandes principios.

Mas elles viam Pernambuco muito corrompido, muito submisso, os seus representantes durante os cinco annos muito condescendentes. Se alguma revolta poderia apparecer (com o que aliás quasi contavam) ella seria prompta e facilmente suffocada pelo estado em que nos achavamos de esquecimento completo de nossos principios, porque essa revolta não podia ter por bandeira, como de facto assim o foi no seu começo, não podia ter por principio senão a sustentação dos cargos publicos para espoliarem por meio delles os guabirús e os marinheiros.

Não viam porém que o sentimento esteve durante esses cinco annos abafado, e que só a liberdade de facto dada ao povo, a licença, não podia-nos então fazer-nos esquecer nossos principios de liberdade.

Não viam que embora começada uma revolta semelhante em nome das posições officiaes, qualquer *anarchista* podia indicar á revolta os verdadeiros principios porque se deve sacrificar um povo de tão nobres tradições.

Não viam por tanto que uma revolta em taes circumstancias nesta provincia não podia deixar de dar uma nobre bandeira á sua acção, aquella por que tanto padecemos em 1817 e 1824.

E' por isto que a constituinte foi unanimemente abraçada pelo povo, embora contra a vontade dos chefes liberaes, dos homens creados e educados na escola das indignas transacções.

Foi ainda por isto que a revolta se tornou logo em tremenda revolução, que ameaçou e poz em perigo todas as bases do imperio, e o poder dos corcundas, e a presa dos Portuguezes.

Era a constituinte, para determinar pelo voto dos Brasileiros, os destinos do paiz ; a constituinte para estudar os nossos males e destrui-los em sua fonte ou em sua raiz, a qual fonte ou raiz se não poderia deixar de achar no predomínio portuguez, embora já então, e de ha muito não figurarem os Portuguezes ostensivamente na scena politica se não por algum de seus membros proeminentes, porque tem no seu partido Brasileiros que os supprem e melhor souberam procurar os interesses delles, como de presente só sabem procurar a desgraça de todos os habitantes deste desgraçado paiz.

Era a constituinte que o Brasil *independente* nunca a teve, a constituinte jurada por D. Pedro, e dissolvida depois de nossa independencia doada, a constituinte pela qual nós lutamos em 1824, pela qual se garroteou os Pernambucanos, e de que elles nunca se esqueceram.

O terror dos corcundas, vendo hasteada a bandeira da constituinte, vendo eminente a nossa independencia dos Portuguezes e de Portugal, o seu terror foi immenso. Todo o imperio se abalou, não ficou força disponivel. E tudo não foi sufficiente, o dinheiro comprou trahidores, e Venceram.

XXVI

DERROTA DA REVOLUÇÃO ; NEGOCIAÇÃO DE HONORIO COM OS LIBERAES.—TRAIDORES.

Tão grande foi a alegria quanto havia sido o terror : tão grande o medo quanto a vingança . . .

Mas a vingança só não era sufficiente : ao lado do raioso castigo instituiu-se a oferta graciosa.

Os corcundas haviam acabado de comprehender que o sentimento livre difficil de ser morto pela violencia em qualquer parte, neste Pernambuco era isto obra impossivel. Aqui o sentimento viveria eternamente por maiores que fossem os massacres, e tanto mais quanto para isto, careceria matar-se todos os seus filhos, porque um ultimo que ficasse, por corcunda que tivesse sido, seria logo livre por sentimento.

Veio por tanto Honorio cheio de amizade e candura, quando, depois do 2 de Fevereiro, da matança e da *caçada* de homens, a revolução ainda estava refugiada nas nossas selvas.

Honorio achou aqui traidores a quem constituiu chefes do partido liberal, traidores que tiveram linguagem fementida com os liberaes. promettendo-lhes todas as venturas se accedessem ao desejo de Honorio, alto representante dos corcundas, se entregassem as armas, e a imprensa livre renegasse todos os principios da revolução, todos os principios dos livres.

Foi uma obra penosa e de difficil execução. A bandeira da constituinte estava no animo de todos, como a unica salvação de nossas desgraças. Vencida no campo da batalha, vencida por todas as forças do imperio, vencida pela traição no dia 2 de Fevereiro, vencida pela traição empregada contra o chefe (Pedro Ivo) do nucleo do exercito refugiado nas mattas, e sendo o seu instrumento innocente o pae do mesmo chefe, a revolução, a constituinte não podia ser vencida por estes meios no *animo* dos livres, que pelo contrario, a tinham nelle ainda mais plantada do que d'antes.

Honorio em quanto esteve aqui e depois que se daqui partiu, sustentou os chefes traidores, fazendo-se seu inimigo, e estes tiveram de lutar com os recalcitrantes para riscar da imprensa a fatal bandeira, pavor dos corcundas.

Os traidores recorreram a mil ardizes, a mil promessas, ao expediente de prudencia, para assim poder o partido liberal subir logo. Apresentaram cartas da côrte em que outros liberaes queixavam-se de que era a constituinte a causa de não subirem logo os liberaes. Os pertinazes

na defeza - da constituinte foram amofinados por todos os correligionarios que começaram a se queixar de sua imprudencia, a qual os embarçava de subirem ao poder. Os traidores, sempre sustentados às occultas pelos corcundas, chamavam de instrumentos dos mesmos corcundas os que sustentavam a constituinte. Estes assim foram abandonados, e a constituinte foi esquecida; sua bandeira enrolada, e deposta aos pés dos corcundas para os liberaes subirem logo, porque então, era a promessa, todos os beneficios viriam para o povo.

Esta vez Pernambuco transigiu. Os meios de corrupção começaram a ser empregados na hora da derrota, o povo perseguido, os que podiam dirigi-lo como seus chefes, recompensados por todos os modos.

A *liga* que no Brasil nascêra com a independencia, nesta provincia se formou então. Foi a liga dos livres com Honorio, o heróe dos ligueiros de hoje, deste partido que sepulta as cinzas da liberdade, que desde aquella epoca deu a Honorio pomposos elogios.

Pernambuco, o baluarte das liberdades publicas, o seu ultimo reducto, que nunca se havia rendido aos assaltos, nem á corrupção dos corcundas, transigiu. Onde se refugiou mais a liberdade na terra da Santa Cruz? Foi a sua hora fatal; a pobrezinha sentiu o frio da morte, e fez a oração dos moribundos.

Desde então formou-se o partido dos barrigudos, dos liberaes que aspiravam às posições officiaes, tendo por seu protector o hoje tão chorado Honorio. Foi sem conta, não só aqui como em todo o imperio, os que receberam de suas graciosas mãos bem doces favores.

Os corcundas, os grandes, os mais sabios deste partido, que desde a independencia viram a sua presa vacilante e em risco de escapar-lhes das mãos, se tranquilisaram, que estava vencida pela transacção a unica parte do imperio que tanto tinha embarçado o seu completo triumpho. O imperio luzitano descansou em paz. Valeu á pena todo o soffrimento dos Portuguezes e de todos os corcundas, a sua paciencia quando permittiram a custa disto a corrupção dos Pernambucanos, no famoso quinquenio de Chichorro, todas aquellas immoralidades de todas as classes do povo, todo aquelle goso demandado do poder e das posições

officiaes ; porque foi excellente e o unico possível preparo para corromper-nos depois da derrota á custa de nossos principios.

Triumphou por tanto o imperio luzitano, para descansar eternamente em suas eternas bases—a sugeição satisfatoria de todos os Brasileiros—que só acham vida e paz em ser seus assalariados, embora na sua immensa maioria, tristemente assalariados. E não são assalariados somente pelos luzitanos os que vivem dos cargos publicos, mas tambem os que vivem de toda e qualquer das miseraveis ou das aladroadas industrias do paiz.

E são todos desde então de um só partido, embora se digam liberaes ou saquaremas, porque não fazem questão de principios, porque as liberdades foram todas esquecidas, e toda a questão é de mando, é para serem os feitores e assalariados deste imperio luzitano.

E são tão satisfeitos servidores, servem tão bem e tanto brigam para servir a seu senhor, que de todo foi esquecida a queixa e o clamor contra o seu dominio, foi reconhecido o seu direito, a sua soberania, e toda a briga é entre nós escravos para conquistarmos os lugares de feitores.

XXVII

VENDA DA BANDEIRA DA CONSTITUINTE.

E' por isto que desde que foram derrotados os liberaes em Pernambuco, perseguidos em toda a parte e muitissimo mais aqui, negociaram com os coreundas para apagarem e esquecerem para sempre todos os principios liberaes, tudo quanto haviam apregoado antes de subirem, como necessidade da nação.

Assim o fizeram : tudo foi esquecido, e tudo dirigido pelos chefes velhos e novos. *Enrolada* a bandeira dos livres pelos chefes negociadores com os coreundas, cochicharam elles sempre ao povo, sempre dizendo que era preciso tudo esquecer para subirem de novo ao poder, e então tudo fazer. E o povo, da escola da corruptora anarchia de todos os Chichorros do fatal quinquenio, sempre crente e esperançoso, embora visse ser sómente para proveito delles chefes, que se arranjavam, á isto se sugeitava.

E de certo ficaram arrançados, cada um de seu modo, alguns com bons empregos ; mas o povo havia morrido nas calçadas, ou estava morrendo nas campinas do Rio Grande, e os que não morreram, perderam todas aquellas liberdades dadas pelos Chichorros, cahiram sob o jugo da lei de ferro dos saquaremas, sob a sua inteira e abusiva tutela, e estiveram quatorze annos na mais resignada apathia, produzida por seus chefes, que se abstiveram de fallar em politica e liberdade, para assim subirem ao poder. O resultado desta desgraçada manobra, nascida e insinuada pelos proprios corcundas, é dizerem hoje os mesmos chefes que os liberaes não podem mais subir sem o auxilio e a mão dos saquaremas, dos afamados hoje ligueiros.

XXVIII,

O PARTIDO LIBERAL DURANTE OS QUATORZE ANNOS DO CHAMADO OSTRACISMO.

Durante estes quatorze annos do dominio dos corcundas, nós temos tido imprensa chamada liberal, mas não das idéas, da bandeira liberal. Toda a briga da tal imprensa é para que os membros do chamado partido liberal sejam tambem empregados em maior numero. Não se briga desde então por aquellas liberdades perdidas ; briga-se pelos postos de que o partido liberal, todo inteiro, tomou doce e apimentado gosto durante cinco annos, para ao depois pagar tão caro.

E os corcundas tem levado esta empreza com tanto tino, que são elles que tem dado direcção ao partido liberal, á sua imprensa, de modo que tem nella suffocado completamente os gritos contra a sua obra nefanda da destruição das liberdades publicas, e á ponto de se tomar em ridiculo a quem falla hoje nestas cousas.

Que se passou nesses quatorze annos, em que estado estamos nós agora, como veio e que vem fazer a liga ?

XXIX

OS CORCUNDAS E OS LIBERAES DURANTE OS QUATORZE ANNOS.

Durante estes quatorze annos os corcundas mais nada de grande tiveram a fazer ; porque tudo já estava feito :

conselho de estado, policia, jury, assembléas provinciaes, guarda nacional. Porque a guarda nacional de patente já estava creada em quasi todas as provincias, quando em 1850 a reduziram á lei geral, e foi por isto que os corcundas não se apressaram quando subiram.

Depois disto que faltava mais ? Os liberaes não haviam tocado durante os seus cinco annos em sua obra ; tiveram os corcundas de cuidar sómente em consolidar suas instituições de arbitrio e compressão da liberdade, reformando todo o dia para peor, mais apertando a guarda nacional, e estabelecendo em todas as corporações uma dependencia e humilhação, que tem inteiramente destruido toda a dignidade do homem, pondo-se tudo sob a dependencia da protecção.

Tudo isto tem sido preciso aos corcundas porque é só fazendo clientella e corrompendo que podem sustentar o seu predomínio.

E durante estes quatorze annos o que fez o partido liberal em Pernambuco, assim como em todo o imperio ; este partido que aqui pela primeira vez, e em todo o imperio transigira depois da revolta liberal com a promessa de subirem logo ? Que fez elle vendo todo o dia uma á uma as suas liberdades despedaçadas, vendo os corcundas cada dia mais enraizarem as bases de seu poder ?

XXX

CAPTIVEIRO RESIGNADO E VOLUNTARIO DOS LIBERAES DURANTE OS QUATORZE ANNOS.

Israel captivo em Babylonia nunca esqueceu o seu Deus, as suas crenças ; porque Israel foi transportado em um dia para a cidade maldita ; e os seus prophetas nunca deixaram de volver os olhos para o Senhor e para a terra da promissão, nunca se esqueceram de suas instituições, nem de cantar as suas glorias, de chorar a sua perdida liberdade.

Os nossos despotas, os saquaremas souberam, tem sabido e continuam ainda hoje sabendo melhor conquistar este povo em alma e corpo.

Quem se lembra mais de nossas liberdades perdidas ? Quem se lembra de reconquista-las ? Falla-se tanto no partido liberal ; onde elle existe ?

Lançae os olhos para todo o imperio ; vêde como está todo este povo mancinho.

E Pernambuco, o leão do norte, o pavor da côrte e dos corcundas, como poderia nunca ser vencido pela força ? Só a traição, só a intriga pode-lo-hiam abater assim.

Vêde-o como depois de quatorze annos de ostracismo (é como se diz ahí todo o dia) quatorze annos em soffrer a corrupção, a immoralidade do governo dos *vermelhos*, a sua sempre crescente violencia, o seu completo desprezo da lei, vêde como chegou a ficar sem um orgão, uma goela, uma bocca que se queixasse, que ao menos gemesse a sua dôr ? A ultima que ha muito era bocca sem voz nem expressão, chamada o — *Constitucional*, não vistes como o chefe não a pôde mais ter aberta ?

Ah ! liberdades perdidas, unico paraizo dos filhos de Adão nesta vida, ter-vos-hemos visto e gosado um dia assim mesmo como vos gosámos, quando fomos feitos uma nação, e ter-vos-hemos perdido para sempre como os nossos primeiros paes perderam o seu ?

A redempção de Christo reconquista o primeiro para os filhos do peccado ; mas elles nunca se esqueceram da promessa de ha muitos seculos já feita, nunca se esqueceram daquelle paraizo.

E o paraizo da vida, o nosso, desta terra, o da patria, quem se lembra mais delle entre nós ?

A patria ! palavra que só tem sabido fazer exprimir o — ventre — !

Vêde como estamos todos acostumados com os delegados e subdelegados ! Quem se entenderia hoje com a policia dos juizes de paz ?

Comb nos damos bem com os postos que nos dá o governo na guarda nacional ? como se soffreria passar hoje de official à soldado !

Quem se lembra mais do que se tem tirado ao jury ? Não seria melhor que elle desaparecesse de todo ? Que bem nos faz uma instituição que innocenta assim os criminosos como ao innocente ?

Quem se lembra mais destas e d'outras cousas que temos notado e d'outras que em dous mezes não escreveriamos ?

Mas como, depois de se fazer riscar da lei, apaga-se da memoria e do sentimento de um povo livre as suas glorias, o amor ás suas liberdades ?

Muito se fallou neste nome e n'outros assim ; hoje,— liberdade, patria, patriotismo, bem publico, gloria,— tudo isto se tem tornado tão ridiculo, que o que se mettesse a fallar em nome de qualquer destas cousas, entre nós seria tido e tratado com o maior ridiculo e desprezo, se não fosse tomado por um louco.

No entanto sempre se falla no partido liberal, porque como é cousa de muitos, pouco rubor faz subir à face.

Mas o que quer o partido liberal ?

Liberdade.

E o que é liberdade ?

Liberdade é a que tem a autoridade.

Ter liberdade é ser ministro, deputado, presidente, chefe de policia, delegado, subdelegado, inspector ; é ser desde commandante superior, até sargento e cabo de quadra nacional ; é ser parente, amigo ou correligionario da autoridade, do juiz, do desembargador, do meirinho.....

E quem se lembra de todas aquellas liberdades perdidas, as da lei, se hoje quem está no poder tem a liberdade de fazer o que quizer, uma vez que não desagrada ao superior ?

Por isto tanto mais livres podemos ser, quanto melhores servidores somos de um partido ; não servidor intelligente, mas puro instrumento que esteja prompto a cumprir sem reflexão as ordens do superior politico.

1) partido que está debaixo não é livre ; mas sê-lo-ha quando subir. O partido saquarema tem seus agentes no partido liberal para prometter a este partido que elle logo subirá, com tanto que se esqueça de todas as suas perdas liberdades, com tanto que reduza toda a sua luta á luta pessoal, com tanto que se esqueça de toda a idéa politica.

Bem quizeram todos na impossibilidade de lidar pela politica, no ridiculo em que cahiu a patria, bem quizeram todos pertencer ao partido de cima, ao saquarema, ao verdadeiro partido liberal na accepção brasileira, porque é o partido que sempre está de cima. Porque, ainda que os cargos não cheguem para todos para assim serem bem li-

vres, lá diz o adagio que— chega-te para uma boa arvore, que boa sombra te cobrirá. Mas é que o povo é muito, as arvores por muitas que sejam, e novas que se plantem todos os dias, não podem fazer sombra que cubra a todos ; a maior parte fica sempre exposta aos ardores do sol.

E além disto, como ser livre entre nós é ter autoridade ou padrinho (sombra) para fazer o que quizer, isto é, a respeito dos outros que não são livres, que são os servos, é indispensavel para isto que fique gente fóra do partido saquarema para poder servir á liberdade dos seuhores e dos afilhados.

E para que esses cães não grunham e vão se consolando em lamber a rabugem, vão os chefes liberaes, ao aceno e mancommunados com os saquaremas, vão dizendo aos de baixo : « cála a bocca, que nós logo subimos e então morderemos por nossa vez. »

Coitados que, quando sobem um instante só mordem a si, e são logo espingardeados como cães damnados, e os que escapam do fuzil. são acorrentados e levados para as fronteiras a guardar as fazendas dos saquaremas.

Ah ! partido saquarema ! só tu és um partido nesta terra ; só tú sabes levar este povo besta e imbecil ; de tão bom que é, não sei mais o que falta para ser bruto.

Mas se é este partido tão bom, porque todos não se chegam a elle ?

Ah ! porque ? ! Porque, já o disse, a arvore não tem sombra que cubra a todos, porque onde ha quem cavalgue (cavalcantes), é preciso haver cavalgados (cavallos), por que onde ha senhores e feitores, é preciso que hajam escravos.

E, para passar de escravo'a feitor e de feitor a senhor, é preciso ser muito escravo, ser escravo por gosto e por vontade, que os senhores bem conhecem os que o são de má vontade ; é preciso ser muito baixo, ser infame (sempre as honrosas excepções, que acham geito e tem a fortuna de entrar de senhores nesta terra, sem ter sido escravos, sem descer á infamia ; mas estes não se conservam muito tempo muito alto, se não dobram bastante a serviz ; e mesmo no meio, para estar seguro, carecem muito geito e tento, e sempre quebrar alguma cousa da dignidade e do dever).

O POVO CORCUNDA OU OS VERMELHOS E OS SÁBIOS.

Os corcundas levaram por tanto os quatorze annos em acalantar os chefes liberaes a quem foram distribuindo algumas fatias de pão de ló e a seus officiaes, por quantos meios o poderam ; com o que elles, cada vez mais captivos, mais se esqueciam de todas as promessas ao povo, de todos os principios.

Tanto se esqueceram das taes promessas ao povo, até que este mesmo povo as esqueceu tambem. Confiados nos seus chefes e sempre echo delles, suas queixas são porque os corcundas não admittem na mesa do banquete aos seus chefes liberaes.

O heróe hoje dos liberaes é Honorio Hermeto Carneiro Leão, esse que veio consummar a destruição das idéas liberaes, negociando com os chefes dos livres e dirigindo os liberaes a seu fim.

Quando tudo foi esquecido, e apagados os principios do partido, Honorio não temendo mais as idéas, *abriu espaço* com a lei dos circulos aos homens do chamado partido liberal.

Honorio iria adiante ao contento dos desejos da barriga dos chefes para faze-los esquecer das cousas velhas. Mas Honorio ia muito depressa nessa *liga* da barriga, e um bando dos saquaremas, o seu povo, se agastava com ciumes.

Desde então a politica foi toda pessoal, isto é, de interesse dos grandes, e de desprezo inteiro e completo das cousas publicas.

No partido corcunda tambem ha povo e sabios ; o povo são os hoje chamados *vermelhos*, estes que desde Honorio se revoltam contra os profundos planos dos mais sabios. Este povo deu combate a seu chefe : não o pôde vencer ; mas Honorio morreu . . .

O velho, o antigo, o profundo, o sabio corcunda, a quem pensavam que só faltasse energia por sua idade, veio tomar o lugar de Honorio a proseguir na empresa da liga, para consolição da obra do corrupto absolutismo.

Na continuação do plano que Honorio executava mostrando o velho seu successor energia, não se pôde mais con-

ter o *povo* corcunda, e os *vermelhos*, este mesmo povo corcunda, romperam com os sabios de seu partido, não comprehendendo o alcance da alta politica.

Como povo, embora povo dos corcundas, ainda mais cegos pelo gosto de se conterem sómente no numero dos antigos conquistadores de todos os gosos do banquete social à custa da delapidação e das extorções contra o povo do paiz, não viam que o imperio delles corcundas é sómente devido ao systema das transacções, ou nos dias de alta crise quando os livres ameaçam tormenta, ou attrahindo-os lentamente ao seio delles corcundas; não se lembram que todos elles corcundas já foram livres, e tornados corcundas para poder dar vida e perpetuidade ao imperio dos luzitanos.

Se em todo o tempo os corcundas só tem podido fundar, sustentar e consolidar o seu imperio pela corrupção dos liberaes, attrahindo-os à seu seio agora tanto mais necessidade havia disto, quanto estes se haviam humilhado aos principios dos corcundas durante quatorze annos sob a condição, de que todos os dias pediam o cumprimento. de serem contemplados na partilha; agora tanto mais que a situação é tão desesperada que só se póde conter uma immensidade de homens famelicos que tem a confiança do povo, pelo engôdo de saborosos quinhões.

Do contrario, a seguir-se a intolerancia, o egoismo do *povo* saquarema, dos vermelhos, de não admittir-se novos comedores em seu seio, que esperar dos homens que se haviam submettido à *lei*, isto é, à vontade dos corcundas?

Depois de muito pedirem a recompensa de sua submissão, os taes chefes dos livres já começavam a levantar as vozes clamando contra os corcundas, e prevalecendo-se da terrivel situação a que tem levado o paiz os mesmos corcundas. E' claro que, chamando-se estes homens à partilha dos despojos do povo, essa grita que começava a levantar-se, se abafaria como o facto o tem demonstrado, e toda a desgraça e a terrivel situação do paiz seria esquecida, a patria estaria salva, como salvado se tem com o salvamento dos vendidos.

E por ventura não seria cousa que muito bem podessem explorar os ambiciosos, que tendo tido a coragem de se submitter durante tantos annos, são tambem capazes de tudo, não seria para contar com certeza que elles tirassem

inteiro proveito da terrível situação, que voltassem á seus antigos principios, e que depois fossem obrigados pela explosão do povo, a conquistarem o imperio luzitano que tanto trabalho tem dado aos corcundas em sustentar ?

Vamos ver qual era, como é e mais será, essa situação do paiz, vamos descreve-la em diferentes quadros synopticos, e vamos a ver se por mais tempo ou se com a intolerancia do povo dos corcundas se poderia ainda sustentar o despotismo e a corrupção de seu partido, o imperio dos luzitanos.

Os vermelhos, na cegueira de seu egoismo, pensavam que sua obra já estava completa, seu imperio de corrupção inteiramente consolidado ; e isto por falta de uma observação e é— .

Que o imperio do despotismo só está seguro quando o povo se submete a elle voluntariamente ; não basta a submissão dos chefes, quando este povo crê nos chefes sentimentos livres, quando estes chefes dizendo com geito aos despotas que estão promptos a vender-se, enganam o povo dizendo-se amigos da liberdade. Em quanto o paiz está neste estado, o despotismo só pôde sustentar-se pela corrupção, o imperio do despotismo pela corrupção só se pôde sustentar por nova e continuada corrupção. Agora sim, vieram dar a ultima de mão, e os vermelhos vão vendo como os chefes dos livres estão levando todo o povo á submissão completa e voluntaria, ao despotismo de novos senhores que os substituiram talvez para sempre ; porque estes novos corcundas que agora entram para taes lugares vão desempenhar a obra da corrupção muito melhor do que os vermelhos, para completar e terminar com muito mais facilidade, porque elles são os chefes do povo liberal que nelles depõem inteira confiança. E desta vez elles poderão, como já o estão fazendo e melhor farão, corromper o povo muito mais facilmente, ata-lo pacifico ao carro do despotismo, porque desta vez não sobem os liberaes sozinhos para corromper o povo pela anarchia ; sobem pela mão dos sabios corcundas que sabem corromper por meio da ordem.

E este povo do Brasil que se submete rigorosamente á seus chefes liberaes, sujeita-se desta vez aos chefes dos sabios corcundas, com quem vêem ligados os seus.

Façamos pois uma rapida revista de nossa situação, para ver se ella não tinha de trazer necessariamente ou a *liga* lentamente como iam fazendo os sabios dos corcundas, ou violenta como a isto os obrigaram os vermelhos, ou a revolução infallivelmente invencivel da independencia e da liberdade, na qual se teria de pagar esse tributo de sangue que ha tanto tempo se deve.

XXXII

SITUAÇÃO PROPRIAMENTE POLITICA.

1.º

Instituições livres e direitos politicos que tivemos até o fim da regencia livre, e o que actualmente temos em lugar delles.

Tivemos juizes de paz eleitos pelo povo, que faziam a policia e processavam.

Hoje temos delegados, nomeados pelo governo, que levam o povo como manada á eleição.

Tivemos assembléas provinciaes com muitos poderes a respeito dos negocios das provincias.

Hoje temos essas assembléas reduzidas á nullidades porque lhes tiraram tudo.

Tivemos os officiaes da guarda nacional eleitos pelo povo e que por isto cada official olhava para o soldado como um irmão e o respeitava.

Hoje temos taes officiaes nomeados pelo governo, que desfeiteam o soldado e o tratam como escravo.

Tivemos o official, que não eleito, tornava á soldado.

Hoje temos que não ha quem tenha um padrinho que não arranje uma patente, e só é soldado o pobre servo dos senhores, o que não tem o que mal comer.

Hoje um guarda nacional é um perfeito escravo.

Tivemos que o jury julgava quasi todos os crimes.

Hoje quasi tudo está tirado do jury, e qualquer que não agrada ao senhor ou que não tiver um padrinho, pôde ser calumniado e condemnado por um juiz, instrumento do governo.

Tivemos magistrados muito mais bem pagos e independentes do governo. (Porque o dinheiro que lhes pa-

gavam naquelle tempo, era menos em nome; mas tinha muito maior valor do que hoje).

Hoje o governo tem posto todos na sua dependencia, e só fazem (honrosas excepções à parte) só fazem o que o governo quer, ou o que querem os grandes, os poderosos da terra.

Tivemos em toda a parte escolas particulares; cada pessoa que sabia ler e escrever qualquer cousa, ensinava a um, dous ou tres meninos visinhos.

Hoje só ensina quem o governo quer; muita gente vem a ficar sem saber ler, porque muitas escolas se tem fechado, e não ha quem mais se atreva a ensinar a dous ou tres meninos dos vizinhos.

Porque? porque convém o povo na ignorancia, por que diffundir a luz, é diminuir o numero dos escravos.

D'antes quando o povo opprimido se levantava, quando resistia ás ordens illegaes, era julgado pelo jury.

Hoje, embora não esteja revogado o codigo criminal nesta parte, hoje quando o povo se levanta, não é mais o jury quem o julga; é uma lei chamada de *corta cabeça*.

Tivemos o governo sahido da opinião, sahido da eleição, sahido das camaras. Era o governo popular, liberal, recebendo a direcção da opinião vinda de baixo para o alto; porque não havia o conselho de estado, que é o verdadeiro governo actualmente, e fez sumir-se completamente a opinião.

Hoje temos o governo de cima para baixo, o governo tutellar, nascido ou residindo eternamente no conselho de estado, que faz sempre a sua vontade, porque não se importa com a opinião das camaras, e organisa sempre os ministerios sem razão nem motivo; e este instrumento — o permanente conselho de estado, faz, corrompendo, maioria nas camaras, quando ellas escapam de ser unanimes, por que assim de ha tempos se tem feito pela violencia e corrupção do governo nas eleições.

Tivemos que, sendo o principio do governo a opinião do paiz, manifestada pelo suffragio popular, a liberdade da eleição era o primeiro principio de ordem desta sociedade; quando os corcundas começaram a corromper as eleições, o faziam occultamente, e negavam toda a sua intervençãoella.

Hoje temos, com o principio da authoridade, que a intervenção do governo na eleição é erigida e proclamada por todos os partidos, mesmo pelos dos *genuinos*, como cipio indispensavel neste paiz ; porque, dizem todos, nosso povo *ainda* não está habilitado (já o estivemos, e por tanto devia-se dizer : *já* não está habilitado) para fazer por si só a eleição.

Tivemos todas as demais instituições fundadas no principio popular e liberal.

Hoje temos tudo sob o principio da autoridade, da obediencia e da tutela, começando das escolas primarias ás secundarias, ás de gráo superior, á todas as demais instituições e corporações.

Chegou a ponto que até as sociedades particulares formadas para os socios se prestarem mutuamente soccorros; não pôdem eleger seus presidentes, e o hão de receber da nomeação do governo.

2.º

Os representatnes da nação e os das provincias.

Neste quadro vemos como toda a participação immediata que o povo tinha no governo de si mesmo segundo o systema constitucional, passou para a authoridade, perdendo a nossa fórmula de governo quasi todo o elemento popular. Ficou não obstante ao povo a faculdade de eleger seus deputados e senadores, e juizes de paz, mas estes sómente para julgar as suas pequenas demandas. Mas isto é o que está escripto como em vigor, porque tirado ao povo aquelles meios praticos de se governar sob a monarchia, postas nas mãos do governo todas as autoridades que exercem sua acção immediatamente sobre o povo, este só poderia *elegèr* seus deputados, senadores e juizes de paz, tudo o que lhe resta do quanto teve de instituições livres, só poderia *elegelos*, se o governo não quizesse usar de tanta autoridade roubada á eleição do povo, se não quizesse usar della *para* comprimir a expressão da vontade nacional nessas eleições.

Em verdade se o governo não tivesse necessidade de comprimir a eleição popular, nunca o faria, e menos o faria por um systema continuado. Mas esta necessidade é indispensavel á vida do imperio dos corcundas.

Se os corcundas não se aproveitassem das autoridades roubadas ao povo, se não se aproveitassem dellas para fazer as eleições em nome do povo, este, livre como o é por seus sentimentos, mandaria ás assembléas geraes e provinciaes membros que representassem as necessidades do paiz, os interesses do povo, sempre em opposição aos interesses dos corcundas; e por tanto cedo ou tarde o imperio luzitano teria de cahir, e cedo ou tarde a independencia do Brasil seria feita. E' evidente por tanto a necessidade que tinham os corcundas de aproveitar-se das autoridades roubadas á eleição do povo para comprimir por meio dellas a expressão da vontade nacional. E foi por isto mesmo que os corcundas roubaram ao povo a nomeação de suas autoridades, daquellas que tem immediata acção sobre elle, para fazer dellas seus instrumentos, e dar-lhes sempre o triumpho da eleição, que tem sido de ha muito todo o fim, toda a missão do nosso governo sempre corcunda; porque na eleição, no triumpho da eleição está a vida dos corcundas, o captivo do Brasil á Portugal.

E assim fazendo o governo tem sempre conseguido a maioria immensa da camara dos deputados, quando não a unanimidade, e a maioria do senado, ou se chame o governo saquarema ou corcunda, ou se chame liberal, porque todos tem governado sob a direcção dos corcundas.

A situação da camara dos deputados, senado e assembléas provinciaes é o complemento por tanto do nosso quadro politico, o resultado ou corolario daquelles principios da força á autoridade, convertidos em lei dos corcundas.

E o que são essas assembléas actualmente e de ha muito?

Recordemos o que todo o paiz sabe.

São todas feituraes do governo (*); o povo não tem par-

(*) Esta provincia especialmente tem descido em degradação e aviltame to muito mais que alguma outra do grande imperio; por que assim é preciso ao sabio plano dos sabios corcundas! Caligula no aviltamento e degeneração do povo romano, chegou a nomear e fazer o seu *cavallo* senador. Não ha um que a cõrte nos mande para deputado ou senador, que não obtenha aqui o maior triumpho. Desde que nos foram mandados Chichorro e Ernesto, nunca mais esta provincia teve peito para repellir algum fardo da cõrte. Aquelles não tomaram assento, porque o corcunda que no poder ou fóra

tecipação alguma na sua eleição ; seus membros em nada dependem d'elle. São procuradores por tanto do governo.

delle sempre governa, só tinha por fim corromper o povo com aquella imposição impopular, e só digna das sympathias da anarchia e da licença. Destes factos, o ultimo até hoje e passado hoje 10 de Julho de 1864, é a mais robusta prova para confirmar esplendidamente a nossa these. Na eleição de Novembro para senadores houve grande briga entre Urbano e Feitosa, briga tremenda, Feitosa o novo chefe liberal e da liga progressista de que fôra repellido Urbano porque a côrte não o queria na lista. Feitosa gosava de uma popularidade como ainda ninguem a teve em Pernambuco. Embarca-se para o Rio como deputado, e como senador eleito, embora para cunha. Um embarque assim nunca alguem o teve no Brasil. Os ares atroaram por longo espaço e o echo retumbou o estampido de aterradores e continuos trovões como em furiosa tempestade : eram milhares de duzias de foguetes que annunciavam a esperança do salvamento da patria com a ida do grande homem a primar na *situação nascente*...

Na côrte Feitosa fez o mais horroroso fiasco. Não soube dizer o que queria, porque queria cousa impossivel á lingua humana dizer. Não obstante o comprehenderam, e foi duramente castigado pelos seus proprios. Não fez fiasco só na camara, mas em toda a parte. Cobriu-se de tão grande ridiculo que é impossivel descrever-se. Assim teve de fugir da côrte e sua fugida foi aqui sabida. Sabia-se do dia de sua partida, e de sua chegada. Saltou e foi acompanhado para a sua casa por seus dous genros e mais duas pessoas, uma das quaes inimigo politico, ex-amigo. No entanto em sua ida só o imperador teve um acompanhamento igual, que ou se topetou ao longo do caes do embarque ou o seguiu até bordo, dizendo-lhe todo esse povo com seus lenços saudoso e esperançoso adeus, á que elle alegremente correspondia. O procedimento de Feitosa na côrte lhe alienára completamente essa popularidade ; e mais ainda, não sei porque tiveram-no, não como um liberal, mas como um servidor dos corcundas, illudindo o povo de quem se dizia amigo. Quanto aos ligueiros saquaremas, estes tiveram á Feitosa como *coverto do partido progressista*, como assim foi accusado na camara por um grande progressista. No entanto o progresso quer ser grato, quer pagar á Feitosa seus serviços porque foi elle quem trouxe para o progresso os liberaes desta terra. Feitosa por sua parte que quizera grimpar desazadamente, procurado, desarofou-se e humilhou-se ao velho Marquez de Olinda. Manda por tanto a côrte Feitosa para senador novamente para ser, como da outra vez cunha do fallecido Paes Barreto, agora cunha do Sá e Albuquerque por não acharem outro que mais convenha. Feitosa chega á esta cidade assim sob a pressão do maior desprezo e ridiculo para com todo este povo de todos os chamados partidos e isto ha uns doze dias pouco mais ou menos. Pois bem, é o segundo votado (porque o primeiro como é *ordem*, não deve ser a cunha). Urbano não entra na lista ; fica muito abaixo : no entanto o anno passado, entrou elle entre os tres mais votados, e Feitosa saltou fóra... Entenda-se, na eleição desta cidade.

Este por sua parte tambem não precisa dos taes *representantes*, porque por si só governa ; basta-lhe que lhe dêem o seu apoio, e isto é o mais facil porque as camaras são feitura sua.

Elles por tanto nem curam, nem se lembram dos interesses do paiz, nem tão pouco podem curar delles. Como não hão de perder o seu tempo em vão, vendem o seu apoio ao governo.

Mas as muitas pagas que o governo lhes dá para elles sustentarem o imperio dos luzitanos, não lhes são sufficientes, e elles com os seus votos e os seus discursos, quasi sempre se associando com o governo, fazem altas especulações, favorecendo á pretensões particulares de que tiram grandes lucros.

Não ha um só anno em que muitas pretensões destas não se apresentem nas assembleas provinciaes e geraes, e aos deputados nunca faltam estes grandes lucros, sendo o seu subsidio apenas uma ajuda de custo, sobre a outra que recebem com este nome.

Elles não favorecem sómente ás pretensões dos nacionaes e dos portuguezes, os nossos naturaes senhores, por que os estrangeiros sabem mais do que nós mesmos da facilidade com que no Brasil se compram chamados representantes do imperio e da provincia.

— A *patota* não está ahí só. Sendo o lugar de deputado uma especulação tão lucrativa, elles não querem nunca perder tão bom emprego, e assim carecem de contentar aquelles que ajudam, são ou podem ser instrumentos do governo para a reeleição de cada um ; e assim elles exigem para cada localidade a nomeação de instrumentos que lhes são favoraveis.

E como todas as suas exigencias são satisfeitas pelo governo, e como sua missãõ é sómente *ganhar* e apoiar o imperio dos corcundas, e como elles nada tem com a causa dos Brasileiros, deixam o governo governar como bem lhe approuver ; e mais ainda, aquellas medidas que o governo pede, aquellas leis que os interesses corcundas exigem, que sómente são as leis que se fazem neste imperio, os nossos representantes, para se pouparem ao trabalho, dão ao governo a faculdade de confeccionar elle proprio taes leis. D'ahi provém o que se vê nesta feliz terra, e o que

se admira por não se estudar ou não querer-se attentar as cousas patentes, e o que é contrario ás praticas do systema representativo em toda a parte onde elle existe ; e é, que nunca é por falta de maioria nas camaras que os ministerios cahem do poder, ao menos não é que alguma politica deixe de ter maioria, porque quando algum ministerio cae por voto da maioria, é para subir outro, não direi com a mesma politica, porque ella é uma só no Brasil, e os representantes da *nação* com ella não se importam, mas é para subir outro com os mesmos caprichos e pretenções.

Só ha uma excepção desta regra, que foi a votação contra o ministerio Salles Torres Homem ; não porque a camara se importasse com a politica daquelle estadista, dos poucos que tem tido a veleidade e a tolice de comprehender as necessidades do paiz e quere-las remediar, mas porque este ministro com as suas medidas financeiras ia destruir as ladroeiros da agiotagem luzitana.

Ainda assim subiu depois e teve o apoio da mesma camara o ministerio Ferraz, não obstante imitar burlescamente as medidas do grande homem, o qual sempre ha de ser ridicularisado no paiz, em que só pôdem primar os grandes ladrões e descarados tratantes.

Não é sómente as diferentes graças que os nossos representantes recebem do governo, e os lucros das *patotas* o que os excita a demandarem com tantas indignidades e crimes, como o fazem, esta posição : porque não é para elles de pouca satisfação a vaidade com que se apresentam na côrte como taes, as adorações nos grandes bailes e nos salões, nas altas sociedades, a satisfação de toda a sensualidade e lascivia n'uma côrte a mais corrompida do mundo (e em um paiz tão novo !) n'uma cidade que não é abrasada pelo fogo do céu, porque Sodoma e Gomorra foram antes de Jesus Christo, e depois que o Deus Homem soffreu pelo filho do peccado o grande padecer, o Deus de Israel não descarregou mais assim o seu braço vingador sobre os resgatados pelo sangue do Christo, e nos purifica da iniquidade pelo martyrio lento de tantas flagellações que nos forem pelas necessidades modernas, todas na proporção de nossas iniquidades ; e no Brasil na razão da enormidade de tanta poluição.

São assim, pois, os nossos representantes neste paiz, assim geraes como os provinciaes, que em tudo os imitam. Eis-aqui a politica propriamente dita ou interna deste paiz.

XXXIII

SITUAÇÃO ADMINISTRATIVA.

1.º

O que são nella os Portuguezes.

Desde as vespervas deste grande imperio, como temos visto de principio, temos sido dominados pela politica luzitana, para o fim deste Brasil ser sempre dos Portuguezes.

Ao principio elles fizeram a politica em seu nome, depois pelos meios de transacção e intriga que tambem temos visto, elles admittiram juntamente consigo muitos Brasileiros à quem poderam fazer concundas, já por carecerem de seu lado de numero sufficiente de gente do paiz, já porque os Portuguezes politicos se foram finando.

Ao depois e até agora, quando já são poucos os Portuguezes politicos, tem ido pelos mesmos meios entrando cada dia mais Brasileiros, e, por tanto, liberaes para o partido concunda, e não foram admittidos mais Portuguezes como politicos, e isto por duas razões : primeiro porque convinha por alta prudencia fazer desaparecer a luta entre Brasileiros e Portuguezes, afim de que ella se travasse entre Brasileiros e Brasileiros, fazendo-os chegar ao ponto em que a luta fosse sómente pelos lugares de feitores desta fazenda luzitana, e não de principios politicos, brigando os Brasileiros por tanto por amor dos mesmos principios, que são aquelles expostos, plantados e conquistados pela prudencia luzitana e pelos quaes elles sustentam o seu imperio : segundo porque assim crescendo e muito o numero dos concundas, muitos são os aspirantes aos altos lugares da politica ; e, assim, para que elles bem sustentassem o imperio aos luzitanos, alguma cousa devia-lhes ser dada por esse serviço, pois gosando os altos politicos dos fructos das boas posições, não sentem o peso e o jugo dos luzitanos, sens amos, peso que só cae sobre a parte que trabalha para todos os mais neste paiz conquistado ; e os luzitanos por tanto tem necessidade de dispensar esta parte, a da administração do imperio, aos Brasileiros, porque sem

elles sua rica fazenda não poderia ser bem administrada em seu proveito, e sua conquista teria de perder-se. Convinde porém nesta transacção, elles se conservam no entanto os verdadeiros senhores do paiz, locupletando-se de todo o fructo do trabalho do povo nesta terra tão fértil. Porque elles são os senhores do commercio, e das mais rendosas emprezas, com monopolio e exclusão acintosa de todos os Brasileiros, com rara excepção de alguns que acham o geito e rarissimo meio de se associarem á elles. E como no Brasil tudo se pratica com torpeza ou com mesquinhez e miseria, e nada ha que seja mais tórpe e mesquinho aqui, e ainda mais que a politica, do que o commercio, esta torpeza do commercio, e mais ainda do alto commercio, é tão grande, que produz ao commercio a absorpção de todo o trabalho dos Brasileiros que ficam por isto na miseria.

Que perdem por tanto os Luzitanos em deixar a administração do seu imperio aos Brasileiros que tambem lhes garantem locupletarem-se elles de todas as forças do paiz, quando de outro modo elles teriam de perder necessariamente este mesmo imperio ?

Elles fóra da politica e lutando os Brasileiros todos por amor, de cada parte, de serem os administradores desta fazenda luzitana, foram os Luzitanos esquecidos ; livres dos terriveis ataques de um partido nacional que os teria de esmagar, ficam tranquilllos no seu descanso, socego e no seu retiro ; no entanto que os Brasileiros se dilaceram e despedaçam, todos para sustentar os mesmos principios, a mesma politica, o mesmo imperio delles luzitanos ; essa luta ainda é ganho de causa, ainda é força e consolidação dos Portuguezes, na qual desesperadamente se corrompem os Brasileiros com o fim de servirem aos mesmos senhores.

A administração do imperio por tanto, é ainda, e ainda peior, a administração da colonia luzitana Brasil, hoje finalmente colonia da miseria de todos.

2.º

Como o governo é obrigado a corromper o paiz e a fazer-lhe sempre maior mal.

Sendo portanto o governo do Brasil mero administrador desta fazenda dos luzitanos, e elle e todos os seus

feitores tirando seus salarios dessa administração, bem quizeram desenvolver os interesses e prosperidades do paiz, porque assim maiores salarios e para maior numero poderiam tirar ; mas tendo de sustentar uma luta constante com o partido brasileiro, o governo não tem tempo nem meios de realisar alguma prosperidade do paiz, occupado sómente em sustentar o predominio corcunda que dá o imperio luzitano. E' sustentando sempre os deputados e senadores, que o corcunda pôde sustentar este predominio e imperio. Para isto é preciso vencer a eleição á todo o transe.

Ora o povo do Brasil não se sujeita ao imperio luzitano, ao predominio corcunda de boa vontade, e por isto se elle fizesse a eleição de seus representantes, tudo estaria perdido.

Assim o governo cerca-se dessa infinidade de seus agentes, tudo corrompe e comprime para vencer a eleição.

E' esta uma empresa tão alta e tão trabalhosa, que se tem tornado a exclusiva e ardua occupação do governo sempre corcunda.

Vencida porém a eleição com todo o trabalho, os portuguezes não se contentam com o que já ha, e exigem dos deputados e do governo, por portas travessas, porque conservam a prudencia de se não apresentarem de publico, as medidas concernentes ao commercio e de accordo com os seus altos interesses, e na razão directa da miseria sempre crescente dos Brasileiros ; não obstante o governo mandar ás camaras cumprir a vontade dos Portuguezes, muitos de seus membros, os mais espertos ou mais falladores, ainda são gratificados pela generosidade de tão bons senhores.

Quanto ás medidas politicas, sempre novas e em sentido de restringir as liberdades publicas em beneficio dos Portuguezes, nestas não se mettem elles, e as deixam ao cuidado e pericia de seus feitores, os corcundas, que vão sempre (iam até pouco) repellindo as pretensões dos livres, das quaes estes lançavam mão para pela ameaça conquistar o poder.

Se todos os Brasileiros hoje lutam pelos mesmos principios plantados pela politica luzitana, resultado ha tanto procurado pelos Luzitanos, d'antes porém não era assim, e por isto os Portuguezes muito tinham a temer o dominio

ou administração dos livres; porque a primeira e ultima depois de Feijó, (não se podendo contar a ephemera e passageira da transacção indigna da maioridade) a primeira e ultima (1844 a 1848) muito trabalho deu, muito que fazer aos Portuguezes; custou-lhes muitos sustos, dinheiro e prudencia, e alguns duros e barbaros soffrimentos; sendo os maiores e todas as desgraças immediatas contra os Brasileiros corcundas, que haviam sido todo o resto do paiz, pois era logo constituido corcunda por se não prestar, nem apoiar á immensamente cynica, immoral e descarada administração liberal.

Ora embora os Luzitanos ou os corcundas, seus natos administradores, triumphassem pela immensa corrupção da administração dos liberaes, fazendo-os se esquecerem de todos os seus principios, e conservar tudo que acharam dos corcundas, não desejam não obstante a administração liberal que tão cara em todos os sentidos lhes custára. Por isto os Portuguezes, ao passo que se regosijam da luta entre nós, de que resulta sempre a sua maior força, só permittindo o triumpho dos livres quando não lhes póde resistir, concorrem e se esforçam pelas intrigas do paço para o triumpho e sustentação do seu proprio dominio.

3.º

Como se multiplica e se paga á clientella do governo para sustentar-se o imperio corcunda.

Sendo as camaras assalariadas de diferentes modos pelo governo, não dependendo dellas em nada as mudanças dos ministerios, tem estes de contentar em primeiro lugar ás altas ambições.

E em primeiro lugar ainda os representantes tem seus filhos, irmãos, e parentes; e todos os parentes, amantes e chichisbéos de suas amantes, os clientes de cada deputado e os proprios deputados.

Como o seu fim sómente é feitorisar esta fazenda luzitana, poucø importa o bom desempenho destes funcçionarios, com tanto que as nomeações e a sustentação delles nos altos lugares sejam de contento e modo a sustentar o governo que os nomea e garante. Como o governo não depende das camaras, e por tanto do paiz, estes funcçionarios

tambem não carecem dar conta de si, senão de agradar aos que podem os sustentar. Como o título de sua nomeação tem quasi sempre uma origem immoral ou de afeição pessoal, cada um tem o seu alto emprego como uma propriedade sua, como considerando o lugar creado para o seu bem e interesse particular exclusivamente. Assim cada alto funcionario é senhor de suas acções, póde fazer render o seu emprego á quanto alcance, e o roubo e a delapidação dos dinheiros publicos, o roubo aos particulares, tudo é permitido, não é crime nem motivo de destituição, uma vez que estes funcionarios não ponham obice nem o menor embaraço ao predomínio corcunda, ao imperio dos luzitanos.

Além dos lugares creados para a governança desta fazenda, como os altos lugares não chegam para todos os altos protegidos, muitos lugares se cream sem necessidade alguma mesmo para o governo desta feitoria, e sómente para satisfazer ás exigencias dos altos protectores ou protectoras. Não são sómente as altas sinecuras que se tem creado, porque para o imperio corcunda comprar amigos entre os innumerados inimigos, e recompensar á innumerados pequenos amigos, tem sido preciso crear innumerados empregos, todos miseravelmente pagos, o que não obstante vae augmentando na deficiencia de meios vida que ha no paiz. Está todo o functionalismo porém creado debaixo da mais completa submissão, á imitação do regimen militar do Conde de Lippe.

Esta submissão porém não tem por fim facilitar a fiscalisação nem velar no bom desempenho de cada funcção. Ella só tem por fim sustentar o imperio dos corcundas por toda essa immensa clientella, toda ella instrumentada da eleição. E como são clientes e instrumentos eleitoraes, cada funcionario de todas as ordens póde praticar todas as ladrocinhas pelo abuso de seus empregos, todos os caprichos, arbitrariedades e prevaricações, e tudo é tolerado, em recompensa a serviços prestados, a esperados. Guarde-se bem porém qualquer homem honrado de pretender cumprir a lei, e exercer o seu emprego honradamente; elle poderá não roubar, no que será um tólo na opinião da alta e até da média sociedade; mas se se escandalisa da pratica illegal dos seus collegas, superiores ou subalternos, a sua ruina é certa; porque, no geral, todos roubam e abusam

dos seus empregos com sciencia e tolerancia da alta direcção social, em recompensa de a sustentar. Assim podendo o funcionario fazer em seu lucro tudo que lhe aprouver, deve se guardar sempre de se impacientar da insolencia ou de qualquer injustiça do superior, porque, não a sofrendo com toda a paciencia do escravo, dá um motivo de escandalo, de indisciplina e insubordinação, na ordem que é necessario haver, e contra a submissão necessaria ao imperio luzitano.

Este systema está tão bem combinado, que frouxas e, mais que isto, sôltas todas as redeas que contém o funcionario e o particular no circulo da moral e da lei, ninguem poderá jámais sahir ou apartar-se impunemente da ordem que se transmite desde o governo até o ultimo funcionario, até o ultimo particular, a qual ordem não carece de ser expressa, porque se manifesta por este mesmo systema de submissão ao predomio corcunda —Luzitano.

Neste systema de fazer grande clientella dos feitores dos Luzitanos, e no estado de miseria do paiz, muito mais são os novos clientes que aspiram a entrar na ordem. Todos elles tem serviços prestados, e maiores ainda promettem na sustentação do imperio corcunda. Assim á cada ridiculo emprego que vaga, uma infinidade dos pobres famelicos Brasileiros se apresenta pedindo e chorando a graça desejada. Não é pelo merito de cada um que se mede porém a preferencia. No systema de submissão completa, de inteira immoralidade no desempenho de qualquer funcção, á que vem o merito do candidato? Porque meio ha de porém escolher entre os pretendentes o ministro ou o presidente da provincia? No systema de submissão é a protecção o unico titulo para tal fim (e para tudo).

Mas todos os candidatos cercam-se de suas protecções, e cada um se apresenta com seus documentos pro formula, e com um sacco de cartas de empenho dos influentes de eleição da provincia ou da comarca ou termo.

Em regra o maior empenho é o deputado, mas este não está sempre em contacto directo com o presidente e parte das cartas de empenho são dirigidas aos deputados.

Assim por qualquer ridiculo emprego apresenta-se o deputado e o sacco de cartas ante o ministro.

O deputado e o ministro recebem porém cartas em favor de diversos pretendentes e as vezes das mesmas pessoas por mais de um candidato. A's vezes (e muitas vezes) diferentes deputados pedem para diferentes candidatos. Mas ha um meio de harmonisar tudo, que é servir ao deputado de cujo districto é o lugar vago ou creado, porque este candidato tem de sustentar a reeleição do tal deputado.

Os presidentes de provincia são em regra os mais attendidos, quando a provincia não tem *pro-consul*, ou naquelles casos em que o *pro-consul* lhe deixa liberdade.

A respeito dos empregos das cidades capitaes, em regra que admite pouca excepção, são attendidos os presidentes das respectivas provincias para cujo valimento se obter, é necessario apresentar serviços politicos relevantes ou empenhos mais baixos, os quaes em regra que tambem admite pouca excepção, nascem de uma ou mais indignidades ou infamias, e quando menos de alguma miseravel transacção.

Destes diferentes valimentos entre deputados, senadores, cortesãos e presidentes, e altos personagens femininos, nascem pequenas rivalidades que o governo com a sua omnipotencia accomoda, ou grandes que nem sempre se contém e que produzem a queda de ministerios. A' maior parte destes validos ha porém um superior na maior parte das provincias que é

4.º

O Pro-consul.

O *pro-consul* não é alguma instituição creada por lei, mas o é pelo costume, embora de muito menos de cem annos.

O *pro-consul* é uma autoridade existente em quasi todas as provincias, e investida do supremo poder e arbitrio para todos os negocios da provincia. A' elle estão entregues os destinos da provincia, a sua ordem e direcção. O presidente da provincia o conhece desde que é nomeado e já sabe de suas obrigações para com elle, sem carecer que os ministros lhas digam quando elle vem do Rio de Janeiro ou de outra parte, com enormes ajudas de custo, que se

graduam segundo a qualidade e importancia do nomeado presidente.

O presidente chegando á provincia para que é nomeado, não dá o primeiro passo na sua administração antes de *conversar* com o pro-consul. O pro-consul está á par de todos os negocios da provincia, e das necessidades da sua politica, e de tudo informa ao presidente.

O presidente segue em tudo a inspiração e os preceitos do pro-consul e não ousa se apartar d'elle um instante, por que incorreria em crime de destituição, e inhabilitação á outra presidencia em quanto não purgar seu peccado por grandes arrependimentos.

O pro-consul no entanto, assim como não é instituição creada por algum acto publicado, tambem não é nomeado. E' uma autoridade occulta e mysteriosa, e que no entanto todos conhecem e o vêm mostrar-se á luz do dia. Se todos não estremecem em sua passagem, dizem, cada um consigo : « Ahi está o poder. » Os mais ousados, que tem tal instituição como um escandalo, dizem-no em voz alta, mas para só ser ouvido por alguém com quem conversam.

Feliz de quem obtem ou alcança o valimento inteiro do pro-consul, porque este está com sua carreira feita. Turba immensa o adora, e de todos os meios usa para alcançar alguém, e o que já o tem, desfaz-se em agradar ao pro-consul para augmentar esse valimentó. O pro-consul porém cercado de tantas adorações, faz que a turba se resigne com as pequenas graças que distribue á cada um, ou com a esperanza, porque o grande valimento não pôde chegar para tantos.

O pro-consul, assim poderosamente constituido, entende-se que é a grande soberania e prudencia personalizadas, e por tanto os seus preceitos são leis ainda quando dispensa na lei escripta ; porque o pro-consul é que com a sua sabedoria e prudencia, melhor pôde supprir as imprevisões da lei e nos casos em que a sua applicação seria transtorno para a ordem. Assim elle ordena ao presidente da provincia, e a todas as autoridades, e estes são dispensados de toda a responsabilidade quando assim dispensam na lei por essa ordem superior. Deve-se entender porém que ao governo o pro-consul não ordena, pede ; mas está bem certo que seu pedido é necessariamente attendido. Elle não

officia ; toda a sua correspondencia com o governo, presidente e demais autoridades, é por cartas ou de viva voz e reciprocamente. Também ao pro-consul o governo não ordena, pede como por cortezia, á modo de consulta, e o pro-consul tem a faculdade de pôr duvida ou fazer observações, que são as mais das vezes attendidas, porque fica entendido que ninguem tem maior interesse na ordem social do que o pro-consul.

Como ha pro-consul em cada provincia, tambem ha em cada comarca e em cada termo, e estes não se movem sem ordem daquelles, dada sempre cortezmente e á modo de pedido.

5.º

O pro-consul da comarca.

O pro-consul da comarca ou do termo, tambem é onipotente no seu termo ou comarca, e as autoridades constituidas irão mal e nem podem persistir, se se lembram de desattende-lo.

O pro-consul do termo não toma candidatura alguma nem mesmo provincial, sem ao menos o permittir o pro-consul da provincia ou o presidente della, porque elle sabe que o presidente já tem ouvido ao pro-consul da provincia. Este de sua parte, como em todos os negocios, é o que faz os deputados, e, se o governo quer fazer algum novo deputado, consulta-o ou pede-lhe por elle, porque não convém pagar com uma falta de attenção á tão alta autoridade do partido, que sempre tem bons serviços que captivam o governo.

Quando os deputados voltam da cõrte no fim da ultima sessão da legislatura, trazem, não ordem, mas recommendação do governo ao pro-consul de cada provincia, amparando a sua candidatura ; e se por ventura desagradou ao ministerio, este, para puni-lo, de nada mais carece senão de abster-se de assim recommenda-lo, porque então ai do coitado que não será reeleito.

O pro-consul pôde exercer sua função por vida ; mas isto tem excepção de algum tempo de descanso desse goso, para soffrer um pouco os atropellos dos liberaes, quando estes, fazendo-se fortes e ameaçadores, são chamados ao

poder para serem corrompidos, como temos visto. Passada porém a *tempestade* liberal, os pro-consules são reintegrados no exercicio das suas funcções, e com bem poucas excepções de alguns que tenham perdido os requisitos para este cargo.

Agora porém com o presente revolvimento ligueiro, posto que esta desordem e anarchia politica não possa durar, e as cousas tenham em breve de voltar á seu estado normal, é provavel que muitos pro-consules fiquem destituídos, e substituidos por outros dos que agora estão em tal exercicio. Alguns porém dos antigos, os que foram espartos em adherir á *liga*, ficaram e continuam no pro-consulado.

O pro-consulado, que d'antes e ainda ha pouco era um motivo de tanto escandalo para o partido liberal, de maneira que foi o unico ponto da politica concunda que elle combateu durante os quatorze annos ultimos, o paiz tem assentado agora que é um dos poderes politicos indispensaveis á marcha dos *negocios publicos*, isto é, dos arranjos da politica concunda, a qual os liberaes depois de haverem-se esquecido de combater, abraçam agora e a praticam com todo o empenho e pelo exemplo delles, e exemplo seguido com dobrado e treplicado desenvolvimento, exaltamento, e desfaçamento, e descaramento, e impudencia, e cynismo.

Com a criação da liga cahiram quasi todos os proconsules, e novos foram elevados, tirados dos concundas ligueiros. Mas elles ahi estão em forte luta de intriga com os chefes dos liberaes, porque estes querem para si o pro-consulado, assim como todas as posições, como ao diante melhor veremos.

6.º

Dos cargos, dos crimes e das punições.

O pro-consul do termo ou comarca quasi sempre reúne em si muitas autoridades, como presidente da camara, coronel da guarda nacional ou commandante superior; delegado ou subdelegado, e supplente de juiz municipal; Mas não obstante o pro-consul com tantas autoridades em si ainda tem um numero grande de autoridades sobre quem exercer o seu pro-consulado ; porque neste imperio o numero

de autoridades é infinito, porque nós temos em cada termo :—

Toda a officialidade de um ou mais batalhões da guarda nacional.

Um e dous delegados, cada um com seis supplentes.

Dous ou quatro subdelegados, cada um com seis supplentes.

O juiz municipal com seis supplentes.

O promotor publico.

O juiz de direito.

E maior numero de empregos de justiça, ridiculos por sua miseria, como de contador, que só tem valor nas capitaes.

E ha mais os da fazenda.

Juizes de paz, sendo o do primeiro districto a chave da eleição.

O pro-consul quasi nunca exerce senão o cargo de pro-consul, deixando todos os mais aos supplentes, e só os tomando em alguma precisa occasião para praticar alguma patifaria mais delicada.

E, não obstante o tropel de autoridades que temos, muitas vezes a vara de juiz ou de delegado etc., anda de porta em porta, não achando quem a tome ; no tempo da eleição porém não falta quem a solicite para prestar serviços e merecer recompensas.

Para todos estes cargos nomea-se sempre pessoas do partido que está de cima ; e escolhe-se em regra a gente mais ruim, porque é a mais servil ; e quando não, fazem-na tornar-se ruim, e, por tal doutrina que infundem e derramam, que muitos dessa gente pensam estar praticando cousas muito boas porque é em favor do partido ; como porém os cargos são muitos, as vezes não ha no partido dominante numero sufficiente de pessoas que saibam ler mesmo soletrando para exercer-los, e por isto ha muitas autoridades que são inteiramente incapazes de comprehender o que fazem. Procede-se á nomeação destas todas autoridades do modo seguinte :

O candidato á deputação ou á senatoria, designado pelo governo (com a competente venia do pro-consul da provincia), entende-se com o proconsul do termo.

Este deve ser o amigo do candidato de maior influencia no termo. Se havia outro pro-consul, sendo novo o candidato, e tendo outro amigo de influencia, o antigo pro-consul é *abatido*, e *levantado* o amigo.

De combinação com elle o candidato indica ao pro-consul da provincia, quaes as pessoas que convêm á sua candidatura serem nomeadas para cada uma desta aluvião de empregos. O pro-consul então por si só, ou juntamente com o candidato, vão ao presidente da provincia e exigem delle taes nomeações.

Para os homens obterem qualquer destes postões até o de inspector de quarteirão que cada termo conta de dez a vinte e mais, fazem todos os esforços cabiveis em suas forças, e commettem muitas vezes muitas indignidades. E todos estes esforços, porque do cargo resultam muitas vantagens ao individuo e são :

Primeiro que ha de prestar serviços ao candidato, ao pro-consul e ao governo, o que ainda é um meio, cujos fins são as vantagens seguintes :

Ter o deputado na cõrte e na capital da provincia para lhe grangear mais e maiores cargos ou algum empreguinho, e, se fôr daquelles que produzam muito pela concussão, tanto melhor ; (porque no Brasil roubar por meio do emprego aos particulares, ainda é um tanto feio ; mas assim mesmo para a opinião de muita gente, quem não o faz não tem muito juizo ; mas roubar aos cofres publicos não é cousa de que se faça censura alguma ; pelo contrario são grandes tólos os que assim não praticam).

Outro fim é que o individuo autoridade garante-se de toda a tentativa contra o seu direito, (quando o ataque não vem dos maiores) ; porque no Brasil a lei nada vale, só se acha protecção e garantia nos empregos. Por exemplo :

Só é *guarda* nacional aqui gente que não tem o que comer ; e sendo a lei muito dura com os *guardas*, sendo elles verdadeiros escravos dos officiaes, qualquer que veste um palitot não quer sugeitar-se ás torturas inflingidas pelos senhores, e procura com o sacrificio de sua fraca bolsa, e muitas vezes calloteando, um postinho de official.

Outra vantagem do cargo é conquistar o individuo uma qualquer posição, e assim ser ainda respeitado em seu di-

reito e liberdade ; porque no Brasil só tem liberdade quem tem posição.

E' outra vantagem, que a liberdade do que tem qualquer cargo não é só aquella que a lei outorga, mas é a liberdade de fazer tudo para quanto sua *posição* lhe dá força ou meio.

A posição pelo cargo não dá poder e liberdade directa e immediatamente, mas na sua *posição* cada individuo faz favores á outros collegas de posição, e depois tudo o em que se ju'ga livre pôde praticar, porque aquelles a quem fez favores lh'o protegem, e não deixam que elle, pelo que faz contra a lei, soffra alguma pena ou atropello.

A policia é tudo no Brasil sob a mão do governo. Como a justiça nada vale, e nada vale porque do contrario o administrativo não se teria feito absoluto, por isto a policia faz a justiça.

Começando pelos grandes criminosos, se estes são pessoas grandes, decididamente não são punidos nem incommodados ; tambem se respeitam os sequazes ou espoletas dos grandes, das influencias eleitoraes do partido que domina.

Como o jury tem se relaxado ao ultimo ponto, a policia toma conta da punição dos crimes, e o executa á seu modo. Os poucos desgraçados que perderam todo o amparo dos grandes, são condemnados pelo jury ; mas a grande maioria dos criminosos passeia á vista de todos e não são incommodados, porque a grande maioria tem protecção.

Quando porém algum cae no desagrado do governo, ou quando por motivo de contrabando de escravos o governo é apertado pela Inglaterra, esse tal é atropellado com processos e appellações, e com esta punição o governo se contenta, não tendo empenho que elle soffra a pena da lei, castigando-o não do crime, mas do motivo do desagrado com as despezas que o individuo faz, e o tempo de prisão que soffre depois da pronuncia.

Os processos são quasi sempre mal feitos ; os juizes, em regra delegados e subdelegados que os instaura, torturam o depoimento das testemunhas, os adulteram contra o processado ou a seu favor, conforme lhe querem fazer carga ou inculpa-lo. Em todo o caso elles não conhecem a lei, e mesmo

alguns juizes formados, e a pouco trabalho se dão para pesquisar a prova e regular o processo, e rarissima é a vez em que procedem com imparcialidade.

A respeito dos outros criminosos de crimes de classe inferior, a policia em regra procede do mesmo modo ; mas ás vezes pune os criminosos ou a supostos criminosos com a detenção arbitraria, a titulo de averiguação.

Ha finalmente no Brasil um modo de punir os crimes deffinidos na lei e os no animo das autoridades, e é pelo recrutamento.

O recrutamento é a arma mais tremenda nas mãos do governo e da sua policia para os pobres desvalidos, quando incorrem no desagrado dos que podem.

Recruta desde o senhor de engenho e o seu compadre até o chefe de policia, o presidente, e até ás vezes mulheres de mais ou menos consideração que tem qualquer vingança a tomar.

Vêde ahi esse exercito brasileiro ? Raro será o soldado, bem raro, que não tenha sido recrutado por um motivo de vingança ou de justiça policial.

No Brasil se não ha quem não careça de um encosto para achar protecção, que a da lei não se realisa pela justiça, muito mais o carece o pobre, sujeito ao recrutamento pela lei ou por sua situação miseravel. Não ha aqui quem tenha liberdade de acção, são todos patronos e clientes. Existem regras e regulamentos para o recrutamento como para todas as cousas, mas a regra seguida é o capricho e a vingança dos maiores. Em regra não se recruta o morador ou o encostado á um membro do partido dominante ; e as vezes solta-se o recrutado do partido adverso, por algum favor que se concede á opposta influencia (o que não se dá agora com a liga) ; se o patrono porém desagradou-se do cliente, ou seja aquelle do partido dominante ou não, este é necessariamente um soldado do exercito. Grande numero de soldados do exercito é de criminosos acoutados por influentes de um ou d'outro lado politico, que se cançaram de os ter ou se desagradaram delles, e os entregaram ao recrutamento. Muitas vezes a propria policia, não querendo dar-se ao trabalho de pesquisar os crimes dos criminosos (desvalidos), os recruta, bem sciente do que elles são.

O recrutamento não é feito só de homens, mas também de meninos, que arrancam dos braços de suas mães, á quem deixam em desolação, preferindo antes nunca te-los trazido ao mundo ; isto se faz para *beneficiar* os desvalidos, que são levados á marinha a soffrer todos os tratos que lhes inflingem barbaramente desde verdes annos, como educação unica de que é digna a plebe. Recruta-se também na guarda nacional, e basta para isto a vontade, o despeito de qualquer official a quem o guarda não fez a cortezia com toda a reverencia. Ha finalmente um motivo e um modo de recrutamento que seria bastante para bem caracterisar este Brasil : é o recrutamento para casar e para não casar.

A mãe ou pae da moça offendida vem queixar-se do offensor ao delegado ou ao subdelegado e pedir que o faça casar com sua filha. Traz uma carta de alguma influencia ou do pro-consul da terra, e, avista della, a autoridade attende á carta, porque o que ella diz e attesta é pura verdade.

Como o nosso codigo criminal dá inteira liberdade aos devassos e concupiscentes, estes muitas vezes, depois de ter gosado da *fortuna* das pobres, as deixam a outrem que possa ser preso para casar ; e, ou seja assim, ou o accusado seja o verdadeiro offensor, a policia se erige em tribunal casamenteiro, e, depois de prender o accusado, entra em admoestações pelas instancias do pae ou mãe da moça que, apadrinhada pela cartinha, pôde-se fazer ouvir até com as maiores importunações, e ser attendida.

O pae, mãe e a moça fazem suas declarações, são lhes dadas muitas audiencias para, admoestando-se o accusado, mostrando-se como elle mesmo é o offensor, ser inteirado de que, se não casar, vae para o exercito ou para a marinha.

As vezes são muitas moças que reclamam a reparação da deshonra, e a autoridade tudo confronta e pesa, mais em vista do *peso* das cartas que amparam á cada uma do que pela verdade e razão ; e por fim a autoridade decide com quem deve o accusado casar.

As vezes o desgraçado, culpado ou não, com medo do recrutamento sae da cadêa acompanhado de soldados para a egreja a receber a benção nupcial, e se acaba em comedia o drama ; as vezes é conduzido algemado, e remettido ao exercito por autoridades que commettem grandes crimes.

Ainda ha o recrutamento por causa da eleição ; por que a policia quando *pede* e é desattendida por alguém, não dispensa o desgraçado que não votou na chapa.

XXXIV

A JUSTIÇA.

A justiça neste grande imperio é de tudo quanto ha o que é mais ridiculo e miseravel. Aqui ella não é a base da sociedade, o seu laço, o seu fim. É um apparato de impostura, instrumento de iniquidade e de immoralidade, sêde da ignorancia, antro das trevas, ausencia da razão, do raciocinio, desprezo completo da lei, vilipendio do direito : é a miseria de todas as miserias.

1.º

Juizes Municipaes.

A justiça civil é confiada á juizes letrados, que pela constituição deveriam ser todos magistrados. Mas achou-se geito de fazer os de primeira intrancia não magistrados, e com duração sómente de quatro annos. O fim allegado desta instituição é para experimentar os mancebos ; mas o fim real é para corromper os mancebos.

São os juizes municipaes e de orphãos, rapazes apenas formados e nada sabendo do direito, e se encarapitam na cadeira magistral com tanta impostura e philauoia, quanta ignorancia.

Começa a cousa pelo meio porque elles obtem a sua nomeação, e é por um chuveiro de cartas de empenho que remettem ao ministro ou ás pessoas da cõrte, e as quaes no geral nada valem, porque a carta do pro-consul da provincia ou do deputado do districto é que decide. O juiz por tanto deve ser um instrumento eleitoral, ou melhor ainda se já deu prova de sua capacidade para tal fim. Se depois de nomeado não corresponde á expectativa, não será reconduzido (salva as excepções, filhas sempre de empenhos e rarissimas vezes de fontes ou motivos puros).

O ordenado do juiz municipal é inferior aos lucros de muitos negros ganhadores ou canoeiros. De ordinario elles são moços pobres, que não esperam pelo seu emprego pagar

as despesas de seu estabelecimento ou transporte. A's vezes, quando acham geito, recebem uma ajuda de custo do governo, que a dá a seu arbitrio. Mas fóra disto e ainda assim elles se vêem na necessidade de occupar a gente mais abastada do lugar, que lhes fornece o transporte e lhes dispensa favores indispensaveis á sua pobre situação.

O juiz municipal que está no lugar do magistrado, que distribue a justiça, que por tal posição mereceria o respeito e a maior consideração de todos, o juiz municipal em cuja mão está a guarda e defesa dos direitos do cidadão, é o homem mais pequenino do municipio. Elle respeita ao pro-consul como um escravo ao feitor, respeita á todos os grandes e influentes da terra. Não tem acção quando sabe que o grande quer, não tem lei nem livro senão a vontade daquelles.

Necessariamente ignorante, elle não se dá ao trabalho de estudar, porque nisto não tem honra nem proveito; não será por sua illustração que adiantará o passo, e na sua miseria e aviltamento de sua classe, raras vezes o gosto do estudo e o desejo da gloria o estimulam, n'uma terra em que a gloria é vã palavra, a illustração consiste no plagio de quanta hypocrisia se lê em certos livros vindos do estrangeiro, e em bestialidades e chocarrices nauseabundas e obscenas que nos ensina a côrte, a qual prima na mestria dessa materia de espirito, e mais em tôlas poesias e tristes correspondencias de que não se podem ler duas linhas, (sempre á parte as excepções, que as temos muito honrosas, e que seriam n'outra terra verdadeiras glorias).

Muitas vezes os juizes nem dão as suas sentenças, e mandam os autos das demandas de muitas leguas do interior á advogados nas capitães para as darem por elles, e dizendo logo a favor de que parte querem a decisão. Mas como a sentença para ser dada sem attenção ao direito e justiça não é difficil redigir a quem não tem motivo para bem portar-se, a maior parte das vezes o juiz a dá por si mesmo. Mas em regra, a favor de quem, não é elle quem delibera. Porque no Brasil assim no contencioso, como em todos os negocios, não se decide cousa alguma sem que a autoridade receba alguma ou muitas cartas de empenho, porque o direito aqui é o patronato, a lei o empenho do maior patrone.

Como a primeira cousa que o juiz aborrece é o estudo, não podendo dar nem os primeiros passos na pratica, vê-se embaraçado nos mais comezinhos despachos, e então é o seu tira-duvidas o escrivão que tem mais pratica. Assim, perde o juiz o respeito do escrivão, e vê-se na necessidade de submeter-se á elle, que é o verdadeiro juiz, muitas vezes mesmo contra a vontade dos potentados e dos pro-consules.

Os juizes municipaes não desejam viver deste cargo, sómente querem fazer carreira ; por isto primam na eleição, sem o que não podem ir adiante, nem ao menos ser reconduzidos. E como os seus procuradores não lhes procuram sempre á vontade, as vezes lembram-se que devem ser deputados provinciaes, afim de se habilitarem á geraes, e tambem para lucrarem das patotas das assembléas. Então, se uns delles acham geito de entrar na chapa do pro-consul da provincia, são eleitos por outro districto onde muitas vezes ninguem os conhece. Em compensação porém elles fazem preezas na eleição do seu municipio, por onde se recommendam como um homem interessante.

Muitas vezes tiram licença para dar seu passeio á cidade, e os da cidade para dar seu passeio ao matto, ou á côrte afim de solicitar mais de perto algum melhor arranjo. Outras vezes exercem a vara de direito que vaga á cada passo por differentes motivos de interesse particular ou de eleição. E então a vara municipal passa para os supplentes, e estes fazem tantos transtornos e desarranjos que o proprio simulacro de justiça se faz nullo. A calamidade dos supplentes é insupportavel. As vezes homens que mal sabem soletrar as palavras assentam-se como supplentes na cadeira do presidente do jury. Muitas vezes o pobre homem não sua sangue porque não comprehende o papel que lhe é confiado e que desempenha.

O juiz municipal assim humilde e docil para o que mais pôde, desconta com os pequenos toda a sua humilhação, e faz-se grande e arrogante ou protector, mas quasi sempre com muita impostura. Elle mostra porém toda a altura e dignidade de seu poder, quando por algum motivo ou simplesmente por antipathia embirra com um desvalido que não soube tomar um padrinho. Então elle não dá só cabeçadas, escoucêa. Commette todas as arbitrariedades, dá

todos os despachos loucamente, torna-se possesso se o pobre homem endurese, se o advogado o aperta, e dão-se então scenas desagradaveis; e o juiz sempre seguro, por que com os seus muitos protectores de sua parte tambem não teme a justiça, a qual, além disto, tem o espirito de classe, e nunca condemna o juiz, embora veja-se obrigado a processa-lo. E é tanto que as Relações com difficuldade dão provimento aos agravos, porque dizem que seria a contraria pratica desmoralisar os juizes.

2.º

Juizes de Direito.

Esta classe dos magistrados divide-se em duas partes: a primeira aspirante á brilhante carreira, e ainda assim moral ou pecuniariamente miseravel; a segunda esquecida, abandonada, vivendo tristemente de um mesquinho ordenado que não chega para alimentar e vestir grosseiramente a sua familia. Entre estes encontram-se alguns que desempenham soffriavelmente suas funcções, e alguns poucos bons no rigor da palavra; mas em regra sempre sujeitos ás influencias a que já vimos que estão sujeitos os juizes municipaes, porque estão na mesma dependencia por sua vida de miseria, porque o mais valente está sujeito a ser removido para uma comarca tão distante como o inferno. A segunda, a aspirante, está assim collocada em posição de aspirar, porque os que a compõe ou tem familia rica e poderosa, ou por qualquer circumstancia, algum padrinho poderoso, e em regra por algum relevante serviço eleitoral que tem prestado desde que fôra juiz municipal.

Os aspirantes são candidatos á deputação, deixam a carreira da magistratura e são presidentes de provincia, obtendo dentro de pouco tempo a sua reforma com ordenado. Como elles tem grandes padrinhos, estão, é verdade tambem sujeitos á vontade das influencias, dos pro-consules da provincia, mas não aos pro-consules do termo ou da comarca, porque são elles mesmos estes pro-consules. Como não podem ser candidatos á deputação pelo circulo de sua comarca, o são por outro que o governo lhes dá, e para bem o merecer é preciso que bem desempenhe o lugar de pro-consul de sua comarca, e saiba vencer á todo o transe.

Nesta nossa boa terra, á cujos naturaes o fallecido Padre Lopes Gama chamava *macacos*, porque aqui gosta-se muito de imitar á esmo o que é estrangeiro, aqui imita-se com particularidade o que para nós só pôde ser ruim, por se não poder applicar a nós.

Os nossos commerciantes brasileiros são Portuguezes que vieram vendendo alhos e cebolas, e é á esta gente que adquiriu fortuna assim assim e mais sabe Deus como, que está confiada a decisão das demandas commerciaes e civis intentadas commercialmente ; porque elles votam com os desembargadores ; mas o seu numero é muito superior ao destes em cada tribunal. Não é preciso dizer mais nada.

III

Supremo Tribunal de Justiça.

E' a nata dessa magistratura que tanta honra faz á este Brasil. (*)

IV

O Jury.

Os tribunaes de jurados são compostos de todos os cidadãos das classes mais importantes ; este é o espirito e quasi a letra da lei ; mas no Brasil não ha classe alguma importante se não a portugueza, pois todos os Brasileiros

(*) Para cumulo de desgraça ha mais um vicio que ataca a todas as autoridades no Brasil, e a todo o mundo que tem de decidir de qualquer negocio alheio ; um vicio que já tenho notado, mas talvez pareça ser só indicado nos mãos empregados, quando aliás elle se dá em quasi todos e com rarissima excepção, e assim nos magistrados : é o empenho.

Não ha negocio aqui para o qual o papel, o documento, a informação, o attestado, a prova, sejam sufficientes ; é necessario o empenho. Assim os *autos*, mesmo para o bom magistrado, não são sufficientes, é preciso que se lhe falle, ainda que seja a propria parte : pois do contrario, diz o bom magistrado quando *ouve* queixa de injusta sentença que por preguiça assim proferiu, diz : ninguem me fallou. Alguns todavia ha que seguem ou antes desejariam seguir o preceito da Ordenação ; mas o costume está tão arraigado, que estes mesmos fazem o sacrificio de ouvir as partes ou a quem por ellas falla, porque, do contrario passariam por incivis e brutaes, como acontece com algum rarissimo que de maneira alguma admite comsigo esta pratica. Não obstante esse mesmo abre sem se aperceber o corpo á algum *innocente*, e come *palha*.

são ou os seus feitores, seus libertos bem pagos e recompensados para sustentarem em proveito della, esta fazenda, (quando dos Portuguezes era, que agora ella só pertence á miseria geral) ou os seus escravos.

Não valendo lei alguma no Brasil nem justiça da parte das autoridades ; não havendo garantia alguma de direito, não se achando protecção senão nos padrinhos, nos empenhos ; não se podendo obter empenhos ou padrinhos senão sujeitando-se cada um á vontade da gente mais alta ou influente, dos feitores e libertos dos Portuguezes, que são os immediatos senhores dos Brasileiros, não é possível que constitua tribunal de justiça essa massa de cidadãos assim dependentes e escravos.

Aqui no geral os cidadãos estão reduzidos á maior miseria ; quasi que só se vive de emprego publico, e commettendo-se nelle todas as tropelias ; e os que taes empregos não tem, vivem ainda em maior miseria. E ainda assim a massa dos cidadãos, se elles não forem inteiramente submissos aos pedidos e empenhos dos mais influentes, ficarão perdidos em sua miseravel industria qualquer que seja ; e por outro lado fica fóra da lei, isto é, pôde tudo soffrer sem achar quem o acuda, porque não acha protecção, unica lei nesta terra.

Os mesmos cidadãos que poderiam ser mais independentes, mesmo os mais ricos, não o são ; porque estes vivem nesta sociedade, e para sustentarem sua fortuna, sua honra, seus direitos, carecem de ter protecção ; porque, embora o dinheiro seja muito, se o rico não tiver protecção, em pouco tempo sua fortuna se consumirá, e, elle na miseria, então vem a carecer de ser mais que dependente, de ser guarda-costa ou espoleta, para viver.

Nesta desgraçada dependencia dos mais influentes da terra em que todos estão para cada um se guardar, o interesse publico, o amor da patria, da moral, o sentimento da vendicta da sociedade contra os criminosos, perdem-se completamente ; e então o jurado só tem que olhar para o empenho do accusado.

Ainda não obstante ha algum jurado duro, que affronta tudo, mas não affronta sempre.

E' este o tribunal do jury ; as suas decisões são de conformidade com esta situação dos jurados.

Por isto tem-se tirado do jury uma infinidade de attribuições, e muitos opinam que se lhe devem tirar todas, acabando-se com elle.

E isto virá a acontecer necessariamente, porque, na desmoralisação crescente e miseria irremediavel em que continuamos a fazer tantos progressos, cada vez os jurados se constituirão mais dependentes e submissos, cada dia suas decisões serão mais repetidamente escandalosas e immorales.

4.º

Os advogados.

Aqui não ha advogados : ha tratantes, velhacos, impostores que ostentam privança dos juizes e parentesco com elles, que dispensam o estudo e cuidado das causas, porque isto nada vale ; que cercam as partes para as attrahir á si ; que tem agentes que se fingem officiosos para lh'as conduzir a pretexto de que tal ou tal advogado tem amigos ou parentes nos tribunaes. Elles vivem do enredo e da chicana, de negocio com as demandas, de arranjos que o direito desconhece e reprova, de ostentar meios para vencer, que não são a allegação do direito, e exhibição da prova. Ha tão pouca confiança na justiça e nos advogados que se quasi todas as demandas não se defendem por cota-litis, é porque são trabalhosas, e pela mesma desconfiança que tem da justiça os advogados. A desconfiança da justiça tem se tornado tão grande que, o contrato de cota-litis se tem tornado commum, e em quasi completo esquecimento e desprezo da lei que a prohibe. Os advogados que por excepção querem sustentar a dignidade de sua nobre profissão, tão relaxada no Brasil, e ou mais ou menos segundo suas forças, lutam com as maiores difficuldades, são sempre derrotados, e vivem na miseria, e por causa della mesma ainda se relaxam. Muitos porém dos que se sujeitam ao costume da terra e, dispostos, praticam, quando tem occasião, quaesquer tropelias para poder viver, muitos, nem mesmo assim, passam da miseria, porque não basta querer ser ruim, é preciso ter geito, e saber ser dos primeiros entre elles. Ser ruim, digo mal, ser bom, devo-se entender : porque

ser bom advogado nesta terra, é ser dos primeiros trantantes.

E' preciso o advogado ser habil, ou pela impostura ostentar habilidade, para assim illudir as partes e ellas acreditarem que por suas letras ou por suas tretas elle lhes dará triumpho. Os advogados promettem ás partes o triumpho das causas, sem o que raro é o cliente que os accêita ; asseguram que se empenharão com o juiz ou juizes, condição sem a qual o cliente os não accêita. Como porém o mais carregado de causas não é o mais habilitado para pedir por todas, e o advogado contrario tambem tem feito á parte contraria eguaes promessas, e uma das duas partes tenha de vencer, cada advogado, fingindo que se *empenha* com os juizes, avisa á parte para que tambem trabalhe neste sentido. E as partes de cada lado se empenham com todas as suas forças, pensando que os advogados estão fazendo outro tanto. Em regra a que mais fortes empenhos tem, mais razão tem, e vence a causa. E o advogado derrotado que promettera o triumpho, safa-se bem, porque allega ao cliente que o juiz ou juizes se venderam, ou que fizeram clamorosa injustiça dobrando-se á tal influencia poderosa que pediu pela parte contraria. E como a justiça está no maior descredito á todos os respeitos, o cliente derrotado acredita a desculpa do patrono, seja bem ou mal fundada. Quanto ao verdadeiro esforço que o advogado deve empregar pelo seu cliente pelo estudo e pelo discurso, isto em regra é desusado e quasi inutil ; em regra as estantes só servem para ostentar grandeza ; as citações são pedantaria ; o discurso, o raciocinio de nada aproveitam pelo succo e esforço juridico. Na nossa terra os livros juridicos poderiam queimar-se todos, porque desespera e esmorece compulsal-os e ver os juizes darem mais attenção ás patranbas, historias, cochichos, enredos, intrigas, nos autos e fóra delles, do que a todo e mais esforçado e bem feito trabalho do advogado.

5.º

Conclusão.

A base de toda a garantia de todos os direitos, de toda a liberdade, de toda a ordem, de todo o progresso, é

a justiça. Toda esta machina politica e administrativa, é, como todos o sabem, para sustentar a justiça, porque esta é que dá a cada um o que é seu. Ss fosse possivel a justiça só por si fazer executar os seus decretos, toda a machina politica e administrativa que tanto trabalho nos dá, e tanto nos consomme, não existiria. Toda esta machina é feita para a justiça, e no entanto a nossa justiça, de que é principal parte a magistratura, e que devia occupar uma posição tão elevada, vive no estado da maior dependencia e miseria. O fim disto é destruir tambem toda a independencia e liberdade do cidadão, para que elle seja obrigado a obedecer aos potentados e ao governo, de quem depende o triste magistrado. E o mecanismo é assim :

O magistrado depende do governo e só se pôde fazer attender tendo o empenho do deputado. O deputado depende do governo, e depende tambem dos potentados que fazem eleição. O magistrado por tanto carece de attender não só ao deputado, como ao potentado que, casado com o governo, faz o deputa lo. O magistrado ainda depende directamente do potentado, dos senhores como barões feudaes, porque sendo nimamente pobres, não tendo de que viver e sustentar sua familia, nem á si mesmo o solteiro, tem necessidade de receber muitos favores, de se individuar para pagar não sabe com que. Não é o officio de julgar cousa tão facil que qualquer creança o possa exercer : e os nossos magistrados são os rapazes que acabaram de mal aprender a estudar. E quando ainda vão aprendendo o direito, se desempenham bem a missão de que lhe incumbem, de fazer eleição, passam logo á juizes de direito e vão se esquecer do pouco que aprenderam : e, depois de tempos, se ainda são bons cabalistas, passam a desembargadores, e vão aprender de novo á custa dos que padecem. E ahí ainda na mesma dependencia, na mesma pobreza e dispondo de tantas fortunas que passam por suas mãos. E se portem elles bem ou mal nesta elevada e triste posição, a sua situação é sempre mesquinha, só podendo esperar algum pequeno melhoramento do máo proceder.

Com uma magistratura desta, e com o jury que acabamos de ver, com um governo cuja missão é só fazer eleição, o que podemos ter de bom ou antes que não seja miseria ?

GARANTIA DOS DIREITOS.

Em um paiz em que a magistratura, a justiça é o que acabamos de expender, o que é da garantia do cidadão que não é protegido da fortuna, ou de qualquer boa situação que lh'a permitta comprar de um ou de outro modo, ou que não é protegido por algum potentado, algum forte padrinho? o que é em uma palavra da garantia do *pobre* geralmente, do pobre que não é instrumento, guarda-costa ou cousa assim do potentado, do pro-consul ou da policia? E' nenhuma em todo o rigor da palavra. A sua situação é desgraçada, o pobre, o que não é instrumento de qualquer desses que indicamos, é peor que um cão; e o rico mesmo que não se mette em politica, que não concorre para a eleição, quando carece da justiça a compra bem cara, e muitas vezes paga bem caro a sua *indifferença* politica, porque perde os gastos e a demanda mais justa, quando a pleiteia contra as influencias eleitoraes, contra os pre-consules ou seus parentes e protegidos.

O *pobre*, coitado não é só pobre, temos visto; é desgraçado. Para elle não ha sombra de lei. O do matto-nem tem casa para morar: ou pague *fôro* ou plante canna para o engenho, ou esteja de favor, não tem asylo, aquelle asylo inviolavel da constituição e do codigo, que não foi feito para elle. A' casa do pobre pôde chegar o senhor da terra, mandar sabir sua mulher e seus filhos, e deitar a casa abaixo, porque essa casa em que mora o pobre é do dono da terra. E o magistrado de primeira e segunda instancia, aquelle noviço, este pretendente da eleição, e dependente do potentado, o magistrado decide que o dono da terra praticou em seu direito. O pobre não tem mais acção e consciencia; é uma machina do dono da terra. Antigamente os saquaremas obrigavam o pobre a ir votar; disto fallaram muito os liberaes; quando subiram fizeram o mesmo e peor; hoje já isto não é cousa que se estranhe: contam-se as forças eleitoraes segundo o numero e os votantes dos donos de terras, dos senhores de engenho. E isto ainda não é tudo, porque o pobre muitas vezes vê-se apertado entre o senhor da terra e a policia, e os commandantes da guarda nacional. E a vida que elle passa fóra da eleição que

triste vida que é ? é mais que uma vida de escravo, porque este serve ao senhor, e recebe a ração, e a recebe sua mulher e seus filhos ; mas elle, oh ! isto é uma historia muito longa . . . Basta dizer que é guarda nacional, na qual é obrigado a fardar-se quando não tem nem o que comer. Seu serviço na guarda nacional, muitas vezes tira-lhe todo o tempo de trabalho, e a familia fica entregue á miseria e ao abandono. Fóra dos destacamentos elle quasi sempre vive occupado em conduzir officios das autoridades, e muitas vezes cartas á titulo de officios.

O pobre das cidades e algumas vezes das villas não está sugeito á dono de terra ; mas é quasi escravo da guarda nacional, onde os superiores tem um imperio absoluto. Assim mesmo eram os mais livres, e é onde o governo tinha mais trabalho para vencer eleição, ou elle se chamasse liberal ou saquarema, porque quando temia perder ainda com todos estes preparos da corrupção e do arbitrio, com os inspectores de quartirão que prendem e recrutam, lançava o povo para fóra da igreja e não o deixava votar : hoje não ha mais que temer, que são todos igualmente escravos.

E quando vem o inglez e entra pelos nossos portos e rompe a nossa bandeira que cobre uma carga de Africanos, grita-se ao povo — « Vinde defender os nossos direitos. »

E quando vem o inglez e atrapalha o commercio dos grandes negociantes do Rio de Janeiro, grita-se ao povo — « Vinde defender os nossos brios. »

Mas esse povo é o povo manada que não deve votar, mas seguir os senhores. Não é por tanto á seus brios que insultam, que elle não tem alguma parte nesta traficancia chamada governo, não toma parte alguma.

Os empregados publicos são outra miseria : são de um numero sem conta, porque nesta terra não ha outra industria, e se cream muitos empregos para se pagarem serviços de eleição. E os empregados ou vivem na maior miseria ou tem toda a licença para roubar.

XXXVI

A MORAL PUBLICA.

N'um systema de centralisação como o deste paiz, a immoralidade e devassidão da côrte necessariamente se es-

tende e derrama por toda esta terra. O Rio de Janeiro é a côrte mais corrompida do universo, ao menos do muito que se escreve diariamente de todo o mundo, não seprehende que haja alguma cidade de tanta devassidão como a rica e grande capital deste misero imperio. E mais devassa não pôde ser a cidade em que, com bem poucas excepções, os homens são hemaphroditas, ao menos os filhos do paiz, e os demais Brasileiros que bem se *acclimam* com aquelles costumes. Partindo deste principio da moral publica na capital, o que pôde ser ella em tudo o mais? No Rio é tudo vendavel, é tudo negocio, é tudo transacção, porque com tudo se transige. Não obstante os homens ali participarem de ambos os sexos, todavia as mulheres, as grandes titulares tem no governo grande e as vezes inteira influencia. São *respeitaveis matronas*, mulheres de altos personagens, que, não se querendo dar nunca por velhas, tomam por seus *afilhados á distinctos* mancebos provincianos e de quem fazem a fortuna.

Estas matronas e esses afilhados não são em pequeno numero: umas são mais poderosas do que outras, e assim os seus protegidos.

Estes distinctos cavalheiros, se constituem grandes senhores, e tem a sua grande clientella em suas provincias, e suas familias se constituem logo em grande poderio.

Estes clientes e esta parentella são os que vem a gosar dos doces fructos da conquista do poder, repartindo-se para elles os mais saborosos, e dando-se aos trabalhadores das eleições ou os boccados mais magros e minguaços, ou a esperança.

Ultimamente tem-se dado á este systema de protecção, o nome de *filhotismo*; e o filhotismo tem-se tornado quasi o unico titulo para innumerous cargos e empregos, soffrendo já fraca concorrência dos obscuros trabalhadores da eleição, que antes do dominio da liga *ainda* estavam em segundo lugar.

No Brasil, sem industria alguma, só *vive* soffrivelmente com honra o grande capitalista; fóra disto não se *vive* sem roubar. O proprio rico que não o é muito, se não rouba, vive mal, porque é salteado pelos ladrões que são em numero sem conta. E elles estão em todas as profissões, e em cada uma em grande numero os grandes ladrões,

e os pequenos em numero sem conta. Os homens honrados de posição mais humilde são raros e pobres victimas de sua dignidade, passando com miseraveis salarios ou emolumentos, tasquinhadados e ridicularisados por sua classe, e despresados por todos. As classes que pretendem passar com azeite e melhor trato, võem-se nos maiores apuros ; porque neste paiz sem industria alguma, não ha meio que permitta (com raras excepções) sahir da miseria ; e então são quasi sempre os meios immoraes o recurso a ostentar, quando não o luxo, apparencia de uma vida de bom tratamento e bom passar. Os pobres e os ricos que se contentam com o que tem, e que, não obstante se envergonham de não hombraear com os que ostentam luxo e bom tratamento, estes soffrem as maiores torturas, e quando não elles proprios, seus filhos vem a cahir na miseria.

E' isto consequencia em grande parte de um grande mal, de um grande vicio que ha nesta sociedade : é o luxo. Um paiz pobre como este, ostenta um luxo deslumbrante, e deslumbrante o digo em vista de nossa grande miseria. Por isto cada dia mais em divida ficamos com o estrangeiro ; por isto a fortuna particular cada dia se vae sumindo, arrecadada pelos credores, a qual ainda assim, depreciada em seu valor real ou relativo, (embora o valor nominal se augmente), não chega para pagar ao estrangeiro, e enriquecer fabulosamente aos poucos que sabem ou podem-se aproveitar das circumstancias miseraveis desta terra desgraçada. O grande numero porém, a grande maioria do paiz, e a besta de carga, vive vida miseravel, é tratada como cão, e como cão tinhoso vae passando. Esta classe, não resignada, mas comprimida e abatida, abjecta e escrava, é ainda não obstante, quasi toda moralisada. Admira como neste paiz tão vasto e deserto, anda um caminhante só, carregando muitas vezes grandes valores, e é bem raro o caso de roubo que se conte. Não obstante, esta classe por sua abjeção, e pelo exemplo das outras em que estão o mando e o poder, vae caminhando para a perda de toda a dignidade e moralidade. A infame escola da cõrte, a depravação que reduziu Sodoma ao aniquilamento, com quanto tenha penetrado um tanto nas provincias, todavia ainda está nellas infinitamente distante do grão a que tem chegado na capital do imperio. Não entro no exame detalhado da de-

pravação e relaxamento de nossos costumes, que, fóra da côrte, ainda se conservam com muita força principalmente os que dizem respeito ás leis do pudor na classe baixa e em parte da média, e á religião, embora com suas superstições, não entro neste exame assim, porque este assumpto, a ser deste modo tratado, demandaria um grosso volume.

XXXVII

O S C R I M E S .

Já houve um tempo em que se ostentava mais elevada a estatística dos crimes. Hoje o numero dos crimes pelo que consta officialmente é muito menor. Dahi se tira em conclusão que estamos moralizados. Mas, se se attender, na hypothese da grande diminuição de crimes, como se figura, que ella provém antes da sugeição, abatimento e abjecção dos fracos aos fortes, e não ás leis, a conclusão será a contraria, que estamos muito mais immoralizados. Em outro tempo, quando tanto valia o forte como o fraco, quando a lei era tão fraca para o forte como para o fraco, cada homem era tão bom como cada homem ; e se cada um, não achando bastante protecção na lei, tomava a vindicta por suas mãos, esse recurso era dado a qualquer sem distincção. Hoje porém o crime só é praticado pelos fortes, ou por quem tem a protecção delles. E contra elles não ha vindicta, nem publica nem particular. Hoje o fraco soffre de braços crusados toda a violencia do forte. Antiga-mente lutava-se ; muitas vezes o forte acabava pelo bacamarte do filho, irmão ou outro parente ou amigo daquelle cuja vida mandára ceifar pelo bacamarte ; mas hoje nem a lei, nem o magistrado, nem os tribunaes, nem o pae ou irmãos ou filho da victima das paixões dos fortes, pôde servir-lhe de tropeço aos seus perversos intentos. Se é forte pôde matar, e tudo fazer, porque nada tem que soffrir se não offendeu á outro mais forte. E não obstante tem-se visto nestes ultimos tempos crimes tão horriveis como d'antes nunca foram dados. Se tivessesmos uma estatística dos crimes que aqui se commettem, se as autoridades fizessem participação de todos com todas as circumstancias, ver-se-hia que este paiz que não se pôde propriamente chamar barbaro e menos selvagem, ver-se-hia que não ha adjectivo

que o designe em grão de civilização porque é uma mistura de liberdade fictícia e de despotismo real, de corrupção e moralidade, de civilização e barbarismo, de orgulho, abatimento e humilhação, de valentia e cobardia, de luxo e de miseria, mesmo nos que o ostentam, de grande riqueza e fertilidade natural e de immensa penuria, de tanta religião para uns como indifferentismo ou hypocrisia para outros.

E' a causa de toda esta calamitosa situação, a causa immediata e principal, as eleições ; porque, não a querendo dispensar o poder, não a quer não obstante verdadeira, porque quer elle ser o unico eleitor.

XXXVIII

AS ELEIÇÕES.

A obra dos saquaremas (os corcundas) tem sido de muito tino e paciência, e começada de longa data. Desde a queda do regente Feijó, a qual já foi obra sua, até hoje, os saquaremas não sahiram mais do poder nem um dia, e nem um dia perderam de seu constante e sempre proficuo trabalho. Não tem havido um só anno em que elles tem ostensivamente figurado no poder, em que não tenham rasgado uma pagina da nossa carta de alforria concedida (outorgada) por mercê do augusto fundador do imperio, em que não tenham destruido uma de nossas liberdades, fazendo-se elles cada dia mais senhores como tudo temos visto. Mas elles não dão um golpe sem primeiramente preparar o terreno. Assim elles começaram por se fazerem senhores da camara dos deputados e do senado. Mas como, se é este partido o inimigo conhecido do povo, e este era todo livre neste imperio ? Foi esta a grande empreza, a da corrupção das eleições, já fazendo corromper o povo, já levando tudo pela violencia. A obra da corrupção da eleição, tem sido uma empreza ardua para os saquaremas. Elles não podem ser votados, pelo povo que os detesta, e cada vez mais e sempre. Por isto descaradamente elles tem levantado o principio da intervenção do governo na eleição. O governo é que tem a iniciativa na governança do estado ; os deputados e senadores devem ser feitos à sua escolha, de seus partidarios. O partido do governo

no Brasil quer dizer o partido saquarema. Para vencer a eleição por tanto tudo desde então tem empregado o corcunda. Deixou saber que merecia sua afeição, o perdão de todos os crimes, o goso dos melhores empregos, o triumpho de todas as demandas, a recompensa de todas as condecorações, cada maior ou mais pequeno poderoso que triumphasse da vontade do povo, fosse pela violencia ou pela falsificação. Então e desde então se viu o derrubamento das casas dos pobres, quando não votavam com o governo, á ponto que passou em julgado que a constituição e o codigo criminal quando garantem como inviolavel o asylo do cidadão, só quer isto dizer do cidadão rico, e que mora em edificio seu. Desde então viu-se o recrutamento como punição do crime de não votar com o governo, viu-se os faccinoras guardados pelos potentados e pelas autoridades, os quaes serviam, como servem, de expellir da eleição os votantes que se não podem vencer pela ameaça. Tudo não ia ainda bem, e foi preciso esta machina infernal de delegados, subdelegados e inspectores. Estes arregimentavam o povo, como hoje, e o levavam como á bestas, ao sacrificio chamado a eleição. Vão com a policia os potentados, condecorados pelo governo ; e, se a ameaça do fogo que ha de queimar depois da eleição o mucambo do pobre. não é sufficiente, não se poupa a facca de ponta, o bacamarte e o cacete. Se não obstante sahiam alguns eleitos contra a vontade do governo, este tratava logo de os ganhar nas camaras, e fazia delles logo seus servos. Assim o governo ia fazendo a eleição para ter representantes que destruisssem as liberdades publicas, e ia as destruindo pouco e pouco para ficar mais senhor, e melhor poder fazer-se a eleição. Foi assim, que os corcundas destruíram a liberdade que tinha o guarda nacional de eleger os seus officiaes. foi assim que, não sendo isto sufficiente, os corcundas fizeram, passados annos, essa nossa ultima lei da guarda nacional que faz do soldado um verdadeiro escravo.

Mas o povo ainda era muito livre, ainda pugnava muito por suas liberdades, por suas instituições. Era preciso relaxar tudo para ver-se que tudo só poderia vir do governo. O jury é uma instituição muito livre, para viver com um governo que quer ser senhor unico. Como corromper o jury ? corrompendo todo o paiz, fazendo-o perder todo o

sentimento de patriotismo, fazendo cada homem tornar-se indifferente para com as cousas publicas, fazendo todo o cidadão dependente, como temos descripto. O meio de fazer o cidadão indifferente para com as cousas publicas, é tirar d'elle toda a participação na eleição. Desde que se assentou que a eleição é invariavelmente do governo, quem se importa mais com as cousas publicas? Vae-se á eleição porque se espera alguma cousa do governo, ou do candidato que promete obte-la do governo. Quem ousava apresentar-se candidato sem, até algum tempo passado, certo consentimento do governo, e hoje sem a sua inteira permissão e ordem?

Ora o cidadão assim excluido de toda a participação nos negocios publicos, a policia forçando processos para vencer eleição, os saquaremas derramando a discordia entre os homens, não por causa de principios, que ninguem os conhece na eleição, mas por amor do interesse, da esperanza á recompensa, quem se importa mais com o jury? O que é um jurado, o que é um cidadão? O que é um homem não poderoso neste imperio? E' um homem carecedor de protecção, porque a lei não a dá á ninguem. Não se pôde viver aqui sem um patrono, desgraçado daquelle que não tem algum encosto. Assim o jury, já pelos empenhos, que querem dizer mais que *pedidos*, já pela indifferença de um povo inteiro para o que é interesse publico, o jury tem-se corrompido á ponto de todos reconhecerem a sua quasi improficuidade. Foi o maior golpe que puderam dar os saquaremas na moralidade e nas liberdades publicas. Desmoralizado o jury, completa essa parte de sua grande obra, toca então a tirar-lhe as suas mais bellas attribuições, as mais importantes.

Bem quizeram os corcundas de um golpe destruir todas as nossas liberdades; mas grandes politicos, elles sabem que se não mataria de um golpe o sentimento livre no Brasil. Mata-se melhor como a cobra de viado mata o boi, apertando-o pouco e pouco e o cansando. Não obstante porém toda a cautella e politica dos saquaremas, o desespero de todo este povo soffredor de tanta corrupção, immoralidade e despotismo, era tão grande, seus clamores tão ameaçadores, que os saquaremas temeram um rompimento tremendo, e chamaram, como temos visto, ao poder

o partido liberal, deixando entretanto em seu seio o chamado liberal Hollanda Cavalcanti, o chefe da familia que, nesta provincia, depois de ter-se montado e á seus instrumentos em todas as posições, tem por fim montado em todo o povo.

Então é quando se vê a grandeza dos saquaremas. Politicos mais finos não houve em tempo algum.

XXXIX

COROLLARIO DA OBRA SAQUAREMA.

O corollario desta grandiosa obra do partido saquarema é a nossa presente situação. E o que vemos nós aiunda, repito ?

Cada homem retirado de toda a participação nos negocios publicos, dos mais moralizados, daquelles que não almejam recompensa de qualquer governo diz :

« Todos os politicos são tratantes. Que tenho eu com tal ou qual negocio de politica ; que tenho eu com tal ou qual objecto de interesse publico, que não ha quem cure delle ? Os deputados só querem gosar as graças do governo ; não sou eu que me metta mais em cousa alguma. » Assim fallam todos os homens desenganados, os homens que melhormente poderiam servir no que cada um alcança, a causa publica. Assim ainda mais facilmente a eleição tem corrido á feição do governo, porque os poucos homens que não se retiraram não tem força para lutar contra a força e immoralidade do governo. E se os deputados são feitura do governo, o que é da governança do paiz se não sempre o jugo e a immoralidade, sempre crescentes. dos saquaremas ? Eis-aqui mais o que cada um sente e diz : « Entre nós a lei é o objecto do maior despreso. A policia só serve para prender os pobres ladrões de cavallo, que não tem quem os apadrinhe. O jury só condemna os negros captivos ou algum desgraçado sem valimento algum. » (Porque ninguem se importando com o interesse publico, vale mais a pena servir aos pedidos do amigo que sempre é um poderoso, porque á seu tempo elle poderá servir tambem ao jurado. E o jurado não póde deixar de servir ; por que quando a lei não protege, não garante, cada um carece de servir aos grandes para ser por elles garantidos.) « A

justiça civil é feita por meninos sahidos das escolas, e que estão sempre dependentes do governo, e por tanto dos poderosos dos lugares, porque é do valimento destes que veem o adiantamento da carreira do magistrado. Os juizes são em numero infinito, e assim todos os empregados, que todos os dias se augmentam, para augmentar o numero dos clientes, dos servos do governo ; porque seus ordenados são mesquinhos, são iseraveis ; a sua dependencia é sem limites. »

E de tudo ha razão, porque entre nós não é o trabalho que pôde dar a vida, porque a lei não protege nem garante o trabalho nem a propriedade, e sômente é a protecção dos senhores que vem tudo nos garantir. E' por isto que vivendo nós n'uma terra tão fertil e tão rica, a nossa miseria, a nossa fome é tão grande ! Em que ha de trabalhar o Brasileiro ? O que é a agricultura ? Todo o seu lucro é dos commerciantes. O que é o commercio ? A presa de alguns mais favorecidos, á quem se abrem as gavetas dos bancos, á quem se permite introduzir notas falsas e passar contrabandos, á quem se permitem as bancarotas fraudulentas.

Neste estado tudo com'razão definha ; porque, quando se derrama dinheiro na circulação, dinheiro que não representa um producto, não ha producto do trabalho que possa dar dinheiro tão facil para concorrer com o que fabricavam os bancos ou os falsificadores. E' por isto que todos os que não são contrabandistas ou não tem privilegio nos bancos, ou não introduzem notas falsas, é por isto que todos definham, e assim o commercio como a agricultura morrem de inanição. Como porém deixar-se ir as cousas assim, não se curar de melhorar uma situação tão triste, situação plantada e sustentada pelo governo immoralissimo dos corcundas ? Como deixar-se uma terra tão fertil cahir em tanta miseria e abjecção ?

Mas hão de os homens sizudos levantar-se para todos tomarem parte na mudança desta tôrpe direcção das cousas publicas, como se todos os politicos são uns *trahantes* ?

E' esta a nossa situação, é esta a grande conquista do partido saquarema. A politica pertence sômente ao governo, é a maxima, o axioma do partido saquarema. O po-

der legislativo mesmo não deve ter iniciativa ; apenas como creatura do governo, deve limitar-se a referendar a sua vontade.

Para tudo isto é que a eleição é feita sómente pelo governo, e para conseguir isto é que o governo, os concun- das, tem reduzido a este estado este paiz.

XL

O QUE É A PATRIA ?

Neste estado de inteiro desprezo dos negocios publicos e pelos homens os mais sizudos, o resultado é ser a patria a presa aspirada por todos, e feita pelos mais espertos. Só della se cura para esgota-la, para mata-la. Cada um só cura de si ; a casa do visinho pôde-se incendiar, se o visinho não teme que o incendio ganhe a sua. A patria em uma palavra é o ventre de cada um. A patria commum não existe para homem algum. Esta proposição não soffre no Brasil uma só excepção, e desafio a quem o contrario se atreva a demonstrar. Mas esse patriotismo de que se falla ahi e que surgiu com o negocio dos inglezes, não será um desmentido desta proposição ? Apreciamos.

XLI

SITUAÇÃO PARA COM O EXTERIOR.

O Brasil não é uma nação de piratas porque as primeiras classes do povo se tem constituido ladras pela corrupção, e educada n'uma escola que aqui ha de velhacaria e adulação. A parte do povo que vae perdendo a honra, perde primeiro o civismo e a coragem.

Os Brasileiros começaram por ser negreiros, mas não foram elles os que armaram os navios, nem se arriscaram ás viagens da Costa d'Africa : empregaram sómente os seus pequenos capitaes, de parceria com os armadores portu- guezes. O Brasil é uma nação sem fé, sem dignidade, sem valor. A fé punica ainda o honra muito para se lhe não poder bem attribuir. O seu governo é mais descarado e sem vergonha do que os governos da China e do Japão ; porque aquelles soffrem de vez em quando seus açotes da Europa ; mas como estão muito distantes e são muito ricos

e são governos de grandes povos, vão sempre zombando dos seus tratados com os Europeus. Mas o Brasil é tão ousado e facil em ser infiel, como é cobarde e humilde quando o açoutam.

Por muitos annos o governo permittiu aos traficantes negreiros, o trafico, o commercio publico da carne humana, contra o que fôra prescrito em seus tratados com a Inglaterra. A Inglaterra por muitos annos viu e soffreu como o Brasil sempre mentia em seus protestos de ser o trafico feito contra a sua vontade. Em nenhum momento a Inglaterra se illudiu, e o Brasil sabia disto ; mas ia se aproveitando da paciencia ou o que quer que fosse da Inglaterra, e os negreiros se iam enriquecendo, e o paiz cada dia com isto mais se ia empobrecendo. O Brasil ao passo que dizia ao senhor ing'ez « não posso conter os negreiros », destituia à algum raro de seus funcionarios que ousava cumprir o seu dever fazendo alguma presa de navio negreiro. Em terra não me consta que houvesse nunca quem se lembrasse de perseguir um traficante, quando pelo contrario até dentro das cidades capitaes haviam de publico os depositos de Africanos bucaes que se offereciam aos compradores, fossem as proprias autoridades ou não. Até que um dia a Inglaterra se impacientou, e, não querendo mais reclamar de palavra, veiu com os seus canhões ás nossas costas, em os nossos rios, perseguiu, fez presas, *rompeu* a muito gloriosa bandeira brasileira, e o *Brasil* gritou, quiz ensaiar no povo patriotismo. . . .

Mas foi isto um instante : humilhou-se logo, pediu perdão, prometeu sêriamente cumprir o tratado, e, vendo que a Inglaterra não estava mais disposta a brincar, e antes ameaçava dar a liberdade aos Africanos captivos por esse trafico desde ha tantos annos, e aos filhos delles, então o Brasil soube conter os seus subditos e acabou-se o trafico.

Um dia apresentou-se um projecto na camara dos deputados para não ser permittida acção de liberdade em favor dos Africanos introduzidos depois do tratado e dos seus filhos (que são quasi todos os escravos do Brasil).

Mas o ministro inglez no Rio de Janeiro ameaçou sêriamente o governo, dizendo que a Inglaterra não permitia nem a discussão de um tal projecto, e nunca mais disto se tratou.

No Brasil, como os empregos ou cargos lucrativos são muito mal remunerados, e os honoríficos só se acceitam para directa ou indirectamente fazer-se delles meio de vida, o empregado tem licença plena para roubar, e quantos crimes queira commetter, uma vez que sustente o governo em tudo e principalmente na eleição, como tenho dito tantas vezes; e isto pouco importa ao governo, porque aqui não são os cargos em beneficio da ordem publica, mas em pagamento dos serviços ao governo ou partido saquarema, que se tem constituido como uma quadrilha para saltar o estado, como tambem temos visto. Por isto nada é mais commum do que ver no Brasil as proprias autoridades roubarem os navios que naufragam sobre nossas praias.

Todo o mundo que mal nos conhece sabe disto, e principalmente a Inglaterra, que nos conhece mais do que nós mesmos. Não obstante a Inglaterra muitas vezes fecha os olhos a estas cousas; mas chega uma hora em que a Inglaterra tem lá seus fins, e quer conseguir alguma coisa com que lucre dinheiro por meio de tratados sem *gastar muito* com os agentes ou governantes do Brasil (porque com dinheiro aqui compram-se tratados) e toma contas de um roubo que se deu em tal parte.

Foi o roubo no Rio Grande que deu lugar a esse conflicto tão fallado que accendeu o *patriotismo brasileiro*.

Em verdade no Rio de Janeiro houveram umas reuniões espontaneas a pretexto de patriotismo contra as *violencias* inglezas; mas foram suas manifestações sómente do commercio, que se viu atropellado nessa occasião, o qual commercio não é brasileiro no Brasil. Todo o mais povo e no Rio mesmo foi arranjado e mandado reunir e gritar pelo governo para fazer medo ao inglez; e no povo ha milhares de pretendentes que estão sempre promptos a gritar ou calar conforme agrada ao governo, porque espera disto lucrar.

Para esta provincia e ás demais o governo mandou por circulares que se publicaram pela imprensa, *encomendar* boas dozes de manifestações patrioticas contra os *ultrages* feitos aos nossos brios pela Inglaterra. E chegou a noticia dos ultrages, e publicaram-se os factos, e as circulares, e o povo viu tudo calado e quieto. As autoridades então de mãos dadas com os chefes dos partidos, convida-

ram o povo, e lá se reuniram os patriotas, todos pretendentes desde a um lugarzinho de fazenda, ou de promotor publico, ou outra cousa assim, até ao de inspector de quartirão, ou cabo de guarda nacional; e uns leram discursos que elaboraram em *dous dias* (*confessando* ter sido pouco esse tempo), e outros deram vivas e apoiados, e a Inglaterra tremeu dos descendentes dos Vieiras, Dias e Camarões, e dos outros heróes das outras provincias, e Lord Russil recuou espavorido.

Então o Brasil julgou-se habilitado a pedir por sua vez uma satisfação, que ainda espera e negocia pela intervenção de nossa metrópole, Portugal. E estou certo que ha de alcançar essa satisfação pois a liga, que é o refinamento do partido saquarema, a parte mais audaz, mais velhaca, mais immoral, quer-se ostentar forte para os tólos, e ha de saber campar à custa de que occulto sacrificio fór este padrão de glorioso patriotismo; e a Inglaterra ha de dar essa satisfação, ali qualquer palavra de consolação, porque ha de ter em retribuição grandes lucros que o desgraçado povo pagará.

No entanto o governo já ganhou com o patriotismo, tirando dez por cento dos vencimentos dos empregados publicos para a guerra ingleza e armamento dos portos, em subscrições patrioticas a que se sugeitaram os pobres. Mas este dinheiro só servirá para manter a quadrilha de entre os que nos governam, como sempre tem sido, que propriamente aqui não se faz obra ou cousa alguma em bem publico, e sómente para satisfazer a voracidade dos governantes a pretexto do bem publico.

Como porém os empregados tem licença para roubar elles que descontem do povo o que dão à *patria* dos governantes. Mas os empregados honrados, tão pobres que são, como ficarão? Que os levem os diabos; ninguem os manda ser tólos: façam o que os outros fazem.

As outras nossas questões exteriores são:

Com o Rio da Prata, onde o Brasil tem derramado o que seria bastante para pagar as suas dividas e ficar fundo de reserva, com o fim de conquistar as republicas, e que no entanto só nos tem feito os povos daquellas bandas mais rancorosos e terriveis inimigos.

Com o Perú a respeito do Amazonas, para o qual o Brasil tem um direito das gentes opposto ao que tem a respeito do Prata.

Com a França de quem o Brasil treme ainda mais do que da Inglaterra.

Está desesperado porque teme proteger o sul na questão dos Estados-Unidos, porque detesta o norte.

Fóra disto os agentes do Brasil nas nações estrangeiras são para negociar as ladroeiras dos nossos governantes, porque nós não temos algum negocio sério, que tudo se resume em enriquecer estes agentes, que não são commissarios e procuradores dos interesses do imperio, mas dos que o governam.

XLII

SITUAÇÃO FINANCEIRA.

A' titulo de favorecer o nosso importante commercio (que é o de contrabando e notas falsas) crearam-se bancos, e ha muitas pessoas que o peçam mais, porque os que obtem as concessões delles, nada perdem com isto.

E estes bancos, fizeram dinheiro de tiras de papel, o qual deram á juro de oito por cento.

E os banqueiros de cem fizeram trezentos e quatrocentos, de mil tres e quatro mil contos.

E derramaram este *dinheiro* na terra, e o povo contente disse : temos dinheiro barato.

E os banqueiros, fazendo de cem trezentos, não lucravam 8, mas sim 24 por cento.

Mas como o dinheiro que havia na terra cresceu em tres dobros, cresceu tudo de valor em tres dobros, e o que se comprava d'antes por cem, logo começou a custar trezentos, e o que se pagava por um, passou logo a tres, ou fosse producto ou salario.

E quem d'antes careceria de tomar emprestado cem, careceu, depois dos bancos, de trezentos, e vinha assim sempre a pagar 24 por cento.

Mas isto era só para o pobre commercio, para as suas transacções, para os homens de credito que tomavam ao banco para emprestar aos agricultores, e para os agentes

dos banqueiros que tomavam e emprestavam em seu nome. A agricultura não tomava dinheiro ao banco, mas sim por premio dobrado e triplicado, aos negociantes que o tiravam do banco.

Os negociantes tomavam a 8, que vinha a sair a 24, porque em vez de um se carecia de tres pelo preço triplicado de tudo, e emprestavam a agricultura a 12 e 18, e até a 24; e como ella carecia de tres para o que d'antes só carecia de um, pelo preço triplicado de tudo, vinha a pagar 36 e 54 por cento.

Eis o grande beneficio dos bancos para proteger nossa industria e commercio; eis a grande ratoeira em que quasi todos cahiram, e porque todos soffrem.

Os lucros da agricultura não cresceram para pagar juros assim nunca vistos; os agricultores começaram a se atrazar, o commercio a retalho, não recebendo delles, faltou a seus pagamentos. Os bancos não tinham mais o que fazer; a rêde tinha apanhado todos os peixes, grandes e pequenos. Agora só restava recolher o lanço. Os bancos trataram de receber e não dar mais; e isto porque o governo estremeceu da immensa calamidade, pois se não mandasse suspender logo esta rêde, até que ponto iriam as dividas de juros?

A suspensão do emprestimo, para suspender um desastre já tão grande, produziu outro, que era, cêdo ou tarde, infallivel e quanto mais demorado maior.

Antes da suspensão do emprestimo, não havendo producto com que pagar tão alto juro, tomava-se emprestado ao banco tiras de papel, para se pagar ao banco outras tiras de papel e com o accrescimo de juros de juros de juros. Suspenso o emprestimo, não houve mais o recurso de emprestimo para se pagar o emprestimo. Desde então pagou-se com os bens.

Recolhida porém toda a emissão dos bancos, sahio da circulação todo este dinheiro papel, e ficou na circulação menos dinheiro do que antes dos bancos havia. De tres ou trezentos ou tres mil que o banco derramou, ficou na circulação um ou cem, ou mil; assim tudo desceu de valor, principalmente as cousas que não são de primeira necessidade.

Assim os devedores pagam cem com aquillo que lhes custou trezentos, e pagam estes trezentos por uma divida que não era nem cem, que em sua realidade era menos de cincoenta ; porque nestes cem estão os juros de 36 e 54 por cento, e muitas vezes juros de juros.

E vêde ahí uma casa que custára tres contos, não acha hoje um conto ; um sitio que custára nove contos, custa-se a receber em pagamento por tres. Um engenho que custára trinta, não ha quem o compre por dez ; um escravo que custára dous contos, não acha o preço de oito centos mil réis.

Quem só tinha naquelle tempo dous escravos e comprou mais um por dous contos, para pagar esta divida carecia ainda ha pouco de vender todos tres, e ficar na miseria ; e isto se tivesse pago os juros ; que do contrario ainda ficava em debito.

Desta calamidade espantosa a maior victima é a agricultura ; e como quando ella soffre, todos padecem, todos agora participam de seus terriveis effeitos, todos são devedores, os banqueiros os unicos credores que não devem.

Eis ahí quasi todos os agricultores executados ou a executar-se.

O commercio a retalho, sua victima immediata, ei-lo ahí todo fallido, embora não se lhe tenha aberto a fallencia a todos ; eis-ahi uma grande parte delle na cadêa. (*)

E todo o povo a gemer, e a miseria geral.

Eis-ahi o triste quadro de nossa desgraçada situação, e eleições sobre eleições que nada exprimem, para mais ainda atormentar o povo, corrompe-lo e desgraça-lo ; e todo o empenho para vence-las, e as promessas e os empregos aos eleitores para conquista-las, como se dá sempre, como se tem dado nas ultimas eleições. A não se emendar a mão, antes passe na assemblêa uma lei de *interpretação* da constituição, pela qual o governo nomêe os deputados, que assim ao menos pouparemos a calamidade das eleições, que são sempre segundo a imposição dos governos . . . e todo o mundo ficará contente.

(*) Já se arranjaram ; já se soltaram : aqui bem ou mal só se pune na bolsa ; porque é grande a sede à ella.

XLIII.

AS FINANÇAS DO ESTADO.

De tudo isto resulta a miseria das finanças do estado. A divida publica em vez de se amortisar, cada dia se augmenta. Já se não pagam nem os juros, e a Inglaterra acaba de capitalisar os ultimos juros não pagos para pagarmos algum dia juros de juros.

Todos os dias se abrem creditos ao governo, porque as rendas do estado não chegam para as suas despezas ordinarias. Porque o governo do Brasil carece de tomar emprestado? Não temos guerra, nem alguma situação extraordinaria veiu interromper a producção e o consumo.

Não é tambem que se tenham emprehendido grandes trabalhos de melhoramentos para tirarmos lucros futuros. E' porque, apezar de serem augmentados todos os dias os impostos, a receita diminue todos os dias. Embora ella se ostente por um algarismo apparentemente superior ao da receita anterior, ella é na realidade menor, porque a somma que esse algarismo representa não tem o mesmo valor que tivera um anno antes, em consequencia do derramamento do meio circulante ficticio, as notas do thesouro e dos bancos, que fazem diminuir tudo de valor. E agora se viu como a ficção costumeira do augmento da receita deixou de se dar, desde que, retirado da circulação o papel que os bancos derramaram, todos os objectos desceram de valor e subiu a moeda. Por isto nestes ultimos tempos não temos visto este mentiroso augmento da receita. E porque n'um paiz tão novo e pela natureza tão rico, que deve attrahir por isto tantos emigrados, e ainda mais pela excellencia do governo que o rege, como por paga se manda apregoar na Europa, n'um paiz assim em que tanto se falla em progresso, em melhoramentos materiaes, por que a renda publica não se ha de augmentar, e na mesma proporção de tanta decantada grandeza; e pelo contrario, quando não se conserva estacionaria, diminue? E' porque não ha producção, porque o trabalho não dá vida, mas sómente a ladroeira e a trapassaria.

E porque ?

Porque não ha lei, não ha justiça, não ha governo se não para vencer eleição, e locupletar-se o poder dos despojos desta terra sempre conquistada dos que a governam.

E não basta toda a sorte de esbanjamento destas min-goadas rendas publicas : o que se toma emprestado ainda é para se repartir com os conquistadores do poder. E nestes mesmos emprestimos começa logo a ladroeira, por que quem os negocia na Europa tira logo dahi sua porcentagem na importancia de milhares de contos de réis, e a reparte com os padrinhos que os nomearam negociadores de taes emprestimos.

E' por isto que tudo se emprehende para ser deputado e senador. Dantes tambem se empregava a violencia ; hoje esta não sendo mais precisa, ou sómente muito pouco por que o povo está abatido e manço, basta a corrupção. E tudo assim se emprehende porque o deputado tambem entra nas partilhas dos despojos da conquista ; e elles tem na assembléa além destas patotas com o governo, outras muitas e grandes em questões de pretensões particulares, que se não fôra isto, na inteira ausencia de patriotismo que ha no Brasil, não haveriam tantos candidatos *duplicados e triplicados* e com tantos sacrificios, crimes e indignidades, sómente em vista do vencimento de 2:400\$000 mil réis. Sei que todos não são patoteiros ; mas uma grande parte dos que entram para a camara e dos excluidos não tem outro motivo senão os destes arranjos, que os leve a obter a deputação por meios tão indignos.

XLIV

A MISERIA.

Dahi resulta, e de todas as circumstancias que vemos esboçadas, a grande penuria de numero sem conta de familias, de homens sem numero ; porque fôra dos empregos e cargos publicos não havendo industria alguma no paiz, são tantos os que esmolam, ou mais, do que os que podem socorrer. Não se morre ainda á fome (e quem sabe) mas morre-se acabrunhado pela fome, porque numero sem conta come muitas vezes uma vez por dia, e isto porque no paiz ainda ha muita caridade, que muitos partem o pão do

dia de sua familia para matar a fome do infeliz que lhe bate á porta.

XLV

PERIGO E SALVAMENTO DOS CORCUNDAS.

Eis-aqui o terrivel e assombroso estado do paiz, assim comprehendido por todos, com excepção sómente dos grandes, dos senhores que se locupletam das miserias publicas e são a causa dellas.

Era o sentir universal neste imperio ; e este cansaço tornava-se em desesperação, e todos sem combinar-se, sem tramar nem conjurar, estavam a ponto de formar uma opinião tão compacta e tão forte, de condemnação dos senhores, que estes não se illudiram um instante : antes sagazes estremeceram, e tão rapido como viram, pensaram em aparar o raio.

O partido liberal ia resurgir necessariamente, e forte e terrivel de indignação e desespero, que infallivelmente esmagaria o corcunda. . . .

XLVI

A L I G A .

1.º

Como se congregam os elementos para ella.

Bom piloto não espera a tempestade ; desvia da costa a não e faz-se ao largo.

Na eminencia do perigo não se espera o furor das ondas a levar de encontro o barco aos cachopos ; pede a prudencia de sahir a seu encontro com calma e placidez. Todos os elementos de desastre congregados por tantos annos de tanto soffrer resignado, se iam despertar certos e infalliveis sobre as cabeças dos corcundas. Os corcundas só tinham tido até então um meio de quebrar-lhes as forças ou inutilisa-las ; era deixar-lhes o campo livre, que assim essas forças destruir-se-hiam a si mesmas, não achando a que dar combate ; porque então estas forças vinham caminhavam guiadas por uma luz, para um fim grande, vinham compactas uniformes á realisação desse fim, de sua

idéa, de seus principios. Aos corcundas então e por tanto só convinha fugir dellas, para dê fóra por sua posição no imperio, inutilisa-las, immoralizando-as pela corrupção. Mas desta ultima vez o caso era outro.

Não eram forças compactas, não havia uniformidade em cousa alguma dellas ; eram braços tão dispersos quanto innumerados que de todos os lados do imperio estavam prestes a precipitar-se sobre os corcundas sem fim algum certo nem combinado. A derrota dos corcundas seria certa, e o que triumpharia seria todo o imprevisito menos o corcundismo. Ao contrario irem os corcundas a esses elementos desordenados que os ameaçavam, congregar-se, fazer corpo com elles, era triumpho certo dos mesmos corcundas, porque aquellas massas que se fundiam no sentimento e aspiração do vago e da incerteza, sem luz nem direcção alguma, necessariamente teriam de tomar a primeira direcção que lhes desse quem quer que, com ellas se ligando, tivesse, visasse algum fim, apontasse algum orizonte verdadeiro ou falso a nascer ; e taes massas, cegas e embrutecidas por quatorze annos de abstenção da palavra e do raciocinio, seria o mais facil possivel de ser enganada, e guiada como uma manada de ovelhas, ou melhor ainda, como uma boiada. Esta quando deixa o caminho e arremette furiosa para um lado da estrada, os vaqueiros não se lhes atrevessem, porque serão esmogados ; não fogem tão pouco, porque a perdem para sempre. Põem-se á sua frente, a finge guiar para o lado para onde ella se atira, e a vae chamando e guiando para a estrada donde fugiu, e a conduz ao matadouro ou ao jugo do carreiro onde acaba seus dias trabalhando para o seu senhor. Assim fez o corcunda com os liberaes, quando em tropel iam cega e brutalmente a fugir da estrada saquarema em que iam tão bem sendo conduzidos ao matadouro e á canga dos senhores.

E assim se arremecavam cega e brutalmente, porque os taes nossos liberaes ha quatorze annos que se tinham conservado como brutos, privados por gosto de todo o pensamento e idéas, nutridos da esperanza de assim acharem pasto mais abundante em que se fatar. Era uma verdadeira boiada, quando fugiam de seu caminho de humilhação, de obediencia, de abstenção de toda doutrina e assentimento, aos principios saquaremas ; e quando assim cegos e embru-

tecidos se arremecavam no vogo e na incerteza, vendo sómente o pasto dos seus vaqueiros, o marquez de Olinda, que ha quatorze annos sempre os conduziu, correu pressuroso á sua dianteira, não os deixou um instante e agora os continúa a guiar com mais segurança e conduzir ao mata-douro e á canga do carroceiro.

2.º

Considerações retrospectivas.

E estavam cegos e embrutecidos os liberaes, nas vespers da liga; quando se sentiu que se precipitavam como tremenda tempestade sobre os corcundas.

Desde que em 1844 subiram os *praias-luzias*, a praia não disistiu da abolição da lei da reforma, da do conselho de Estado. Os luzias porém no poder, renegaram-nas logo. Por isto o luzia foi tudo e a praia nada.

Não rompeu porém a praia, soffrêra com prudencia cobarde, e para contentar o povo foi-lhe concedida a graça de anarchisa-lo. Soffrêra a eleição de Chichorro—Ernesto, e, acobardada, estava em caminho de ser esmagada.

Por isto pôde se fallar na revolução de Minas porque é um facto apenas historico, que não toca sentimento algum, é com o sul, e porque ha muito todo o imperio a renegou. Mas na revolução de Pernambuco de 1848, é crime de escommunhão maior fallar de qualquer modo que seja, não só porque essa revolução ainda se evoca como principio, ainda existe no sentimento vago alguma cousa della apesar dos esforços dos traidores para vender a sua lembrança, como porque esta revolução levantava aquelle velho, combatido e nunca vencido principio no coração dos Brasileiros —a Constituinte—aquelle principio porque os Pernambucanos morreram em 1817 e em 1824.

No entanto não ha hoje quem ouze fallar no nome da constituinte, o que é a gloria daquella revolução, o que fez martyres, verdadeiramente o que fez martyres, porque, se a constituinte não fôra erigida, não seriam tão crueis os rigores, como não o foram pela revolução mineira, e mais porque aqui custou-se muito a fazer calar nos labios (guardados no coração) aquelles principios, quando o sul soube

dizer *peccavi* de bocca e de coração quanto a revolução de Minas.

Por isto se tem reduzido esta provincia á maior abjecção, por meio de toda a corrupção, e da fome e da miseria, para assim fazer que ninguém se anime a fallar na constituinte : quem tal o faça é condemnado á fome, ao escarneo, e ao ridiculo, e o que o redicularisa, é premiado, tem o ganho certo. Por isto os *genuinos* vêem-se atrapalhados, ora evocando a revolução ora a renegando. No entanto essa revolução só tem de glorioso a idéa que sobreveio ao acto do levantamento, em si tão vergonhoso. Era só ella que o levaria como, o levou ; ella que não exprimia mais que a antiga idéa de Pernambuco, que quer dizer a independencia que ainda a não tivemos, e que só a teriamos se fosse possivel a constituinte, condemnada no animo abatido e acobardado dos Brasileiros de hoje. Porque ? o que é a constituinte ? o que é a independencia ? como ella foi, o que ella é, como ella pôde ou poderia ser ?

3.º

A constituinte.

Toda esta guerra por todos os meios e modos feita contra a constituinte, toda essa perseguição contra essa idéa, toda esta escommunhão contra os seus seguidores, todo este ridiculo e sarcasmo de hoje por todos lançados á idéa, é porque hoje estão todos captivos e submissos dos corcundas, e estes, sendo como dantes feitores dos Portuguezes, hoje são mais os que se locupletam dos restos da miseria de todos os habitantes desta terra ; e a constituinte é a independencia do Brasil, ainda conservado colonia de Portugal.

A constituinte traz a independencia e a liberdade, faz este povo, escravo de uma nação estrangeira, fa-lo livre, e capaz de se governar. Isto se ainda fôra possivel a constituinte, isto quando o era, isto no animo dos corcundas, que tanto a acham possivel que a temem tanto, pois ao meu ver, ella é tanto menos possivel, quanto este povo escravo e por vontade resignado ao mando dos senhores, é incapaz, como se tem feito e mostrado, de toda a liberdade.

Um povo que chega a virilidade, e não carece mais de ser governado por outro povo, faz a sua independencia, e é soberano senhor de seu destino. Quando um povo assim se constitue em nação soberana, este povo escolhe de entre si os mais dignos e os reúne para que esses seus representantes em uma assembléa faça a sua lei fundamental, a lei que tem de o reger, a lei que organisa a nova sociedade.

Esta lei se chama a *constituição* desse povo, dessa sociedade, dessa nação. Essa assembléa que faz a *constituição* do povo chama-se *assembléa constituinte*. E' essa a constituinte que ainda não tivemos, porque como temos visto, a nossa constituinte foi dissolvida pelos canhões de Pedro I. E' essa a constituinte a que jurára D. Pedro aceitar, aquella porque morreram os nossos maiores em 1824, a constituinte que se inscreveu na bandeira de 1848.

Nós ainda não temos constituição nossa, porque a que temos foi-nos imposta por D. Pedro I, que, perjuro, não quiz que este povo fosse soberano tendo sua constituinte para fazer a sua constituição, porque o não tem querido os concundas desde então até hoje, e hoje mesmo a não querem os liberaes, porque estão contentes e resignados em sua escravidão.

Com a constituinte nós fariamos a nossa constituição, e essa constituição seria nossa, se fôssemos povo soberano e independente.

Nessa nossa constituição, nós organisariamos esta sociedade, de modo que nós fôssemos governados por nós mesmos, de maneira que os Brasileiros fossem os donos, os senhores de si mesmos, e não fôssemos governados pelos concundas, os libertos, os feitores dos Portuguezes para reduzir este povo a tanta abjecção e miseria.

Pela constituinte finalmente nós nos fariamos independentes de Portugal, a que pela constituição de D. Pedro ficamos sujeitos, e então seriamos uma nação, um povo, se é que somos capazes da independencia. E se não, se ainda não era nem é tempo de sermos independentes, mal-avisados andaram aquelles que nos trouxeram a independencia em nome, quando, não ajudando Pernambuco na peleja pela constituinte para termos constituição nossa, e assim sermos independentes de Portugal, deixaram-nos ficar assim pela

constituição de D. Pedro, um povo livre, de cidadãos escravos dos portugueses.

E' por isto que a constituinte veio salvar da indignidade o levantamento de 1848, veio fazer de uma rebelião que só tinha por causa o medo da vingança do crime, uma revolução. E' por isto que a constituinte vinha lavar o movimento, veio fazer os Pernambucanos dignos de seus antepassados : foi a agua do Jordão em que vinha lavar o peccado da cobardia e da abjecção aos luzias e da corrupção o povo em Pernambuco. Esse baptismo o tiveram os nossos ; foi de sangue na acção, depois della dias e mezes e annos desde o theatro da revolução até os campos do Rio Grande.

E esse baptismo só o devem á constituinte, donde veio o medo, a vingança, a insana, tenaz e ainda não finda perseguição. Que se não fôra ella, se o movimento fôra como de principio, o medo dos *guabirús*, e o amor das posições, o dia seguinte ao triumpho seria logo dia de paz e de folgança, como foi na revolução de Minas.

Mas a constituinte, era a independencia do Brasil, a queda dos corcundas, a terra conquistada pelos nacionaes aos filhos de nossa metrópole, a derrota, a queda dos senhores, a liberdade dos escravos. A constituinte devia ser por tanto um baptismo de abundantissimo sangue e de martyrios.

Mas o batismo purifica, o do sangue enfraquece um momento, e esse baptismo e o martyrio logo, lavando de todo o peccado, fortalece a alma, fortalece um partido e o faz grande, immenso, e em algum tempo invencivel . . .

Assim antes que o martyrio, o baptismo fortaleça, em quanto as veias ainda gotejam, as feridas sangram, os orphãos chamam por seus paes, as viuvas choram, aproveitase esse instante de prostração, e trabalha-se para se fazer renegar o baptismo, para se blasfemar do martyrio, para fazer a alma abjecta, para se fazer do grande mesquinho, do glorioso ridiculo e vergonhoso.

Assim, bem comprehendendo os corcundas, sabendo bem tirar proveito das lições da historia patria, elles viram que 1817 enfraqueceu um momento para produzir depois 1824 ; que esse sangue e depois de tanta corrupção dos livres, produziu ainda assim valente 1848.

Retiraram por tanto do theatro da revolução todos os homens que podiam dirigir os espiritos ; puzeram na sua frente um traidor, que chamou-se chefe do partido liberal.

Esse constituiu-se seu chefe, quiz logo matar a constituinte ; não o podendo fazer, pois encontrou repulsa em todo o povo, faz-se seu devotado, e extaziou-se na proclamação da constituinte.

Assim e só assim pôde-se fazer chefe do partido ; faz tudo de mãos dadas com os saquaremas para expellir do partido e tirar todos os meios de escrever para o publico a todos os que proclamavam a constituinte. Quando ficou só dirigiu a opinião, acobardou os espiritos com mil promessas, a promessa de que o partido assim breve subiria ao poder. *Enrolou* a bandeira da constituinte, fez que todos a renegassem, fez que seu nome ficasse um objecto de ridiculo e de escarneo.

Hoje é por tanto a palavra mais que escarneo, é crime ; mais que crime, é vergonha.

No entanto que todos os liberaes se ligam aos saquaremas moderados, alguns nesta provincia se desligaram e chamaram-se liberaes genuinos. Mas suas idéas não se distinguem em cousa alguma nem dos vermelhos nem dos ligueiros ou progressistas. Não obstante porém esta renuncia de todos os principios da revolução de 1848, não obstante o ridiculo que todos votam á constituinte, ninguem se anima a fallar de publico em 1848, como se pôde fallar na revolução mineira. E a razão disto ?

E' que falla-se occultamente em 1848 ; o chefe dos genuinos é accusado de ter em nome da revolução de 1848 apresentado um candidato ; nega-o no parlamento, e apresentam-lhe documentos comprobatorios ; é por tanto artigo de accusação, artigo de crime : visto que se falla occultamente e que se nega, é porque alguma cousa deste 1848 se nutre no sentimento. Eis-aqui porque é crime. Mas estes mesmos genuinos em caso algum fallam da constituinte. Não se encontra neste vasto imperio um só homem que ouse evocar esta idéa, e ainda mais, que, a fallar della, não a faça em tom de mofa e ridiculo. De 1817 e 1824 pois é permittido fallar, como se falla da historia ; mas porque só se pôde fallar da constituinte em tom de mofa ? E' porque não ha mais receio de 1817 e 1824 que

ha muito já passaram ; a sua alma é apenas esta constituinte que poderia honrar os manes de nossos antepassados, se houvesse em nós a coragem de pronuncia-la como um brasão de gloria ; no entanto que a constituinte é de 1848, e ainda se falla occultamente em 1848. Este baptismo, este martyrio foi renegado, amaldiçoado ; mas ainda se teme de Pernambuco, que dessa semente rebente a idéa.

Mas descancem os corcundas, a abjeção chegou aqui á seu auge. Todos no Brasil estão educados na escola saquarema ou corcunda. Só ha aqui corcundas. Assim são os vermelhos, como os progressistas, como os genuinos. Não ha um que possa assignar a differença entre estes partidos : todos querem a constituição com todas as leis organicas, com algumas modificações para maior restricção das liberdades publicas.

Todos estão acostumados a olhar e se dirigir por seus chefes ; os genuinos aprenderam na escola saquarema esta doutrina, e foi seu mestre aqui o traidor que vendeu as idéas do partido liberal, que vendeu os principios da revolução, que ensinou á seus discipulos a olharem só para elle, o mestre, o chefe.

E' por isto que na assembléa desta provincia um ligeiro arguiu ao mais notavel dos genuinos, o mais afamado em intelligencia e prudencia, inquerindo d'elle quaes eram os principios dos liberaes ; e elle respondeu que não sabia, que segvia os chefes !

No entanto todos estão accordes nos principios que comprime o povo, embora digam que os querem mais livres ; e vê-se bem a mentira da expressão com o facto de pugnarem pela eleição directa com exclusão de mais de nove decimos dos cidadãos que, segun to a constituição, tomam parte na eleição.

Não digo que a medida seja boa ou má ; pois n'um paiz assim todo escravizado, mais antes o povo não vote e sómente os dependentes do governo, do que encommodar as massas, todas dependentes de qualquer, e cada um dos que a compõe de seu pequeno senhor, para votar em quem o manda. Mas não pôde haver dilatação das liberdades publicas, quando se caminha para a maior das restricções que se lhes possa fazer. Fóra desta não ha outra idéa no paiz que tenha alguma relação com as liberdades publicas,

nem para mais nem para menos ; e se alguma cousa se apresenta que pareça com isto, como a reforma do senado, para não ser vitalício, parece-se apenas, mas não o é, e só se apresenta por brincadeira e zombaria, nada ha de sério nessa comedia.

Se são assim de um só partido todos os Brasileiros, como com effeito o são, não existe mais partido politico ; não havendo mais nenhuma idéa livre a temer-se, havendo só a tempestade das aspirações e resentimentos das preterições a contentar-se, nada mais facil e até natural, do que conjurar a tempestade, ligando-se os homens mais proprios que a situação dava a isto.

4.º

Preparo antecedente para a liga.

Desde que a revolução de Pernambuco fôra de todo extincta, deportados os seus chefes para deixar os instrumentos de Honorio doutrinar o partido liberal aqui, com a promessa de, assim por elles se guiando, subir logo o partido liberal, os concundas não pouparam esforços da corrupção para abafar em todo o imperio a mais leve idéa de partido liberal.

Assim, e já havendo de ha muito o sul esquecido suas idéas, ao passo que a revolução de Pernambuco estimulou de novo os sentimentos livres nas demais provincias, a sua derrota trouxe-lhe recriminações do sul, não porque não soubemos vencer, mas por termos compromettido o partido livre do imperio com o levantamento daquellas idéas pelas armas, e inhabilitado assim e por muito tempo este partido para subir. Ainda mesmo depois de extincta a revolução, em algumas provincias do norte e até do sul chegou-se a proclamar pelo jornalismo a constituinte (soberana e livre). Mas foi dita a palavra pelos chefes liberaes da côrte, levados sempre pelos sabios do concundismo, e o manejo da corrupção partido desta provincia ou aqui começado, em breve ganhou todas as demais provincias, tão bem predispostas a abandonar e esquecer todos os sentimentos e idéas livres que temos tido.

Assim, esses manejos havendo acalmado essas *exaltações* dos partidos, infundindo-se em todos os seus membros

a esperança de em breve gosarem das doçuras do poder, era preciso pelos factos dar razão à essa promessa e esperança, e levantou-se a palavra—CONCILIAÇÃO.—

E Honório proclamou em seu programma de presidente do conselho, que o governo não distinguia partidos quando tivesse de honrar os cidadãos com os cargos publicos. E tanto mais havia razão para isto, que as idéas do partido liberal já estavam completamente adormecidas, esquecidas em lethargia mortal. Assim foram chamados à mesa do banquete todas as aspirações.

O governo do grande corcunda Honório pensou um momento que, com esta paz geral dos espiritos, poderia fazer grande esta feitoria portugueza, pode-la-hia fazer prospera, rica e moralisada. Assim esse governo não se contentou sómente com o abandono das idéas liberaes, e não quiz soffrer mais embaraço, o menor que fosse do jornalismo. Queria ter suas mãos completamente livres, dirigir os destinos deste vasto imperio sómente pela lei de sua intelligencia, gritar, corromper quanto quizesse, com o mutismo completo da imprensa. Pelo lado das idéas isto já era obra acabada, porque, corrompidos de qualquer modo os chefes, toda a turba lhes prestára obediencia. Mas faltava calar as vozes que fossem, como o iam, mostrando os desmandos do governo. Com o dinheiro dos cofres Honório comprou todo o jornalismo do paiz, que não lhe tinha afeição ou não tolerava seus desmandos; e toda a imprensa só se entretive durante esses quatorze annos em banalidades, que em cousa alguma podia fazer mal ao governo; porque depois que morreu Honório (o grande estadista e, o que é mais, o heróe dos liberaes de hoje), os governos que lhe succederam seguiram sempre a mesma politica de corrupção da imprensa, (assim como de tudo o mais).

As idéas, os principios do partido, em lethargia assim desde o principio da conciliação, morreram completamente de inanção durante os quatorze annos últimos passados. Todas as ovelhas tangidas ao doce aprisco, a boiada liberal guiada ao cural e ao pasto dos corcundas por seus vaqueiros, tinha todos os olhos pregados ao principio em Honório e depois nos que o succederam, e adorava o governo, que podia satisfazer as unicas aspirações, a do melhor assento à cada um no banquete brutal. A critica aos actos

do governo veio a cabir inteiramente em dezuso, todo o genero de opposição tornou-se materia fastidiosa, que não encontrava na população algum apoio, porque todos só tinham aspirações pessoais, sendo a causa publica inteiramente abandonada ao governo, de quem cada um só esperava a sua razão particular. Então o governo não careceu mais de assalariar a imprensa, salvo em algum caso raro em que alguma tirada vibrante de algum opusculo satyrico, dava prova de que seu autor era digno de alguma grande ou pequena recompensa. Isto mesmo por fim calhiu inteiramente em dezuso, e o governo desde então foi inteiramente livre, sendo elle e seus agentes a unica lei da terra, e os executores de sua vontade.

Desde então a LIBERDADE morreu de todo no Brasil, assim em doutrina como de facto. O dia em que ella agonisou, e mesmo o anno se ignora qual fosse, porque ella foi se finando lentamente de inanición e de desprezo, sem combate nem defeza, tão indigna e ridiculamente tratada por seus filhos, quanto ridiculos se tem elles feito desde então e indignos della.

5."

Conciliação—oposição parlamentar.

Desde que os liberaes, tornando-se adoradores de Honório, e saquaremas, sendo por elle chamados á mesa do banquete, entravam em concorrência [dos assentos com os antigos concudados, velhos servidores da feitoria luzitana, estes não podiam ver com bons olhos repartirem-se os seus salarios com os antigos inimigos da causa luzitana, pela qual os primeiros haviam tanto despendido em commodos serviços e doces sacrificios.

Por isto elles foram inimigos mais ou menos declarados da conciliação, até que formaram a opposição que se chamou parlamentar, a qual foi como uma nuvem leve e passageira.

Com a morte de Honório os inimigos da conciliação quizeram dar fim á conciliação; mas, senão á frente do governo, ao menos sempre na sua direcção e da feitoria luzitana, o marquez de Olinda quebrou as azas dos inimigos da conciliação, que vieram, como temos visto, por sua *intolerancia* a chamarem-se *vermelhos*.

Nem era possível de outro modo : a immensa boiada que fôra gente liberal, guiada uma vez aos curraes dos corcundas, não dispensava o pasto que a attrahiu á elles. Porque então se precipitaria tremenda catastrophe, e ella arremetteria furiosa.

O velho marquez amainou aos vermelhos, e conjurou o perigo.

Mas a terrivel situação financeira do paiz, como de algum modo tenho descripto, a falta absoluta de meios de vida, vieram sempre de outro modo precipitar os acontecimentos. Todos os neophitos corcundas, immensa turba que fôra liberal, pedia pão ao governo, todos estendiam a mão supplicantes. Mas essas mãos que se não podiam encher, uma vez levantadas e não satisfeitas, se tinham de despechar infallivelmente e certeiras sobre o governo, sobre os corcundas, empellidas pela raiva e desespero da humilhação impropicua, e animadas pela consciencia de sua força manifestada pelo seu numero e sentimento commum.

6.º

Monta a liga.

— Bom piloto não espera a tempestade : desvia da costa a não e faz-se ao largo. — Despechar o golpe sobre os vermelhos era o unico recurso : pouco se lhes dão os donos desta fazenda que seja ella administrada por vermelhos ou pardos. O que querem é que lh'a conservem.

Assim com os lugares dos vermelhos, de uma vez para com uns, e pouco a pouco para com outros, se daria espaço ás aspirações e aos *talentos comprimidos*.

Mas de ruim Mouro nunca bom Christão : não convinha por tanto entregar essa fazenda sómente aos neophitos corcundas, turba immensa de antigos liberaes. Dahi

A LIGA.

Não faltaram saquaremas dos mais moços bem propicios a, ligados, dirigir os *liberaes*.

Desde o principio da conciliação os corcundas mais moços a admittiram, contra os mais velhos de quem eram segundos subditos e subservientes, visando logo que — dos neophitos viriam elles a ser os senhores, e assim occupariam os primeiros lugares, em vez de serem os servos dos

senhores. Muitos dos que não admittiram a conciliação ao principio, quando viram a crise ameaçadora de mãos estendidas, deslumbrados, se passaram e se ligaram, não querendo ser escouceados com os vermelhos que, por sua parte, os moços escoucearam. Assim os corcundas moderados ou ligeiros visaram tres fins. Verem-se livres da subserviencia aos velhos, que estavam no habito de impôr com o seu orgulho inabalavel ; serem senhores dos renegados liberaes que os vinham servir ; salvarem-se da desgraça que necessariamente os involveria com os mais velhos, se não fôra o expediente de chamarem os renegados dos sobejos do banquete.

Com isto os sabios dos corcundas salvaram o seu partido e o renovaram, sacudindo os velhos carunchosos e gastos, tenazes e pertinazes e quasi só agraciadores de estupidos afilhados de suas mulheres ou de suas amantes.

Com isto remoçaram seu partido, ou antes a administração desta fazenda luzitana, existente sempre com o mesmo systema, as mesmas idéas, as quaes os saquaremas, ao ligarem-se com os renegados, sustentaram sempre seguir e assim durante todo o tempo da liga e depois que ella se chamou progresso.

E subiram.

XLVII

O QUE SÃO OS LIBERAES NA LIGA.

E os livres aceitam a mão ou o pé do velho marquez, o qual com os seus fieis mais devotados, *generosos*, se indignam contra os seus proprios nefandos feitos, e *contritos*, vão dar ao paiz, aos liberaes o que é seu.

Velha tactica do sabio corcunda sempre foi no Brasil, por-se à frente dos livres, fazer-lhes concessões ao ventre, ou prometter-lh'as á alma, quando não os póde supplantar pela força.

E os livres, abatidos, quando se iam pronunciar e quando a conhecer estavam o peso de sua propria força, acharam commodo e facil, gostoso e venturoso, gosar tão depressa, quando já não esperavam mais tão cêdo, as docuras do poder ; e em tropel acudiram todos ao campo dos corcundas, attrahidos pelo echo das trombetas que, em céu

de delicias, annunciavam ás almas que souberam purificar-se no purgatorio dos quatorze annos de *ostracismo*, que souberam purificar-se dos terriveis peccados de serem livres, a hora chegada do goso geral, se, constrictos, se soubessem *ligar* humildes e submissos ao carro triumphal dos deuses do OLYMPO BRASILEIRO.

E os livres se ligaram, e não perguntaram á que iam ! Não perguntaram com que condições entravam nesta liga, que os que assim pretenderam, não estavam purificados, e foram repellidos ; que eram sem conta os humildes e constrictos que acudiram a se atar ao carro dos corcundas para estes se não receiarem dos raros orgulhosos que perguntavam : « á que vamos, para que e porque nos chamam, com que condições entramos ? »

« Vamos gosar, » retumbou furiosa de alegria a multidão famelica, « que ha quatorze annos soffremos. Atados ao carro dos corcundas, ou como fôr, pouco importa ; chega a nossa vez de passarmos e pizarmos por sobre tôdas as misérias, colhendo das migalhas os melhores boccados que nos couberem. »

Entre essa multidão espantosa, alguns houveram que se illudiram, e pensaram que, se atando ou ligando ao carro dos corcundas, poderiam montar sobre elle, e atar os senhores que iriam para os lugares de bestas, á que em verdade eram os livres chamados.

Nescios, imbecis e mais cobardes, como em tempos passados, que nescios, pretenderam ser velhacos com os velhacos.

Como era condição para ser ligado, ser humilde e renunciar á toda a idéa e sentimento, estar disposto a receber a ordem e o santo e tomar o posto de obediencia que lhe fosse dado ; pensaram poder quebrar as redeas e montar sobre os cavalleiros que iam voluntarios carregar.

Os corcundas matreiros, souberam porém doma-los por fortes bridas, e liga-los com seguras peias. Os livres nem ao menos titubeam. Corceis domados, vêem-se passar garbosos e felizes na praça publica, montados por seus senhores que os afagam, que os pascem, que os fartam, e que os tratam.

Doceis aos mais leves movimentos de suas redeas, imitam nos seus relinchos a falla dos senhores, respondem-

lhes sempre sim com a cabeça, os applaudem com as suas patas, pensam do mesmo pensar, sentem do mesmo sentir.

Tão fogosos no ataque quando os mandam investir, como quietos e cordeiros ao mais leve signal dos senhores, são em uma palavra constituídos em machinas inteligentes, tão leaes como o cão, tão fortes como o elephante, tão resignados como o cordeiro, mais prestaveis e contentes que os mais leaes e resignados escravos.

Elles tem o sorriso nos labios, a alegria no coração, porque depois de quatorze annos de vida como pariaás, são felizes de se verem tão juntos dos senhores, assim montados e affagados por elles.

XLVIII

QUE BEM FARÃO OS LIBERARS AO PAIZ ?

E o povo se havia um momento illudido, e ainda muita gente illudida ha pensado que os liberaes se ligando tomariam as redeas, e fariam alguma cousa em seu bem.

Quando porém da outra vez subiram, tão fortes por seus principios, nada puderam fazer, e disseram que não governaram ; tudo corromperam e anarchisaram com medo de serem apeados do poder, hoje que sóbem de favor, como o dizem e o crêem, o que poderiam ou poderão fazer ?

Hoje que toda a sua idéa é gosar do mando, do poder, o que poderão fazer em nosso proveito, deste paiz desgraçado ?

Se elles só foram chamados pelo medo dos saquaremas de se poderem unir em serviço da patria, só podem servir aos senhores que os cavalgam contra o povo, de quem são os senhores, irreconciliaveis inimigos.

E ahí estão á vista de todos, cavallos e cavalleiros, formando um do todo *fundido*, como o entende o Sr. Feitosa, todos fundidos, mas *distinctos*, formando o PROGRESSO.

O progresso embicou com o Sr. Feitosa, e quizeram depena-lo, apesar de todos os seus protestos de adhesão, porque não querem que se pense que ha distincção entre cavallos e cavalleiros progressistas, mas sim que ha só e puramente fusão. Mas o Sr. Feitosa por mais que o aperreassem assim não se submetteu, e quiz sempre conservar distinc-

to o cavallo do cavalleiro, para o fim de, se não fosse o cavallo bem tratado, affagado e mantido, poder dar com o cavalleiro em terra, tomar-lhe a fôrma e monta-lo.

E os cavallos e cavalleiros protestaram de todos os lados, mostraram que tão impossivel seria o desembestamento dos corceis assim guiados por tão maneiras e fagueiras mãos, como impossivel era conciliar a *autonomia* com a *fusão* dos dous *elementos* de progresso.

E fizeram o Sr. Feitosa sentar-se por não saber fazer-se comprehender, ou antes por não fazer-lhes conta comprehende-lo.

E e o Sr. Feitosa ficou só, porque quiz ser senhor muito depressa e diante dos senhores, antes do tempo e das habilitações precisas.

XLIX

O PROGRESSO.

1.º

. Seus feitos.

O *progresso* trouxe em verdade um unico e grande progresso, que foi a substituição quasi inteira da corrupção à força à violencia.

O partido corcunda sempre trabalhou para substituir a violencia pela corrupção ; foi sempre o seu principio dominante.

Elle agora fez um grande progresso, porque em todos os seus actos predomina a corrupção ; da força apenas se faz apparato para amedrontar o povo contra o qual não é mais preciso emprega-la, abatido como elle está. Assim foram e tem sido todas as eleições do *progresso* no imperio. Assim são todos os seus actos.

O fim deste partido é realizar este progresso no ponto mais sublimado, e realizado o tem de modo que mais da minima violencia não carece usar o corcunda, movendo tudo pela corrupção.

Este fructo do progresso vem da origem, da criação dessa nova administração sempre e cada vez mais corcunda, desta fazenda luzitana. Vem do nascimento da ultima liga. fôrmada, como as precedentes, pela corrupção, e mais

que alguma pela corrupção lenta e bem dirigida durante quatorze annos, e desenvolvida em um dia com espantoso descaro e ostentação.

Desde que a liga fôra tratada para assim conjurar-se a tempestade, foi logo assentado que todos os deputados concundas que para ella entraram, seriam pelo governo ligueiro reeleitos, assentado, como estava, que seria o governo composto sômente dos taes concundas ligueiros, ou conservadores moderados.

No arranco que trouxe essa liga á luz mais depressa, a eleição do Sá e Albuquerque, se começou (nesta provincia) a comprar os eleitores dos vermelhos a dinheiro de contado e com empregos, tudo isto as escancararas, com sciencia, e sem mysterio, de todo o mundo.

Nas eleições geraes pela dissolução da camara chamou-se todo o povo ao banquete: no estado discrito de miseria do povo, todo o mundo veio soffrego á liga, que a todos promettia pão. A condição de merito, era como dantes, bem servir á eleição. Como em alguns lugares os *vermelhos* ou tinham suas afeições, ou qualificações de *seus moradores*, com os quaes os ligas não podiam vencer, mandou-se força armada para afugentar o *povo* dos vermelhos pelo medo e isto foi bastante. N'outras partes mandou-se o povo de outras freguezias e autoridades policiaes para sustentar os desmandos desse povo, que, a modo dos cinco mil de Chichorro, lançaram para fôra da igreja os votantes e os chefes vermelhos.

Não careceu a liga de fazer muitas destituições, por que, sendo ella o mesmo partido concunda, toda a policia vermelha lhe servia, e bem servir já sabia. Se alguma autoridade policial porém por afeição pessoal aos chefes vermelhos não adheriam á liga, foram substituidas por ligueiros.

Dos empregos lucrativos tambem não foi preciso fazer taboá raza e pela mesma razão; e para recompensar os afilhados ou *filhotes* da liga, aproveitava-se as vacaturas que se iam dando, em quanto, a pretexto de moralidade, se abriam novos espaços ao bando famelico: á pretexto digo porque a corrupção é a bandeira do *progresso*.

Todos os demais empregados, com rara excepção, não tiveram duvida em se fazerem ligueiros, nem tinham razão

para o contrario os que eram saquaremas, e menos os liberaes, já admittidos antes da liga, pela conciliação, a servir á mesa do banquete.

Os melhores empregos que vagavam porém foram sendo dados aos filhotes dos moços corcundas ligados, e são esses escolhidos a gente mais impropria ou incapaz. Nunca o patronato se ostentou tão descaradamente.

Na eleição, foi o negocio como nunca; o governo ligueiro venceu a eleição primaria em quasi toda a parte. Todos os eleitores eram ligueiros, e a maior parte de antigos liberaes, que tinham affeição a seus chefes, e detestavam todos os saquaremas. Pois bem: ainda assim o governo bateu chapa, e proclamou que quem nella não votasse era vermelho; isto é, excommungado, sem direito, fóra da lei, excluido do banquete. Todos os eleitores por tanto votaram com obediencia inaudita na chapa, dando victoria aos seus inimigos, e derrotando a seus antigos amigos e correligionarios, os antigos liberaes que não entraram na chapa.

Não obstante onde não poderam vencer os ligueiros (não nesta provincia) fizeram duplicatas; mas a camara dos deputados approvou todas as duplicatas dos ligueiros, e sacendiou do parlamento todos os candidatos por mais bem amparados pela legitimidade de sua eleição, quando não eram ligueiros.

Quanto aos presidentes de provincia, o governo ligueiro não tinha pressa de os destituir, pois todos, saquaremas, corcundas como a liga, não teriam, como não tiveram, duvida em bem servir a nova situação na eleição de seus deputados. Feita porém a eleição, era preciso contentar os clientes dos moços corcundas ligueiros, e então foram se fazendo as destituições de presidentes, como dos demais empregados se vão fazendo com vagar e prudencia.

Até dezembargadores e membros do Supremo Tribunal de Justiça são destituídos, empregados estes pela constituição vitalicios. Tudo e sempre a pretexto de moralidade. Que maior immoralidade do que o governo livre de um povo livre, aposentar magistrados, altos magistrados, primeiros e altos garantes de todos os direitos e liberdades dos cidadãos deste vasto imperio, quando este povo tem uma constituição que garante a independencia e vitaliciedade

desses funcionarios ? Por moralidade a infame liga progresso devia começar por se dimittir a si propria, porque mais immoralidade nunca se viu, nem tanta neste Brasil, a escola de tudo quanto é infame e poluto. Per moralidade bem pouco acharia a liga de quem dispensar da destituição; tanto que, se fôra possível neste paiz corrompido um governo de boa vontade regenerador, elle devia começar sendo moralizado, para com seu exemplo e preceito fazer aos demais funcionarios arripiarem da carreira e da velha tolerancia ao despreso da lei.

A liga progresso, não se contentou somente em bater chapa e pedir o seu triumpho, como mais ainda mandou por intermedio do governo, de seus agentes d'elle, guerrear a nomes liberaes que se apresentavam candidatos á eleição: porque eram dos poucos liberaes que não adheriram á liga. Todos os eleitores vacillantes foram ameaçados de perder as esperanças com que adheriram á liga.

Nas eleições para senador por esta provincia, o escandalo, se escandalo pôde ainda haver para esta terra, requintou. Toda a conveniencia e respeito para com a moral publica acabou-se completamente. Era preciso que fosse eleito, escolhido senador, o moço Paes Barretto, o valido do velho marquez, o querido das damas, etc. Com elle concorria o Sr. Urbano, membro proeminente do antigo partido liberal, o primeiro, mais respeitado e de maior consideração em Pernambuco, affeição e estimado de todos os liberaes sem excepção. De ha muito estabelecido era na côrte advogado, gosando alli tambem de muita consideração e respeito.

Em taes condições não obstante todo o valimento do velho marquez, nesta terra em que só tem valor o favor e o máo procedimento, não confiaram os dominadores, o mesmo marquez, chefe do governo, no valimento, porque a escolha dependia do imperador, e temeram a concurrencia de Urbano.

A guerra á sua candidatura foi declarada e proclamada pelo governo. Não haviam razões valiosas á liga a dar para fundamentar essa guerra. Urbano tão liberal como todos os outros, isto é, esquecido e tendo abandonado todos os principios deste partido, havia adherido á liga desde o

seu começo, e entrara no seu contrato, assistira e fizera parte em seu parto. Urdiram-lhe por tanto, como era preciso, um crime.

Esse crime era de desobediencia ao partido, isto é. ao governo ; e continha duas partes : primeira, querer que um seu companheiro deputado e amigo do bom tempo dos cinco annos liberaes, e da revolução, fosse deputado, não havendo tal amigo (Lopes Netto) entrado na chapa do governo ligueiro ; e outra parte era ter-lhe escapado a elle Urbano em conversa particular o juizo de que Paes Barretto não estava no caso de ser senador.

Declarada a guerra com estes fundamentos, o governo fez tudo em sua execução, quanto nunca lembrou nesta terra a alguém fazer.

Mas essa guerra não fôra logo declarada a Urbano : declarou-se aos ligueiros, para ella ser feita as occultas : só quando Urbano, depois muito de a conhecer, quando vendo-se em grande perigo, rompeu, lhe foi ella feita as escancaradas.

Nesta terra quasi que não ha quem não tenha alguma pretensão do governo, e a tal ponto que delle não pôde prescindir ; quasi que só não a tem, quem não vê caminho para com alguma esparança chegar a elle. Foi dito portanto pelo governo : Quem voitar em Urbano é vermelho. E neste sentido tudo foi feito, e preparado desde a eleição primaria para senador, antes do rompimento, ás occultas, quando se figurava que Urbano entrava na chapa ; e depois com todo o denodo e ostentação.

O presidente desta provincia (para gloria sua) Silveira de Souza, não se contentou com os seus agentes e enviados : chamou á palacio as autoridades policiaes que foram precisas e que foi possivel comparecer, e impoz e mandou impôr a todos os eleitores de toda a provincia que não votassem em Urbano. E ainda assim Urbano teve uma grande votação ; mas a teve tal porque a maior parte de taes votos foram dados as occultas, por quem os pôde occultar, apezar de toda a vigilancia da policia e de todas as demais influencias, espiões, mais ou menos esperançosos.

Nessas eleições primarias ainda se ostentou mais força do que nas primarias para deputados. . Autoridades poli-

ciaes foram mandadas, entrando alguma que, como vermelhos os agentes dellas, haviam antes sido mudado pela liga. A luta foi grande e renhida desde o principio, porque não obstante essa abjecção do paiz, muitos homens já haviam rompido com a liga, já porque se demoravam as suas recompensas, já porque as esperavam de Urbano se vencesse e subisse, já pela pura afeição de alguns caracteres raros que ainda sabem expor-se ao sacrificio de ter alguma independencia. O empenho do governo em derrotar Urbano porém foi tão grande, que só se pôde comparar os seus esforços nelle com os de Chichorro e do proprio Urbano no tempo da praia para fazer aquelle e a Ernesto senadores. Só havia porém uma differença, e é que na eleição de Chichorro o governo lutava pelo emprego da violencia dos cinco mil commandados pela policia, e na guerra contra Urbano lutava pelo emprego da corrupção commandada egualmente pela policia.

Desta derrota de Urbano nasceram os liberaes genuinos, tão vazios de principios que, os destinga dos saquaremas ou corcundas, como o seu chefe, o proprio Urbano. Fizeram seu directorio, a quem prestam obediencia passiva, segundo sempre a escola saquarema; e por isto sem valor nem significação alguma, não podendo merecer dos vermelhos, que com alguma posição e prestigio de bom corcundismo, não gostam das ligas que exigem partilhas de pão dos seus velhos amigos, nem tão pouco do progresso donde sahiram já por sobraarem, já por serem resmelengos e exigentes.

E ei-los ahí debandados, fugidos da assembléa provincial, por seus brios que, se significassem alguma cousa, seria o medo da tropa que cerca o paço dos representantes do povo, quando se ia deliberar sobre a lei da protecção ao commercio nacional, a nossa lei agraria, de cujo apoio, o aparato das armas dos corcundas progressistas, actuaes administradores da antiga fazenda luzitana, fê-los fugir.

E essas armas só vieram para fazer medo, porque os soldados não podem tapar a bocca das galerias quando disserem: — apoiado. Senhor deputado, deixe fallar o membro da minoria; — e cousas taes. Em casos de interrupção só podia o presidente da assembléa despejar as galerias,

que voltariam no dia seguinte, para manter a palavra aos representantes que o dito presidente permite á maioria não deixar fallar. Só poderiam os soldados prender a quem injuriasse os deputados ; e mesmo neste caso a prisão só seria até ser o delinquente levado a presença da autoridade, quanto mais que, qualquer mais irritado, poder-se-hia abster desses *bonitos* modos. Mas o expediente sortiu effeito ; os genuinos fugiram, o povo tambem, e a pouca gente que ficou está com medo dos soldados, nem tuge, nem muge, até tem medo de escarrar. Se elles nem tem quem os instrua de que podem ao menos tossir e rir-se quando tiverem necessidade.

E lá ficaram os progressistas e as patotas nas mãos de alguns, e elles já se dilacerando, e já tambem fugindo, e a ponto de não fazer numero, e a ponto que já tomaram deliberação sem numero sufficiente.

E a lei de protecção ao commercio cahiu por dous votos, e os genuinos retirados são oito ou nove.

Mas tudo isto é progresso, porque, o paço e galeria da assembléa guardada por soldados, e para garantir um partido e a derrota de uma lei, nunca d'antes se viu. Só, depois logo da revolução, mandou Honorio cercar a casa para pegar um deputado rebelde, que o estava incommodando ; mas o negocio era com um, e que se dizia criminoso de crime contra a constituição (pela a constituinte) ; mas agora o negocio é com toda a casa, todo o povo, toda a assembléa, para proteger os partidarios dos interesses luzitanos.

Quaes são os outros feitos da liga progresso ? E' a corrupção em alta escala, é o progresso da corrupção, são os pro-consules com maiores poderes que no tempo dos vermelhos, é Paes Barretto até o dia em que morreu, primeiro pro-consul neste imperio, e sua familia afidalgada e aprendendo a emproar-se a modo de seu finado chefe.

Quem será o seu substituto ? Quem não vê na camera temporaria o *Leão* do Norte ditando de lá os seus preceitos ? Felizmente, se podemos-nos nesta terra felicitar de alguma cousa, o leão é domesticado, e não tem aquelles modos nem aquella prôa.

E agora, no dia de hoje, 28 de abril de 1864 que estas paginas acrescento com esperança de as ver impressas

e justas em folheto, um facto glorioso do progresso quero registrar : é o funeral que se fez hoje pela alma ou por não sei que do fallecido heróe da liga, o valido do grande marquez ; ainda não é o funeral, mas sim a divisão que o presidente, outro Leão, mandou marchar a essas honras fúnebres, juntamente com um parque de artilheria, *sendo a polvora que se queimou paga pelos promotores do dito funeral*. E o serviço dos soldados, quem os paga ? E a obrigação delles marcharem, donde veio ? E a mão de um artilheiro devorada pela explosão do canhão nessa salva, em serviço de quem se perdeu ? Da patria ? Não,..

DO PROGRESSO !

2.º

O que é o progresso e que fará.

Os saquaremas ou corcundas chegaram a seus fins. Chamaram-se de *regressistas* no dominio dos luzitanos, quando eramos governados por seus feitores, á frente o celebre Araujo Lima, hoje marquez de Olinda, commandante do *progresso*, agora, quando os feitores, fazendo-se senhores, mostram-se saber melhor guiar o rebanho brasileiro por todas as sortes de embustes e ciladas.

Chegaram ao *progresso*, que o nome liberal é detestado.

Um povo livre não póde ser rebanho nem escravo. Corcundas ou senhores, ou regressistas, não se animam mais chamar-se que são muito espertos para cabir em tal. Com o *progresso* tudo caminha bem : o seculo das luzes é do *progresso*. « Porque chamais e ponde debaixo de vossas bandeiras os liberaes, e repellis o nome de liberal ? » se lhe argue.

« O *progresso*, respondem os ministros, não exclue a liberdade : sem ella não ha *progresso*. »

E onde vistes partido do regresso ? pergunto-vos eu ? Para have-lo do *progresso*, para suppor-se bandeira do *progresso*, seria preciso suppor-se alguma bandeira do regresso. Esta coragem só teve em outro tempo o partido luzitano que queria chamar Pedro I ao Brasil. Fóra disto não achareis paiz algum em que já se tenha visto esta bandeira politica.

Em toda a parte já vos foi dito pelo distincto deputado o Sr. Dr. Urbano, em toda a parte ou seja livre o governo ou despotico, o progresso pertence a todas as bandeiras. Elle só não é conhecido na Asia, mas tambem não ha alli regresso.

Haverá maior banalidade do que a proposição do muito distincto liberal moderado, saquarema moderado, ligueiro progressista José Bonifacio, de que sem liberdade não se dá o progresso ? Já não haviam sido apontadas pelo deputado Urbano a quem respondia o mesmo ministro do imperio, a Austria, a Russia, e mais não sei quantas ? Ahí não está Napoleão, não esteve o primeiro, e a quanto progresso levaram e tem levado estes dous homens a humanidade. E durante o dominio delles o que foi e o que é da liberdade franceza.

A regra é que sem liberdade um povo não progride, nenhum homem ; mas ha povos, é a excepção, que não podem progredir com ella, porque pelo seu muito atraso, ou por sua corrupção, carecem de uma vontade intelligente que lhe dê luz ou regeneração, e o vá fazendo capaz da liberdade pouco a pouco, porque sem ella, com todo o mais adiantamento e progresso da civilisação, o povo está em sua dignidade incompleto, porque sem ella o homem está muito longe do character que o distingue dos outros seres animados ; e por mais gostosa vida material que sem ella viva um povo sob um bom, intelligente e paternal governo, está sempre sugeito a ser victima, besta de carga dos tyrannos, os quaes em o governo não livre só deixam de apparecer por muito rara excepção. E' por isto que se quer a liberdade em todo o caso em que o povo a póde ter, e é assim que o progresso póde dar-se e tem se dado sem a liberdade ; é por isto que o povo que gosa da liberdade, para a não perder tudo comprehende contra os tyrannos e contra os velhacos que a querem roubar.

Os tyrannos e os velhacos não querem porém de nenhum modo o povo livre : quando o povo clama por suas liberdades, os velhacos que o temem e o detestam, dizem que isto são idéas abstratas, pois a verdade entendem elles que está no pão do progresso material, na tutela delles senhores.

Nunca esperei que em resposta ao deputado Urbano o ministro José Bonifacio o increpasse por occupar-se de idéas *abstratas*, quando elle defendia a liberdade.

Não é esta a linguagem de todos os corcundas de todas as partes? E é este ministro liberal e saquarema que não hesita declarar que, se a duvida em ter o apoio dos liberaes é se chamar o governo—liberal, elle não põe duvida em que assim se accete a denominação. E' assim, ó liberdade, que se faz de teu nome irrisão e escarneo.

Qual é no entanto o corcundo mais damnado que não diga que ninguem é mais liberal do que elle? Não será neste sentido que José Bonifacio accete assim um momento o nome de liberal, condemnando ao mesmo tempo o liberalismo, por ser cousa de idéas *abstratas*?

E é o filho e sobrinho e neto dos patriarchas da independencia, tão cheio de idéas frescas e livres. Mas os patriarchas de tal independencia, não poderiam produzir com ella um fructo de outro sentir. Nada por este dei desde que vi o seu discurso *ponte d'ouro* com que atravessou a primeira vez da camara ao ministerio. Basta dizer que tanto o tal discurso como o seu autor tem merecido sempre as sympathias de todos os corcundas.

Mas o *progresso* não se encerra só nesta palavra, elle tem suas idéas e idéas livres, diz o governo progresso. Mas que idéas são estas? é a reforma da lei de 3 de Dezembro no sentido de dar maior elasterio a liberdade individual: que é isto o liberalismo moderado, e tudo o mais que era da bandeira liberal, é exaltamento hoje condemnado, assim pelos conservadores moderados, como pelos moderados liberaes. Essa unica modificação das leis de arbitrio tambem querem os conservadores vermelhos, tambem a quer o Sr. Urbano, e esta só, visto que não diz o que quer ou o que mais quer o mesmo Sr. Urbano, primeiro orgão dos liberaes tambem moderados porém não ligados ao carro do progresso (da corrupção e da miseria). Qual é pois a differença em principios que ha entre todos estes senhores, porque é a briga?

Não ha mais liberaes exaltados, diz o Sr. Urbano e dizem todos; todos são tão moderados, que só são liberaes no nome, visto que não se vê ha quinze annos sua imprensa sustentar um só dos principios que fórmavam a sua bandeira

ra, nem mesmo o da lei da reforma, cuja reforma só tem sido aventada pelos conservadores vermelhos ou não.

Ha porém outro deputado liberal progressista que accusa os vermelhos de terem tomado para si esta idéa dos liberaes, para assim illudir a população. Mas quando é que os liberaes depois da regencia livre foram capazes de realisar no Brasil uma só idéa ?

Boa ou má só tem tido força para realisa-la os conservadores, que sempre o tem feito para conservar o seu poder, o seu arbitrio, sem o que não podem governar.

O que é porém esta promessa de reforma da lei de 3 de Dezembro no sentido de dar mais elasterio a liberdade individual ?

Donde veio esta reclamação da parte do paiz ? Donde se manifestou esta necessidade ? Durante os quatorze annos de ostracismo a que o Sr. Dr. Feitosa chama feroz, nenhuma reclamação se fez neste sentido. Desde que a liga subiu, e até se abrirem as camaras, tendo a imprensa fallado tanto, nenhuma idéa politica liberal aventou. Pelo contrario todo o paiz está satisfeito com a lei de 3 de Dezembro, e com todas as mais instituições que dão tanto arbitrio aos que tem um pelacinho de mando ou governo ; porque a projectada reforma nada de livre traz ao povo do que lhe tirou tal lei. E' claro por tanto que este liberalismo não sae da nação, não sae da opinião publica.

Sahiria da camara ? tambem não : sahiu do ministerio que disse a camara o que queria. Mas este ministerio sahiu da camara, e por tanto a idéa. Mas se a imprensa donde sahiu a camara não tinha idéa, e a camara não a manifestou, o ministerio não tira a idéa della, lh'a impõe, como é costume no Brasil, onde vemos, ainda como agora, a idéa descer do alto para o baixo, do governo para o povo.

E' este o principio saquarema, conservador, corcunda. E' crível por tanto que este governo formado por meio de todas as infamias e indignidades, por uma eleição que só foi violentada pelo medo, ou mentirosa e falsa onde não teve opposição, e só não a teve onde o tôlo povo pôde ser sem difficuldade illudido com o promettido liberalismo ou antes as promettidas liberdades da liga, é crível, digo, que este paternal governo queira nos dar uma liberdade que

não só o paiz não pede, como mais ainda os proprios liberaes já a renunciavam, como mais ainda é incompativel com os costumes corrompidos e servis a que os velhacos coreundas nos levaram e reduziram ?

No entanto os homens que no Brasil estão concordes nos mesmos meios de governar e nos mesmos fins, formam facções a que chamam partidos.

E o que querem estas facções, o que querem estes *partidos* ? quaes são os meios, quaes os fins.

Os fins é governar; os meios o arbitrio dos saquaremas que hoje saquaremas todos são.

Os fins governar, porque, quanto aos vermelhos decabidos, ou elles tiveram patriotismo e foram incapazes, ou, se tinham aptidão, só tiveram egoismo, porque, sem causa nem motivo deixaram o paiz no mais horroroso estado de miseria; quanto aos liberaes não ligados, não podem ter outros fins que não seja governar, porque delles não vemos ha 20 annos sahir uma só idéa em bem da nação; quanto ao *progresso*, porque o que o paiz precisa primeiro que tudo para então tornar algum dia á liberdade, é moralisação, e de um governo como o progresso, que desde o principio até hoje só tem praticado e se dirigido por actos das maiores immoralidades, tudo corrompendo ainda mais que quantos governos dos mais immoraes temos tido, sem mesmo carecer usar muito da violencia, porque a tudo compra e por todos os modos, de um governo mais immoral que quantos tem havido no Brasil, não se pôde esperar se não, além do enterro da liberdade por seus proprios ingratos filhos, o enterro dos ultimos sentimentos do justo e do honesto, e por tanto a dissolução deste immenso imperio.

3.º

Como se deve viver nesta terrã e — cheyada ao progresso.

E no entanto não direi que ninguem se illuda, porque ninguem se illude; nem que cada um cuide de arranjar a sua vida, porque ninguem cura de outra cousa; nem que a deixe de procurar na politica, porque todos sabem que a vida, ou soffrivel ou boa, ou menos má, mesmo para os ri-

cos, só pôde ser, tomando-se alguma parte na politica de qual quer modo que seja, ainda que seja n'alguma tratantice de parceria com algum ministro, presidente, ou mesmo muito inferior autoridade. Todos sabem que no Brasil é preciso ser ao menos *espoleta* ou *guarda-costas* para ter ao menos tambem guardadas as costas que —liberdade e progresso. . . .

Aquella morta ha muito tempo pelos livres, e enterrada pelos Urbanos e Josés Bonifacios, este só o é da corrupção d'alma pelo ventre. E quem não contentar-se com isto que saia desta terra desgraçada, e, se o não poder fazer, soffra bem humilde e resignado, conforme-se com tudo o que quem pôde o quizer ; sujeite-se em tudo á sua vontade, não se fie na lei nem pelo valor de um til, que pela justiça, se não houver empenho e protecção, guardado não será por mais seguro que seja o seu direito ; porque o direito e a lei escripta é um engano, uma cilada, uma rêde, uma armadilha para apanhar os tôlos que não conhecem o engano, porque, apezar de todo o desengano, o numero dos tôlos é infinito.

De minha parte tenho feito minhas despedidas ao mais doce bem que primeiro adorei e que mais tenho adorado : não obstante,

Deus faça que o progresso concunda-liberal salve esta patria condemnada a todas as miserias e até ao aniquilamento.

4.^o

Porque o progresso só vem completar nossas desgraças e sem mais remedio ?

Mas porque estes homens novos, saquaremas ligados a liberaes ainda não todos corrompidos, suppostos taes, mesmo alguns, não salvarão o paiz do abysmo, não lhe farão algum bem ? Como descrever que não haja algum dos mais intelligentes com algum patriotismo ? Se me dirá. E eu respondo :

Porque elles não são melhores que os outros que tem governado, entre os quaes alguns bem vontade teriam de ser patriotas.

É porque no Brasil é impossível, uma vez que os liberaes se acobardaram, transigindo sempre até suicidarem-se, é impossível fazer-se algum bem ao paiz, e a razão é :

Mortos e enterrados os liberaes, os corcundas que em vida delles governaram sempre, com excepção sómente do tempo das primeiras regencias, mortos e enterrados os liberaes, aquelles governam sem contestação nem embaraço, comprando sempre, quero dizer, transigindo sempre ou ligando qualquer liberal que possa accordar o sentimento popular ; porque, pensa o corcunda, este ainda não está morto, mas sómente amortecido.

Ora o principio do saquarema ou corcunda é de governar de cima para baixo, impondo, dando a idéa, em vez de a receber da opinião, que nem quer que se fôrme.

Dest'arte a eleição é uma burla, e o sentimento livre não manda livremente representantes destas idéas, porque instinctivamente os repelle.

No entanto o corcunda carece da eleição para governar e não podendo ser eleito pela eleição livre, d'antes violentava e corrompia para eleger-se, hoje corrompe e transige.

Ora n'um systema de eleição assim, não é possível, como temos visto, curar de fazer e menos fazer algum bem : porque todo o trabalho reduz-se a vencer eleição, e a pagar serviços eleitoraes. Temos visto como este modo de viver de nossos governos sempre corcundas, só nos traz cada dia maior desprezo da lei e da moral, o egoismo a seu mais subido ponto, a patria barriga.

Se a liga ou progresso é o partido corcunda e hoje seguido por todo o Brasil que pensa e aspira, se seu principio é de governar por si independente da opinião que não a quer, independente do povo de quem exige o voto ego, como poderá fazer mais de melhor do que tem feito os outros corcundas ?

L

SE HA SALVAÇÃO PARA NÓS, QUAL SERIA O MEIO BEM FACIL ?

Se ha ainda portanto entre os homens que possam ter parte grande nas cousas publicas algum sentimento patriótico, se isto, como temos visto, não é para todos uma

palavra ridicula, então deixem as formulas constitucionaes : já que querem governar sem o povo, não chamem o povo à eleição, porque então desapparecerá esta causa de todos os escandalos, de todas as immoralidades, de todo o embaraço aos senhores corcundas para nos fazer algum bem, de toda a miseria publica e particular. Dêem o golpe que nenhum mal lhes acontecerá. Não carecem decretar : « fica abolida a constituição » ; dissolvam as camaras, e revoguem o decreto de nova convocação antes de se fazerem as eleições, como o fez Pedro I com a constituinte ; pois quando a dissolveu, havendo convocado outra, revogou pouco depois o decreto da convocação e, como unico soberano, imperador absoluto, legislou a constituição por si só, dispensando-se da assembléa constituinte da nação Brasileira.

E os Brasileiros se calaram e se sujeitaram, só Pernambuco levantando-se e sendo abafado.

E era a constituinte, a assembléa primeira que ia formar a primeira e base de todas as nossas leis, que ia determinar quem seria e quem não seria *cidadão Brasileiro*. E era no tempo do exaltamento, no tempo em que do partido liberal eram todos os Brasileiros. E mais ainda :

D. Pedro quando foi proclamado imperador foi com a condição de aceitar a constituição que a assembléa constituinte lhe dêsse. E *jurou* no livro dos Santos Evangelhos aceitar esta condição, aceitar a constituição dada pela assembléa constituinte. E dissolveu a constituinte, e revogou o decreto que convocava outra, e não aceitou a constituição da nação, e impoz a sua pela força, pelo apoio dos corcundas, e pela cobardia dos Brasileiros.

E não obstante D. Pedro ter assim perjurado e se feito traidor, e não obstante serem aquelles tempos em que todos os Brasileiros eram liberaes, tempos de todos os exaltamentos, todo o povo se submetteu humildemente, e Pernambuco foi trucidado.

E não obstante tudo isto, os Brasileiros de hoje levantam uma estatua a D. Pedro por ter perjurado e traído, e nos legado uma constituição livre para os Portuguezes serem nossos dominadores e senhores, em quanto não e até que chegou o reinado da geral miseria, de que somos, os habitantes desta terra, humildes escravos.

E se tal pôde fazer Pedro I naquelle tempo e com aquellas circumstancias, quanto mais facil será hoje dissolver-se as camaras e revogar o decreto de sua convocação, hoje que não ha mais liberaes, e mais ainda condemnada é palavra—liberal exaltado e unanimemente por todos os Brasileiros, hoje que todos são humildes submissos á vontade do governo, assim recebam d'elle um sorriso, hoje que todos só querem adivinhar o sentimento do imperante para acha-lo bom, como, que teriam a dizer, se, se lhe dando o poder absoluto, elle o acceitasse ? E mais ainda, que naquelle tempo foi com a constituinte, e nada aconteceu nem aos corcundas, nem a D. Pedro que dissolveu uma constituinte amada unanimemente por todos os Brasileiros, que destruiu o projecto de lei fundamental da nação, e fez a sua lei ; no entanto que hoje, se se destruísse a constituição, não seria assim destruida a lei da nação, mas a lei de Pedro I ; não seria destruida uma lei amada pelos Brasileiros, como o projecto de constituição da constituinte, mas sim seria destruida uma constituição *despresada* por todos os Brasileiros, que tão pouco está em pratica que já se tem tornado o governo absoluto, o que é reconhecido por todos. Hoje se se fechassem as camaras para sempre como se fechou para sempre a constituinte, que poderia acontecer por tanto, se naquelle tempo os Brasileiros, todos liberaes e os mais exaltados se calaram, e acceitaram a lei de D. Pedro, e elles que tanto amavam a constituinte, e pela qual D. Pedro havia jurado a Deus, aquella constituinte que só se dissolveu á presença das peças de artilheria para ella abocada e de murtões acêsos, se os Brasileiros todos naquelle tempo assim amantes da constituinte se calaram, que fariam hoje se se fechassem as camaras para sempre, que fariam os Brasileiros de hoje que todos despresam as camaras, e só olham para o imperador e seu governo, que aconteceria aos corcundas se todos os Brasileiros são corcundas ? o que aconteceria ao imperador, se todos os Brasileiros o amam egualmente e tanto, que são todos a porfia a prescrutar e a adivinhar seus sentimentos para imita-los, seus desejos ou vontades para satisfaze-las ou compri-las, e que só desacer-tamporque desatinam ?

Se por tanto ainda ha alguns homens de algum patriotismo no paiz, não podem pelo systema corcunda ou saqua-

rema, fazer algum bem ao paiz, só horribeis males com a eleição, as camaras, a constituição. Acabem por tanto com tudo isto, dissolvam as camaras para sempre, como dito é, e governem absolutamente, porque sem o trambolho e as exigencias dos deputados, e de todos os correligionarios, podem-nos fazer todos os beneficios de que suas grandes cabeças socegradamente se inspirarem.

E a vista destes beneficios, todo o paiz ficará contente, hemdiremos nossos senhores, que nos levarão ao progresso, como o pastor á um campo de frescas relvas, e nós applaudiremos os varões distinctos que tiveram a coragem e a abnegação de pisar a lei fundamental para salvar o povo.

E seus nomes serão levados á posteridade em letras d'ouro, e suas figuras levantadas nas praças publicas sobre pedestaes de bronze, para levar ao futuro, com as glorias de agora que serão passadas, as lições dos grandes feitos.

LI

RESUMO.

I.º

Historico e politica concunda.

Ou o Brasil estava em adiantamento sufficiente a se constituir nação independente, quando tal foi feito, ou não.

Se estava, devia fazer sua independencia por si, comprada pelo preço de seu sangue, unico capaz de conquistar a liberdade á um povo.

Se não estava, neste caso, não devia ser independente, mas sim continuar colonia de Portugal, até que fosse capaz de comprar sua independencia por si.

Mas o Brasil ou não estava capaz de ser independente e livre, ou se o estava, não tiveram seus filhos a coragem ou o bom senso de conquistar a sua liberdade, e contentaram-se em acceitar tal independencia doada por Pedro I, de combinação com seu pae.

Que o Brasil estava porém capaz da independencia, prova-se com o proprio facto de haver D João se combinado com seu filho, para faze-la, dizendo-lhe que se pozesse á frente do movimento, para não deixar escapar esta fazen-

da tão rica a seus subditos **Luzitanos**, e este imperio á sua familia, seus descendentes. **Prova-se com o facto de D. Pedro**, para tomar a dianteira dessa revolução, **carecer de compartilhar dos mesmos sentimentos dos Brasileiros de animo mais exaltao**, e **contra os Portuguezes ; carecer de fazer-se exaltadissimo demagogo** : é porque a revolução era infallivel e invencivel, e por tanto o Brasil era capaz da independencia e da liberdade, porque foi conhecido por seus soberanos que elle as podia conquistar.

Mas o Brasil que, podendo, não quiz fazer por si essa independencia, mas accita-la desse principe demagogo, que o recebeu á frente de sua grande causa, é que foi tólo, imbecil ou covarde.

Pernambuco, porém, com as suas irmãs, as quatro da antiga capitania, deu provas duas vezes, em 1817 e 1824, de que não convinha na transacção, e queria e podia fazer-se livre, assim os demais Brasileiros não trahissem por sua covardia ou imbecilidade á grande, á primeira causa nacional.

E tudo isto da parte de Pernambuco e das quatro suas irmãs do norte, devido a seu caracter, formado na escola e das lições legadas por seus antepassados, daquellas lutas heroicas de tanto civismo, coragem e abnegação, contra os Hollandezes : o que não tiveram e não tem as demais provincias do imperio : donde nasce o andarmos sempre muito adiante na demanda e defeza da liberdade, o excitarmos o ciúme do sul, a acharmo-lo sempre de emboscada, mais prompto a nos accommetter como inimigo do que em abraçar o nosso exemplo, na defeza da causa que devia ser sempre e toda dos Brasileiros, parta de onde partir a idéa, o primeiro esforço.

Depois de cair o Brasil no primeiro laço, de convir na primeira transacção com a sua liberdade ainda a nascer, na primeira liga, foi desde então até hoje cahindo sempre de transacção em transacção, de liga em liga, perdendo sempre com ellas mais e mais as suas liberdades, até que as tem perdido todas, nunca tendo ficado independente dos Portuguezes, senão agora que passou a ser presa de toda a miseria, donde é impossivel sahir jamais, a não ser por vontade de Deus, e por meios imprevisos e incomprehen-siveis á vistas humanas.

Dada a independencia, não podia D. Pedro abster-se de convocar a *constituente* para confeccionar a constituição deste povo.

E não podia deixar de convocar a *constituente* porque : Quando D. Pedro com o decantado—COMO É PARA BEM DE TODOS FICO — quando D. Pedro fingiu assim ficar no Brasil contra vontade de seu pae para bem dos Brasileiros, prestou juramento de acceitar a corôa Brasileira — COM A CONDIÇÃO DE ACCEITAR TAMBEM A CONSTITUIÇÃO FEITA PELA NAÇÃO—em assemblêa *constituente* de seus representantes.

Essa *constituente* D. Pedro a dissolveu, revelando assim a sua traição, e perjurando, porque não queria a constituição que a nação estava confeccionando nessa *constituente*, e queria impôr á nação a constituição que ella não queria. E para dissolve-la foi preciso D. Pedro abocar os canhões e de murrões accêsos para ella. E D. Pedro não queria a constituição que a nação lhe dava e que elle jurára receber, porque a constituição que estava a *constituente* fazendo tornava D. Pedro nullidade, collocava-o neste imperio em posição de ser inutil e saccudido de seu cargo ; fazia desta nação uma pura republica, á que o cargo de imperador vinha sobrar.

Prova isto como este paiz só queria se governar por si mesmo, e por tanto que o podia, tanto que a *constituente* era formada dos primeiros homens deste paiz ainda puro, primeiros em virtude, illustração e patriotismo. E era ella a expressão do paiz, porque as eleições então eram puras, não se conhecia nellas nem a fraude, nem a corrupção, nem a violencia.

Prova-se que o paiz podia e queria ser governado pela republica, porque esses seus primeiros homens da *constituente*, tudo quasi tirando de D. Pedro na tal constituição, eram mais proprios a conhecer o que nos era mais conveniente, do que o proprio tão suspeito como ambicioso D. Pedro, e os seus Portuguezes nossos inimigos então.

Ainda prova-se que então o paiz era mais proprio a ser governado pela republica do que pela monarchia, com o seguinte :

Durante o tempo que tivemos a regencia, este paiz governou-se com inteira liberdade ; tudo era feito pelo povo ; na eleição não havia fraude nem corrupção, nem vio-

lencia ; era uma verdadeira republica, porque desde o chefe do estado até os agentes de policia e a guarda nacional era tudo de eleição popular. E durante a regencia, como a eleição era livre, como não havia corrupção, o paiz era muito mais moralisado, do que hoje que não ha moralidade alguma. Não havia miseria, e não se conhecia erigidos em systema a corrupção, a dependencia e os empenhos, donde vem todas as nossas miserias por esse systema instituido depois da monarchia, isto é, depois da maioridade.

Não se podia dizer que a continuar a regencia ou a republica, que vinha a ser a mesma cousa, a corrupção teria nascido com o tempo, e hoje seria ainda maior ; e tal não se pôde dizer porque o que se accusava de mal naquella regencia ou republica era essa *muita* liberdade de que o povo gosava, donde se fazia provir os males que nos vêxavam (infinitamente inferiores aos que soffremos hoje.)

Para se curar desses males, ou antes com tal pretexto, os corcundas desde a maioridade ou monarchia, foram destruindo estas liberdades.

Nesta obra da destruição das liberdades de que gosavamos na republica ou regencia, é que se começou a corromper e violentar o povo e todo o paiz, porque os corcundas não podiam destruir taes liberdades sem ter as camaras suas ; e não as podiam ter sem vencer a eleição ; e não as podiam vencer sem corromper e violentar o paiz. Ora mostrado temos visto que dessas eleições é que tem vindo toda a corrupção e immoralidade do paiz, e todo o paiz proclama esta verdade como facto incontestavel.

Logo se continuasse a republica ou a regencia, não haveria eleição pela corrupção, porque o governo não era corcunda, e porque o partido liberal era da nação ; e para vencer-se a eleição liberal não se carecia impor ao paiz candidatos como o tem sido em todas as eleições depois da maioridade ; porque é o partido corcunda, inimigo do povo que desde então sempre tem governado, embora alguma vez figure na apparencia liberaes, já fracos e corrompidos que se sujeitam á vontade dos corcundas para governar segundo os seus dictames, sob pena de serem retirados do *palco* do poder em que apenas representam como comicos máus, papeis que não lhes são proprios.

Não se pôde dizer por tanto que com a continuação da regencia, e menos ainda com a republica naquelle tempo, estariamos peiores, sim pelo contrario que teriamos muito adiantado em todas as cousas do engrandecimento de um povo, porque não havia naquellas condições a causa de todas as nossas miserias, a imposição de um partido estrangeiro e inimigo dos nacionaes n'um paiz em que é detestado.

Não havendo os Brasileiros concedido a D. Pedro o que era necessario á realeza nessa constituição, e o admittindo não obstante como imperador, usaram de uma tactica, uma velhacaria, uma transacção ainda, tudo nascido da primeira da independencia, porque, não se animando a faze-la por si, não tiveram tambem força para lançar abertamente D. Pedro fóra da constituição, então que D. Pedro por sua demagogia em proclamações contra os Portuguezes, já tinha conquistado no paiz muitas sympathias e muita gratidão.

Do máu resultado dessa velhacaria dos Brasileiros, e de todas as mais do partido liberal ao depois. para enganar aos corcundas, vê-se ainda que a liberdade não pôde caminhar por vias tortuosas e obscuras, que os livres não podem enganar aos velhacos corcundas, porque estes caminhos só podem levar ás trevas, á abdicção da razão, ao despotismo e corrupção a que temos chegado.

A constituição da constituinte não só não dava poder algum a D. Pedro, isto é, ao imperador (porque a tal constituição não continha o PODER MODERADOR,) como ainda ella não satisfazia ao desejo de D. Pedro que queria que os Portuguezes, nossos inimigos, e inimigos de nossa independencia, fossem nossos concidadãos. Tambem por isto D. Pedro dissolveu a constituinte, porque não lhe fazia conta governar este paiz sómente com Brasileiros, e elle carecia dos Portuguezes, feitos cidadãos, para pô-los á frente de todos os negocios, em quanto amañava pela corrupção os Brasileiros, até chegarem á mansidão em que hoje se acham.

Dissolvendo porém D. Pedro a constituinte, teve a prudencia de fingir moderar o golpe, convocando outra, para assim neutralisar o resentimento brasileiro, que deveria ser grande e talvez perigoso em vista de uma tal violencia, mas que a nova convocação soube com effeito conter.

Passados porém os primeiros momentos das impressões fortes, os animos se resfriaram, e elles não chegaram a se excitar muito então, porque a impressão se moderára logo desde o principio com a convocação. E, assim moderados os animos por essa convocação, se ella não se realisasse, elles não teriam mais motivo de se excitar; pois o choque que os poderia mais excitar já era passado com o attentado da dissolução, o qual veio já assim neutralizado pela nova e fingida convocação.

E fingida o foi a dita convocação, porque D. Pedro sabia que os Brasileiros eram livres, que queriam todas as liberdades completas de um povo que se pôde governar por si só, como o mostrára a constituinte; e que por tanto a nova constituinte que se reunisse, seria eminentemente livre. E naquelles tempos ainda não havia a arte de o governo vencer eleição, porque só com o tempo e com muita velhacaria é que os Portuguezes *abrasileirados* poderam converter os Brasileiros em corcundas, para esses converterem a outros, corrompendo o povo, e empregando sempre a corrupção e a força para corromper mais. Usar da força bruta para vencer naquella occasião, tambem disso não se podia lembrar D. Pedro, que não tinha nenhum Brasileiro que lhe apoiasse um tal intento. Carecia de caminhar sempre com velhacaria, e illudindo á uns, comprando á outros, fazendo amigos interessados entre os nossos, jogando com o character brasileiro, já começado a formar-se com as transacções da independencia e da dissolução, para elle D. Pedro chegar a seus fins, que é assim que sempre os tyrannos caminham para escravisar um povo que presa a liberdade, quando o tyranno não tem força sufficiente estrangeira em que firmar-se.

D. Pedro revogou por tanto o decreto da convocação da nova assembléa constituinte. Sahira-se bem com o primeiro golpe, devia esperâr bom resultado deste. Bem quizera elle governar-nos absolutamente como governava seu pae a seus vassallos, bem quizera governar-nos a nós colonos com os seus Portuguezes para nos conter. Mas o primeiro golpe fôra adoçado pela convocação fingida de uma constituinte. Era preciso por tanto adoçar ainda este golpe por outra medida fingida, que é assim que se trata

sempre a um povo besta, porque se acha sempre entre os *seus notaveis* a quem comprar.

Para que era a constituinte ? Não era para fazer a constituição ? Pois bem, D. Pedro deu essa *fingida* constituição, e assim adoçou o golpe da revogação do decreto que convocava a nova constituinte. Outorgou-nos essa constituição, de Portuguezes inimigos feitos por ella concidadãos e senhores, e elle D. Pedro senhor sobre tudo. E como ella devia conter muitas liberdades para poder enganar os Brasileiros, e essas liberdades podiam atrapalhar o desejo e intenção de D. Pedro de governar esse povo absoluta e despoticamente e tê-lo sempre fazenda dos Portuguezes, a obra da destruição dessas liberdades, dessa constituição viria com o tempo e com as manhas d'elle e dos Portuguezes ; e se não d'elle, se tempo para isto não tivesse, tal obra ficaria legada a quem fosse no throno seu successor, se bem soubesse comprehender o alto pensamento do magnanimo fundador do imperio, como na Russia todos os successores de Pedro o Grande tem feito cumprir bem o seu testamento e comprehendido bem o seu pensamento manhoso e arteiro de tornar toda a Europa moscovita. Calhiu o imperio das mãos de D. Pedro nas de seu filho : não podemos saber (nem nos é permittido) se elle tem bem ou mal comprehendido o plano de seu pae, de fazer esta fazenda Brasil dos Portuguezes, e de governar-nos corrupta e despoticamente ; mas sabemos todos e vemos que deixou-nos D. Pedro o celebre Portuguez José Clemente que tambem dirigiu neste sentido os bestas dos Brasileiros, e deixou successores, e o principal, o marquez de Olinda que tem bem sabido completar a obra que legára D. Pedro a quem quer que viesse ser o seu successor, afim de que esta fazenda nunca se perdesse para os seus descendentes e para os filhos de Portugal.

Assim adoçado este segundo golpe, ou este segundo sopapo ou coice de D. Pedro, os Brasileiros mansamente o receberam por todas as razões que ahi ficam ; mas as cinco provincias pernambucanas, não achando em tal agrado essa doçura, fizeram a revolução de 1824, constituindo-se em republica do Equador, não tendo sido seguidas pelo resto do imperio mais por molleza de uns e cobardia de

outros, venalidade de outros, imbecilidade e tolice de outros, do que por falta de desejo.

Assim o Brasil ainda infamemente transigiu e amainou, recebendo a constituição de D. Pedro, duas vezes perjuro e sempre corruptor, anarchista, demagogo, despótico, fermentido e traidor.

A independencia foi por tanto uma burla, continuámos a ser governados pelos Portuguezes, esses nossos irmãos da constituição, continuámos no nosso captiveiro de colonos, e sendo estes irmãos e senhores mais nossos inimigos e senhores do que d'antes, porque haviamos aberto a luta contra elles, e tinhamos por nós o direito *escripto*.

E D. Pedro carecia de governar com os Portuguezes para sustentar esta fazenda para Portugal, e este imperio para os seus descendentes ; porque não podia governar com os Brasileiros, cujo espirito e animo era abertamente contra elle, contra o imperio. E assim o praticou o fundador desde o principio até ao fim.

Mas este proceder deu animo aos brios amortecidos, e D. Pedro, perdido em toda a popularidade e *gratidão* dos Brasileiros *recompensados*, embora renovasse a sua exaltação demagogica, embora a sua viagem á Minas para captar de novo os animos nacionaes, foi expulso do Brasil. Poderam os Brasileiros então ser livres e independentes ; mas o sul, onde foi a revolução, acostumado às transacções, e não affeitos seus filhos a derramar o seu sangue, acceitou a expulsão como abdicacção ; porque os moderados e os velhacos prometteram que, com o tempo e durante a menoridade, podia-se fazer a republica sem sangue. E os liberaes acceitaram, transigindo e ligando-se.

Durante a regencia livre até Feijó tivemos todas as instituições livres que os corcundas destruíram depois. Mas os livres foram tolerantes com os corcundas, deixaram-nos aproveitar-se dos factos máos, ou praticados por elles, ou provenientes da preponderancia dos luzitanos no imperio, para intrigar os livres no animo dos moderados que se foram formando ; até que Feijó, para poupar derramamento de sangue, (que causa horror aos homens do sul, donde elle era) em revolução com que nos ameaçava o ousado corcunda, a ponto que até chamaram D. Pedro ao imperio, até que Feijó, digo, resignou de sua autoridade de regente.

Araujo Lima, chefe dos corcundas, então chamados por si mesmos *regressistas*, chefe hoje dos *progressistas*, mas sempre o mesmo corcunda, foi feito regente.

Então foi inaugurada a politica corcunda em vista das instituições livres que nos legára a regencia livre; e Araujo Lima á frente dos corcundas, em cujo seio já se contavam muitos Brasileiros, ajudados pelo ouro e immensa influencia dos nossos senhores, os luzitanos (então) começou logo a dar execução á essa politica.

Era preciso governar os Brasileiros como fazenda dos Portuguezes; ali está o embaraço—a constituição; porque com ella o governo carecia das camaras, e o povo inimigo dos senhores, nem sempre poderia ser presa do assalto e influencia delles, e momento viria infallivel em que de uma vez, excitando-se seus brios, sacudisse essa influencia, esse jugo, como sacudira o de D. Pedro para fóra do imperio. A constituição com o tempo poder-se-hia solapar; mas já haviam muitas instituições livres, o povo estava na pratica do governo muito livre, e já não era muito facil aos corcundas irem directamente á constituição; por quanto aquellas instituições livres que nós tinhamos, não podiam deixar o corcunda fazer eleição, nem governar por muito tempo. Foi por tanto o plano da politica corcunda destruir todas as instituições livres, para o corcunda poder fazer a eleição sua, tendo o povo pelo cabresto.

Mas como destruir as instituições livres? por um golpe? não; isto seria perigoso, e nesta não cahiria o astuto corcunda. O meio, o processo consiste em desacreditar taes instituições.

Corrompendo o povo para fazer a eleição ao talante dos corcundas, o paiz foi-se tornando pouco a pouco incapaz das liberdades publicas, e assim taes instituições livres se foram desacreditando.

Assim pela eleição o corcunda corrompe o povo; corrompendo-se este vae mostrando-se incapaz de gosar das instituições livres; estas se vão desacreditando; desacreditadas as instituições livres, os homens mais livres são os primeiros a proclamar, fazendo côro com o corcunda e passando para o partido delles, são os primeiros a pedir a de-rogação de taes instituições, umas depois das outras, á proporção que ellas assim se vão desacreditando. Destruidas

vo que é incapaz das liberdades publicas sob a tutela da monarchia, ou temperadas pela monarchia, já foi inteiramente livre sob a regencia, ou republica pelo chefe da nação eleito.

E durante a regencia já vimos o que era este povo, e como não havia miseria, nem as miserias que temos.

Não é que estas tenham apparecido com o augmento da população, pois em quasi nada esta tem augmentado e a nossa terra é tão grande, que por muitos seculos não será a superabundancia de população que trará a miseria. E' porém de outras fontes que provém a miseria.

2.º

De que provém a miseria.

Toda a miseria do paiz provém, primeiro da autoridade que é dada para quem fôr mais esperto roubar por todos os meios á seu alcance a nossa população; segundo, da falencia de justiça, tanto do poder judiciario, como de todos os demais ramos do poder que tem por missão dar á cada um o que é seu.

Rouba-se geralmente neste paiz, sempre o mais forte, o que pôde dar votação, porque tem por si o governo, tem todas as autoridades, que tudo está dependente do governo, inclusive a magistratura, que não pôde dar passo adiante desagradando ao governo, e desagrada sempre que ferir uma influencia eleitoral, ou que não attender á empenho seu; e esses roubam directamente aos mais fracos por todos os ardis á seu alcance, zombando escandalosamente da lei. Cada um acha junto de si factos para comprovar neste paiz esta verdade.

Rouba-se indirectamente, já pelo contrabando escandaloso, a que o governo protege, já pela introduccão de notas falsas, já pelos bancos, multiplicando com tiras de papel os seus fundos, fazendo elevar-se assim o preço de todas as cousas pela abundancia de dinheiro na circulação, e depois retirando esse dinheiro, quando por um juro que vem a ser até de 50 por cento, toda a população está morta de divida; e retirado este dinheiro da circulação, e baixando o preço de todas as cousas, os devedores sendo executados para dar em pagamento no valor de cem, o bem que lhe

custára no tempo do muito dinheiro trezentos e quatrocentos.

Rouba-se directamente á nação, em toda a sua arrecadação, no esbanjamento dos dinheiros publicos, na criação de gordíssimas sinecuras para se proteger á afilhados, nas empresas immensamente aladroas feitas á pretexto de bem publico, nas commissões do governo para se contrahir empréstimos, em que se rouba aos milhares de contos.

Rouba-se nas patotas das assembléas, recebendo-se dos particulares quotas para se arranjar dinheiro do thesouro á titulo de cousas tantas sem nome proprio que não seja ladroeira ; rouba-se nas patotas quando se trata de proteger ao commercio nacional, e os Portuguezes se quotizam para comprar deputados infames e ladrões.

Da fallencia da justiça provém toda esta immensa ladroeira.

Se houvessem magistrados, nada valeriam os empenhos dos influentes e potentados, e os ladrões não encontrariam apoio.

Se o governo não fosse, d'antes uma feitoria dos luzitanos, carecendo de apoio para sustentar sua fazenda contra os direitos do paiz, e hoje se o governo não fosse uma companhia de aventureiros velhacos que assaltam o paiz com os sequazes que os sustentam, não careceriam de clientes a quem carece distribuir a graça de deixa-los tambem roubar.

Um paiz em que o governo tem se constituido assim uma companhia de salteadores, á que estado deve ficar reduzido ?

Constituido assim, dividido em roubadores e roubados um estado, que trabalho poderá chegar para satisfazer á gana de um tão vasto exercito de salteadores que conta uma infinidade de generaes, e descendo até a não sei quantas infinidades de soldados tão miseros e mesquinhos ?

Não ha trabalho que dê para viver ; não ha industria que salve a despeza, não ha meio que indique a sahida do desespero. Nesse desespero de todo o trabalho, vendo-se que só o roubo dá vida pingue ou magra, cada um procura recorrer a esta unica industria productiva nesse paiz—

furtar. Para ser porém ladrão é preciso se matricular de soldado, (as vezes póde-se entrar de official) na vasta companhia ou exercito, porque para roubar impunemente em um tal paiz, é preciso ser governista. Eis-ahi todo o paiz sem occupação, porque nenhuma occupação ha rendosa, e por tanto todos estirando a mão ao governo, ou á um seu agente ou barão, pedindo-lhe um cargo qualquer, ainda que seja de espoleta, porque com qualquer cargo se está matriculado na companhia, e se poderá viver bem ou menos mal.

Dizei-me agora todos os que me lêdes, não é esse paiz o Brasil, a terra feliz tão bem dotada pela natureza com que o distinguiu o Creador, não é este o paiz tão rico e de tão vasta miseria?

Tudo isto donde provém? de o governo querer fazer eleição com o pretexto de fazer prevalecer uma opinião que favoreça a politica do proprio governo em bem do paiz, e que só fôra em bem dos senhores luzitanos, e só o é actualmente em bem dos espertos que assaltam os postos da governança, em bem da vasta quadrilha; porque o governo carece dessa quadrilha para sustentar-se, visto que os postos da governança só o são para se locupletarem os seus agentes, como fôram para sustentar o partido portuguez, donde proveio a actual quadrilha saquarema—corcunda—ligueira, progressista; porque sem esse exercito não se podem sustentar os generaes, porque a empreza governativa, no momento em que não distribuir pelos soldados e officiaes os despojos da nação, não terá apoio que o sustente pela eleição, visto que necessariamente todo o resto do paiz, e todos os que não entram na partilha, são inimigos da *companhia* da governança.

Toda esta miseria e falta de justiça provém ainda e em muito grande parte de serem os nossos magistrados uns servos miseravelmente pagos e dependentes dos senhores e do governo, elles que deveriam constituir o poder primeiro garantidor de todo o direito e propriedade; e são assim mal pagos, já para estarem em maior dependencia, porque independentes, cortariam a acção do governo quadrilha, já porque, carecendo-se de esbanjar os dinheiros publicos por tão vasto numero de clientes e soldados, elles não podem chegar para pagar bem ao magistrado, nem á algum funcionario que não seja dos generaes da quadrilha os mais

ditosos, quasi sempre pela protecção de faceiros balões ou já *rubicundas* grandezas da cõrte.

E como o governo corrompe na eleição ?

3.º

Como se corrompe na eleição.

Das primarias já não se falla, os votantes não são homens, são tangidos pelos senhores da terra ou de terras.

O governo manda á policia que vença a eleição primaria, e a policia a vence necessariamente. Mas como ? Como cada Brasileiro o sabe : mas vence sempre.

As secundarias ?

Quasi todo o eleitor tem pretensão e taes são feitos por uma graça para poder dar voto á troca de esperança que se crea ou se engendra em seu coração.

Mas alguns nada pretendem do governo, e porque não curam da causa publica ?

Porque nesta terra todo o mundo é dependente do favor, só d'elle se pôde viver, e por tanto é preciso transigir com elle ; e por tanto vem esses mesmos a depender do governo ou de seus agentes, mais ou menos indirectamente ; e por tanto o governo sempre chega ao mais barbadado.

Porque qualquer que seja o eleito deputado, ninguem se lembra da causa publica, porque nem mesmo alguem que se lembrasse, faria alguma cousa ; porque isto seria até ridiculo no paiz, que só é sério, quando se conhece que falla-se della por pretexto, e que só é real o interesse de amigos ou da parcialidade. Tanto que falla-se mais descaradamente na oppressão de amigos que soffrem injustiça em nome da causa publica.

Porque o eleitor sabe que da boa eleição, da boa escolha de representantes, não lhe virá bem algum, mas sómente de afeiçoados bem apadrinhados que, eleitos, lhe possam servir tambem de padrinho, já á qualquer pretensão que venha a ter, já em garantia de seu direito, a qual não acha na lei. Tudo ainda por falta absoluta de justiça nesta terra.

Dahi resulta que o eleitor, aquelle mesmo que não tem pretensão, se não se curva ao governo, só dá seu voto

e só cabala em favor do individuo que mais empenhos e valiosos tem por sua candidatura, sem que absolutamente se lembre se tal candidato poderá bem ou mal servir á causa publica, porque sabe que esta não existe.

A miseria deste paiz não podia por tanto provir da regencia se continuasse, da regencia ou republica, que tanto vale ; ella não se daria, nem todas essas miserias, que temos visto como só podem resultar da falta de justiça, e da sustentação de todas as ladroeiras, por este governo corcunda, isto é, nascido do partido portuguez para lhe guardar esta fazenda, e hoje existente por si, por se ter constituido de administrador em senhor, para não roubar mais para os Portuguezes o que está hoje roubando para si.

4.º

A regencia livre e o governo de Pedro II — comparação.

Ainda assim livre e moralisado o nosso povo no tempo da regencia, elle estava sob a direcção de um grandissimo numero de Portuguezes, nossos inimigos então, que occupavam muitas das primeiras posições, e eram nossos concidadãos, os quaes eram tanto monopolisadores de todas as fontes da riqueza do paiz quanto eram nossos inimigos.

E ainda assim as eleições eram livres ; e a *anarchia* e desmandos do povo liberal naquelle tempo não vedou que o partido corcunda que estava debaixo, subisse ao poder pela eleição de Araujo Lima, pois nos tempos de agora o governo não perde eleição.

E se, não obstante este expellido, se insiste que as restricções que se tem feito ás liberdades publicas são necessarias porque este povo não é capaz destas e para assim se moralisar o paiz e engrandece-lo, a consequencia seria que, ao passo que se fossem cortando cada uma dessas liberdades, a moralidade, a grandeza, o progresso do imperio surgiriam cada vez mais vigorosos. Mas o contrario é o que nós todos vemos.

Ao passo que se tem restringido as liberdades publicas, e ellas ha muitos annos que se cortam, o paiz cada dia se mostra mais corrompido e desgraçado ; de modo que o tempo da regencia para o tempo de hoje, faz uma differença como do céu para o inferno, com todos os horrores des-

te e dilicias e glorias daquelle ; porque ao menos haviam as glorias dos sentimentos patrioticos, fallava-se na patria sem cahir no ridiculo, haviam as eleições pacificas e calmas, com seus triumphos verdadeiros, havia luta no campo, porém paz nas familias, honra no coração, sentimento e dignidade no homem, havia modo de vida para todos, sem se carecer de cada um constituir-se instrumento dos mais fortes para poder se viver do officio de espoleta.

E hoje ? . . . ha todo o desespero do inferno.

Assim o sente a massa inteira da população, que ás grandes miserias desta terra não vê mais remedio algum possivel.

Mas será porque a obra contra as liberdades publicas não esteja completa ? Será porque temos ainda formulas liberaes de que os nossos senhores, nos julgando incapazes, destroem o seu effeito na sua pratica ? Então acabe-se logo com tudo, dê-se inteiro golpe na constituição, já que somos um povo incapaz do goso da liberdade ; e ao menos em verdade o somos, porque não temos sabido nella vellar e defende-la, e a temos visto ser assassinada pelos corcundas, e agora mesmo os mais livres vão ao encontro dos restos dessa pobre, triste e coitada.

Porque não se dá logo esse golpe ? temer-se-ha por ventura este povo ?

Comprem seus chefes, que a isto já estão muito acostumados, e elles a venderem-se, pois não falta nos cofres dinheiro para isto, e outras muitas graças e moedas, e por fim ali está a rua da Quitanda do Rio de Janeiro para supprir os cofres.

E faça-se logo isto antes que a miseria chegue á maiores proporções, porque então pôde ella atacar tanto e ainda mais a este paiz, que os proprios cofres não possam comprar aos tantos chefes liberaes, e a propria rua da Quitanda se affecte da ruina geral, porque então a anarchia será completa e trará infallivel a queda do imperio.

E tempo mais opportuno para esta grande operação não pôde haver : agora que todos os partidos estão concordes na politica corcunda, só lutando para cada lado ser preferido á sua execução ; agora que o partido liberal ou genuino ou progressista, está todo organizado, sob a obe-

diencia passiva e sob a disciplina dos directores e dos primeiros chefes, na conformidade do partido corcunda.

Comprados estes chefes, não ha mais difficuldades, por que elles, mandando o povo, bastando que digam que é para o bem do partido, o povo se submete de coração, porque cada um espera recompensa.

LII

A'S CINCO PROVINCIAS PERNAMBUCANAS.

Ao termo deste mal alinhavado e analytico historico, ou como melhor se lhe possa chamar, não só do resumo que deixamos, como de todo o corpo das reflexões precedentes, vê-se que as cinco provincias pernambucas, por si sós e independentemente das demais, tem lutado heroicamente, derramado com denodo seu sangue, para conquistar a liberdade.

Vê-se que as demais provincias, de animo fraco, de sentir moderado e cobarde, de idéas pequeninas e vaidosas, não só não nos tem ajudado nessas occasiões, como nos tem combatido por ciume, não querendo ver a luz onde ella nasce, incapazes, como se tem mostrado, de resistir á força de seus raios. Vê-se como depois de 1824, depois de creado aqui o partido corcunda, Pernambuco, que sempre continuou a ir adiante na iniciação das idéas livres, não empreendeu mais nenhuma luta grandiosa até 1848, quando soube, alvorando a constituinte, lavar a mancha de um levante, revolta sem nome que a justificasse e sómente apoiada no crime e na immoralidade.

Vê-se como depois de 1824, Pernambuco, manejado mais pela prudencia dos liberaes do sul, da côrte, do que directamente pela intriga dos corcundas, não mais se dirigiu por si em algum negocio sério e alto, e por isto não houvera nenhum alto feito desde então até a revolução da constituinte em 1848.

Vê-se como, Pernambuco, que fôra sempre tão livre e esforçado na enunciação e defesa da liberdade, começou a se acobardar deixando-se guiar pelos conselhos dos prudentes do sul.

Vê-se como durante a denominação luzia desde 1843 até 1848, Pernambuco sugeriu-se mais cobardemente do que nunca a estes conselhos de prudencia partidos do sul.

Vê-se como assim se sugeriu porque acompanhou e obedeceu a seus chefes, aos deputados praieiros, com a fé que depositava nelles.

Vê-se como nessa sujeição, Pernambuco não só renunciou a todos os seus principios livres, como mais ainda se anarchisou e corrompeu por uma vida descommunal e desenfreiada, toda dirigida pelos chefes praieiros, e exigida pelos sabios prudentes do sul, com o fim destes de corromper os Pernambucanos, enfraquecer-lhes e deturpar-lhes seus brios, tudo manejado pelo corcunda, servindo os luzias de instrumento ; e com o fim dos chefes praieiros de gozarem da abastança ou da vaidade do poder.

Vê-se finalmente que Pernambuco só reconquistou seus foros gloriosos e já esquecidos, quando, depois de fazer esse levantamento immoral de 1848, e approved por seus chefes, desobedeceu a estes e levantou, para lavar a mancha da revolta e faze-la gloriosa revolução, quando levantou a bandeira da constituinte.

Vê-se como depois disto, de mãos dadas, toda a praia, luzia, e corcunda, feitos amigos pela tolerancia, conciliação e liga, durante quatorze annos, seguiu Pernambuco novamente os conselhos de prudencia da côrte, esquecendo completamente, não só a sua constituinte, como todos os demais principios que fôra do partido livre do imperio.

Vê-se como durante esses quatorze annos Pernambuco não só esqueceu sua bandeira, seus principios, como mais ainda e (vergonhosamente para a historia,) pediu perdão desse crime (não me refiro ao perdão pedido pelos chefes presos) ; e não só isto, ainda mais, teve por vergonhosa essa bandeira da constituinte, e como a teve por um arranço ou parto da loucura, como condemna esse seu passado, achando-o só digno de vergonha, lastima e opprobrio.

Vê-se como isto chegou ao ponto, que na *liga*, vindo-a fazer aqui o valido de seu chefe, o conselheiro fallecido Paes Barretto, sugeriram-se os *liberaes* inteiramente a seus unicos dictames, não obstante elle e todos os conservadores ligueiros continuarem nos seus principios saquaremas e delles não se apartarem em cousa alguma.

Vê-se como durante os quatorze annos Pernambuco, tendo perdido todos os seus principios e sentimentos livres, tendo vivido sómente com os olhos voltados e supplicantes para o governo *conciliador*, sustentado assim o povo nesse triste posto por seus chefes traidores, e dirigido pelos chefes liberaes da côrte, chegada a confecção da liga corcunda, estava elle Pernambuco, livre outr'ora, todo saquarema e corcunda, e todo o povo, só no nome liberal, fez-se com o maior prazer corcunda, porque já o era na realidade, desde que não mais nutrira nem um sentimento, nem uma idéa de liberdade.

Vê-se como dahi veiu a facilidade de todo o povo ex-liberal, sujeitar-se com prazer a Paes Barretto, não obstante elle proclamar que estava nos seus antigos principios corcundas.

Vê-se como, sujeitando-se assim Pernambuco ao corcunda Paes Barretto, fez figura muitissimo abaixo das demais provincias. Fez-se inteiramente escravo de Paes Barretto ; deu os deputados geraes, com excepção de dous sómente, que foram designados por Paes Barreto ; mandou uma deputação, com pouca excepção, indigna até das provincias mais pobres em intelligencia ; mandou além disto uma deputação quasi toda de corcundas velhos ; e tão ridicula que essa deputação chama-se na côrte — a *deputação dos talentos comprimidos* — Fez-se ainda escrava e miseravelmente sevandijada na eleição provincial, em que com poucas excepções, e especialmente (as excepções) no primeiro districto, só foram eleitos os afilhados, rapazes quasi imberbes, os protegidos, os filhotes de Paes Barretto, rapazes inteiramente desconhecidos, que vinham sómente como clientes de Paes Barretto, envergonhar as nossas tradições com as scenas burlescas e miseraveis que tem apparecido no recinto dessa representação, em que se iam *matricular* os cavallos.

Vê-se em conclusão que assim Pernambuco tem descido á maior abjecção, degradação e miseria, por ter tido fê em chefes que se tem guiado pelos sabios prudentes do sul.

Considere-se mais que toda essa obra de reduzir Pernambuco a esta degradação, é e tem sido sempre a maior e mais ardua empreza dos corcundas, porque elles só a Per-

nambuco é que temem ; daqui sômente é que receiam ver sahir a liberdade : por isto essa tenacidade em matar principalmente os sentimentos livres no peito de seus filhos, corrompendo-os e acobardando-os a todas essas miserias e por todos os meios.

Considere-se que todas as provincias Pernambucanas tiveram seus traidores postos à frente do partido liberal durante os quatorze annos do fallado ostracismo, que guiaram o povo ao espirito saquarema, à abjecção, fazendo-o renunciar todo o passado glorioso, e fazendo-o condemna-lo, envergonhado.

Considere-se que todas essas provincias mandaram deputados liberaes a Feitoza, a Moreira Brandão a Figueiredo etc., tão inimigos das glorias do partido liberal, quanto amigos e defensores dos jesuitas, verdadeiros corcundas, elles deputados liberaes.

Considere-se finalmente que o sul é inimigo de Pernambuco, porque não sabe sentir a liberdade, nem comprehende-la, e assim não conhece a luz, nem a pôde ver. Por isto o sul nos detesta. Assim o sul não nos pôde dar conselhos, e menos nos dirigir, porque o cego não guia o que tem vista. Conclua-se finalmente que todas as desgraças do Brasil tem vindo de o sul ter transigido sempre com os corcundas, ter-se sempre ligado com elles, ter-se sempre opposto a nós, ajudando aos corcundas, em vez de aprender comnosco, se, não vendo bem, tivesse, como poderá ter tido e quiçá o poderá ainda, tivesse boa vontade para aprender a sentir comnosco.

Considere-se finalmente que toda a abjecção e degradação a que Pernambuco tão vergonhosamente tem chegado, é obra muito sagazmente emprehendida e executada pelos corcundas, servindo-lhes de instrumentos os liberaes do sul que aconselham a nossos chefes, e estes que nos venderam.

E taes cousas vistas e consideradas, digo agora por minha parte e como consequencia de tudo isto, digo ás cinco provincias Pernambucanas, e ás demais do norte que forem capazes e queiram ouvir para applicar a si, no quanto applicavel fôr :

Se ainda restâ occulto nas dobras dos corações Pernambucanos algum fogo pelas liberdades publicas, se ainda

corre em suas veias o sangue de nossos antepassados, Pernambuco se deve apartar completamente de toda a sujeição e conselho de qualquer *liberal* do sul ; deve ter por traidor e inimigo, a todo aquelle que não fôr inimigo dos liberaes do sul, verdadeiros corcundas amparados com o nome de liberaes, sempre em transacção com os corcundas descobertos.

Seria o unico meio de nos defender das cilladas a que nós tem levado os liberaes do sul, orgulhosos e vaidosos de sciencia, de prudencia e de riqueza, para cegos, nos imporem seus preceitos e servirem-nos de guia, quando aliás, comnosco só teriam a aprender. E só neste caso se poderia aceitar o sul como amigo e irmão ; salvo quando pelo correr do tempo os homens do sul se mostrassem superiores a nós em grau de sentimento livre ; porque então nelles tendo nós o que aprender, tendo elles com que nos estimular, poderiam dar-nos conselhos, e até, não nos dirigir, mas nos arrastar pelo estímulo.

E' argumento que oppõem a esta idéa os falsos liberaes, verdadeiros corcundas, que nós sós nada podemos fazer, nenhum passo dar ; tanto que temos sido sempre derrotados ; que só na côrte é que as idéas livres podem ter movimento, que só na côrte o partido liberal tem tido victorias.

Assim é : temos sempre sido derrotados, só o sul, a côrte tem vencido.

Mas isto é argumento em nosso favor. Temos lutado muitas vezes por nós sós, não sómente abandonados do sul, como, pelo contrario, pelo sul combatidos, achando-o á nossa frente como nosso inimigo.

Temos sido assim sempre derrotados, e por isto mesmo nunca podemos dar um passo. Mas não tem sido as lutas pela liberdade, nem as derrotas que temos soffrido, o que tem enfraquecido e morto os nossos sentimentos livres e patrioticos. Pelo contrario tanto umas como outras fizera conservar em nós mais puros e exaltados taes sentimentos ; nestas cinco provincias a causa santa da liberdade sempre achou um refugio, uma guarida, um reducto inexpugnável, donde a força jámais poderia arranca-la, como nunca pôde em quanto foi empregada. Porque, depois de cada luta, depois dos rios de sangue der-

ram que isto assim era preciso, para estarmos de harmonia e combinação com os *liberaes* do sul que assim nos ensinavam que o fizéssemos, porque sem sua combinação nada se poderia fazer ; quando depois dos cinco annos da praia em que só se fallou de guabirú, e em tudo se corrompeu o povo, quando depois desses cinco annos vieram os quatorze annos de *ostracismo*, em os quaes tudo o que era da liberdade até seu nome foi esquecido, então todo o sentimento livre foi morto, e toda a idéa livre desapareceu completamente, e a ponto que os chamados liberaes nem sabem mais o que quer dizer liberal, todos tendo por tal cousa o goso do poder e a participação dos lugares publicos ou das posições em que se possa ter influencia ou mando na população.

Temos sido por tanto derrotados sem a derrota nos ter feito mal em algum tempo, mais antes bem. Temos passado tempo sem luta sanguinaria, mas conservando nossos sentimentos livres pelo uso da palavra, segundo o conselho de nosso sentir e de nosso pensar, sem intervenção do sul. Tudo temos perdido porém quando seguimos os traidores e o sul.

Mas o sul tem triumphado ; não pela luta sanguinaria, nem tão pouco pela luta do pensamento, pelo triumpho do suffragio popular. O sul tem triumphado e sempre pelas ligas e cobardes transacções. O sul tem triumphado ; e o que tem resultado dos triumphos do sul ?

De nossas derrotas resta-nos ao menos a gloria, e a conservação do bem mais precioso de um povo que aspira ser livre : o proprio sentimento da liberdade ; a propria aspiração á liberdade.

E dos triumphos do sul que tem resultado ? O opprobrio, a injustiça, a immoralidade, a corrupção em todas as cousas, a miseria publica e particular, a hypocrisia em systema, todas as desgraças de que somos victimas.

Assim o sul venceu na independencia, transigindo com D. Pedro, por não a ter querido fazer pela revolução com Pernambuco. Que resultou desse triumpho em alliança ou transacção com D. Pedro, em que deu a independencia ?

Resultou a dissolução da constituinte.

O povo brasileiro que havia feito sua independencia de Portugal, e que estava na assembléa constituinte forma-

ramado pelas mãos dos tyranos, os livres nascem a cem por um desta terra assim adubada e fertilisada desde seculos pelo sangue dos martyres da liberdade.

Só o ardil, o engano, os *chefes*, em que o povo depositára sua confiança, só esses traidores, velhacos, vendidos que se souberam impor aos animos livres como outros tantos livres, só esses miseraveis poderiam, como poderam, dar a beber a este povo, doutrinas mentirosas, matar no seu espirito toda a idéa do que é livre, corromper por seus perniciosos conselhos a alma, cegar o espirito e conduzir pela pura fé este povo como uma boiada ao curral, ao matadouro: e para taes traidores illudirem e levarem assim o povo Pernambucano ao concundismo, foi a base e o principio de todos os seus conselhos o devermos seguir o aviso, o mando dos liberaes do sul, da côrte.

Temos sido derrotados, nada temos feito; mas a força nunca arrancou de nossos peitos os altos sentimentos livres que nos legou o sacrificio de nossos antepassados; ao contrario taes sentimentos cresceram. Se continuassemos a ser derrotados, mais cresceriam, até que chegasse a ponto de podermos triumphar. E quando não lutamos no campo da batalla, quando não derramamos o nosso sangue, estes sentimentos se conservam puros, e as idéas cada dia mais esclarecidas pela predica e pela discussão. Em todo o caso quando não é derramado o nosso sangue para desenvolver o grau de nosso sentir livre, em todo o tempo de descanso, por delatado que seja, uma vez que a palavra diga constante este sentir, ella lhe dá sempre vida, assim seja perpetua a palavra.

Porque a palavra conserva a memoria, aviva a idéa, sustenta e exalta o sentir. Assim nos tempos de guerra e de derrota, nosso sangue foi sempre creador de novos e mais exaltados estímulos liberaes, e durante os tempos de paz, nossos peitos foram sempre cada um uma arca inexpugnável de seu deposito.

Quando porém a palavra se recolheu de nossos labios, quando a liberdade não se faz mais lembrada por nenhuma expressão que a fizesse sentir, quando os traidores nos ensinaram que descompozessesmos os oligarchas, não fallassemos da liberdade nem no nome para podermos subir ao poder, porque então seriamos livres: quando nos ensina-

da de seus homens os mais puros, os mais patriotas e verdadeiros e dedicados, o povo brasileiro que estava fazendo nessa assembléa constituinte a sua constituição, o povo que estava independente e livre dos senhores, não foi senhor de se constituir, de fazer sua constituição. Porque? Por que Pedro I dissolveu a constituinte com as peças de artilleria já abocadas para os deputados que resistiam ao decreto de dissolução e persistiam reunidos e deliberando na confecção da constituição : — dessa constituição que D. Pedro havia jurado aceitar.

De que serviu a independencia por tanto? de que serviu este triumpho do sul, que só sabe triumphar transigindo com o inimigo?

Não seria melhor que tal independencia não a tivesse tido, e a guardassemos para quando a podessemos conquistar por nós mesmos, para assim não ficarmos sujeitos a um senhor que nos mostrou logo como não eramos nem independentes nem livres, que ao nascer dessa liberdade nos pisou na cabeça, como um despota.

Não valeu mais a derrota de Pernambuco em 1817, do que o triumpho do sul em 1822, quando este não nos fez independentes e livres para fazermos nossa constituição?

O sul venceu ainda dando-nos D. Pedro a constituição, ameaçado por todo o paiz que esperava pela nova constituinte convocada, e cuja reunião D. Pedro prohibiu, e dando a nós essa constituição, e tambem ameaçado pela capital do imperio. Mas venceu transigindo com D. Pedro, por que com a concessão da constituição, cessou a ameaça; e transigiu porque aceitou essa constituição que fazia os Portuguezes ainda nossos concidadãos, e nossos senhores por tanto. Assim não ficamos nem independentes nem livres, só as cinco provincias pernambucanas não transigeram.

Pernambuco foi derrotado e perdeu tanto sangue, soffrera tantos horrores da ferocidade de D. Pedro e dos Portuguezes, quando lutou no campo da batalha em prol de uma constituição que D. Pedro não quizera que o paiz se desse a si mesmo; o sul venceu pela sua ameaça e conseguiu de D. Pedro essa constituição, pela qual ficámos captivos dos Portuguezes.

Que resultou do triumpho do sul? Não seria mais util a derrota das cinco provincias Pernambucanas?

Compare-se : por aquelle triumpho ficamos captivos ; daquella constituição resultou ficarem os portuguezes nossos concidadãos, nos domiando contra a vontade do paiz e o corrompendo até o ponto a que temos chegado, para nos poder governar ; por aquella derrota Pernambuco guardou mais puros os seus sentimentos livres, tornou-se ainda mais digno da liberdade, porque souberam seus filhos morrer por ella, porque soffreram martyrio sem conta com verdadeiro heroismo.

Qual foi por tanto mais proveitoso, a derrota de Pernambuco ou o triumpho do sul ?

O sul ainda venceu quando espulsou Pedro I ; mas transigiu com os moderados e com os corcundas ; converteu a expulsão em abdicção. E que resultou da abdicção ?

Triumpharam os moderados, pela condescendencia dos livres, pela transacção, esperando pela promessa fementida de termos a republica sem sangue, por não se animar a derrama-lo o sul para a termos então.

Durante a menoridade dominaram por tanto os moderados.

Governaram livremente o paiz ; governaram republicamente com o regente por eleição, foi o melhor governo que temos tido. Mas qual foi o resultado dessa transacção. Os corcundas, os Portuguezes verem no throno, de que era o penhor o verde imperador, uma garantia de seu poder.

Os moderados os toleraram, e o resultado foi ainda outra transacção para poupar a luta : cahiu da regencia Feijó para não se derramar sangue na revolta com que o ameaçavam os corcundas. Foi o resultado dessas duas transacções a subida de Araujo Lima (o chefe do progresso) e o começo da destruição de tudo que de livre e de bom haviam feito os livres transigentes durante a regencia livre. Resultou corromper-se este paiz para se nos poder governar despoticamente, tornando-se-nos incapazes de alguma liberdade.

Mas contra Araujo Lima e esse principio do novo reinado dos corcundas levantou-se o sul e fez revolução, e venceu. Os corcundas foram abaixo, montaram os livres com o triumpho da maioridade. Mas como ainda venceu o sul ?

Foi ainda uma transacção, uma liga com o nome de D. Pedro II. ainda menino, e de cuja inexperiencia então se aproveitando os cobardes revolucionarios, chegaram a consulta-lo *se queria subir já* ao throno. Tudo porque ceceram de se apadrinhar com esse nome para lançar por terra o dominio dos corcundas ; tudo porque, a não ser assim, essa revolução não seria pacifica, tudo porque não tiveram animo de combater e triumphar por si pagando o preço da liberdade, derramando seu sangue para resgata-la.

E o que resultou desse pacifico triumpho do sul ? Serem os livres sacudidos do poder com um pontapé dahi a sete mezes, e montarem os corcundas. E logo a obra de todas as instituições livres feita pela regencia livre, continuou a ser destruída pelos corcundas peça por peça.

Mas se diz : ahi é que está o bem. Mas pergunto, o bem para os liberaes ? o bem para o povo, para o paiz, ou para os corcundas ? Se para essa destruição das instituições livres os corcundas tem empregado todos os meios de corrupção, tem reduzido o paiz a este estado lamentavel em que nos achamos, onde está o bem ? Que resultou por tanto do triumpho do sul pela maioridade ? Não seria melhor que não tranigissem com o nome de D. Pedro ; e, se o podessem, fizessem a revolução da independencia, ainda não feita, em *nome* dos Brasileiros ? E embora fossem derrotados, não seria isto melhor do que a triste transacção que fizeram, mostrando assim sua fraqueza e cobardia, para serem della bem punidos com o pontapé que levaram depois logo de sete mezes de miseravel goso do poder ; tudo porque luta sempre transigindo o pusilanime sul ? (Entenda-se sempre, que o Rio Grande não pôde ser incluído nas apreciações que fazemos do sul.)

Desde então foi assentado pelos corcundas a politica da corrupção para destruir todos os sentimentos livres em todo o Brasil, no sul já bem facil de o conseguir, no norte impossivel vence-los pela força. Foi então que nasceu a idéa de fazer o norte, Pernambuco, seguir os conselhos, as ordens dos liberaes do sul.

A immensa opinião do paiz adiante o sul, pedia a retirada dos corcundas do poder. Venceu o sul, montaram os livres ainda. Mas qual foi o resultado ? Subiram em 1843 sugeitando-se as condições, transigiram ; porque de outro

modo não se explica o silencio e abstenção dos liberaes quando no poder durante cinco annos ; porque subiram a elle por uma grita immensa em prol das liberdades roubadas pelos corcundas, fazendo o primeiro capitulo dessa vozeria a abolição da lei da reforma e da do conselho de estado.

De que serviu pois vencer o sul e subirem os liberaes, se para ganharem o poder, e nelle se conservarem, foi preciso transigir com os seus principios. vende-os aos corcundas, e governar com as leis de arbitrio que os mesmos corcundas lhes deixaram, e de que eram os liberaes tão inimigos quando fóra do poder ? E qual foi ainda o resultado deste triumpho do sul e desta abstenção ou venda dos principios liberaes ?

Corromperem elles proprios o povo para governar, seguirem em tudo o systema dos corcundas, visto que governaram com as suas leis. Foi o resultado, que desta corrupção do povo do partido liberal, veiu a fraqueza, e dessa fraqueza o segundo pontapé que levaram os liberaes, porque, já o povo corrompido, como estava, não os podia mais sustentar.

E nós fizemos a revolta vergonhosa de 1848, sómente para conservar os postos, com medo da vingança dos guabirús, contra os quaes quasi todos os liberaes que ainda se conservavam nas suas filheiras tão rarefeitas, haviam commettido toda a sorte de crimes e desatinos. E essa revolta que fóra espontanea, como nada tinha de liberal, fóra approvada e estimulada pelos liberaes do sul. Mas salvou-se logo a vergonha, converteu-se a revolta em revolução. Os revoltosos levantaram sua bandeira ; proclamaram todos os principios liberaes que o eram do partido em todo o imperio, e mais ainda o que era de Pernambuco e devera ser do imperio. Proclamaram a *constituente*, e o commercio nacional.

E o sul logo desapprovou, porque só queria a reconquista do poder ; a aquellas idéas não lh'a poderiam dar sem o derramamento de sangue em todo o imperio, e o sul, que só sabe roer, como a barata, não tem sangue.

E fomos derrotados. E o que deu esta derrota ? O ficarmos inhabilitados para subir ao poder ? Sim, mas foi o ficarmos inhabilitados para subir transigindo, porque

não mais se creria na nossa transacção. por quanto depois de os chefes praeiros transigirem durante os cinco annos do poder dos luzias, as idéas mais livres, as de 1817 e 1824 eram de novo, calorosa, entusiastica e heroicamente proclamadas com as armas na mão. Mas resultou-nos cousa melhor, que foi, mesmo depois da derrota, continuarmos pela palavra, pela imprensa a proclamar as mesmas idéas, a nutrir e desenvolver o mesmo sentir livre como dos heróes passados, revivido em nossa expressão, porque sempre se conservaram vivos em os nossos peitos. Tudo por que ?

Porque não seguimos os conselhos do sul, dos traidores que urdiam tramas para nos conduzir a elles, como se vê do resumo que fica escripto nas precedentes paginas.

E essas idéas já começavam a ganhar outras provincias, do norte, e ellas fariam tanto caminho que nos daria força a sermos nação livre e independente, senão vieram pela traição de liberaes desta terra a conduzir-nos os conselhos do sul.

Foram os quatorze annos em que só se nos ensinou a fallar de *ostracismo*, e de oligarchia, para ganhar pão, em falta da palavra livre, desconhecida como se fez de toda a theoria de liberdade ; foi o lugar da cabeça dado ao ventre, o sentimento substituido pela sensação.

Triumphou o sul nesta obra infame ; esquecemo-nos de nossas liberdades queridas, de nossas glorias : matamo-las. E que resultou ?

A LIGA.

E que é preciso della mais dizer ?

Veiu do sul a consummação de todas as infamias, em que desta vez se atolou Pernambuco até afogar-se ; submettendo-se inteiramente as ordens do sul, de corcundas velhos com liberaes novos corcundas, como o são todos.

Veiu tudo do triumpho do sul, alcançado por esta ultima infame transacção dos liberaes corcundas, quando já não havia mais partido liberal, acabado de ser assassinado lentamente pela destruição de todos os sentimentos livres, de toda a idéa de liberdade em todos os corações e em todas as cabeças de todos os Brasileiros.

E os effeitos ou resultados da liga, deste triumpho do sul ?

A monstruosidade das miserias de que todo o Brasil é victima.

Não será por tanto do sul que tem vindo todas as desgraças ? não será de seus miseráveis triumphos ?

Que males nos tem vindo de nossas derrotas ? Sómente a propria derrota, que só é um mal como um remedio doloroso e necessario, um soffrimento passageiro para desenvolver velhos estímulos de um povo brioso, e simen-tar novas idéas, que o engrandecem.

Os males da corrupção e de todas as miserias, de todas as immaralidades sem mais cura ; males reaes que neste grau se tornam eternos e só podem trazer a dissolu-ção social, os males que soffremos, estes, como temos visto, não sabem, nem poderiam sahir nunca de nossas derrotas.

Assim, se andassemos sempre sós, nós das cinco pro-vincias Pernambucanas, como em 1817, 1824 e 1848, nos conservariamos sempre puros em costumes, em moralidade. puros no sentimento livre, cada vez mais fortes e inabala-veis, até que um dia podossemos vencer e fazermo-nos in-dependentes com todo o Brasil ou sem elle.

Não quer isto dizer que deveriamos lutar com as ar-mas na mão a cada hora, nem derramar o nosso sangue a cada instante. Quer dizer que deviamos fazer o nosso ca-minho nós sós, sustentando sempre as nossas idéas, os nossos principios pela palavra, fortificando assim e desen-volvendo nossos sentimentos, e esclarecendo e levando a to-dos os espiritos nossas doutrinas, até podermos ser livres e independentes ; visto que o sul, incapaz de nos acompa-nhar, só se quer unir a nós para nos arrastar ás suas nojen-tas miserias.

Se o povo das cinco provincias pernambucanas tivesse ainda algum sentimento de liberdade occulto nas dobras de seu coração, e, mentindo na expressão de seus labios cor-rompidos, conservasse ainda alguma idéa, embora obscuro, em seu espirito tambem corrompido pela doutrina falaz de seus vendidos pregoeiros, deveria ainda se guiar pelo sul ?

Se tal sentir e pensar ainda se esperasse nos Pernam-bucanos, eu lhe diria, não pela autoridade de minha pala-vra, sem predicado algum que não seja para merecer mau credito, mas confiado na clareza do que fica expellido, ao

menos como a tenho em meu espirito, eu diria ás cinco provincias irmãs, como no principio desta apostrophe :

Seja considerado como inimigo todo aquelle que tiver por amigo algum liberal do sul ; seja considerado como traidor todo aquelle que pretender que sigamos os conselhos ou doutrinas, e, peor ainda, os preceitos e ordens vindas do sul ; porque supostos ainda em nós taes sentimentos e idéas, assim e só assim poderíamos ser livres um dia, e para isto ser algum dia independentes.

Mas que !... Pobres captivos que somos, e ora captivos de todas as miserias, de que não pôde haver meio de libertar-se um povo, quando elle se acha corrompido a ponto de se envergonhar de tudo o que lhe foi grandioso, heroico e sublime, a ponto de temer não desprezar suas glorias para poder assim ter negro e mingoado pão e não morrer de fome !... .

Eu por tanto não daria tal despropositado parecer, a este povo incapaz de gosar de alguma liberdade, incapaz mesmo de cultivar o seu livre sentir, de que não existe mais nem sementes, o seu pensamento livre, de que tem feito completa abstenção ; a este povo finalmente que, depois de deixar seus chefes, de mãos dadas com os corcundas, matar todas as suas instituições livres, matar seu sentimento e pensamento, acompanhar o enterro da liberdade entre os abraços e empurrões, para mais se chegar cada um ao seu cadaver e cuspi-lo, e com festas e hymnos de triumpho contra a pobrezinha, cuja sombra cobardemente insultam.

A tal povo só teria de dizer, como o digo :

Curvae a fronte, cruzae os braços, dobrae, os joelhos, adorai e obedecei. Morrei na miseria e na podridão, cobertos de abjecção e de desprezo senão pizado pelo calcanhar dos mais fortes, os que não alcançarem alguma graça para se poder nutrir de algum pedaço de pão que lhe caiba em partilha dos despojos da nação ; e bemaventurados sejam assim os senhores, nas graças dos mais altos senhores.

Curvemo-nos pois resignados : e os que sentirem saudades de outros tempos, os que se condoerem da desillusão de suas esperanças pela independencia escapada de nossas mãos para sempre, digamos nosso ultimo adeus á liberdade.

COROLLARIO.

Do que fica expellido e demonstrado, e como todos o sentem e podem perceber, já não existe e de ha muito alguma distincção de principios livres e não livres, que separam as facções em que estão divididos os Brasileiros. Todas ellas tem abraçado os principios saquaremas, ao menos ostensivamente, os principios dos corcundas. Guardarem alguns poucos individuos, principios livres occultos e os communicarem em segredo a um ou outro sem a coragem de fazerem delles uma bandeira que dê vida ou faça resurgir um partido já morto, é renunciar para sempre a esse partido é enterrar esses principios, quando, ao contrario, se proclamam como unicos convenientes os dos corcundas, condemnando-se ao mesmo tempo, já pelo desprezo, ridiculo e desdem, já como cousa perniciosa e damninha, tudo o que fôra principio do partido livre, aquillo que constituiu a sua bandeira, com que outr'ora tanto se gloriavam.

Em tudo se procura adivinhar os desejos e sentimentos do imperador ; e se algum homem entretem idéa que se suppõe do desagrado do imperante, uma facção intriga logo a outra, de cujo seio escapou tal idéa, para desacreditalla e torna-la inhabil á governança ; e os chefes dessa facção logo fazem mil protestos condemnando tal idéa, e em favor dos principios saquaremas, para assim rehabilitar-se.

Assim vê-se que todo o Brasil está identificado n'um só pensar, ou ao menos na manifestação d'elle, todo o Brasil está saquarema conservador ou corcunda. As idéas dispersas e sem nexos que tem apparecido na presente situação inculcando-se-as como liberaes, não desmentem em cousa alguma esta asserção.

E é a razão que, em primeiro lugar, taes idéas em cousa alguma dão algum elasterio ás liberdades publicas completamente assassinadas ; porque o que ha de principal, a reforma judiciaria, conserva todos os vicios e arbitrio com que os corcundas armaram a autoridade ; e tanto que esta mesma reforma sahiu do mesmo centro e velho partido corcunda, do proprio bando que se chama vermelho ; em segundo lugar quando ella seja convertida em lei,

as emendas que já se lhe preparam e de que já está tão enchertada, a reduzem ainda a peor estado de arbitrio por um lado, e de dependencia e miseria pelo maior numero de funcionarios que crea. Basta considerar-se que o Supremo Tribunal de Justiça fica reduzido a tres membros, que os tribunaes de Relação se nullificam, sendo o numero dos membros de cada um mais limitado, e portanto mais arbitrarios: que os juizes municipaes ficam para executar as sentenças, esta parte principal das demandas: que esta praga de juizes municipaes, eguaes a praga de delegados continuam ambas a persistir.

Onde está por tanto algum principio livre nessa reforma consagrada á liberdade?

Quanto á outras que se tem aventado, e até apresentado em projecto, ellas tem sido todas reprovadas pelos dominadores, e despresadas pelas camaras.

Tudo que foi da liberdade, foi se por tanto de uma vez; e essas desconjuntadas e desanexadas manifestações não passam de um enlevo de algumas cabeças sonhadoras de recordações de outros tempos tão condemnados, que até é crime serem commemorados pela historia.

Qual será por tanto o resultado de toda esta velhacaria dos coreundas, de toda esta imbecilidade e fraqueza dos liberaes que nos tem trazido a esta situação?

Os principios livres todos renunciados, os homens *notáveis* e o povo divididos em tres grupos, todos com os mesmos principios—o que os divide? Em que se sustentam? Divide-os as ambições e estas os sustentam. No tempo em que haviam principios diferentes para cada partido, o poder corrompe ndo sempre para fazer sectarios dos saquaremas, sustentava-se o partido liberal porque muitos, não querendo aberrar de seus principios, sustentavam-se nos seus postos, e não se vendiam pelo preço dos cargos. Na esperanza do triumpho de suas idéas, o partido liberal combatia pelas idéas, e não investia o poder em nome da ambição e da fome e em amor do mando. O partido saquarema sustentava-se pelos dedicados ás idéas do regresso, e cada homem no seu posto estava contente, e quem não o tinha estava satisfeito pela ordem estabelecida por seu partido, e vivia cada um que não tinha *posto* de sua industria,

a qual fôra-se tornando cada dia mais misera. Mas hoje, por um lado, com a politica de corrupção, todo o modo de vida destruido, só dando vida os lugares, e por outro sendo todos saquaremas, reduzido todo o paiz, todos os partidos, ao corcundismo, não ha mais dedicação por isto, e, não havendo outro meio de vida, só ha ambições, já por falta de dedicação, porque nos principios todo o paiz é corcunda, já porque não havendo de que viver, todos ambicionam aos postos e aos mais altos. Nenhum grupo pôde-se sustentar por tanto ; por não ter lugares para todos, todo o governo é impossivel, cada dia cada grupo menos ha de durar no poder, e se aproxima assim a dissolução do imperio, como a do imperio Romano.

Quem não vê isto ? quem não vê este resultado infallivel que nos espera, a não haver mão forte e prudente que conjure o desastre ?

E será possivel conjura-lo ? E que mão será esta ?

O astro luzente para onde todos voltam suas vistas, o unico cujas intenções e desejos procura-se adivinhar e acertar no Brasil, tudo pôde, assim o queira.

Onde está o mal ? onde está o perigo ? qual a sua causa ? conhecei-a, ahí achareis o remedio. Se todos olham para uma só vontade que não se manifesta a alguém, se nosso povo se não pôde mais regenerar pela liberdade e ser ainda digno della, então essa vontade se ostente e governe só ; porque governar com partidos mentirosos que só queiram a mesma cousa dando-se-lhe a gerencia dos negocios para se delacerarem no embate dos interesses pessoaes, é precipitar o desastre infallivel que com evidencia o temos mostrado nos aguardar. Governar só, se o povo não é mais capaz de ter parte no governo, fazendo-o com sabedoria, é mandar cada um para sua casa cuidar de seus interesses pelo trabalho productivo e engrandecer o paiz. Se porém este povo ainda não pôde ser governado absolutamente, se elle tem estímulos e sentimentos livres, então a chicana, e enredo, a mentira da liberdade, a corrupção para sustentar a idéa corcunda, não pôde mais manter essa triste e corrupta ordem ; porque, chegados todos ao que se desejava, aos mesmos principios saquaremas, e não podendo ainda ser sujeito o paiz ao absolutismo ostensivo, ainda será o resultado infallivel a dissolução do imperio pelas lutas unica-

mente das ambições pessoais. Neste caso dê o imperador que tudo pôde, azo à opinião liberal— faça que livremente as opiniões se extremem, que resurjam os principios livres : mas abstenha o partido concorda de os dirigir. Faça que as idéas livres, por si mesmas e sem intervenção de poder algum nem a sua propria intervenção delle imperador, se desenvolva e tome seu curso, até o ponto que a idéa por si mesma se levante. E não haja receio do seu resultado, pois nunca foi a franqueza ao desenvolvimento espontaneo das idéas livres, que perdeu algum imperio, nem alguma dynastia. As idéas livres não comprimidas, nunca fizeram mal a alguém. Só é causa de perdição a compressão ou a corrupção, para se conter as idéas livres.

Do principio donde partimos neste corollario, pensa-se no entanto concluir o contrario destas deducções. Pensa-se que, por isto mesmo que todos os Brasileiros estão em um só pensar, agora que chegaram em fim a este resultado a que foram conduzidos com tanto trabalho, agora que todos estão mansos, submissos e obedientes, agora é que o governo pôde fazer eleição, levando todo este povo como manada a ella, e sem carecer da força, nem da corrupção. Estes meios só foram empregados para amansar e fazer este povo obediente em tudo, cada um a seu superior e cada entendido ou notavel ao pensar e vontade das autoridades mais altas; e agora que se tem conseguido este resultado, não é que se vae destruir uma obra tão trabalhosa, soltando as redeas á liberdade, ou rompendo uma constituição que pôde estar sem offensa ao poder arbitrario, quando o golpe sobre ella pôde assanhar este povo; que a obra da corrupção e da força só foi precisa em quanto o povo era bravo e altanado, e agora que está manso, trata-se de moralisa-lo pela obediencia, pois não está enraziada a desmoralisação; e por tanto que a eleição pôde ser continuada, segundo a vontade do governo, sem inconveniente algum, bastando indicar a sua vontade a respeito dos candidatos para ella ser feita moral e pacificamente, com todas as formulas constitucionaes, assim como em todas as cousas: por que não existem partidos, e são todos concordas, por isso mesmo que não ha mais liberaes. Se não ha liberaes, não ha inimigos dos concordas, porque taes só o são e só o podem ser os mesmos liberaes.

Se a eleição carecia ser corrompida ou violentada por que o povo era liberal e inimigo dos corcundas, não havendo mais liberaes, o povo tambem não é liberal; não sendo o povo liberal, não é tambem inimigo dos corcundas.

Se o povo não é mais inimigo dos corcundas, não pôde se oppor a eleição delles corcundas.

Se o paiz é todo corcunda, não havendo mais liberaes; se o povo, não o sendo, não é inimigo dos corcundas; se, não sendo inimigo dos corcundas, não pôde-se oppor a sua eleição, segue-se que, todo o paiz feito assim de todo amigo e de uma só opinião, a eleição não pôde mais fazer mal algum. Já não se carece nem da corrupção nem da violencia para fazer triumphar a eleição corcunda, visto que todos corcundas são.

Mas direi por minha parte: se é assim, deixe-se a eleição inteiramente livre, porque não ha que temer que triumphe expressão de algum outro principio que não seja saquarema, porque outro não ha.

Dirme-hão porém:

Deixar correr a eleição livre á inteira vontade do povo, é suppor o povo capaz de vontade, capaz da liberdade: é este mesmo o principio contrario ao corcunda, para fazer triumphar o qual, tantos sacrificios se tem feito, tanto trabalho se tem tido, a tantas e tantas miserias se tem reduzido o paiz. Seria assim destruir com os pés em um momento o que com as mãos se fez em tantos annos e com tantos cuidados e sustos.

Deixar a eleição assim livre e á um povo incapaz de dirigir-se sem guia nem tutella, e agora mais que nunca, corrompido como está, é querer que se renovem as facções liberaes, e que nasçam as ambições populares; que essa obediencia plantada em todas as classes por um esforço e paciencia de tantos annos, se torne em rebeldia contra a sabedoria dos homens praticos e prudentes, que tem sabido guardar intacta esta feitoria dos luzitanos, por tantos annos, e agora dos homens cordatos e prudentes deste paiz.

A intervenção do governo por tanto é indispensavel, porque o povo nunca pôde estar sem guia e tutella; o po-

vo é sempre incapaz de se conduzir por si mesmo, sobpena de ir dar com o paiz nas voragens da anarchia e da revolução.

Pois bem, direi ainda, não ha partido, mas ha eleição. e o governo deve-a dirigir, seja. O governo porém dirigindo a eleição, por isto mesmo que não ha partido, ha facções; ha todo o cortejo de patronos e clientes em todos os graus desde o governo até as mais infimas classes.

Mas, dir-se-ha, que não se carece levar a direcção da eleição a tão grande extremo : visto que todos estão de um só partido, basta qualquer influxo do governo, para se dirigir o povo de um só sentimento, o proprio sentimento do governo, que não vem a ser isto mais do que a obediencia a mais benigna e espontanea : basta qualquer influxo benefico do governo para a eleição ser ao mesmo tempo moralisada e de accordo com as sabias vistas do governo.

Mas respondo que é o contrario o que se dará e necessariamente. Se não ha partidos, se todos sentem com o governo e na mais extremada obediencia, segue-se que todas as ambições se voltam para o governo, porque nenhum ambicioso tem que pedir cousa alguma ao povo, por que este não tem acção propria e só attende e obedece ao governo. Se o governo se abstem do uso dessa obediencia na eleição, e permite que cada um vote em quem quizer, todos procuram o povo : mas não sendo possivel isto por que é destruir o partido, quero dizer, o principio vencedor, que é o concunda, não sendo isto possivel, e tendo o governo de influir o mais leve e beneficemente na eleição, nenhum ambicioso deixará de pedir ao governo, que mesmo beneficemente tudo póde, para voltar-se para o povo a pedir-lhe o que elle não tem a dar. Assim todos os ambiciosos virão pedir a sua candidatura ao governo. Numero de ambiciosos sempre ha em multiplicado excesso. Todos são amigos do governo, todos ou multiplicado numero tem influencia (allegam) no seu districto, todos pedem por tanto a *protecção* do governo. Assim todos aquelles que não entram nella, serão outros tantos descontentes, voltar-se-hão então para as massas, formarão clientellas, facções, todas de pretendentes e ambiciosos : estabelecerão a luta eleitoral. O governo não quer perder, agora principalmente que o paiz está n'uma só opinião. como nunca perdera

quando haviam partidos. Logo é preciso empregarem-se todos os meios, senão mais hoje os da violencia, sim os da corrupção, unico progresso do paiz que lhe trouxe o progresso. O governo só pôde intervir *moderadamente* havendo partidos oppostos, partido liberal no paiz. Mas no tempo em que assim era, o governo não se pôde contentar com *moderada e debita* intervenção, porque moderada intervenção só lhe traria pequeno triumpho, de alguns deputados na camara, e isto, seria a sua derrota no paiz, a morte do partido corcunda, a liberdade e independencia do Brasil. E é por isto que o governo nunca deixou de intervir e muito na eleição, e de corromper o paiz até ao estado em que está, para vencer a eleição e assim conservar esta fazenda aos luzitanos. Mas intervir pouco, moderadamente, não havendo partido liberal, não havendo partido, é impossivel; porque desta pretensão que se começa a por em pratica, nascem logo os descontentes, que, formando facções, obrigam o governo a intervir inteiramente pela corrupção, para sustentar o povo ou todos os grandes, medios, e pequeninos pretendentes na obediencia á sabedoria e prudencia dos supremos.

Assim, ou não haverá eleição, ou, como não ha partido, as facções se desenfrearão mais desordenadas do que quantos partidos liberaes exaltados e revolucionarios o tem sido.

E a prova está abi nos *genuinos*, que com os outros liberaes ligados aos corcundas na inteira obediencia ao governo, hoje se separam, e sem bandeira que não seja a mesma dos corcundas, e formam facção, abrindo já terrivel luta contra os contentados, e crescendo todos os dias com os novos descontentes que se lhes agregam.

Em resumo.

Todos os partidos, ou seriamente ou pela necessidade e pela corrupção dos homens, chegaram ao partido corcunda.

E' isto o que se pretendia, (e quando não fôra, este é o facto.)

Que resta ?

Governar pela mentira constitucional sendo todos corcundas ?

Não é possivel, porque isto faz todo o paiz tomar parte na politica, e sendo os mesmos os principios de todos, a luta é toda pessoal.

A luta na politica se é pessoal, fundada nas ambições e só nellas, necessariamente as desenvolve e indefinidamente.

Por tanto é necessario sahir já e quanto antes desta tremenda difficuldade que traz necessariamente a ultima desgraça. Governe-se absolutamente, proclame-se a queda da constituição.

Mas não é possível a queda da constituição, dir-se-ha. Mas não é possível porque seria uma revolução de todo o povo ? é este o receio ? Então solte-se as redeas á liberdade, deixe que renasça a opinião liberal. Então é que não ha verdade na manifestação dos homens liberaes em favor da opinião dos concundas.

Mas são outras tantas desgraças soltar-se assim a opinião liberal ? Pois bem quero suppo-lo. Então escolhei vós outros que nossos destinos dirigis, escolhei dos dous males o menor : ou dae o golpe na constituição e governae absolutamente ou soltae a opinião liberal comprimida pela corrupção saquarema.

E' este o dilemma onde se tem sómente a escolher, do qual cada ponta nos promete a todos um futuro impossível de ser asseverado qual mais certo.

E é este o dilemma, porque fóra disto só ha a seguir e a temer o desenvolvimento do estado em que estamos das lutas puramente pessoaes ; e este estado sim, este estado é que traz um futuro certo, a dissolução do imperio pelo haque o mais tremendo. Escolhei por tanto, um dos dous meios unicos que é possível seguir, que o em que estamos não haverá um só Brasileiro que sinceramente o aconselhe ao imperador, se um tal não é dominado pela corrupção e pela paixão do interesse pessoal.

FIM

INDEX

	Pag.		Pag.
Introdução.....	3	A situação propriamente po-	
Noção da liberdade.....	5	litica.....	94
O Brasil colonia.....	12	Instituições livres, e direi-	
Revolução de 1817.....	18	tos políticos que tivemos	
A Independencia.....	23	até o fim da regencia li-	
A Independencia.....	26	vre, e o que actualmente	
A constituinte.....	31	temos em lugar delles..	94
A constituição.....	35	Os representantes da nação	
A revolução de 1824.....	37	e das provincias.....	96
A expulsão ou abdicção..	39	Situação administrativa...	100
A regencia livre.....	43	O que são nellas os Portu-	
A regencia livre.....	46	guezes.....	100
O partido regressista.....	49	Como o governo é obriga-	
Ameaça dos corcundas e		do a corromper o paiz e	
queda dos livres.....	51	a fazer-lhe sempre maior	
A regencia corcunda....	52	mal.....	101
Causa dos males da regen-		Como se multiplica e se pa-	
cia livre.....	57	ga a clientella do gover-	
Regencia corcunda e maio-		no para sustentar-se o im-	
ridade.....	60	perio corcunda.....	103
Principios do reinado de D.		O proconsul.....	107
Pedro.....	63	O proconsul da comarca...	109
Revolta de Minas e S. Paulo.	64	Dos cargos, dos crimes e da	
dominio da Praia—Luzia..	66	punição.....	110
O dominio liberal não in-		A justiça.....	116
quietava os corcundas....	69	Juizes municipaes.....	116
Feitos do dominio liberal..	71	Juizes de direito.....	119
A praia e Chichorro—sena-		Tribunaes.....	120
toria.....	75	Os das Relações.....	120
A revolta e a revolução de		Tribunaes do Commercio..	121
1848 — A constituinte...	77	Supremo Tribunal de Jus-	
A constituinte.....	81	tifica.....	122
Derrota da revolução. Ne-		O jury.....	122
gociação de Honorio com		Os advogados.....	124
os liberaes : —traidores.	82	Conclusão.....	125
Venda da bandeira da con-		Garantia dos direitos.....	127
stituinte.....	85	A moral publica.....	128
O partido liberal durante os		Dos crimes.....	131
quatorze annos do chama-	86	As eleições.....	132
do ostracismo.....		Corollario da obra saqua-	
Os corcundas e os liberaes		rema.....	135
durante os quatorze annos	86	O que é a patria.....	137
Captiveiro resignado e vo-		Situação para com o exte-	
luntario dos liberaes du-		rior.....	137
rante os quatorze annos.	87	Situação financeira.....	141
O povo corcunda, ou os ver-		As finanças do estado.....	134
melhos e os sabios.....	91		

	Pag.		Pag.
A miseria.....	145	Como se deve viver nesta terra e—chegada ao progresso	172
Perigo e salvamento dos corcundas.....	146	Porque o progresso só vem completar nossas desgraças e sem mais remedio.	172
A liga.....	146	Se ha salvação para nós qual seria o meio e, bem facil.....	174
Como se congregam os elementos para ella	146	Resumo.....	177
Considerações retrospectivas	148	A's cinco provincias pernambucanas	193
A constituinte	149	Historico e politica corcunda	177
Preparos antecedentes	151	De que provém a miseria.	187
Conciliação e opposição parlamentar.....	166	Como se corrumpo na eleição	190
Monta a liga	157	A restrição da liberdade a par do progresso da immoralidade.....	191
O que são os liberaes na liga	158	Corollario	207
Que bem farão os liberaes ao paiz.....	160		
O progresso.....	161		
Seus feitos.....	162		
O que é o progresso e que fará	168		

R. P. Allouf



INDICE

	PAGS.
CAPITULO I — A criação da cidade.....	3
CAPITULO II — A distribuição das terras.....	9
CAPITULO III — Genesis dos titulos.....	15
§ 1º Terras dadas de sesmaria a particulares pelos donatarios da Capitania de S. Vicente.....	15
§ 2º Terras dadas de sesmaria pelos capitães-móres e governadores.....	19
§ 3º Terras dadas aos Jesuitas.....	20
§ 4º Terras dadas á Camara para patrimonio do concelho e logradouro e uso commum dos povoadores.....	20
a) A doação de 1565.....	21
b) A concessão de 1567.....	27
c) A antiga marinha da cidade.....	31
d) A sesmaria dos sobejos.....	37
e) Terrenos realengos do Irajá.....	38
f) Sesmaria do Realengo do Campo Grande.....	41
§ 5º Terrenos de marinhas e mangues.....	43
§ 6º Terrenos de alluvião ou accrescidos aos de marinhas	44
§ 7º Terrenos devolutos encravados na povoação ou seus arredores.....	46
§ 8º Terras devolutas.....	46
CAPITULO IV. — O incendio de 1790 e o alvará de 10 de abril de 1821.....	48
CAPITULO V. — Applicações do direito.....	50
§ 1.º — Tem a municipalidade acção ad exhibendum contra os possuidores de chãos comprehendidos na área medida e demarcada em 1754?.....	50
§ 2.º — Póde intentar acção de reivindicação contra os usurpadores?.....	53

	PÁGS.
§ 3.º — Póde ser opposta a prescripção acquisitiva ?.....	59
§ 4.º — Póde ser opposta a prescripção extinctiva da emphyteuse ?.....	60
§ 5.º — De que modo se poderá operar o commisso emphyteutico ?.....	62
§ 6.º — Póde ser opposta a prescripção do commisso ?....	64
§ 7.º — Póde ser excluída a móra ?.....	65
§ 8.º — Verificado o commisso é devida a indemnização das bemfeitorias ?.....	68
§ 9.º — Convirá á municipalidade intentar a acção de commisso ?.....	73
§ 10 — Póde a municipalidade transigir com os foreiros e usurpadores ?.....	74
§ 11 — Póde o conselho municipal autorisar o resgate do aforamento ?.....	76
§ 12 — Goza a municipalidade do <i>jus protimesios</i> , opção ou prelação quanto aos terronos de marinhas e mangues ?	76
§ 13 — Compete-lhe quanto a elles a acção do commisso ?.	77
§ 14 — Póde consentir que o foreiro purgue a móra ?.....	78
§ 15 — Póde transigir com o foreiro em móra ?.....	78
§ 16 — Quanto aos terrenos accrescidos aos de marinhas, <i>quid juris</i> ?.....	78
§ 17 — Recusando a municipalidade receber o laudemio, que procedimento deverá ter o foreiro ?.....	79
§ 18 — A pretexto de estar o foreiro incurso em commisso póde a municipalidade negar licença para obras no predio aforado ?.....	79
CAPITULO VI. — Transacção e direito. Novos horizontes da emphyteuse.....	89
Conclusões.....	91



F 2521 .M33
A liberdade no Brasil, seu nas
Stanford University Libraries



3 6105 033 493 979

F
2521
M33

**Stanford University Libraries
Stanford, California**

Return this book on or before date due.

JAN 28 1987